A Saga Magister-Auctor

Prólogo: Imprimatur

Alberto Auctor

Maria Liber (rev.)

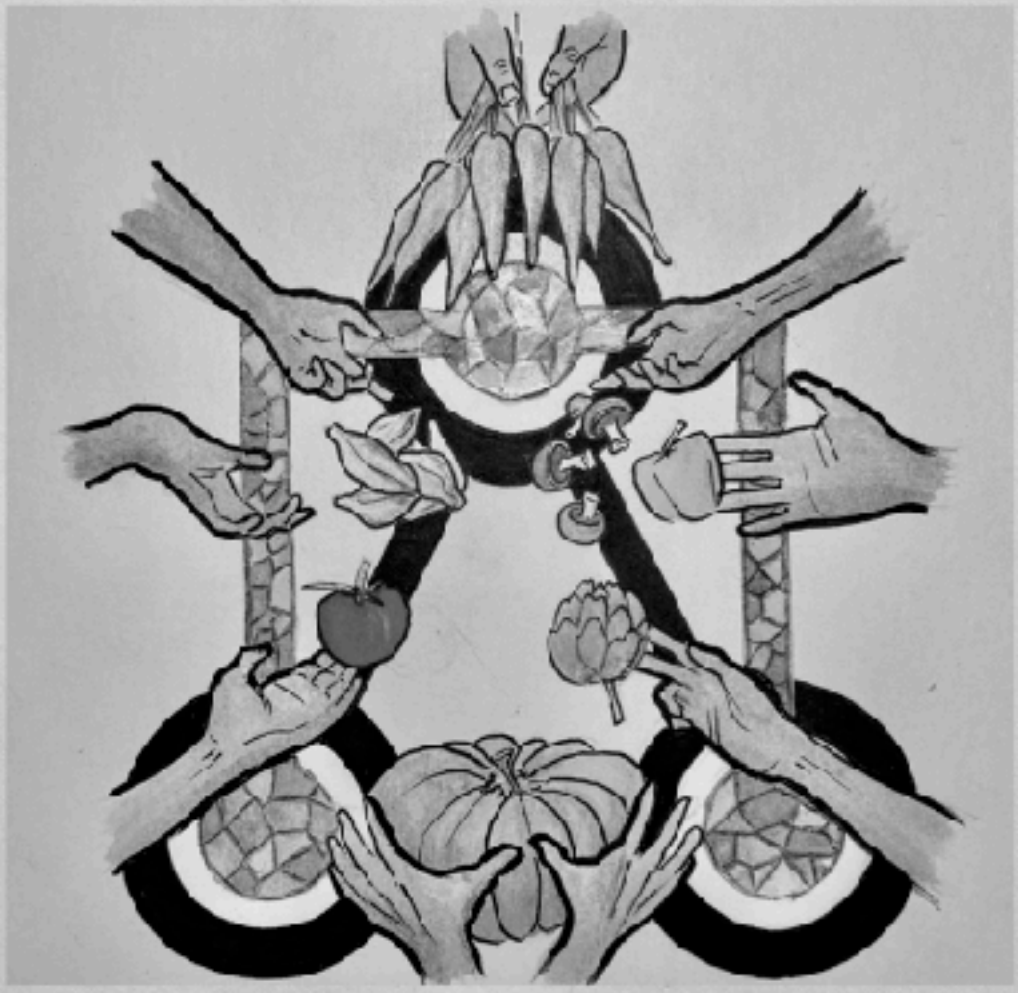
versão 2.12

Título: *A saga Magister-Auctor 01. Prólogo: imprimatur*
Co-autores: Alberto Auctor (com carinhosas sugestões de Maria Liber)
E-livro realizado em Pages em *Charter 14*
Título original: *De magister auctor saga. Proloog: imprimatur*
Os autores agradecem o apoio de Zita Couro, estudiosa da lingua portuguesa como ela era falada no 120.º hectano e que gentilmente fez a revisão do texto.

As datas respeitam a Notação Universal Terráqueo, baseada no calendário Holoceno.
Como é do conhecimento de todos, foi no Paraíso dos Livros que o Calendário Holoceno ou da Era Humana (HE), baseado na proposta de Cesare Emiliani, se tornou padrão. Não é demais lembrar que, desde então, os períodos de 100 anos — de 00 até 99 — passaram a se chamar *hecto-ano* (ou *hectano*). Para quem ainda não esteja familiarizado com a notação universal terráquea (NUT) lembramos que o ponto utilizada nas datas separa a identificação do hectano da identificação do ano daquele período. Assim, o corrente ano de 12222 HE escreve-se 122.22: o ano 22 do 122.º hectano.

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Communs BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

A Saga Magister-Auctor



Prólogo: Imprimatur

Alberto Auctor

Maria Liber (rev.)

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

Imprimatur

Omnis obstat…

Não têm também, às vezes, esta sensação? Quando me levantei esta manhã, tudo me parecia obstáculo: não queria deixar o aconchego da cama e enfrentar o mundo além da cama. *Omnis obstat*.

Um caminho desenha-se, sempre que queremos contornar o que se apresenta como obstáculo. Mas, o*mnis obstat*… Toda a história do ser humano, ou pelo menos, aquela que conseguimos reconstruir, parece ter sido uma de obstrução, retirar ou contornar a obstrução e voltar a obstruir.
Vimos uma montanha e queríamos encontrar quem estava do outro lado da montanha. Quando éramos simpáticos, procurávamos quem nos queria traçar e preparar a continuação do caminho. Quando não éramos, escravizámos quem nos fazia o caminho. E quando tínhamos o caminho feito, obstruímo-lo com cancelas, torres de impostos, postos fronteiriços. Somos racionais… o raciocínio de muitos foi, durante séculos, dirigido por poucos, com o objetivo de aperfeiçoar como, coletivamente, podíamos nos complicar a vida uns aos outros, com o pretexto de querermos facilitar a vida (pelo menos a nossa própria vida). Até a Refundição e talvez depois dela.

Estamos ainda longe de uma língua Terráquea única. Não sei se alguma vez esta unificação se fará. Não sei se é necessário que aconteça. Na história da humanidade, algumas vezes,

líderes arrogantes falaram de línguas universais. Universal não se referia ao universo, nem sequer ao planeta que habitamos e que, durante a maior parte do tempo da Era Humana, se considerava o centro deste universo. Não, "universal" referia-se ao mundo conhecido. E neste mundo conhecido, quem gritava mais alto, era candidato ao título de detentor da língua universal. Facilitava muito considerar tudo que ficava fora do mundo conhecido como o mundo dos bárbaros. Mesmo se estes gritavam, quando atacavam pessoas e terras, muros e castelos, nunca seria uma língua universal, a não ser que ganhassem a batalha. Antes disso acontecer, mal se poderia considerar língua, por muito uma língua menor, de bárbaro. O impasse, obviamente, foi que, em ambos os lados da muralha, do rio, da cordilheira, do oceano, para os líderes arrogantes, o bárbaro era o outro.

Assim, língua universal foi Mandarim para quem falava mandarim. Língua universal foi Grego e Latim, para quem falava grego ou latim. Língua universal foi Inglês para quem falava inglês.

À margem das línguas imperiais, uns tantos utopistas pluralistas e pacifistas, sugeriram recentemente na história humana o Esperanto como futura língua universal. Mas também só o foi para quem fala esperanto.

O que é interessante, é de perceber que todas as línguas, que ainda se falam, são adaptações e transformações regionais, são crioulos, resultante de misturas de línguas mais antigas. Havia então uma língua mãe, algures no passado?

Os linguistas dizem-nos conseguir reconstruir origens de

“famílias” de línguas. Atualmente, o Conselho Interpolis acolha e reenvia sugestões para uso universal de palavras “originais”, como foi o caso para os números e os nomes dos meses. Parecem-me que são iniciativas louváveis no plano da interação pluralista. Não deixam de ser acordos de uso, como para todo o desenvolvimento de uma língua. Digo isso, porque ouviu-se muitas vezes falar da artificialidade na adopção de palavras. Mas não é sempre, a construção de uma língua, para conseguir comunicação entre várias pessoas, um artifício? Não é sempre uma concordância entre um grupo mais ou menos alargado de pessoas, que um objecto, um conceito, uma ideia, vai ser referido com este ou aquele vocábulo?

Porque é que seria menos artificial uma língua “universal” construída por um povo com líderes mais arrogantes e com seguidores mais agressivos ou bélicos, como foi o caso, na história, com certas línguas? O saxo, o mandarim, o quíchua clássico dos Incas, o francês, o espanhol ou o português, o inglês na sua variante britânica ou americana — para só lembrar algumas línguas pré-Refundição mais faladas. Em que é que são menos artificiais do que a língua que se constrói entre comunidades mais alargados, sem ser por imposição, como foi a frustrada tentativa do Esperanto assim como algumas das nossas tentativas atuais?

Pessoalmente, penso que será difícil chegarmos a uma espécie de língua Terráquea. Mesmo havendo, será certamente sempre com muitos regionalismos. Penso que o relativo sucesso da nossa comunidade planetária atual assenta antes na cultura de desenvolvimento sustentável e de comunicação, que incluiu a

abolição de símbolos e artefactos que facilmente alimentam arrogância e vontade de dominação, do que nas tentativas de chegar a uma suposta língua mãe planetária. Como em tudo, posso estar enganado e por isso aberto ao diálogo.

Omnis obstat. Não só houve sempre obstáculos ou quem arranjou obstáculos na história do desenvolvimento humano, como os obstáculos serviam muitas vezes para contrariar o próprio desenvolvimento humano. Contudo, foi mais fácil escrever a História, indo ao encontro do desejo coletivo do grupo de pertence de quem a escreve. É uma História em que o *antes* foi forçosamente pior, o *agora* sempre melhor, para o grupo ou devido ao mesmo grupo.

Vejo este paradoxo do desenvolvimento do pensamento. Preferiu-se claramente, em toda a História pré-Refundição, gastar mais energia em obrigar as pessoas a pensar de modo homogéneo e em consonância com quem considera ter poder para definir o modo de pensar autorizado, do que em confrontar modos de pensar diferentes para a partir daí reformular a visão coletiva sobre objetos da natureza e do social.

Durante épocas inteiras, mobilizaram-se esforços para manter o pensamento de pessoas preso a mistificações. Muitas destas mistificações foram o resultado da arrogância, mais do que da ignorância. A concepção da natureza das coisas, que foi de todos os tempos uma preocupação de sábios e filósofos, só pode ser vista em função do tempo e do espaço em que estes sábios e filósofos viviam.

Os sábios sabiam e sabem-no.

Quem conservava o poder que exercia sobre outros, sabia-o também, mas não queria que os outros o soubessem. Havia até quem não o sabia, mas se agarrava ao poder no qual se auto-instituía, endeusando-se a si próprio, para impor a sua visão mistificada do mundo.

A relação entre sábios e poderosos foi quase sempre uma relação conflituosa. Quase sempre os poderosos tinham uma vitória de Pirro em vida. Muitas gerações posteriores à geração de muitos sábios, aprenderam que este ou aquele contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento, mas que o contributo só foi reconhecido depois da sua morte.

Omnis obstat. Obstruir.

Cientistas procuram contra-exemplos para testar a validade de uma ideia, porque cuidam de uma ideia, de uma visão. Obstruir não é isso. Obstrui quem não quer cuidar, mas quer destruir qualquer ideia ou qualquer visão que não corresponde com a sua própria visão.

Obstruir é não cultivar o princípio da falsificabilidade. É um modo de fazer que inclui a mistificação ou a adulteração do princípio da falsificabilidade.

Obstruir é dificultar ou impossibilitar o caminho de quem pensa poder demonstrar que existe um trilho mais adequado. Mas o ato de obstrução pode ir mais longe. Quem faz da obstrução o seu modo de agir, barra o caminho a quem procura revelar a obstrução. Quem obstrui chega a impedir que outro remova um obstáculo. Para mim, é essa a atitude do líder arrogante, a atitude mesquinha de quem quer ter razão. Não consigo imaginar um sábio com esta atitude. Seria uma

contradição no termo.

Ao longo da História registada, encontramos muitas figuras que obrigaram os outros ao pensamento homogéneo e em consonância com o seu próprio pensamento. Às vezes estas figuras foram vangloriadas. Frequentemente percebeu-se mais tarde que estas figuras deturparam eles próprios a mensagem que queriam impor.

Foi o que chegámos a ver com a institucionalização da fé, sempre que deixou de ser um ato pessoal para passar a ser um cânone de seguimento obrigatório, sujeito a castigos decretados por quem se arrogava ser o cuidador institucionalizado do credo.

Vimo-lo também no modo abusivo como, nas ciências sociais se chegou a transpor raciocínios válidos num domínio para outro domínio, sem verificação. O modo como *A origem das espécies* e o raciocínio do cientista Charles Darwin foi deturpado para dar origem a teorias de sobrevivência, inclusive de sobrevivência económica num mundo dominado pelo dinheiro, é só um exemplo.

Dramaticamente, fomo-nos apercebendo que estas imposições que chegaram a ser totalitárias, por muito que podiam parecer certas a quem as promovera, não resistiam ao fluxo do tempo. Dramaticamente, porque provocaram, no caminho, imensas mortes de desconhecidos. A extinção de populações inteiras devido a um raciocínio de superioridade de raça que se provou estar errado, tanto no princípio de raça como no princípio de superioridade, é, para mim, o mais triste exemplo. Ele integra-se numa linha contínua de exemplos de destruição de seres

vivos, em nome de uma ideia de pensamento único, associado a um poder apropriado de um líder, exercido sobre populações inteiras.

Nihil obstat…

Para mim, o conceito de *Imprimatur* lembra o lado negro de toda a história da cultura humana. É triste de pensar que, ao longo de quase toda a história humana, muito do que foi divulgado em relação ao conhecimento dependia diretamente de como quem se arrogava o poder tratava este mesmo conhecimento.

Encontrei na Biblioteca Central algumas histórias de ficção recuperadas, tendo o crime organizado no 119.º hectano como pano de fundo. Integram toda uma linha de romances que descrevem organizações clandestinas ou semi-clandestinas de oportunistas que obrigam a quem produz de lhes pagar proteção. Para o conseguir, criam cenários violentos, às vezes protagonizadas pelos mesmos que de seguida se oferecem como protetores contra pagamento.

Contudo o oportunismo para se arrogar um estatuto de protector não é recente. Vejo o mesmo oportunismo no surgimento de uma classe de cavaleiros, nos primórdios das comunidades sedentárias, que se promoviam como protectores da colheita, do local, da terra, contra pagamento. O mais arrogante, o mais hábil com armas letais, impunha-se sobre os outros, sem mercê, mesmo se jurava solenemente que era com o objetivo de os proteger. Ao longo do tempo, os mais hábeis

entre os hábeis conseguiram criar linhagens em que à arma letal do antepassado se associava o nome do descendente. Com o tempo, estes mais hábeis recorriam ao serviço e às armas de outros, para se manter no topo da hierarquia do poder.

A arrogância combinou-se com uma outra construção da mente: a ideia de posse, inicialmente em nome dos deuses. Posse de terra, posse do resultado da lavra, posse de minerais, e, depois de pouco tempo, posse de minerais transformados, aos quais se atribuiu um valor simbólico.

A ideia de posse não se limitava à de possuir bens. Quem se profilou, primeiro, como protetor, de seguida, como líder e, finalmente, como líder endeusado, também tomou posse da palavra.

Existia a ilusão que, ao tomar posse da palavra, se tinha a posse da verdade acerca das coisas. Manter esta ilusão criada implicava afastar qualquer pensamento que a poderia afectar. Quem arrogava ter posse da palavra e da verdade, baseado em premissas que, com o avançar da ciência se mostraram erradas ou não conclusivas, não tolerava a divulgação de provas ou premissas a contradizer.

Como a História nos tem mostrado, existe uma grande diferença entre, por um lado, a atitude de questionamento prudente e constante e, por outro, a atitude, que passa a ser ridícula, de forçar uma visão sobre a natureza das coisas, quando ficou claro que esta visão tinha sentido dentro de um determinado contexto histórico à luz da observação possível, mas deixou de o ter, à luz de novos observações e explicações,

mesmo se também elas provisórias.
Imprimatur, publicar, *non imprimatur*, não publicar. No que diz respeito à pesquisa e à ciência, a escolha não deveria depender só de quem esteve a escrever? E se optar por publicar, haverá quem leia e aprecia, haverá quem leia e re-interpreta, haverá que leia e abomina. Como referiu o matemático Marcel Boll no hectano 119, a ciência é uma obra desinteressada, ou pelo menos, digo eu, deveria sê-lo.
Tenho consciência que se trata de um assunto complexo. Numa sociedade que recorre ao dinheiro, podemos ainda imaginar um mundo científico, perfeito, em que pares, autores e co-autores decidem de modo desinteressado publicar ou não, por uma razão que consideram pertinente. Podemo-lo imaginar no mundo da ficção? Lembro-me de ter visto, na altura em que estávamos a recuperar obras cinematográficas provenientes de mega-cidades do último hectano antes da Refundição, documentos de uma extrema violência.
O *nihil obstat Imprimatur* parece-me uma expressão de um ser fantasmagórico, um *Omni Sapiens* que, do alto da sua torre de marfim, com simulada bondade, nos diz o que podemos ler e o que não.
Entretanto, apercebemo-nos que, sem haver a censura do *nihil obstat*, alguns documentos de ficção podiam ser tendencialmente perigosos pela saúde de indivíduos ou da relação entre indivíduos. Perante a ausência de cuidados tomados pelos próprios autores, havia quem analisava os documentos, chegando a marcá-los com um círculo verme-lho num canto da película. *Omni Sapiens* foi substituído por um

olho vermelho que, de certa forma, censurava quem ía ver em vez de quem produziu.

Nihil obstat imprimatur omnibus libris licet et prohibitus

Nasci e cresci em Bibliopolis. O acaso de ter nascido polissigual de Bibliopolis (ou bibliotante, como também nos referimos aos polissiguais de Bibliopolis) determinou a minha ligação como os livros, com os documentos, com as famílias, que ainda têm presente, as histórias do *Paraíso dos Livros*.

Tinha 39 anos quando a minha avó Emmy morreu. Foram muitos anos de conversas com ela, como ainda são as muitas horas de conversa com o meu pai Lev. A geração da minha avó foi uma geração marcada por grandes mudanças. A passagem de uma vida em semi-clandestinidade, que ela também conheceu, para um modo profundamente reorganizado de viver no nosso planeta, em apenas duas gerações, parece mostrar mais uma vez, que o tempo da cultura acelerou, e muito, em relação ao tempo da biologia.

Penso que, enquanto houver seres humanos, não viveremos uma espécie de fim da história. Era esta a sensação, na passagem do hectano 118 para 119, de algumas pessoas, inclusivamente cientistas, então de renome.
A natureza continua a ter muito para nos oferecer, digno de estudo, e da natureza humana, nem falo. Somos, e sempre fomos, tão criativos em nos surpreender a nós próprios.

Sou curador, não sou escritor.

Tornei-me zelador de um espaço particular da Biblioteca Central que conta a história dos meus próprios antepassados. Não disfarço que é com enorme prazer que caminho tantas vezes quanto quero ou quanto sou solicitado, para este espaço. Em cada visita, há um ou outro texto, uma ou outra gaveta que me cativa.

Com algum espanto, vi como conhecidos e desconhecidos meus, agora todos amigos de tertúlias, procuraram e continuam a procurar este espaço. A análise ignarométrica promete continuar a ser uma ferramenta útil nas próximas décadas. A História e as histórias a ela associada cativam.

Levei e levo regularmente histórias para casa, histórias que começam com uma conversa com algum visitante do espaço, ou com algum documento que tive entre mãos. Suspeitava já algum tempo que teria sido melhor aprender a me calar. Mas o que querem? *Waar het hart van vol is, loopt de mond van over,* dizia-se na língua de alguns dos meus antepassados, na zona que era então conhecida como a Flandres, na *Belgium Austriacum*, mais tarde, rebatizada com o nome de Reino da Bélgica.

Maria foi porta-voz do excelente grupo de autores que acharam útil e interessante escrever uma epopeia histórica que tem os meus antepassados como fio condutor. Em nome do grupo, pediu-me um contributo. Não o teriam feito se não fosse o acaso de eu ser descendente de Catherine Demeester. Não me entendam mal: a história da Catherine e da Joana merece ser contada, como Idrissa Zoungrana bem nos mostrou. A minha proza é que era dispensável.

Mas, dizia eu, Maria foi porta-voz do grupo que me lançou o repto: passar algumas das minhas histórias a escrito, constituindo assim um prólogo para a obra da qual somos co-autores.
Ficam registadas para a história, as duas leituras da resposta a este pedido.
A minha versão é que protestei, barafustei, aleguei que não sei mesmo escrever, que um prólogo destes seria matar a obra, que nada de bom viria daí.
A versão da Maria é que prontamente me disponibilizei e que sistematizei com algum humor a saga da dinastia e a relação entre a ignorância e a arrogância.

O fim da discussão levou a uma revisão do meu diário do ano 122.08. Naquele ano tínhamos os primeiros esboços da saga, que viu agora, sete anos mais tarde, a sua primeira edição concluída. Este prólogo figura no intervalo entre a Parte I e a Parte 2 do último livro, *O regresso do papel*. Tentei organizar as minhas notas, transformando as entradas diárias em não mais do que três histórias para cada mehns. Escolhi o diário daquele ano, porque foi o que melhor se proporcionou para o que me foi pedido. Todo aquele ano, trabalhei muito em função da abertura do ***Espaço Joana & Catherine Demeester*** (EJCD). Foi também o ano em que fiz mais anotações em relação à alguns dos meus antepassados que aparecem na saga.
A minha esperança é que este prólogo seja uma "*petite histoire d'idées*", ficando a "*grande histoire*" para quem sabe escrever, e se encarregou do resto desta obra.

Através das histórias que escolhi deixar aqui e para as quais recorri a conversas entre os co-autores e alguns momentos da vida das pessoas que vão conhecer nos livros da saga, tento evocar a intolerância ao longo dos tempos e o modo como ciclicamente a ignorância e o preconceito ataca o pensamento, destrói cultura.

Sou curador. Leio o que outros escreveram, alguns há muito tempo. Tento encontrar linhas de convergência e de divergência no que leio. Tento de desvendar as histórias que estão por detrás. Ao fazê-lo desenho uma nova história. Uma pequena história, uma história num contexto. O contexto do espaço que me ocupa o pensamento. Este espaço, onde cuidamos da curta história da antropogogia e da ignarometria.
Sou curador, não sou escritor. Maria e os outros colegas insistiram. Quem conhece Maria, sabe que resistir seria um esforço em vão. O que fazer, então…?
Optei por um *nihil obstat*. Não vou criar mais obstáculos para que sejam partilhadas com quem estiver interessado em lê-los, os textos que escrevi para mim, a partir do meu diário de 122.08.
Estás por tua conta e risco.

Avança…

..nihil obstat imprimatur quoque diarium Albertus Auctor.

Phromehns 122.08

Permitas que entro na tua casa?

Vengo llegando de mi casa de Isla Negra
y te pido permiso para entrar en tu casa,
para leerte mis versos, para que conversemos..
(Pablo Neruda)

Olá. Dás-me licença para te contar uma história? Porque eu conto histórias, não sei escrever poemas. E, verdade seja dita, não sei se sei contar histórias. Os meus amigos dizem que sim. Mas eu próprio considero-as mais como relatos, não sendo propriamente histórias.

Soit. Era o que dizia quem falava francês. *Adelante*. Faz agora dois anos que Pablo Márquez me veio procurar na biblioteca. Tinha uma pequena mala na mão, com uma etiqueta "*Procedencia: Tierra Desierta. Destino: Paraíso*". Conheci este pendente do Paraíso dos livros, na parte do planeta, antigamente referida como América do Sul, com o nome de *Ultima Rosa de Tierra Desierta*. O meu pai falava-me dele, era eu ainda criança. Contudo, ultimamente não tinha ouvido referido a atual Culturopolis com este nome. Também entre nós, já é raro quem se refere a Bibliopolis como o *Paraíso dos Livros*…
Além da mala, Pablo tinha um pedaço de papel. Olhou para o pedaço e depois para mim e perguntou:
«*Es tu el nieto de la grande Emmy e su compañero Malcolm?*»
«Sim, sou Alberto, o neto deles. E tu, quem és?», perguntei.
«*Pablo Márquez, mucho gosto*.» Fez-me uma pequena vénia,

aquele típico gesto de determinados povos, que se tornou mundialmente popular depois da Refundição.

O nome do meu visitante não me recordava mais do que uma história do meu pai que corria as ruas do *Paraíso* em criança. Ele e os seus amigos gostavam de frequentar o bairro da poesia. Numa das ruas dos tesouros da família de línguas latinas, vivia o guardião da poesia de Pablo… mas não era Márquez, era Neruda. Pois, lembrava-me também que a minha avó me contava que havia um poema de Neruda que deu origem ao nome daquele lugar de onde vinha o meu interlocutor. Interroguei-o sobre a vericidade desta informação. Pablo Márquez fixou-me os olhos e disse:

«*Soy el desesperado, la palabra sin ecos,*
el que lo perdió todo, y el que todo lo tuvo.

Última amarra, cruje en ti mi ansiedade última.
En mi terra desierta eres la última rosa.»

«São dois versos de *Abeja Blanca* em *Veinte poemas de amor*. O que nos foi sempre contado por quem nasceu no local, é que os primeiros a chegar eram cuidadores de poesia. Os Queimadores de Livros consideravam as antologias de poesia os livros mais inúteis. A sua fúria destruidora começou por aí. Não é difícil perceber a razão do nome», continuou o meu interlocutor.

«Se bem me lembro, Neruda era considerado um grande poeta do hectano 119?».

«Sim. A vida pessoal dele contem episódios controversos, mas a sua poesia era muito apreciada em diferentes meios», confirmou Pablo.

Hesitei um momento: «É estranho, mas quando te apresentaste, o teu apelido…»
Pablo começou a rir e respondeu: «Márquez, sim. Outro escritor. Gabriel Garcia. Não sei se descendo dele. Duvido. Em *Última Rosa* havia vários cuidadores dos seus escritos.»

Lembrei-me da razão pela qual o nome de Pablo Neruda me soava familiar. Não foi só por causa da avó Emmy. Quando Moana organizou as suas notas para o seu contributo para a saga, ela falou comigo de uma pessoa que entrou na vida de John Demeester em finais de 1973: Marcos Portnoy. A profunda amizade que se desenvolveu entre os dois testemunhou-se pelos anos de visitas bi-semanais. Marcos, que tinha entrevistado várias vezes o poeta Pablo Neruda, fê-lo conhecer a John. Foi sem dúvida o *Canto General* que mais o impressionou.

Chegando aqui, pressuponho que a licença que te pedi, para entrar na tua casa me foi deferida, e que o livro continua aberto. Permite-me então de retomar e continuar. Dizia eu, Pablo olhou para mim e acentuou:
«Entonces, es tu. El nieto de la **grande** *Emmy e su compañero Malcolm»*.
«Porque 'grande Emmy' », perguntei.
«Mi abuelo dijo para hablar contigo. Estoy estudando el periodo de los ignorantes del hectano 120 e 121», foi a resposta.

A minha avó falou-me muitas vezes das comissões que ela integrou na altura da Refundição. Nunca me tinha apercebido como os contributos dela eram considerados força

motor para abordagens apaziguadoras com os Ignorantes, em meadas do hectano 121, antes e depois do Inverno Vulcânico.
«Antropogogos», disse Pablo, «é o que me traz cá.»
«Antropogogia… um conceito simples«, respondi.
«Genericamente, um modo de pensar a relação educativa entre seres da espécie humana, uma relação ofuscada durante um curto período de tempo da nossa aventura coletiva.»
«Sei que a tua avó considerava que os sistemas mundiais de escolarização corromperam a relação educativa.»
«É uma maneira muito resumida para colocar o problema. Não tem só a ver com a obsessão pela instrução condicionante de muitos dos líderes no fim do 118.º hectano e ao longo do 119.º hectano, mas também com toda uma evolução frenética de uma sociedade enlouquecida, na qual a relação com o dinheiro se tornou mais importante do que a relação entre pessoas.»

Lembro-me agora estas conversas, porque estou a preparar a abertura do Espaço Joana & Catherine Demeester (EJCD), prevista na semana do 12 de swekstomehns. Talvez estamos a ser um pouco injustos com quem dominou o 118.º hectano. O fenómeno da instrução condicionante não nasceu aí. Encontramo-lo em todas as épocas da história das mulheres e dos homens. A diferença com as épocas anteriores, foi que a escolarização se tornou obrigatória, e que nela, a instrução condicionante sempre ocupou um lugar importante. Para quem exercia o poder, mesmo que legítimo, havia, entre todos os assuntos levados à instrução, matéria mais sensível que outra. A instrução condicionante sempre foi muito visível

na abordagem da história local, por exemplo. Por norma, mantinha-se uma abordagem na qual os locais eram os evoluídos, enquanto os não locais eram mais primitivos, menos evoluídos, tinham maior defeitos. A história contava-se sobretudo através da vida de reis ou outros líderes locais, que por norma se revelavam bem intencionados e bondosos com os seus súbditos e implicáveis perante qualquer ameaça. Em outros áreas do saber, os elementos condicionantes podiam ser menos detectáveis. No ensino das línguas, a escolha entre o que devia ser considerado grande literatura e o que não o poderia ser, era, muitas vezes decidido centralmente, através das obras de análise obrigatória. Nas ciências não era raro privilegiar descobertas e cientistas locais em relação a outros. No fim do 119.º hectano e sobretudo na primeira metade do 120.º hectano, fez-se, em quase todo o mundo escolarizado, desaparecer aquelas disciplinas que desenvolvem e fortalecem o pensamento crítico, enquanto se começava a enfatizar cada vez mais um ensino muito pragmático, em função de um mercado de trabalho quase exclusivamente sujeito ao credo na universal produção de mais-valia. Esta mais-valia era expressa recorrendo a uma simbolização numérica, equivalente a um valor-ouro, um valor-moeda nacional, um valor-moeda digital, um valor-bolsa de valores, … O credo levou até à criação de uma hierarquia entre as pessoas, em função do seu número-valor pessoal.

A obsessão pelo estímulo do crescimento económico originou um efeito perverso que se alastrou em toda escolarização

obrigatória, cada vez mais orientada por rotinas de formação excluinte, sustentada por provas, exames, seleções e prémios. Os grupos de estudo que Pablo integra, procuram entender o mecanismo deste efeito perverso e as suas reais repercussões sobre grandes grupos de sujeitos sujeitados. Conjecturou-se que o alastramento da ignorância seria diretamente proporcional com a generalização desta forma de instrução condicionante. Os grupos de estudo parecem confirmar a validade desta conjuntura.

Para mim, pessoalmente, a minha leitura das histórias de educadores de diferentes épocas reforçou a minha ideia que qualquer sistema pensado ***para*** pessoas e especificamente elaborado para servir de auxílio, é potencialmente um sistema ameaçador para estas e outras pessoas. Basta perder de vista o que esteve na sua origem para que pessoas indefesas passem a servir este sistema criado em vez de ele continuar a lhes servir de auxílio.

Falo das histórias de educadores, porque passei parte da minha vida a ler relatos de como, em diferentes épocas pessoas se propunham trabalhar para o desenvolvimento da cultura humana. Vejo aparecer sempre de novo e com reveladora regularidade, o que, grosso modo, podemos considerar como dois tipos de relação entre pessoas na ação educativa.

O primeiro entrou em desuso nas comunidades terráqueas. Neste tipo de relação, os mestres ministravam, ou diria, administravam, instruíam, decretaram e impuseram. Eles encontraram nos testes e nas provas o que consideraram ser os mecanismos de organização e classificação correta das pessoas

dentro do sistema de suporte à aprendizagem. Chamo-os instrutores. Privilegiavam o sistema e encaixavam as pessoas. Não raras vezes deixavam de ver o sistema como um suporte à aprendizagem. Falavam de 'sistemas de enquadramento' e criaram assim a ilusão que o sistema determinava a aprendizagem.

Com o segundo tipo de relação, mestres interrogam, guiam, acompanham, ajudam a reformular, clarificar e levantar novas perguntas, provocando os aprendentes com quem trabalham, para aprofundar o seu interesse no objeto que estudam ou em novos objetos de estudo. Identificar estes mestres com o termo antropogogo é hoje, entre nós, o "*qui va de soit*". Na história, o conceito de guiador de aprendizes foi muitas vezes reduzido ao conceito de guiador de crianças e jovens. Para este conceito existia, há muito, o termo pedagogo, até o início da Refundição, bem mais divulgado do que o termo antropogogo. E se o termo soa a neologismo, a atividade é de sempre. Em todas as épocas houve quem escolhia ou era escolhido para acompanhar a aprendizagem de outros, e, através desta ação, também a sua própria aprendizagem. Sabemos hoje que a sociedade de classes, que surgiu algures entre o 5.º e 7.º hectano frustrou a capacidade inata de aprender de muitos seres humanos. Enquanto uma minoria beneficia da partilha do conhecimento da natureza, cada vez mais indivíduos passaram a ser dominados, escravizados, impedidos de fazer outra coisa que não seja servir outros.

Durante mais de 100 hectanos ou 10 kilanos, a proto-ciência era dominada pela dogmatização de interpretações antigas. Ao

longo da história ouviram-se, de vez em quando, vozes que propunham, para a generalidade das pessoas, melhor e maior acesso às ferramentas culturais do pensamento: a leitura e a escrita. A generalidade não significava necessariamente todas as pessoas do planeta. Acesso à leitura não significava libertar as pessoas da dogmatização. Podia até significar o contrario: maior e melhor dogmatização através da palavra escrita, autorizada por quem detinha o poder sobre ela e de leitura quase obrigatória.

Quem observou a época recente da humanidade, digamos os últimos 8 a 9 hectanos, apercebe-se que a tomada de consciência do desejo de um suporte universal para a aprendizagem só surge no hectano 116. E penso que quem trabalhou em prol dessa tomada de consciência se dedicava ao suporte à aprendizagem de todos os seres humanos, não só das crianças. Por isso falo de antropogogos, mesmo antes do termo existir para os identificar. Na História foram referenciados como educador ou pedagogo.

Hoje é-me possível falar de antropogogia institucional, quando falo de suporte à aprendizagem. Só o consigo fazer porque observo, desde o 116.º hectano, também entre os meus antepassados, quem, ao invés de instruir, pensava em guiar projetos de aprendizagem. De alguns dos meus antepassados, sabemo-lo pela descrição dos seus atos, em cartas ou raros testemunhos. Escreveram, utilizando as palavras do seu tempo, criando eventualmente uma ou outra nova palavra, como nós o fazemos hoje.

Hoje é-me possível falar de análise ignarométrica, porque

temos a ferramenta que Joana e Catherine Demeester concetualizaram, a partir de tentativas de antepassados e antepassadas delas.

Maria desistiu da sua ideia inicial de título geral "*a saga dos antropogogos*" para o conjunto de livros. Foi difícil convencê-la. Mas penso que é mais correto falarmos simplesmente da *dinastia Magister-Auctor,* havendo entre os seus membros antropogogos *avant la lettre*. Mas não são ***OS*** antropogogos. São alguns. Entre outros. Que também devem ter histórias para contar.
Será que irei ter a oportunidade de ler outras histórias de outras famílias?
Para já, têm licença para entrar na minha casa.

Take us to wisdom, Oh Lord…

"But me, at any rate, you will not draw
into making a defence of the theory you impute to the Stoics,
before I get satisfaction out of you
for turning the affairs of the universe upside down."
"Only," replied Lucius laughing,
"do not bring an action for impiety against us,
just as Cleanthes thought it right
that the Greeks collectively should
impeach Aristagoras the Stoic, of impiety,
for overthrowing the altar of earth,…"

(Plutarch. On the apparent face in the orb of the moon)

Comecei o mehns por lembrar o primeiro encontro com Pablo, há dois anos. O grupo de estudo que integra, desocultou bem o gatilho que provocou o alastramento da

ignorância. E, claro, Pablo deu-nos valiosos contributos para a escrita da *epopeia de Magister até Auctor* (ah, poderia sugerir esta alteração de título a Maria…).

De outro assunto tenho aqui apontamentos. O que contar, o que dizer, na altura da abertura do EJCD? Este assunto da abertura começa a me preocupar. Por mim, abria-se a porta, e pronto. Nem é necessário dizer "*Está aberto o Espaço*", a não ser que um polissigual cego acompanha o ato. Poderá querer ter a confirmação que a porta ficou mesmo aberta.
Os meus companheiros de escrita e eu divertimo-nos com aquelas imagens pré-Refundição, guardadas nas mediatecas, nas quais notáveis em fraque cortam fitas e pronunciam discursos redondos, só para segurar o seu lugar na história. Mas agora, parece que, de repente, há quem leva o assunto a sério. Se algum dia alguém se lembrar de escrever comentários ao Espaço e a sua abertura, irão ver como se apresenta o Alberto…
Entretanto fizeram-me perceber claramente: "*O espaço é importante, por isso tem um curador próprio. Quando um espaço é aberto ao público, o curador do espaço fala. O curador és tu, portanto falas*".
Mensagem recebida.
Por mais que queremos cultivar a co-autoria, a aprendizagem em conjunto, o trabalho entre pares, temos tendência a procurar, num grupo, em qualquer grupo, quem nos guia. É difícil abstrair-nos do Senhor-Guia ou da Senhora-Guia.
E se muitos se abstraem, sempre houve, ao longo da história, na maioria, homens que consideravam que poderiam substituir

o próprio Senhor-Guia ou a própria Senhora-Guia. Um espécie de Guia em segunda mão, disponível em *Universo-On-Line.com*. Para os seguidores, o preço pode ser elevado, mas quando a fatura é apresentada, já não se discute.

Confesso (palavra perigosa neste contexto de Senhor-Guia & Companhia, diria Claudius Cardinalis), gosto de guiar.

Gosto de guiar pessoas quando me vêm procurar, por causa do projeto de aprendizagem pessoal em que embarcaram, e também gosto de me encontrar com quem me guia, fazendo aquelas perguntas que tentamos não ouvir, quando vamos atrás de um raciocínio que consideramos muito interessante. Vejo o trabalho como de guia-entre-guias, não existe *hierarguia*, por assim dizer.

Gosto de imaginar que antepassados meus aspiraram o mesmo, em determinados momentos da nossa história, que fizemos remontar até 116.30 (*1630 AD*), ano em que nasceu Wolfgang Magister. Não deixa de ser irónico que o apelido da família, mesmo em momentos de mudança, tem sempre a raíz Mestre: passamos de Magister para Lesmeister e Lemaître. Mudamos para Teacher, Demeester, e depois para Mestre. Só no Paraíso dos Livros, o nosso apelido mudou para Auctor, por escolha própria. Não deixamos de afirmar ter autoria e autoridade nas questões da condução da aprendizagem, na relação educativa, mas também na interpretação de outras relações entre pessoas, numa comunidade ou numa sociedade. Embora, pergunto-me — e não devo ser o único — se qualquer relação entre duas ou mais pessoas, não tem sempre um teor educativo.

Universo e Senhores-Guia. No mundo em que os meus antepassados se moviam, Senhoras-Guia não eram apreciadas. Representantes, pelo contrário, havia em grande quantidade, tanto masculinos como femininos. Os almanaques disto testemunham. Introduz-se a imprensa com letras móveis, na Europa (zona 2 oeste) alguns hectanos depois de estas terem sido inventadas na zona 2 este, na altura com o nome 'Império da China'. Entre os tipógrafos ocidentais havia Gutenberg. Este artesão terá percebido a grande vantagem das letras móveis, ainda mais para as línguas escritas com o alfabeto latino. Ele precisava de muito menos caracteres diferentes do que os seus colegas orientais para compor páginas de texto. O número reduzido de caracteres diferentes permitiu maior stock de cada um deles e ainda facilitava a arrumação para reutilização. Compostos em imprensas com letras móveis, os almanaques tornaram-se bens acessíveis.

Estou na biblioteca central, a reler umas palestras, organizadas por grupos que se dedicam à leitura de línguas antigas. Falam precisamente dos primeiros almanaques impressos. A sua existência tem que ser discutida como um marco na história da aprendizagem da leitura. Entre 114.60 e 116.60 os calendários e os almanaques tornaram-se muito populares. A sustentabilidade das tipografias dependiam deles. Havia os calendários rigorosos, como os de *Regiomontanus*, muito procurados em territórios da zona 2 como a Itália e o Sacro Império, os Países Baixos, e, mais tarde, a *Belgium Fœderatum*. E havia os muito procurados almanaques que, além da previsão das fases da lua e dos eclipses, previam o tempo (a um ano de

distância…!) e davam informações do género: "*neste mês algumas pessoas conhecidas suas vão morrer*". Astronomia, astrologia e horoscópios certamente se misturaram desde a Antiguidade até a Refundição. Aos horóscopos individuais de Reis, nobres e outros líderes e afortunados que pagavam o serviço do astrónomo-astrólogo, juntavam-se agora os horóscopos *prêt-à-porter*. Tudo baseado numa antiga geocêntrica interpretação do universo no qual havia um único ponto imóvel: a terra.

Na discussão acerca do lugar que a Terra ocupa no espaço encontramos bons exemplos do confronto entre quem procurara raciocinar e dialogar e quem arrogantemente se impunha. No 104.º hectano Aryabhata avançara com uma matematização sua para o que Philolaus tinha sugerido no 96.º hectano: a Terra gira sobre si própria. Aristarchus de Samos também tinha já apresentado uma proposta heliocêntrica matematizada no 98.º hectano. Calculou uma ideia de Anaxagoras: não só a terra giraria sobre si própria, como ela giraria à volta do sol. Seleucus raciocinou da mesma forma quase um hectano mais tarde.

Entretanto, a Academia de Platão, Socrates e Aristóteles revelou-se, naquela parte do mundo onde judaísmo, cristianismo e islamismo passaram a ter um papel importante desde a sua origem até a Refundição. Aristóteles desenvolveu um modelo de esferas concêntricas, com a terra imobilizada no centro. O modelo de Aristóteles dava bom suporte aos textos sagrados abraâmicas que descreviam fenómenos que não eram compatíveis com uma Terra que se move.

O poder da ciência embate no Poder de quem se arroga a posição de líder. O geocentrismo e o egocentrismo de quem se atribui o poder vão de mão dados.

Ptolemeus melhorou matematicamente as propostas de Aristóteles. Segundo algumas fontes, o sábio teria afirmado não descrever a realidade, mas apenas ter contribuído para salvaguardar as aparências. Não significa que Ptolemeus considerava outra hipótese que não o geocentrismo, só que não estava certo acerca da sua argumentação. Outras fontes atribuem a afirmação não a Ptolemeu, mas antes a Nur ad-Din al-Bitruji que apresentou outra descrição matemática para o movimento dos planetas, mantendo o geocentrismo intacto.

Séculos depois, Nicolas de Cusa e Copernicus não só insistiram na necessidade de rever o calendário, devido a erros matemáticos na justaposição entre o ano solar e o mês lunar, mas também devido à reconsideração necessária quanto à natureza da terra, do sol e da lua, e ao seu movimento. Em 115.43, Copernicus publicou o seu modelo heliocêntrico.

Contudo, outros astrónomos conceituados, como Tycho Brahe deram novas soluções matemáticos para o geocentrismo. Bem vistas as coisas, o 'ganha-pão' estava também em causa: astronomia e astrologia continuavam de mãos dados. O astrónomo-astrólogo tinha a preocupação em calcular corretamente a posição de planetas e astros em relação à terra num determinado momento. Mais com preocupações astrológicos do que astronómicos, o cálculo era essencial para o serviço pago pelos egocêntricos líderes, sedentos de predições que lhes assegurassem vitórias sobre inimigos.

Para manter a desinformação sobre a natureza do universo na então Europa e Ásia, Aristóteles e a geocêntrica interpretação bíblica do universo tratavam do resto.
A desinformação pode ter chegado ao ponto que a muita citada afirmação de que o estóico Cleanthes terá rejeitado o modelo de Aristarchus não passe de uma história. Algumas fontes apontam, como origem desta história, uma adaptação que Gilles Ménage terá feito a sua própria tradução dum texto de Plutarco, pouco tempo depois do conflito de Bruno e Galileu com a Igreja Romana. Uma afirmação irónica de Aristarchus que Cleanthes, adorador do sol mas opositor ao heliocentrismo poderia levar a que Cleanthes fosse acusado de impiedade, foi transformado numa acusação por parte Cleanthes relativamente à impiedade de Aristarchus. Para o fazer, bastou substituir um acusativo por um nominativo.

Entretanto o almanaque veio para ficar e a vontade de o ler também. Um belo projeto de aprendizagem, que levou novamente a duas reações. Houve quem quis dar suporte a este projeto, levando a arte da escrita e da leitura às pessoas. Houve quem quis dar a instrução necessária às pessoas para uma espécie de leitura controlada. Não podendo controlar o leitor por completo, podia-se impedir a impressão ou a divulgação de obras. *Omnis obstat*. Poder-se-ia também ameaçar as pessoas que seriam banidos da vida eterna se fizessem leituras impróprias.
Mas devia haver quem pensasse de outra forma ainda. O grupo das línguas antigas da Biblioteca Central descobriu que, na língua neerlandesa, se registou pela primeira vez, num

texto de 1283 AD (112.83) o verbo *onderwijzen*, então sinónimo de *bewijzen*. Pouco antes da Refundição estas palavras significavam respetivamente *ensinar* e *provar*. Contêm a raiz *wijs* que forma a palavra *wijsheid*, *wisdom*, na sua versão inglesa. Os prefixos *onder* e *be* expressam respetivamente o conceito *apoiar, dar suporte* e *apoiar, indicar o caminho*. Não é o que o pedagogo ou o antropogogo pretende?
O que me deu uma ideia: e se, para a abertura do EJCD nos apoiássemos mutuamente, promovendo um discurso em co-autoria, feito na altura, por quem quiser fazê-lo?
Vou trabalhar a pensar nisso. Lá terei que assumir o papel de guia, apesar de mim.
Take us to wisdom, all together now…

Afinal somos família…

Há rituais que são mais persistentes do que qualquer acontecimento natural ou catástrofe humana. Nestes rituais podemos incluir festas quando duas pessoas decidem se constituir como par e festas sempre que alguém envelhece 365 (ou 366) dias. Há também rituais que celebram quem morreu. Tem-se alegado que este é o ritual mais antigo e que revela a vida espiritual do ser humano. É possível que seja o mais antigo.
Claro que é mais fácil interpretar um conjunto de ossadas deixado de determinado forma não acidental do que de apanhar rituais de passagem em vida, quando não há registos escritos do facto.
É possível que o ritual da morte comprova alguma espécie de

crença numa vida espiritual independente da vida material. Há uma farta literatura a este respeito. Antes da Refundição era tão abundante que muitos documentos chegaram ao *Paraíso,* bem como à *Pérola* e *La Ultima Rosa*. Muitas pessoas escolheram memorizar livros deste tipo para mais tarde transcrever. Ironicamente foram os mais fáceis para recuperar a partir dos achados em zonas não habitáveis. Os textos que nos chegaram, datados até o início do 119.º hectano (século XX AD), são sobretudo textos dogmáticos. É difícil de saber se isto se deve ao facto de serem os textos mais abundantes ou se houve um critério geral de escolha específico para ter estes textos em biblioteca. Os hectanos 120 e 121 parecem ter sido os mais produtivos em textos científicos de teólogos, filósofos e sociólogos.
Alguns céticos da Grécia antiga (Zona 2) mas também investigadores como Reza Aslan (120.º hectano) avançaram com a ideia de que as crenças numa vida espiritual independente da vida material foram os alicerces para a criação de um Deus à imagem do ser humano e não o contrário, como muitos textos dogmáticos advogam.

Estou a divagar, desculpa. O ritual que marcou este mês foi o da festa dos 50 anos da parceira de Ondjoy, irmão de Maria. Estávamos convidados para um almoço de família.
Alguns dias antes tinha anunciado a minha intenção de participar. Maria admirou-se:

- És bem vindo, claro, mas não te reconheço. Sempre tentas esquivar-te de rituais e das refeições a eles associados. O que se passa?

- Sabes que costumo fazer algumas excepções quando se trata da família, respondi.
- Exatamente. E costumas dizer que o meu irmão não é tua família, mas minha… não é que perceba teu raciocínio, mas isto não interessa para a conversa.
- Acontece que Erika não é o teu irmão, mas a parceira do teu irmão.
- O que faz com que te percebo ainda menos querido.
- Pois, mas vais ver, no último ano descobri algo em relação aos N'Kondo Ngô e gostava de abordar o assunto durante a refeição.
- Tu é que sabes, claro. Só tenho dó dos N'Kondo Ngô e dos Liber que, pelos vistos, vão ter direito a uma das tuas histórias.
- Não não! Não se trata de histórias, antes quero fazer perguntas.

Maria suspirou. Ela prefere conversas de mesa mais triviais e, como a conheço bem, entendia que já estava a imaginar um repasto que ganharia contornos de uma tertúlia. Ela acha, injustamente ao meu ver, que tenho tendência a tornar as conversas à mesa mais difíceis de digerir do que a própria refeição.

Dia 16 púnhamo-nos a caminho dos Liber-N'Kondo Ngô. Uma viagem de pouco menos de uma hora. Para quem não conhece Bibliopolis, deixem-me referir, que, como todos as comunidades de mais de 20.000 habitantes, dispomos de uma rede de Comboios Urbanos Automáticos (CUA)

completada por Viaturas de Transporte Elétricos (VTE) que percorrem as ruas.
Bibliopolis guardou na organização dos bairros grande parte da estrutura do Paraíso dos livros. Nós vivemos no bairro linguístico. Eu teria preferido manter-me no bairro da sociologia, mas Maria insistiu muito de mudar para a zona onde vivem muitas das pessoas com quem ela interage frequentemente. A única vantagem para mim foi que, desde que passei a minha atividade para a Biblioteca Central, caminho a pé até lá, atravessando um dos mais bonitos parques da polis.
Os Liber-N'Kondo Ngô moram no bairro de artesãos-engenheiros, o que lhes facilita a ambos o acesso às ferramentas e aos materiais que precisam para a atividade que escolheram desenvolver. Ondjoy integra uma equipa que monta estruturas metálicas de todo tipo e Erika é uma perita reconhecida na montagem de dispositivos eletrónicos quânticos.

Estávamos a espera da viatura elétrica que nos ia levar ao *hub* com o comboio urbano. Maria observava:
«Não tinhas dito que ias fazer perguntas acerca de um assunto misterioso, hoje, no almoço?»
«Sim. Vais ver, vai ser interessante.»
«Não queres avançar alguma coisa. Só para eu te ajudar. O interesse para os teus assuntos às vezes demora a aparecer.»
«Hmm. Pois. Digamos que se trata de informação genealógica do lado dos N'Kondo Ngô.»

O veículo elétrico parava à nossa frente. Dos dez assentos, só três estavam ocupados. Depois de confirmar que tínhamos sido nós a encomendar a paragem, entrámos. O processamento de voz do veículo confirmava que o nosso destino era o *hub Chomsky* e informava que iria deixar os três outros passageiros numa rua próxima do *hub* antes de nos levar ao nosso destino. Anunciava também que tínhamos dez minutos para o transbordo.

Uma vez sentados, retomamos a conversa.

«Uma informação genealógica que remonta até antes da Refundição?»

«Pelo que consegui averiguar, sim. Lembras-te que avó Emmy falava de uma amiga Sang ou Sang-mi?»

«Não era aquela investigadora que trabalhou sobre a irracionalidade das bolsas de valores? Se me lembro bem, eram estruturas que, de certa forma, davam valores fictícios a empresas e marcas, em função da sua aceitação pelos consumidores.»

«Pois, não sei das bolsas de valores, mas sei que a família era N'Kondo Ngô. Descobri agora, que ela era tia-avó de Erika.»

«Bem. E isto foi o suficiente para reconsiderar e participares num almoço de anos de quem não é da família?»

«Digamos que estou intrigado. A avó Emmy contou uma vez que Sang já vivia em *Paraíso dos Livros* quando a nossa família lá chegou, mas que tinha registos de que houve família dela a viver na cidade de Lisboa integrada em Megalissipo.»

Entretanto chegamos ao *hub Chomsky*. Interrompemos novamente a nossa conversa para ver como continuar pelo

spider. É assim que designamos entre nós a combinação de linhas centrais que consiste numa circular no centro, com oito linhas retas com comboios combinadas que formam o elo de ligação principal da CUA. Hoje, tínhamos que descer para o braço diagonal sudeste até *Al-Chwarizmi*, mudar para a linha *Dário Fó - Nicolas Tesla*, para sair no *hub Pieter Zeeman*. Daí podíamos ir a pé para a casa dos Liber-N'kondo Ngô. Calculámos que a viagem ira durar aproximadamente trinta e cinco minutos.
«A cidade de Lisboa. Claro! A cidade onde nasceu Joana Demeester e onde viveu a maior parte da sua vida», retomou a Maria.
«Sim. E lembras-te do apelido do companheiro dela?»
«Espera. Não era N'Kondo? Aah… já te percebo agora…»
Passamos o resto da viagem a falar de outros assuntos, entre outros, da ideia que começou a brotar na minha cabeça para o dia de abertura do EJCD. Como sempre, a primeira reação de Maria deu-me que pensar. Eu queria ironizar os discursos de abertura, mas não podia correr o risco de magoar os amigos que tanto se esforçaram para organizar o espaço. Talvez tinha que pensar em duas abordagens sequenciais.

Quando chegamos, Erika cumprimentou-nos para nos despachar logo com um vago: «Entrem e vejam, deve haver mais pessoas que conhecem».
Atravessamos a casa para encontrar pessoas a conversar em pequenos grupos, espalhados pelo jardim. Havia algumas mesas de apoio onde cada um deixava o que trouxe para partilhar. Percebi que não havia bem um almoço, mas sim um

daqueles encontros onde cada um baloiça numa mão um prato auto-composto a partir das diferentes mesas, utilizando a outra para levar a comida à boca. O problema de como segurar o copo foi resolvido. Cada prato tinha uma abertura que dava para enfiar o copo que assim não se entornava ao primeiro movimento. Tentei localizar as pessoas que me interessavam. Erika e Ondjoy estavam demasiado ocupados a receber os visitantes. Como já sabia das descrições de ocasiões anteriores, feitas pelas minhas filhas, na casa dos Liber-N'Kondo uma celebração de anos era algo levado muito a sério. Hoje, mais do que nos anos anteriores, o rol de convidados era ainda maior, devido à magia que números acabados em 0 continuam a provocar.

Troquei umas palavras com Mark, o irmão de Erika. Vi os gémeos Wolfgang e David em conversa com os meus sogros Chaytan e Kate. Procurei Wolfgang e pedi-lhe para me introduzir junto ao seu outro avô.

Kendi cumprimentou-me calorosamente:

«Alberto, conheço-te das histórias que Erika e os gémeos me contam. Sei que estás muito envolvido na organização do espaço que nos dará acesso a documentos encontrados na antiga Ibéria.»

«Sim, o meu pai deu um impulso muito forte para que possamos reconstruir a história da análise ignarométrica, que se iniciou no antigo século XVIII, ou seja, o hectano 117.»

«Tão antigo já? Conheço a matriz que a tua avó e tu próprio recomendam para o estudo da ignorância, obviamente. Penso que foi um contributo muito importante, inclusivamente para

percebermos a fuga de muitos intelectuais para *Paraíso*.»
«Conheces esta matriz? Posso-te perguntar quais são os teus interesses?»
A companheira de Kendi, Paula, aproximou-se e sorriu: «Os interesses de Kendi vão em muitas direções. Tenho dificuldades em saber ao justo o que fez e fará, entre o início e o fim da pergunta '*O que estás a pensar Kendi?*'. Costumo dizer que ele se interessa até ao pormenor para tudo que eu o digo e tudo que faço e que isto é o único interesse no qual é consistente. De resto, Kendi é uma caixa de surpresas, inclusive para mim, e já o conheço há quase sessenta anos…»
Kendi olhou com ternura para Paula, para depois me responder: «é a Paula que dá consistência a tudo o que me passa pela cabeça, em todos os sentidos. Interesso-me para tanta coisa… estávamos a falar dos tempos antes da Refundição. Penso que devo ter genes partilhados com os enciclopedistas renascentistas europeus e os sábios de Al Andalus… é uma frustração não conseguir um conhecimento universal. Atualmente estou a pensar em fazer um estudo de textos filosóficos. Gostava de encontrar mais informação acerca do pensamento dos nativos da *zona 3*, antes da chacina que resultou da agressiva e arrogante chegada de indivíduos da *zona 2*. Por isso também me interessa saber o que se vai encontrando na parte ibérica da *zona 2*.»
«Tens que me procurar na Biblioteca Central. Posso-te apresentar a Pedro Márquez e Sayen Quispe. Eles têm muitos contactos com as comunidades que sairam de *La ultima Rosa*.»
Paula riu novamente: «Acabas de convidar o Kendi para a tua

casa também… quando ele se vira para um assunto, não te larga. *La ultima Rosa*… Estou a escrever um livro infantil que conta a história dos Livros Caminhantes. Talvez acompanhe o Kendi.»

Assegurei que ambos seriam mais do que bem-vindos. Como educador, eu conhecia a obra de Paula Pax. Muitos dos seus livros infantis eram autênticos tesouros para acompanhar projetos de aprendizagem de crianças. Aproveitei o momento para fazer a pergunta que me levou até a festa da Erika: «Kendi, tu tens memória dos teus antepassados? A minha avó Emmy falava-me de vez em quando de uma amiga dela, Sang Mi N'Kondo Ngô. Recentemente percebi que ela era a tua tia.»

Kendi olhou-me com alguma surpresa: «A tia Sang e a tua avó conheciam-se? Não sabia. Passei a minha infância, tal como toda a geração do teu pai entre *Paraíso* e Lua, entre Ignorantes, Fugitivos e Refundição. Mas porque perguntas pela minha memória de antepassados da minha família?»

«É simples, respondi. Por conheceres a matriz ignarométrica, deves também saber a quem devemos o seu uso em estudos sociológicos?»

«Não foram as irmãs Demeester, de quem o nome ainda está associada à vossa matriz?» perguntou Kendi.

«Sim. Entretanto, com a documentação que recuperamos das ruínas de Megalissipo, conseguimos completar a linha genealógica que liga Emmy a uma das irmãs, Catherine Demeester. Conseguimos agora também recuar no tempo até 116.30, contando a história de educadores e, como hoje dizemos, antropogogos desta família. Foi assim que também

descobrimos os primórdios da matriz.»
«Aquela família, que também é a tua», constatou Paula.
«E talvez não só. Há algo que me intriga, e que gostava de ver convosco, se Kendi estiver interessado. Avó Emmy contou uma vez que Sang Mi seria descendente de uma família de Lisboa. Ora, o parceiro da outra irmã Demeester, Joana, era Daniel N'Kondo. Encontramos escritos de um dos seus filhos, Alexandre. Sabemos que o irmão, Francisco deixou descendentes. Ainda não conseguimos fazer a ligação com *Paraíso*, mas pensamos que existe. Precisamos de N'Kondo's, para nos ajudar a interpretar os textos que temos. Se … »
Kendi mostrou-se imediatamente muito entusiasmado: «o que estás a dizer é que talvez somos nós também descendentes das irmãs Demeester? Vale a pena estudar o assunto. Apareço em breve na zona da biblioteca onde estás.»
Wolfgang aproximou-se de nós, com Catherine, acompanhada da sua companheira Halona e Liberty. Depois dos cumprimentos — percebi que as minhas filhas já tinham uma relação de amizade com os avós de Wolfgang — Halona virou-se para mim: «Parece-me que estavam bastante animados e excitados.»
Paula respondeu por nós: «Os rapazes estão a antever uma hipótese de mostrar que são ambos descendentes das irmãs Demeester, um de cada uma delas.»
Ao qual acrescentei: «Se for, significa que Catherine, Liberty, Wolfgang e David, têm duplos laços familiares. Seriam, afinal elos de um reencontro familiar 200 anos mais tarde…»

Dwiterómehns

¡Es todo ciencia, hombre!

Estávamos a terminar o jantar, quando a nossa amiga Umut nos contava que tinha encontrado, no museu anexo à Biblioteca Central, um conjunto de colares, recuperados de uma provável loja de pedras preciosas e de bijuteria de Megaludein dos finais do 120.º hectano. Estavam numa gaveta com outras curiosidades para uma futura interpretação.
«O que me espantou», disse Umut, «não foi o requinte das armações e do corte das pedras ditas preciosas. O que me intrigou mesmo, foi que estas pedras estavam em colares que representam antigos símbolos de constelações de estrelas, como os conhecemos dos trabalhos de astronomia.»
«Porque é que isso te espantou?», perguntou Maria.
«Eu sabia que muitas pessoas cultivavam um conjunto de crenças, entre as quais o de acreditar que os corpos celestes por trás do sol, na altura da sua nascença, influenciam a sua vida,…», começo Umut.
Liberty interrompeu: «… então estes colares confirmam o hábito de andar com um símbolo que corresponde à constelação do zodíaco, como colar, pulseira ou anel…»
«… mas», continuou Umut, «considerando que estamos a ver objetos de uma época em que circulava dinheiro, posso imaginar que havia também pessoas crédulas abastadas.»
«Porque é que os abastados não poderiam ser ignorantes nas coisas da astronomia e da natureza?» perguntou Catherine. «Não vimos já que há toda uma linha de abastados que se

deixavam aconselhar por astrólogos, ao longo de toda a história da Humanidade?»
Halona virou-se para mim: «Alberto, seria talvez um bom assunto para abordar no grupo de estudo sobre o culto da ignorância e o uso do poder. Não achas?»
Sorri. «Estava a pensar mais ou menos o mesmo. Iremos anunciar que será o objeto na próxima tertúlia. Liberty, se estiveres interessada, porque não apareces também?» Virei-me para Umut: «Seria um prazer também poder contar contigo. O teu conhecimento acerca da influência do mito e do dogma sobre o pensamento do indivíduo será sem dúvida uma mais valia.»

Alguns dias depois da conversa de jantar, estávamos na biblioteca, com o grupo de estudo. Quando falo aqui "do grupo de estudo", não me estou sempre a referir às mesmas pessoas.
Pouco depois do episódio que aqui relato, o EJCD ficou "aberto", havendo inclusivamente uma permanente exibição e disponibilização de *facsimile* de documentos dos diferentes espólios da dinastia Magister-Auctor. Hoje, na altura da primeira publicação completa da saga, passaram vinte e cinco anos desde a descoberta da biblioteca de Paulo Demeester. Desde então o nosso pequeno grupo de aficcionados da antropogogia institucional e da análise ignarométrica foi-se alargando.
Voltando ao ano de 122.08.
Todas as semanas tínhamos pelo menos um encontro-tertúlia. Inscrevíamos os assuntos que queríamos abordar num dispositivo eletrónico e quem estava interessado aparecia.

Reproduzo aqui a minha versão da nossa conversa, baseado nos apontamentos no meu diário naquele dia.

«Alguém de vocês sabe quem era Carl Sagan?» perguntei.

Wolfgang que estava connosco neste dia, riu-se e respondeu: «Foi um astrónomo e divulgador de ciências. Um sonhador também, quando se tratava de estabelecer contato com outras formas de inteligência no espaço. Não há um único operacional de naves interplanetárias que não o conheça, Alberto.»

Liberty disse: «Parece-me que era também um humanista, sensível à arrogância, sobretudo àquela que parece quase invisível.» Pensou um momento e continuou: «Encontrei uma declaração interessante que lhe foi atribuída. Em meados do 119.º hectano, um grupo de astrónomos e físicos assinaram uma declaração contra a astrologia, por, assim dizia a declaração, não haver nenhum mecanismo que a sustentasse. Nomeadamente, continuava a declaração, é tão diminuta a força gravitacional produzida por planetas e estrelas sobre local e na hora de nascimento, que ela não influencia a vida de uma pessoa, como a astrologia afirma.

Conta-se que Sagan considerou a declaração arrogante. Ele tera informado que estaria disposto a assinar tal declaração se ela descrevesse e refutasse os princípios da crença na astrologia. Isso, argumentou ele, teria sido mais persuasivo e teria produzido menos controvérsia.»

Umut entrava na conversa: «É interessante esta afirmação, que interpreto como uma de humildade. Penso que naquela época já havia conhecimento suficiente para argumentar de modo

mais elaborado. Já se adotava o princípio da falsificabilidade em ciência. Contudo, ao longo da história, sempre tem sido difícil largar hábitos, rotinas e explicações à luz do raciocínio de sábios de épocas anteriores,.»

Moana acrescentava: «Quem, na antiguidade considerava ter encontrado uma explicação e uma generalização para o observado, facilmente dispunha de poder. O sistema planetário que Ptolemeu matematizou acompanhava bem o que se observava na época em que foi elaborado. Era consistente com a aparente movimentação dos ceús, visto por quem vivia na Terra, mais do que as elaborações matemáticas abstratas de Aristarchus.»

Reparei que talvez não seria má ideia convidar um matemático, para nos ajudar a perceber como, já naquela altura, se devia dominar bem a linguagem matemática para decidir com sensatez a favor de Ptolemeu ou de Aristarchus.

«Sim», disse Babitha, «mas aqui o essencial é que, adoptando as esferas celestiais, que Pythagoras já tinha sugerido, era fácil colocar a Terra como ponto central, e, colocar todas as estrelas a uma mesma distância da Terra.»

«O que para mim é espantoso», retomou Liberty, «é como se pude continuar a pensar durante tantos hectanos, e mesmo kilanos, que era possível extrair informação acerca da vida das pessoas, a partir da posição do sol frente a um conjunto de estrelas, principalmente no hemisfério norte, que sugerem um desenho imaginário. Uma constelação não é mais do que uma imagem fabricada e transmitida ao logo de gerações, baseada em estrelas que entre elas chegam a distar mais, do que

algumas distam da Terra.»
Lev acenava a cabeça: «E os horóscopos, basicamente são isso, não? A disponibilização de informação acerca da pessoa e da sua futura vida, em função da deslocação do Sol, da Lua e dos planetas do nosso sistema solar perante as estrelas da eclética ou do zodíaco.»
Binh Pham tossia e disse: «Não está inteiramente correto. Pelo que pude deduzir dos textos que li sobre o assunto, há um zodíaco tropical, que serve de referência para a astrologia dita ocidental. Existe outro zodíaco, sideral, referência para a astrologia dita Hindu ou Indiana.»
Babitha confirmava e disse: «Se quiserem saber mais sobre o assunto, contactem quem salvaguardou o que ainda sobrou de textos dos hectanos 95 até 103. Asseguro-vos que uma conversa com quem consegue ler o que ainda existe do *Almagest*, escrito por Ptolemeu no 101.º hectano é particularmente interessante.»
Lev observou: «Mas não deixa de ser informação baseada numa visão antropo-centrada do universo, ou seja, numa aparente imagem, localizada. Uma realidade que se sabia ser imaginária, a partir do momento em que a astronomia fez com que se deixou de considerar a Terra como o centro do universo.»
Maria tomou a palavra e disse: «Psicólogos e linguistas têm uma sugestão interessante. Explicam que pessoas se deixam influenciar pela formação das palavras. Palavras que acabam em *-ologia* são facilmente entendidas como palavras que identificam áreas de conhecimento certificado. Na maior parte

das línguas as palavras *horóscopo* e *astrologia* estão próximas uma da outra. Em alguns idiomas chegam a ser praticamente sinónimos. Ora, numa sociedade orientada para o consumo, e para a atribuição de um valor intrínseco a uma bitola de comparação, como era a moeda, tudo era alvo de inquéritos, votações e comparações. Os Estados Confederados da Europa eram tão profícuos nesta área, que muitos documentos que interpretam inquéritos sobreviveram ao Inverno Vulcânico, simplesmente por terem sido tão abundantemente reproduzidos como os Textos Sagrados. Aprendemos por exemplo que no início do 120.º hectano, três quartos da população considerava a astrologia "*parcialmente científico*", ficando menos da metade da mesma população com esta opinião em relação ao horóscopo. Um quarto da população considerava astrologia "*muito científico*", mas só sete por cento colocou o horóscopo neste mesmo patamar. A conclusão que se tirava naquela altura era que a confusão em relação ao caráter científico ou não da astrologia teria a ver com a terminologia utilizada.»

Liberty observou: «Isto é interessante. Na cabeça da generalidade das pessoas a confusão continuou 350 anos depois de ela começar a se dissipar na cabeça dos sábios.»

«O que queres dizer com isso?» perguntou Catherine à irmã.

«Se percebi bem a história, o *Almagest*, mas também as tabelas, com os registos da posição dos corpos celestes, anteriores e posteriores, feitas por quem se dedicava à astronomia, geravam uma certa estabilidade financeira para estes sábios. Eles elaboravam e consultavam as tabelas para

alegar a quem recorria ao seu serviço que eram muito rigorosos com os mapas astrais, e sobretudo, que assim podiam predizer o futuro.»

Delun entrou na conversa. «Pois, pelo que chegou até nós, Copernicus tinha interesses mais teóricos e não se dedicava à astrologia. Mas grandes nomes, como Brahe, Galileu, Kepler, Cassini, e mesmo Giordano Bruno, eram todos astrólogos que faziam previsões para reis e alta nobreza do seu tempo.»

«Bruno também?», questionou Umut. «A pluralidade de mundos que ele propunha, e para o qual foi condenado à morte pela igreja católica, condizia com a influência de corpos celestes em esferas fixas, originando as predições astrológicas?»

Delun disse. «Pelos vistos não conflituava uma coisa com a outra, na cabeça dele. Era só uma outra abordagem matemática. De resto, não é bem claro se ele foi condenado só por ter defendido a pluralidade de mundos. Havia outras acusações contra ele, de ordem teológica.»

Umut retomou: «Mas não deixa de ser uma forma de arrogância extrema do poder. Podiam os senhores da igreja se limitar a banir da igreja quem defendia uma ideia que ia contra o que as pessoas da igreja pensavam. Expulsar do grupo… Não deixava de ser um ato arrogante, mas pelo menos não teria sido irreversível como mandar executar.»

Delun respondia: «Aí é que te enganas. Quase 400 anos depois da execução de Giordano Bruno, os dirigentes da igreja que o privou do livre exercício a palavra, matando-o, continuavam a argumentar que os seus predecessores tinham talvez agido com algum exagero, mas basicamente correto, porque

tomaram uma atitude em prol do bem maior.»
Umut teimava: «E o bem maior era manter intacto o dogma de uma terra imóvel, no centro de uma série de esferas, das quais a última era de todas as estrelas, todas à mesma distância da terra? E que por cima desta esfera só havia um céu transcendente?»
Delun sorriu e disse: «Estás a simplificar. Era também e sobretudo tentar de manter intacta a autoridade de uma instituição e dos seus dirigentes, numa altura em que o avanço da ciência punha em causa textos e assunções baseados no aristotelismo, que hoje podemos ver como uma doutrina dogmática e arrogante, mas que na altura era considerado pensamento científico.»
Umut respondia: «Apercebo-me que era difícil tanto para quem tinha poder como para quem não tinha, de considerar a fé e o dogma por um lado e o pensamento científico por outro, como dois componentes do ser humano consciente. E talvez ainda mais difícil, era de cuidar coletivamente para que o culto de um dogma não se transformasse numa espécie de totalitarismo.»
Catherine olhava para Umut e perguntou: «Esta conversa ajuda-te relativamente à tua pergunta sobre as jóias?»
Umut acenava lentamente a cabeça mas não disse nada.
Zanaibu disse: «Estava a pensar na dificuldade de fazer avançar o conhecimento quando a observação nos ilude. É que desde a antiguidade se observava diretamente a influência da Lua e do Sol sobre a natureza. Tratava-se de observações básicas, como as estações, no hemisfério norte, mas essenciais, quando pensamos

no nascimento da agricultura. E a relação entre Lua, Sol e marés era também do conhecimento dos sábios da antiguidade. Ora, não é difícil de imaginar como se passa a influência de corpos celestes sobre a natureza para a influência sobre o ser da pessoa. De resto, a relação entre as pessoas da igreja e a astrologia nem sempre foi pacífica. Os primeiros cristãos associavam-na ao paganismo e condenavam-na. Só mais tarde se tentou dar um contexto à influência dos corpos celestes sobre o destino das pessoas, provavelmente movido por algum pragmatismo. Desde que a adivinhação ajudasse a entender o Plano Divinal, a astrologia podia ser útil a quem exercia o poder dentro das estruturas que guardavam a explicação do Plano para que as pessoas agissem em conformidade.»

Babitha acrescentava: «Pois. Eu estava a pensar que uma das dificuldades na elaboração do conhecimento científico é que uma teorização pode revelar-se tendencialmente correta durante muitas gerações. A experiência ou o fenómeno que a vai falsificar, às vezes demora muito tempo a aparecer, parcialmente porque depende daquilo que está ao nosso alcance para fazer a experiência ou observar o fenómeno. Mesmo se entendemos isso agora, nem sempre devia ser claro. E mesmo hoje, pode não ser muito claro para todas as pessoas. Uma teoria que predita algo que ainda não sabemos ou objetos que ainda não encontramos pode ser assustadora e por isso ridicularizada ou, até, proibida. Cassini evoluiu do modelo geocêntrico para o modelo heliocêntrico, mas considerava falso a teoria da gravidade de Newton. O que é diferente de entender que era incompleta, como mais tarde os cientistas

fizeram.»
Delun pegava nas palavras de Babitha. «Abbé Picard tinha ainda outra atitude. Vivia num tempo em que se tornava cada vez mais bem aceite que era mais fácil calcular a posição dos corpos celestes, recorrendo a um modelo heliocêntrico. Picard parecia não pronunciar-se. Contudo, desenvolveu um modo de calcular a posição duma estrela criando um globo celeste equivalente ao globo terrestre. Neste globo celeste existe um equador celestial a partir do qual se consegue identificar os coordenados de uma estrela exatamente como fazemos com os coordenados dum ponto na superfície da terra.»
Wolfgang interveio: «O zodíaco é um modo de interpretar o que vemos. Ajuda-nos no trabalho científico astronómico, quando observamos corpos celestes e a sua posição a partir da Terra. Como os operacionais de naves sabem, a mesma observação ainda é de certo modo possível, quando nos deslocamos no próprio sistema planetário, simplesmente porque as distâncias para as estrelas são de outra ordem de grandeza. Mas, se entendi bem a nossa conversa, o zodíaco é utilizado na astrologia, hoje considerada uma pseudociência.»
Binh Pham disse: «Eis toda a dificuldade. Tem a ver com o modo como são utilizados teorizações ou representações simbólicas do observado. Há quem se orienta pelo princípio científico da falsificabilidade e há quem se guie por um princípio dogmático do não questionamento.»
Aqui, Pablo acenava e dizia: «Passar de um modo de pensar para outro não é fácil, muito menos imediato. Além do mais, no trabalho cientifico, leva-se frequentemente muito tempo

para perceber que uma teoria é falsa ou incompleta se for caso disso, dependendo do modo como ela pode ser testada.»
Delun afirmava: «Pela observação que faço da história da ciência, suspeito que a população em geral mais rapidamente dogmatizava, do que largava, uma teoria pré-científica. Um credo, baseado num conjunto de assunções que deixaram de ter validade — ou nunca tiveram — no plano da explicação do mundo, custa menos a ser apropriada por quem tem pouco conhecimento das ferramentas científicas.»
Observei: «E diria também que quem ansiava pelo poder não queria discutir hipóteses de modo científico, mas queria ver no astrólogo o vidente companheiro que lhe previa o futuro risonho. Tendo dinheiro, porque não afirmar o feliz augúrio com um belo colar de pedras preciosas que lembrava a imagem estelar que os antepassados do neolítico nos desenharam nos céus?»
Umut riu-se e respondeu: «Pois, Alberto. Afinal, dez milénios não foram tempo suficiente para aprender que a acumulação do poder e da riqueza decorre da ação humana na altura da Revolução Agrícola. Foi então que se iniciou com mais clareza uma relação social desigual entre senhorios e servos. Os primeiros auxiliaram-se de deduções antropo-cêntricas, a partir de um paradigma pré-científico, por assim dizer, que se tornou dogmático e se provou incorreto. Para quem preferia o autoritarismo à autoridade, convinha continuar a acreditar e fazer acreditar que a sua posição privilegiada era uma dádiva dos céus. 'Cientificamente' provada…»

"Há uma mancha negra que se espalha
e que a Humanidade não consegue controlar.
Nem através do direito,
nem através da política,
nem com a ética.
Falo do dinheiro e do desejo de acumular dinheiro".
Lidia Jorge (numa conferencia).

"*O almoço de aniversário da Erika vai ter consequências… Já percebi que, agora, e pelo menos ao longo deste ano, não me vou conseguir desfazer facilmente das reuniões de família. Estive a ver o calendário e, com a exceção de sweksto- e phrydekmomehns temos "festa" todos os meses. Porém, sweksto temos a abertura do EJCD. Para mim equivale uma daquelas festas de circunstância.*"
Retirei essas frases diretamente do meu diário. Mais vale assumir. Já estou a ouvir Maria dizer para não resmungar tanto. Pelo menos, consegui negociar juntar a celebração dos meus 55 anos com a celebração dos 26 de Liberty.
Celebrar… não devo ser o único a interrogar-me porque celebramos ano após ano que estamos a chegar mais próximo da nossa morte…? Já que a astrologia e o mito são temas de conversa, quando abordamos a ciência, o conhecimento, a ignorância e a arrogância, vou avançar com uma hipótese: a promoção das festas de ano ficou à carga da *Comp. L^{da}. Ereshkigal, Hades, Pluto, Hel & Osiris*. Esta companhia manda anualmente Charon tomar o pulso do aniversariante.

Juntámo-nos no dia 20, na nossa casa. Parece que dá azar celebrar o aniversário antes da data. Celebrar depois já não é

grave. Isto foi o que o meu vizinho me disse, um dia, quando estávamos a falar de superstições que sobreviveram ao período de Refundição. Para sossegar leitores e leitoras mais orientadas pelo *ratio*, digo já que, no nosso caso, foi só para sermos práticos: foi o dia que se adequou melhor à disponibilidade dos nossos convidados.

Com Wolfgang e Liberty na sala, a conversa rumou inevitavelmente em direção a Marte.
«Marte, uma das "estrelas errantes"», constatei.
«Pelo que sei, uma "estrela" poli-facetada», observou Olívia. «Ela entra no firmamento, no panteão dos deuses, com muitos nomes, e ainda ganhou dois lugares nos calendários mundiais comuns antes da Refundição.»
«É interessante isso», disse Halona. «De facto, só Marte e Venus têm este privilégio. Dão ambos o nome a um dos dias da semana, desde o tempo do império romano, e em muitas línguas ocidentais e nos calendários então utilizados aparecem ambos como nome de um mês.»
Liberty disse: «O que captou a minha atenção, foi o seguinte: quando procurámos a origem dos mitos que envolvem Marte, encontrámos, em muitas culturas da zona 2, duas figuras, associados a dois astros que 'enquadram' a vida biológica dos seres humanos. A dominação exercida sobre outras culturas levou gradualmente a uma difusão quase planetária dos mitos através da sua reintrodução em novos mitos, muitas vezes associados a rituais e textos sagrados.»
Wolfgang continuou: «Quando estávamos a preparar a nossa viagem para Marte-o-planeta, falámos algum tempo com

guardiões de textos históricos e também com polissiguais de Arqueopolis. O que me ficou, vai ao encontro daquilo que estavas a dizer: nos textos provenientes de toda uma área central da zona 2, então com o nome de Suméria, duas figuras ficaram associadas a dois astros: Ishtar e Nergal. No ocidente, Ishtar apareceu mais tarde sob o nome de Aphrodite e de Vénus, enquanto Nergal surgiu, na mesma zona com os nomes de Ares e Marte.

Eram duas figuras influentes, deuses que tinham um pelouro em comum: a guerra. Nergal incluía as mortes violentas. Tinha as pastas do Inferno, das Doenças e da Destruição. A pasta completa de Ishtar incluía o Amor e a Sexualidade. E, sim, ambos tinham uma presença astral: Ishtar na luz branca do segundo planeta do nosso sistema solar, Nergal, na luz avermelhada do quarto planeta do nosso sistema solar. Estas "estrelas errantes" eram facilmente observáveis, a olho nu, no firmamento.»

Chaytan suspirou. «O modo como uma expressão mitológica de uma área específica do planeta se tornou pouco a pouco omnipresente ilustra bem o poder das armas, da guerra e da arrogância na história da humanidade.»

Catherine disse: «Podemos imaginar como as observações lunares em certos pontos do planeta, levaram a deduzir um padrão. Sete momentos de pôr de sol (ou levantar do sol) correspondem aproximadamente a um quarto de fase da lua. Dito de outra forma, após alguma observação, não deve ter sido muito difícil de perceber que de Nova Lua para Nova Lua havia aproximadamente 28 rotações da terra sobre o próprio

eixo. Provavelmente já se registava períodos de ciclos de 7 dias, algures entre o 70.º e o 80.º hectano. Estou certo, Liberty e Wolfgang?»

Ambos acenavam e Kate perguntou com alguma admiração: «Os povos daquela altura já sabiam da rotação da Terra?»

«Não avó Kate», Catherine corrigiu-se a si própria. «Estou só a dizer com palavras nossas o que eles deverão ter deduzido, observando os movimentos aparentes do sol e da lua.»

Liberty continuou: «E o que Umut e quem estuda com ela dizem, é que a esses fenómenos, que se mostraram regulares, foram associadas forças transcendentes, eventualmente representados como seres transcendentes, que mais tarde ganharam imortalidade sob forma de deuses.»

«Sim, algo do género. Nos espólios dos departamentos de história, de linguística e de línguas antigas na Biblioteca Central existem documentos riquíssimos a este respeito. Alguns são mesmo um espanto, embora a maioria não são originais, mas *facsimile*, reconstruídos a partir das memórias dos guardiões dos livros. Posso-vos aconselhar alguns mais acessíveis», disse Maria.

«Espera», disse Wolfgang, «porque é que avô Chaytan estava a falar do poder das armas e da arrogância?»

«Referi-me às armas», respondeu Chaytan, «porque não encontro outra forma de explicação, que não seja a conquista, para a gradual adoção mundial de um calendário com nomes de meses e de dias escolhidos por sábios e dirigentes do Império Romano.»

Fiz um gesto de hesitação. «Com os dias é um pouco mais

complicado. Em vários momentos da história e em vários lugares, houve propostas para uma simples enumeração dos dias. Na zona de influência do judaísmo e do cristianismo salvaguardava-se só dois nomes. Um para indicar o dia de repouso ao qual os textos sagrados hebreus obrigam, e outro para louvar o Deus dos cristãos. Contudo, mesmo o poder dos líderes espirituais foi frequentemente insuficiente, devido à longa tradição de, em muitas línguas, associar as 'estrelas errantes' aos dias da semana.»

«E o que tudo isto tem a ver com a visita deles a Marte?», perguntou Maria, olhando para Wolfgang e Liberty.

«O que…», começou Wolfgang

«Espera», disse eu, «deixem-me fechar um parêntesis: estas duas divindades de que há pouco falaste, Wolfgang, que inicialmente partilhavam a pasta da Guerra, à qual a representação feminina juntava o amor e a sexualidade e a representação masculina o inferno, as doenças e a destruição, foram os únicos que tiveram direito a um dia, mas também a um mês…»

«O dia, estou a ver», disse Wolfgang. «Como já apontaste, para o ciclo de quatro vezes sete períodos, que se tornou norma para conciliar a revolução da Lua com a revolução do Sol, ficaram os nomes dos cinco planetas observáveis a olho nu, completado pelo sol e a lua. Cada um destes sete corpos celestes eram associados a uma divindade. Do nosso par, a deusa do amor Ishtar, Aphrodite, Venus, Frigg, … ficou com *dies Veneris* (ou viernes, vrijdag, friday, vendredi, …) enquanto Nergal, Ares, Mars, Tyr … ficou com *dies Martis* (martes,

dinsdag, tuesday, mardi, …).»
«Está certo», disse Liberty. «Entretanto, o dia de Saturno passou a ser o dia de descanso, Sabbat, embora algumas línguas ficaram com a referência a Saturno. E, nas línguas latinas sobretudo, o dia do Sol transformou-se em dia para louvar Deus.»
«E agora os meses», retomei. «Numerados inicialmente, alguns receberam nomes para honrar deuses romanos, bem como dois imperadores. E entre os deuses, voltam a aparecer, primeiro para os Romanos, e mais tarde em outras línguas europeus, o deus da guerra Marte, enquanto Abril era inicialmente o mês de Aphrodite, embora, etimologicamente decorre do latim *aperire* (abrir).»
«Hmm», disse Dulan. «Já percebo Chaytan. A conclusão à qual qualquer leigo deve chegar, é que, na história da Humanidade, o guerreiro e a guerra tinha lugar de destaque..»
«O que talvez não é tão estranho», observou Halona, «se consideramos que esta classe de guerreiros se auto-intitulou de protetor das terras e da produção, dando-se em troca privilégios, o que os transformou na classe de representantes dos deuses na terra, de reis, de imperadores,…»
«E ninguém ficará a estranhar», complementou Catherine, «que na astrologia, Marte tinha o seu papel importante: representava o desejo para a ação e o esforço físico.»

Wolfgang, Liberty, Catherine e Halona continuavam a conversar na mesa onde "a juventude" se tinha instalado. Liberty fez-me sinal para me juntar a eles. Sorrindo, Halona observou: «Consultando os astros e as influências divinas,

acabamos de perceber que os descendentes mais arrogantes dos Elysianos[1] estavam pré-destinados para se instalar em Marte.»

«Halona está a brincar com algo que pode ser sério», disse Liberty em tom pensativo. «Sabes, depois do nosso regresso, a nossa expedição de contato trabalhou em comissão interpolis, para analisar as conversas e discussões que tivemos com os representantes de quem lá vive. Ainda estamos a traçar o perfil dos clãs e das famílias que decidiram se instalar em Marte. Mas já ficou claro que estamos a falar de descendentes dos mais arrogantes líderes saídos de Elysium. Apresentam-se muito racionais, ou seja, não cultivam lendas e crenças, a não ser uma: mantêm uma fé inquestionável no valor simbólico elevado de determinados elementos químicos, como o ouro e a prata.»

«Como sabem», interveio Wolfgang, «a composição das rochas no nosso sistema solar não difere muito de um planeta para outro. Significa que minerais que contém estes elementos mais raros e que por isso eram considerados preciosos na Terra da pré-Refundição, também o são em Marte.

Apercebemo-nos que se retomou a terratransformação do planeta. Há muitas experiências relativas a habitabilidade, que passam basicamente pela criação de uma atmosfera mais rica em oxigénio e pela produção de água. Atualmente estamos a falar de uma população de algumas dezenas de milhar de indivíduos, vivendo em cidades-domo, construídas com materiais e infra-estruturas recuperadas da própria Elysium.

1 Ver Pequeno guia para distraídos e em outras histórias, mais à frente.

Não se esqueçam que pouco antes de ser desmantelado, Elysium tinha uma população de perto de 35000 indivíduos: todos os com número Bloomberg acima de 8, aos quais se juntaram aproximadamente a metade dos que tinham o número 8, pouco antes de Elysium ter sido terminado. Desta população pouco mais de dez porcento quis aventurar-se para Marte.»
«Número Bloomberg significa o quê», perguntei intrigado.
«Lembras-te termos falado da seriação feita em função da riqueza? A escala foi inventada por um analista com o nome de Bloomberg no 120.º hectano. Ele classificava as pessoas com um número de 0 até 11 em função da sua riqueza pessoal», respondeu Catherine.
«E não foram exilados para Marte», acrescentou Wolfgang. «Tiveram suporte das comunidades terráqueas. Aliás, a nossa missão era sobretudo para perceber como a comunidade Marciana está a evoluir e o que poderão ser projetos de trabalho em conjunto, nos próximos anos.»

Vi que o meu pai estava sozinho, sentado num canto da mesa e acenei-o para se juntar a nós. Liberty percebeu logo o meu sinal e disse:
«Avô Lev, vens mesmo no momento certo. Wolfgang e eu estávamos a falar da nossa visita aos descendentes de Elysium que foram para Marte. Pensamos que, com o passar do tempo e se não houver comunicação regular, poder-se-á criar um mito local que foram renegados, ou banidos da Terra…»
«Bem», disse o meu pai, «sabem que na década de 50 do hectano anterior acompanhei as conversas com os habitantes

de Elysium. Na altura havia quase 40.000 pessoas a viverem lá, todos eles muito instruídos de que o valor do dinheiro e a acumulação de riqueza garantia uma vida sustentável. O principal problema daquela comunidade foi de se ter esquecido do conceito de distribuição de riqueza, que era, no mundo hierarquizado pelo dinheiro, uma espécie de contra-balanço necessário contra a lógica de crescimento perpétuo que sustentava o conceito de evolução como sendo uma assunção pessoal de acumulação. O que sabemos é que de certa forma a população original de Elysium já lá vivia, mesmo antes de ir para órbita. No planeta Terra, a maioria tinha-se fechada numa bolha real de condomínios e locais inacessíveis. O resto vivia numa bolha virtual, uma espécie de afastamento auto-criado.

A necessidade de se isolar adveio exatamente de terem acumulado riqueza até ao extremo. Como eu vejo as coisas? Os instrumentos de valorização de bens, as bitolas, digamos, serviam inicialmente para facilitar trocas e estabelecer equivalência. Simplificando muito, tratava-se de um instrumento de medição, para comparar bens e serviços que, sem a ele recorrer, seriam incomparáveis. Esta comparação entre bens e serviços atribuiu rapidamente um valor intrínseco ao instrumento de comparação. Acumular os objetos deste instrumento criou a noção de posse. O gosto pela hierarquia fez comparar posses de uns e de outros. Quem não produzia pessoalmente exprimia a sua riqueza pelo que conseguia obter em troca do equivalente à sua posse, em vez de pelos objetos de produção propriamente ditos. Inicialmente, os objetos do

instrumento incluía um leque de objetos raros na natureza ou de minerais, purificados ou não. O ouro, a prata e o cobre foram durante muito tempo os materiais mais comuns para exibir riqueza. Tudo mudou outra vez, quando estes minerais purificados começaram a ser cunhados, normalmente com retratos ou brasões de quem mandou cunhar. O valor atribuído ao mineral em si foi aumentado pelo valor simbólico representado pelo cunho, valorizando mais ainda o próprio metal. Com a organização da sociedade em Estados-Nação, passaram a ser os Estados a cunhar a moeda. A lógica doentia, a meu ver, de considerar que evoluir para melhor equivalia evoluir para mais, fez com que o metal fosse substituído por um objeto que o representa: dinheiro em papel e ligas metálicas mais leves e baratas, também elas cunhadas. A vontade de acumular quantias do objeto só aumentou. O símbolo do símbolo foi mais uma vez substituído, agora por um número associado a uma pessoa, numa ficha eletrónica gerada pela instituição que já era reconhecida como local de depósito do metal original. Este número tinha o nome de moeda digital e passou a ser o símbolo do símbolo do valor simbólico, por convenção conversível para ouro. O número era frequentemente a soma de vários números, provenientes de diferentes tipos de fichas eletrónicas. E esta soma de números representava então a posse de uma pessoa. No hectano 120, já era claro que a soma de todos os números guardados em fichas electrónicas nunca poderia ser substituída sequer pelo papel impresso, o dinheiro, muito menos pelo metal que representa. Um novo salto de simbolização foi feito, quando

foram criadas, não por Estados, mas por programadores informáticos, meios de representação de posse e riqueza, com o nome de crypto-moeda.»
«Não foi naquela altura que também começaram a circular as ideias em relação a rendimentos base para todos?», perguntou Dulan.
«Sim», continuou Lev, «e penso que Catharine conseguiu descrever bem estas ideias do 120.º hectano, acolhidas por grupos de pessoas da comunidade de *Paraíso dos Livros*. Felizmente para nós, como Catherine também lembra quando fala da sua bisavó Emmy, estes grupos de pessoas foram também influenciados pelos contactos da geração da minha avó Fernanda com Vitor Hunt.»

O meu pai estava a falar do esboço do décimo-segundo e penúltimo livro da saga. Sempre suspeitei que, ao ler o primeiro conjunto de esboços, ele se deleitava mais com os dois últimos volumes, em grande parte escritos por duas netas… os avôs são assim, dizem. Vou saber em breve se terei os mesmos comportamentos de avô. Catherine anunciou-me há alguns dias que até ao fim do ano iniciarei esta nova etapa de vida. A gravidez induzida por inseminação artificial funcionou. Halona e ela estão otimistas.

Entretanto, o meu pai continuou: «Próximo da altura em que se concretizou a migração de uma ínfima parte da população mundial para Elysium, a acumulação era de tal ordem que os que emigraram, alegavam concentrar em si mais de 90% da riqueza planetária.

O resultado foi a separação física entre quem alegava possuir a riqueza do planeta, porque, virtualmente podia comprá-lo por inteiro, e quem devolvia estratégias de sobrevivência. Os primeiros foram para Elysium, no espaço, os segundos ficaram no próprio planeta sobrepovoado, no qual, no dia-a-dia, tanto o dinheiro digital como a crypto-moeda pouco ou nenhum significado tinha.

Ironicamente, o auto-afastamento de quem alimentava o discurso relativo ao valor intrínseco dos meios de pagamento, provocou a sua primeira massiva desvalorização. Mais e mais economias de subsistência locais surgiam. Baseavam-se frequentemente em formas de empréstimo mútuo de serviços, simplesmente porque o serviço tinha que ser feito. A falta de regulação dos bancos provocou a escassez de moeda digital. Os objetos metálicos deixaram de ter valor de troca e passaram a ser matéria prima. O metal era fisicamente necessário e considerava-se cada vez mais que era um desperdício mantê-lo guardado e sem uso. Em Elysium, o símbolo do símbolo do valor simbólico tinha-se tornado uma espécie de realidade absoluta.

O Inverno Vulcânico de 121.39 a 121.44 só reforçou um processo já em curso. Num planeta onde já não viviam os principais donos do valor simbólico, esse mesmo valor deixou puro e simplesmente de ter sentido. Quando já não estão os pregadores que recorrem aos textos sagrados, os seguidores desligam… No planeta Terra, desapareceu a "*fé planetária no dinheiro*" de que falava Harari no 120.º hectano. O dinheiro passou para o reino do "*Era uma vez…*".»

O meu pai olhou para mim: «A tua avó passava bastante tempo a trabalhar com os polissiguais guardiões dos documentos relacionados com as ciências económicas, no *Paraíso dos Livros*. Com o desaparecimento do dinheiro, a economia passou a integrar a História, aqui na Terra.»

Virando-se de novo para a mesa toda, continuou: «Mas os descendentes da população de Elysium continuam a utilizar regras económicas para hierarquizar a sociedade em função de poder de posse. O que me parece claro dos relatos da equipa que recentemente foi a Marte é que a hierarquização em função de posse nunca deixou de ser importante em Elysium. E o culto manteve-se, mesmo quando o significado da posse era algo bastante virtual. Havia pouco para transaccionar em Elysium… . É por isso notável que quem emigrou para Marte exportou não só o modelo, mas também o seu conteúdo. Se percebi bem, hoje, a instituição mais importante para os imigrantes em Marte é a banca.»

Liberty confirmava: «Foi algo que nos impressionou muito. Encontrámos uma micro-sociedade, como eles próprios diziam, organizada em quatro pólos de expansão não muito distantes uns dos outros, interligados por um comboio subterrâneo. Pareceu-nos que pouco mudou nas infra-estruturas base, agora com cinquenta anos. A geração da nossa idade está a traçar planos de expansão maiores, mas o foco é o "custo" e como "financiar" os planos. Um dos pedidos que nos transmitiram, era sondar na Terra quanto lhes custaria *contratarem* equipas de engenheiros e técnicos especializados para ajudar a atualizar e desenvolver a inteligência artificial

necessária para continuar a terraformação do planeta.»
Catherine observava que aqui estava um desafio não só de comunicação mas também de como lidar pacificamente com culturas bem diferentes. Como evitar o regresso da hierarquização na Terra e ao mesmo tempo acolher projetos de quem estivesse interessado em acompanhar o desenvolvimento de Marte. O meu pai concordava: «Parece-me *O Desafio,* com letra maiúscula, procurar que a comunicação não seja ambígua. Será muito importante não colocar em perigo os princípios de convivencialidade que aqui construímos ao longo de mais de cinquenta anos. Obviamente, a sociedade Terráquea atual não conhece a frustração do "*não ter*". A educação convivêncial, através de comunidades de aprendizagem de crianças, é uma mais valia. Falar abertamente do sistema hierarquizado baseado em posse é necessário e romper laços com Marte e as luas de Jupiter seria mais perigoso do que manter o diálogo, porque o isolamento origina a criação de mitos sobre o outro.
Mesmo numa sociedade convivêncial, tais mitos podem ser perigosos. O mito abre caminhos para a pseudo-ciência, sobretudo quando é dogmatizado.
A criação de mitos é certamente ainda mais perigosa numa sociedade hierarquizada, isolada, com muitos desafios de sobrevivência pela sua frente. Um contato com a "origem" empaticamente disposta a apoiar os seus emigrantes, mostrando que evoluíra em outra direção, é então ainda mais importante, para evitar a criação de mitos de parte à parte.»
«Um dos desafios», retorquiu Catherine, «é de abordar as diferenças com algum humor, sem se tornar hostil. É bom rir-

se juntos, quando existe uma base de confiança para o fazer.»
Terminei a conversa com: «Confiemos então na vossa geração, para estabelecer a comunicação com Marte, sem acordar o deus da guerra».
Esta minha observação não era muito profunda, mas como já sabem, não estou no meu melhor, em festas para celebrações de anos…

Trityomehns

Ciência dogmática

"la science, au sein des démocraties,
a besoin d'être protégée des traditions non scientifiques
(le rationalisme, le marxisme, les écoles théologiques, etc.)
et les traditions non scientifiques
ont besoin d'être protégées de la science".
Feyerabend

Estava com o grupo de trabalho do EJCD a conversar acerca do esboço do primeiro livro da saga Magister-Auctor. O primeiro, que será o segundo, agora que me convenceram da peregrina ideia de fazer uma introdução nessa espécie de livro-prólogo que só deve confundir quem alguma vez pensa ler a saga.

Babitha e Delun apresentavam algumas ideias em relação à caracterização da figura de Wolfgang Magister. Encontrámos muito pouco acerca dele, tirando umas referências esporádicas naquilo que sobreviveu do arquivo da *Casa das Cabeças* e nas cartas de Claudius Cardinalis, do espólio de Paulo Demeester. Concordamos que o mais fácil seria de fazer aparecer Wolfgang através das cartas com Claudius, mas também com o filho Pieter, de quem temos mais informação.

A figura de Claudius Cardinalis ocupava na altura grande parte do tempo de Delun, que reunia informações acerca da natureza do poder e dos modos como, quem exercitava poder, agia sobre as mentes dos outros. Embarcámos numa conversa acerca da natureza da ciência.

«Antes de Popper, os indivíduos, mesmo os cientistas, não tinham muita preocupação em como distinguir ciência de dogma», dizia Delun. Continuava: «Havia um paradigma definido, que contemplava sempre a antiga ideia de criador. Para explicar o mundo natural, o criacionismo era a única hipótese autorizada.»

«Mas também, durante muito tempo, antes de ser a única autorizada, era a única aceite entre os proto-cientistas», observou Umut.

«Porquê proto-cientistas?» perguntou Pablo.

Delun observou: «Umut considera os antigos, digamos antes de Galileu,…, vá, antes de Copernicus», corrigiu quando viu Umut a abanar a cabeça, «filósofos da natureza e não verdadeiros cientistas que estabelecem provas para as suas hipóteses».

«Ou seja, podemos discutir se Arquimedes era um cientista ou um engenheiro. E podemos fazer a mesma pergunta para Da Vinci…», gracejou Maria com um olhar provocador em direção de Lev.

Este reagiu com um sorriso no canto da boca: «Já sei, já sei, lá vamos outra vez: "*porque é que o grupo que trabalhou as propostas para os nomes dos* hubs *CUA-VTE colocou Da Vinci e Archimedes na zona dos engenheiros e Pythagoras na zona das ciências da natureza*". Podemos voltar…»

«Podemos reservar este tema para conversas de mesa, e voltar ao assunto que Delun nos coloca», sugeri, interrompendo Lev.

«Quem tem mais informação acerca da história das ciências poderá ajudar-me. Quando falo de proto-ciência, só estou a

retomar uma tese renascentista», retomou Umut.
«Sim, há quem considere que a ciência nasce na altura do nascimento das academias de ciências, sob auspícios do rei ou do imperador da zona», concordou Catherine.
«O que não libertava necessariamente a ciência do poder hierárquico. Tornava-se dependente de outras formas de pressão, não só a da religião, mas também a de quem tinha posses», dizia Umut. «Moana, era um bom assunto para explorar.» Moana olhava para Maria e respondeu: «Maria estará de acordo comigo que o abordamos, no volume *A massa medíocre*. Trata-se de um período já bastante recente, mas captámos bem os sinais do uso de posses para favorecer determinadas linhas de investigação em detrimento de outras.»
Depois de um curto silêncio, Binh retomou a conversa: «Esperem. Podemos voltar para o criacionismo e para Popper?»
«O mínimo que se pode dizer aos adeptos das hipóteses únicas ou imutáveis, é que Popper veio estragar o jogo», afirmei.
«Sim, penso que os renascentistas não teriam gostado muito de Popper, mesmo se não tivessem sido todos criacionistas. Depois dos líderes espirituais terem perdido o irritante hábito de mandar para a morte todos que não adotassem o dogma da criação *una e imutável* para a explicação de tudo, as ideias circulavam», concordou Umut. «Mas considerar o princípio da falsificabilidade para distinguir ciência de dogma, foi um golpe de mestre. Como cientista aceitamos que qualquer hipótese é falsificável: basta uma observação ou um fenómeno que refuta a teoria estabelecida para que, pelo menos, seja necessário de

rever a teoria, se não mesmo abandoná-la e formular novas hipóteses.»

«Alargando para as ciências humanas», observou Zainabu, entrando na conversa, «Popper também não teria nem terá agradado aos adeptos de raça ou etnia, quando alargamos o princípio para as ciências humanas. Apoiaram-se numa ultrapassada abordagem dos naturalistas europeus do 118.º hectano e do início do hectano seguinte, baseada em medições de crânios e comparações fisiológicas para hierarquizar as diferenças constatadas, considerando as suas próprias características como superiores. Logo, como suprema falácia, consideraram demonstrado a superioridade absoluta do Cristão Branco Ocidental. Claro que abundam, em todas as áreas do pensamento e do trabalho humano, exemplos que refutam por completo esta organização da população em castas planetárias. Nem por isso deixou de ser usado, até a Refundição, basta pensar no conceito de Elysium.»

«O desafio, tanto nas ciências naturais como nas ciências humanas tem sido encontrar uma uniformização, um caminhar para leis universais para explicar o observado», disse Catherine. «Mas, nas ciências humanas, esta busca continha sempre o perigo de homogeneizar excessivamente a heterogeneidade.»

«Ainda não tinha pensado a partir deste ponto de vista, mas sim, faz sentido. Uma lei generaliza a explicação de fenómenos. Quando uma lei funciona razoavelmente bem para explicar uma série de coisas e permite que engenheiros criem a partir dela aplicações concretas e funcionais, torna-se difícil de

aceitar que ela não seja universal. Daí vai um pequeníssimo passo para ridiculizar quem vem com ideias novas ou diferentes», disse Umut.
«Juntava a este raciocínio, um outro: 'posse' não significa necessariamente dinheiro, pode significar 'estatuto', 'lugar hierárquico de quem sabe', até pode ser a arrogância de quem fala da sua cátedra», disse Binh Pham.
Babitha riu: «O que não se sofreu com isso ao longo da história da disciplina da História. Quem escreve história interpreta facilmente o passado em função do seu próprio presente e do seu próprio mundo. Encontrámos há pouco tempo uma série de documentos filmados de Marylène Patou-Mathis bem conservados.» «Patou-Mathis do *hub*?», perguntou Catherine. «Sim», continuou Babitha, «era uma paleontóloga que demostrou bem como toda a história da origem da humanidade terá inicialmente sido interpretada em função da visão da sociedade dos primeiros estudiosos daquela altura: homens, brancos, ocidentais, burgueses, dos hectanos 118 e 119 hectano. Homens que interpretaram o conceito de evolução de modo absoluto, como sendo de progresso de uma coisa má para uma coisa melhor. Quem sofreu mais com esta interpretação foram os seus contemporâneos não europeus e/ou não burgueses. Mas a arrogância de quem produziu as primeiras teorias instalou, no imaginário da população em geral, uma ideia de Neanderthal negro, bruto, próximo do grande símio, enquanto estudos de ADN, muito mais tarde, vieram revelar o que cientistas menos arrogantes e mais abertos à observação tinham colocado com hipótese mais

provável: *Homo Neanderthalis* que viveu e se desenvolveu no hemisfério norte, teria que ter a pele clara, pela mesma razão que a tem os indivíduos de *Homo Sapiens* mais afastados dos trópicos.»

Sayen tinha estado com um ar pensativo e disse agora: «Entendo como as leis mesmo incompletas na explicação dos factos, deduzidas da observação da natureza, podem servir para construir objetos funcionais. Como leiga na matéria, posso entender que as leis gravitacionais de Newton servem para calcular com precisão trajetos de veículos orbitais, antes e depois da relatividade rever e completar estas leis. Diria mais. A mal interpretação do observado, levando à dedução de uma lei incompleta ou mesmo errada (por exemplo: tudo é derivado de quatro elementos base terra, fogo, água e ar), não impede reações químicas, ainda que mal explicadas. Mas, como Zainabu já fez entender, a aplicação de leis parciais ou erradas que surgem das ciências humanas e sociais são por norma catastróficas para quem não tem o poder de as contestar, chegando a tornar ainda mais arrogante quem já arrogantemente as coloca.»

Sayen parou, hesitante o seu discurso.

«Isto é interessante, continua», insisti com ela.

«Babitha e Zainabu disseram-no: uma teoria errada provoca imenso sofrimento, ou pode provocá-lo. A hierarquização da classificação de seres vivos, a partir de uma interpretação presunçosa e errada dos mecanismos evolutivos, foi causa direta da morte de milhões de humanos não brancos, não ocidentais ou de humanos brancos identificados como menos

“nobre”. Foram atribuídas crenças às medições, em vez de procurar explicações para as variações encontradas. Estas crenças decorriam de um determinado paradigma, pelo qual forças transcendentes originaram a criação do universo. Estas forças, por sua vez, foram simbolizadas como masculinas. O modelo era a variante de ancião, oriundo daquela parte da zona 2 que antes da Refundição era conhecida como Médio e Próximo Oriente.» Sayen estava agora mais segura e entusiasmada e continuou: «Sabem que tenho estudado a aprendizagem em geral e a dos humanos em particular, sobretudo a das crianças. Antes da Refundição era comum encontrar nas escolas superiores e nas universidades um ramo das ciências humanas designada como ‘ciências da educação’.»
Maria interveio: «Não te esqueças o que vais dizer, só quero fazer um aparte. Este termo é das línguas latinas. Em línguas germânicas encontramos termos como *Erziehungswissenschaften* ou *onderwijswetenschappen*, em tradução literal seria “ciências de ensino”. Em muitas línguas o conceito *pedagogia* está associado à educação e, mais frequentemente, ao ensino. Então, quando se fala de ciências pedagógicas, coloca-se antes a tónica no ‘como fazer’.» Rematou, brincando: «Diria que, nas ciências de educação, estamos mais próximos do engenheiro, do que do cientista. Mas continua, Sayen, desculpa a interrupção.»
Sayen retomou: «O que estás a dizer, apoia o meu raciocínio Maria. Eu diria que o hábito de classificar, e depois de hierarquizar tudo, inclusivamente os próprios ramos da ciência, criou a ilusão que existe alguma coisa como ciências da educação. Se queremos mesmo classificar, eu diria que

podemos considerar o domínio da História, e nela, o sub-domínio de história da relação educativa. Consideramos a psicologia como a ciência humana que nos ajuda a perceber a relação educativa, sub-domínio do estudo das relações do *Eu* com o *Outro*. Podemos pensar na sociologia, o estudo da sociedade, e ver como sub-domínio o estudo da influência de uma determinada organização societal sobre a relação educativa. Depois, criam-se utensílios para o 'como fazer'. A ilusão de ciência fez-nos perder de vista a aprendizagem. A *educação que apoia* a aprendizagem transformou-se em *ensino que origina* aprendizagem. E a psicologia, bem como a sociologia, colocaram-se ao serviço desta inversão.

Tirando raras excepções, os bem sucedidos psicólogos dos hectanos 120 e 121 não procuravam perceber como aprendemos, mas diagnosticavam porque é que um indivíduo não aprendia aquilo que lhe era ensinado, propondo engenharias adaptados. Recorriam a instrumentos sem fundamento cientifico, como a medição do Quociente de Inteligência. O resultado líquido de toda a operação foi muitas vezes de manter na ignorância o alvo do diagnóstico. A mal-interpretação das pessoas com trissomia como se elas eram incapazes de aprender é só um exemplo gritante. Mas há mais, sobretudo na área da comunicação, como Binh, Alberto e Liberty aqui, bem sabem. A proposta de teorizar a aprendizagem humana numa matriz sócio-histórica e sócio-cultural só começou a ser mais aceite, e só entre especialistas, em meados do 120.º hectano. Esta interpretação do fenómeno da aprendizagem humana apresenta-a na essência como uma

aprendizagem dialogada, na qual quem aprende é protagonista e o interlocutor apoia. Existem frequentes inversões de papeis, entre aprendente e apoiante. Esta interpretação do fenómeno da aprendizagem foi violentamente atacada por uma quase dogmática defesa do princípio de ensino-aprendizagem.

Por sua vez, este dogmatismo podia bem estar relacionado com a atitude de muitos sociólogos de antes da Refundição. Regra geral, muitos entre eles interpretavam os grupos societais em função do presente no qual viviam, hierarquizando diferentes tipos de organização comunitária e societária do mal para o bom. Raramente procuravam entender as relações sociais e societais favoráveis à aprendizagem. Voluntária ou involuntariamente influenciaram detentores de poder que imaginavam modos de criar coesão social, recorrendo a símbolos locais. Destes símbolos faziam parte uma ideia de cultura da Nação, uma bandeira, uma moeda nacional, entre outros. Nos hectanos 119 e 120, poucos educadores consideravam ridículo, muito menos perigoso, de ministrar programas educativos nos quais recursos naturais eram associados a constructos de dominação hierárquico, fruto do acaso da história dos humanos. Falava se assim de ouro sul-africano, de carvão alemão e britânico, de petróleo árabe… a lista é longa… Debatia-se seriamente sobre o alcance de acordos entre Estados que definiam onde o peixe perdia por exemplo a nacionalidade dinamarquesa para ficar apátrida. Em todo lado aplicava-se a lógica de posse, em vez de uma de uso.

Ao longo da história pré-Refundição, não só se cultivou intensivamente o conceito de posse, como também o de crescimento. Mau era não haver crescimento. Contudo, queria-se um crescimento sustentável. Ao longo do hectano 120 eram poucos os sociólogos a argumentar que esta interpretação de crescimento sustentável significava cada vez mais posses para cada vez menos pessoas, a custo de todos os outros.»

Moana tinha estado muito atenta a este longo discurso de Sayen. Agora interveio: «Eu gostava de estudar um pouco contigo a relação entre os educadores e os sociólogos dos últimos tempos de antes da Refundição. Liberty e Zainabu, penso que alguma reflexão entre nós as quatro, poderá eventualmente ser um contributo para a preparação da cooperação com comunidades mais afastadas, como as das luas de Jupiter, para as quais se prepara uma grande expedição.

Entretanto, vai haver em breve um apelo para trabalho voluntário, novamente focado sobre o diálogo com as comunidades de Marte. Muita criatividade será necessária para abordar a aprendizagem das crianças baseada em termos pluralistas, numa comunidade marcada por esta ânsia do crescimento sustentável, mesmo se a sua realidade está cada vez mais afastada do dogma cultivado. Penso que podemos contribuir para sugerir formas não invasoras ou doutrinárias para abordar a re-interpretação da sua realidade.»

Idrissa acrescentou: «Permitem que ainda introduzo aqui um modelo de trabalho, de uso mais frequente nas ciências humanas e sociais do que nas ciências da natureza? Aprendi com o estudo das irmãs Demeester e com a análise

ignarométrica para a qual a avó de Alberto contribuiu no início da Refundição, a importância da abordagem fenomenológica. Tal como, com o Conselho Interpolis, temos o cuidado de não considerar o conceito de comunidade em abstrato, mas sim de trabalhar a partir de cada comunidade-polis em particular. Penso que deveremos interagir da mesma forma com as comunidades descendentes de Elysium.»

«Parecem-me duas excelentes propostas, a de Moana e a de Idrissa», afirmei. «Pessoalmente, sempre gostei muito da abordagem fenomenológica.»

«E eu, pessoalmente, vou estar atento para que não desenvolvas uma atitude dogmática, relativa à tua técnica científica predilecta, retorquiu Maria. E agora, caras e caros, não acham que são mais do que horas para almoçar?»

Levantámo-nos para nos dirigir à zona de preparação de refeições.

Lev pegou Maria pelo braço e começou: «Agora, acerca do hub *Pythagoras*…»

A perigosa vida de um curador

Estávamos, alguns dias mais tarde, a digerir o excelente jantar para o qual a minha irmã Olívia nos tinha convidado de participar. Alguns dos presentes tinham-se sentado nas cadeiras confortáveis, outros sentaram-se no chão. As conversas eram quase murmúrios. De vez em quando instalava-se um curto silêncio. Num destes silêncios, Dulan virou-se para mim: «Alberto, não tens nenhuma história para

contar?»

«Posso-vos contar um dia da vida de um curador», disse sorrindo, depois de pensar um pouco.
«Como sabem, os meus pais, aqui presentes, convenceram-me de embarcar na perigosa aventura de trabalhar no maior edifício da polis. Foi-me indicado um canto onde me podia instalar. Escolhi seguir passos ancestrais e tornei-me guia de aprendizagens, sobretudo de crianças. A secção de divulgação infantil era o meu poiso tranquilo. Quando comecei a estar diariamente disponível para quem me procurasse, nos anos '70, ainda era possível ver o fim do corredor, do outro lado do edifício. Hoje, o corredor perde-se no meio dos acrescentos. À medida que se começou a encontrar documentos em bibliotecas soterradas, *Paraíso* tornou-se Bibliopolis e *La Ultima Rosa* rebatizou-se Culturopolis. Dois polos digitalmente unidos que guardam grande parte do espólio do conhecimento e da criatividade humana na sua biblioteca central. Ambos os polis têm estes edifícios sempre em crescimento. A pequena parte da Biblioteca Central onde me situo é cada vez mais pequena em relação ao todo. Não porque encolheu, mas porque o resto cresceu. Tornei-me curador-formiga e também sou antropogogo. Guio crianças e adultos que definem os seus percursos de aprendizagem. Guio guiado. Vejam…

Avisaram-me há duas semanas que tinha chegado uma remessa de documentos de Megabelgium e de Megalissipo por Magneto. A remessa incluía algumas cartas de John Demeester, retiradas de um arquivo de uma associação local,

algures em Megabelgium e também cadernos de notas, talvez da Greta Campos, relativos à biblioteca Paulo Demeester em Megalissipo. De *Gwendolyn Brooks* a remessa foi enviada para *Biblioteca Este*. Lá podia consultar e extrair o que interessava ao EJCD.

A semana passada, dei um pequeno salto para o desconhecido. Digo-vos. O meu último grande salto para o desconhecido foi em 121.91, quando, para chegar ao espólio Paulo Demeester, tive que aprender e aplicar algumas técnicas de espeleologia, na zona não habitada de Megalissipo. E agora era me dada a oportunidade de enfrentar as entranhas da Biblioteca Central.

Como sabem, O EJCD que está prestes a abrir é facilmente acessível através da entrada *Bi-Oeste*. As salas do espaço estão na fronteira entre sociologia e psicologia. A entrada *Bi-Este* fica a dois quilómetros e meio, indo por dentro. Contornando o edifício, utilizando os trilhos pedestres no parque central, é preciso contar com mais 1000 metros. Meia hora a pé por dentro, três quartos de hora por fora.

Umut estava comigo e sugeriu-me fazer o percurso interno, recorrendo a uma daquelas cómodas trotinetes eléctricas. Na primeira curva, deslizei e tombei. Considerei ser mais prudente prosseguir a pé. Uma caminhada de um quarto de hora, levou-me ao átrio central. O meu pé direito doía-me cada vez mais. No corredor que liga o átrio central a porta *Bi-Sul* existe um ponto de entrega de analgésicos e pomadas para torções. Não por acaso. Quando expliquei o que procurava, o voluntário sorriu e perguntou-me se tinha andado numa das novas trotinetes. Pelos vistos fui cobaia sem o perceber: esta nova

versão estava a mostrar-se claramente defeituosa.
Pensei, já que estou perto da porta *Bi-Sul*, posso bem continuar por fora, em vez de voltar ao átrio central. Mal passei a porta, tive que me desviar para evitar que um colega-cobaia em trotinete defeituoso chocasse comigo. Evitei-o, mas tombei uma segunda vez. Choquei com um cacto enorme. Dez minutos depois, livre de agulhas de cacto, retomei caminho para a porta *Bi-Este*.
Cheguei finalmente à Biblioteca Este. O identificador abriu-me a porta para a zona de desembarque de novos documentos. Desci uma longa escada. Parecia uma daquelas que vemos em cenas de filme do 119.º hectano, em estações de comboios subterrâneos. Cheguei a algo que identifiquei como uma plataforma. À minha esquerda um tapete rolante, parado, subia em plano inclinado, até se perder no escuro. Talvez era por onde as remessas descendiam, depois de sair do CUA. A cada lado da extremidade do tapete, amontoavam-se aquelas arcas de madeira, utilizados para o transporte de documentos. Intuitivamente aproximei-me de outro identificador. Um trilho de luzes led acendeu-se. Percebi que devia seguir as luzes que me mostravam o caminho no labirinto de material empacotado. Achei estranho que uma encomenda de apenas duas semanas atrás podia ficar tão longe da entrada, mas continuei a andar. Rapidamente, tornou-se ainda mais bizarro. Já não eram arcas por entre as quais me movia, mas pilhas de livros e estantes com resmas de papeis.
Parei para olhar melhor o que estava a minha volta. Os livros tinham indícios de proveniência variada. Muitos

tinham marcas de arquivo. Havia livros repetidos. Encontrava-me claramente numa zona de empilhamento relativo a artes cénicas. Frente aos livros, havia resmas de papel. Entendi rapidamente que eram transcrições originais de livros decorados, por quem os tinha trazido de memória a *Paraíso dos Livros*. Algumas transcrições mais velhas, ainda com datas em anotação gregoriana, eram manuscritas. Tinham na folha de rosto, além da data de chegada, o nome do livro, e, nalguns casos, o nome de quem o tinha memorizado. Fiquei de tal modo absorvido, que só tardiamente me apercebi que atrás de mim as luzes led do caminho já percorrido se apagavam e que a escuridão aproximava-se de mim. Parti do princípio que haveria um sensor que me posicione no sistema, mantendo acesas as luzes a minha frente. Avancei relutantemente, quando a escuridão estava prestas a me engolir.

Já só estavam para se apagar um ou dois metros de luzes de caminho percorrido, quando contive a respiração: mesmo na minha frente, a capa dizia *Close Encounters with Humankind* e … Greta Campos. Greta, a avó da minha bisavó! Devido à leitura do diário dela, sempre suspeitámos que tinha memorizado um livro antes de iniciar o caminho para *Paraíso*! Agora estava aqui a prova, mesmo à minha frente. E que livro! Um que enfatizava a importância da relação entre avós e netos. Uma surpresa para mim, que iria ser também surpresa para o meu pai.

Olhei para o outro lado do corredor. Sim, havia ali alguns exemplares dessa obra de Sang-Hee Lee e Shin-Young Yoon.

Como passamos a nos aperceber ao longo das últimas décadas, de muitos dos livros que tinham sido memorizado existiam afinal exemplares soterradas, embora nem sempre em muitas línguas. Mas devia ser por isso mesmo que a versão manuscrita foi aqui parar, junto com uma edição que me parecia em coreano, outras em português e ainda outra francês. Estava a tentar lembrar-me o que constava do espólio no EJCD, quando as luzes se apagaram, não só no caminho percorrido, mas também no caminho a percorrer. Seria interessante ver o que Greta transcreveu para o papel e comparar com um dos exemplares em inglês que sobreviveram ao holocausto dos livros e de quem os procurava proteger, na época dos *Qli-Cu-Clãs*, os temíveis Clãs de Queimadores de Livros e Cultura.

Entretanto, fiquei no escuro completo, tropecei e tombei pela terceira vez. Apalpava o conteúdo da minha sacola. Obviamente não tinha comigo nenhum equipamento para explorar cavernas. Só tinha vindo buscar uma simples encomenda. A sacola continha o tubo de pomada e, na bolsa de frente, dois copos de fibra dura, ligados por uma corda fina. Ficaram lá esquecidos. Lembrei-me ter explorado há dias, com algumas crianças, a transmissão da voz através do fio esticado entre os dois copos.

Levantei-me mais uma vez. Esperei algum tempo, para habituar os meus olhos ao escuro. Duvidava que seria capaz de voltar pelos meus passos até o identificador. E não podia imaginar onde ficava o meu destino. Só me lembrei que devia ter tratado do almoço, na zona de elaboração de refeições antes de descer. Teria evitado o meu estado de jejum. Mas, ao mesmo tempo este pensamento parecia-me fútil. Há pouco não

sabia que ia descer, nem que ia ficar perdido no escuro de um labirinto que, afinal, era muito maior de que alguma vez tinha imaginado. Soltei um riso um nadinha nervoso. Estava num dos túneis de conhecimento, no escuro, ninguém sabia que estava aqui, e eu só me lembrava que devia ter comido.

Agora que estava parado, obviamente, o meu pé começou a doer imenso. Sentei-me para untar a zona que doía mais com a pomada. Levantei-me. O lado do corredor que guardava os documentos transcritos parecia emanar aqui e acolá uma ténue luz fosforescente. Capas com realces certamente. Como o corredor a percorrer tinha estado iluminado, pelo menos durante algum tempo, teria indicações do caminho, seguindo a escrita assinalada.

Coloquei a transcrição de Greta e o exemplar em francês junto do telefone de corda. Deixei uma folha de agenda no local de onde retirei a transcrição, no qual escrevi o meu nome, e continuei a minha caminhada.

Pois, não voltei para trás. Ninguém que pense meio minuto faria isso. Estava tão fixado na encomenda, que continuei à sua procura, guiado pelos escritos que, embora mais ténue, ainda me iluminavam o caminho.

E depois, acabou a fosforescência à minha frente. Terão acabados os papeis, havendo só arcas e livros, ou terá terminada a devolução da luz? Olhei para trás e continuava a ver alguma fosforescência.

Ocorreu-me que podia ter chegado ao local para onde o identificador me quis levar em primeira instância. Apalpei. De facto estava aqui uma pequena arca, não senti nem livros, nem

papeis. O que fazer… Não conseguia levar tudo isso para trás, num caminho que, tudo somado, me parecia ter levado imenso tempo. Mas também não queria chegar de mãos vazias ao EJCD e, de seguida, fazer outra viagem pelas catacumbas da biblioteca. Bem, verdade seja dita, tinha o livro ditado e manuscrito a partir da memória de Greta. Sentei-me para pensar o que fazer. Irritado com a minha própria indecisão, levantei-me, e comecei a andar alguns passos para frente, alguns para trás, alargando pouco a pouco o vai e vem. Não sei durante quanto tempo andei assim de trás para frente, mas sei que de repente bati com alguma força com a cabeça no que me parecia ser uma barra horizontal de ferro. Apalpei. Era uma escada de parede! Comecei a subir. Depois de pouco tempo, senti que estava dentro de um cilindro. Continuei a trepar, pensando que poderia muito bem tratar-se duma conduta de ar. Depois de mais algum tempo, uma ligeira curva e a seguir uma abundância de luz! Pouco depois ouvi o som de vozes. Cheguei a uma grelha de parede. Percebi que estava a olhar para uma zona de refeições. Tirei um lápis do meu bolso e escrevi num dos copos: *por favor, agarra, estica a corda e quando estiver esticada, coloca o copo no ouvido*. Com algum jeito consegui fazer descer o copo, segurando o fio. Deixei de sentir o peso do copo e deduzi que tinha chegado a uma mesa ou ao chão. Senti movimento! Alguém agarrou no copo e deslocou-se para o centro do espaço de refeições, esticando assim o fio. Reconheci logo a pessoa. Ela segurou o copo no ouvido e eu sussurrei no outro que coloquei frente a minha boca: “Então Umut, a lanchar sozinha?”. O salto que ela deu,

quando ouviu a minha voz, vindo das alturas, foi memorável. Continuei: “do céu liga-te um Alberto, pronto para te revelar o achado. Podes providenciar uma escada e uma chave de fendas?” A escada apareceu, e nela apareceu Umut com a chave de fendas. Desaparafusou a grade. Recuei até a curva do tubo onde consegui virar-me de modo a voltar para a saída do tubo de marcha atrás e descer pela escada.

Umut levou-me até a mesa onde estavam alguns dos co-autores do EJCD. Tentaram dar-me algo para comer, mas não consegui engolir nada. O jejum e a caminhada dentro do túnel da escrita armazenada tinha me paralisado a garganta… Deambulei com os outros para a nossa sala de trabalho.

Vi logo. No centro da sala estava, como por milagre, a arca com a remessa de documentos provenientes da zona 2.

Esfreguei os olhos, e esfregando a luz mudou. Parecia que a minha cabeça voltou a abrir-se para o mundo.

Delun olhou para mim e disse: “Ah! Acordaste. Já temos aqui a remessa. Não leves à mal que não esperámos por ti para abrir a arca. Parece-me ter alguns documentos interessantes sobre a criação de mitos. São pensamentos de Claudius Cardinalis.”

Respondi: “e eu tenho algo de formidável que encontrei nas caves da biblioteca”, tirando a cópia manuscrita de *Close Encounters with Humankind* da minha sacola, colocando-a na mesa. Umut fixou-me e perguntou: “E quando é que tiveste nas *CAVES* da biblioteca, tu?” “Agora mesmo”, respondi “Foste tu, aliás, que …”. Calei-me porque me apercebi que algo não podia estar certo. “Há quanto tempo que estão aqui”, perguntei. “Pouco mais do que um quarto de hora,” respondeu

Delun, “o tempo de ir buscar a arca e voltar para cá…”.
Levantei-me da cadeira, abri os braços e declamei: “Não. Não foi assim. Fomos guiados e foi-me revelado o manuscrito daquilo que foi memorizado”. Gesticulei e abanava cada vez mais a minha cabeça.
“Alberto, Alberto, Alberto, acorda.”
Maria estava ao meu lado, abanando-me. “Deves ter tido um pesadelo, estavas quase a saltar da tua cadeira”.
Pouco depois ouvimos a porta da casa abrir. Entraram Delun, Umut, Catherine e Idrissa. Este último anunciou: “Alberto, a remessa da Zona 2. Tem coisas muito interessantes. Mas ainda mais interessante é o que do arquivo nos chegou …” “um manuscrito do livro memorizado por Greta Campos”, conclui.
Vi olhares de espanto.
Virei-me para Umut e anunciei:
“E se, cara amiga Umut, te dissesse que tive uma revelação que vos comunico agora: o caminho foi-me anunciado. Na escuridão entrou a luz, e com ela, também a escrita que nos revela a nossa história e nos leva à arca do conhecimento. Peço-te, Conhecida do Assunto: Elabora o relato e o significado da minha experiência mística. Sê a minha porta-voz, a minha sacerdotisa. Façamos entrar a nossa experiência nos livros sagrados da nossa saga dinástica. Organizemos sessões de leitura acompanhada desta e outras histórias, para salvaguardar os nosso adeptos, leitores, de mal-interpretações”.
Eis um dia particular da vida do curador. Pensei nessa vida de quem explica e enquadra factos e acontecimentos. Ela tem facetas misteriosas, para não dizer eventualmente perigosas.

Como fazer para explicar bem as coisas, e manter a comunidade dos fiéis no caminho certo…»

Acabei a minha história e instalou-se um silêncio. Catherine e Liberty começaram a rir e Maria disse: «*Curatorium ex cellario et Deus ex machina*.»
Olívia aproximou-se de mim: «Nem sabes como pode ser perigosa a vida de um curador que brinca com o mito. Tive uma revelação de como curadores ficam molhados quando querem caminhar na água.»
Adivinha-se o resto. Acabei encharcado no tanque de água das crianças, no jardim de Olívia.
Odeio celebrações de anos.

Ketwromehns

E agora, declaro em público

Percorrendo o meu diário do ano 121.08, encontro algumas anotações de conversas com a minha filha Liberty. Percebo pouco do que ela faz relacionado com a Inteligência Artificial. Percebo um pouco melhor do que se trata quando falamos de etologia. O que não me tinha ocorrido, é que existe sempre uma certa artificialidade na inteligência.

Dizemos Inteligência Artificial e pensamos em objetos (seres?) não biológicos que convivem connosco… Não? Sim! Aposto que não está a visualizar os CUA e os VTE[1] no preciso momento em que evoco o conceito de "*inteligência artificial*"? E quando digo automatização eficaz? *What's in a word*? Eficaz porque? Porque não temos registo de acidentes ou porque podemos confiar na máquina que nos irá levar para onde queremos ir? Ela interpreta informação em função do conhecimento que tem da planta armazenada da polis. Os sensores fazem o resto.

Parece simples.

Parece que é o que também acontece nos seres biológicos.

Se entendo o que Liberty me conta, a etologia hoje não se limita a estudar o comportamento animal, mas tenta interpretar também como o comportamento se altera em função de novo conhecimento. Como o fazem os psicólogos que estudam o comportamento humano.

O que me parece interessante é de ver que um comportamento

[1] Comboio Urbano Automático e Veículo Terrestre Elétrico, ver página 33 e seguintes.

alterado em função de nova informação resulta do processamento desta informação. No caso dos humanos - e talvez de alguns outros animais - o processamento implica um certo grau de abstração; implica a elaboração de um esquema que permite a interpretação da realidade. Dito assim, argumentava-me Liberty um dia, é difícil considerar inteligência como natural ou artificial. Inteligência é uma abordagem da realidade. A realidade é plural, ela é como um ser a consegue captar com os sensores e a reação a ela depende do modo como é interpretado o que se captou, em função de esquemas anteriores.

«Colocando a questão nestes termos, dirias então que inteligência tem sempre um aspecto de artificialidade? Que mesmo a lógica e a emoção às quais um ser humano recorre para estabelecer um esquema de pensamento, integram esta artificialidade?», perguntei.

«Eventualmente», respondeu Liberty. «Às vezes é pena não podermos discutir com pessoas do passado. Durante o meu percurso, cruzei me com um pequeno grupo de pessoas da zona 3, que diziam não só ter estudado mas também percebido um livro icónico de Douglass Hofstadter, cientista do 119.º hectano. Gostava imenso poder discutir com ele o avanço nos conceitos de inteligência e artificialidade.

A mãe disse-me que se, no tempo de Hofstadter, alguém tivesse avançado em público com a ideia da generalização do conceito de artificialidade, quando falamos de inteligência, teria sido considerado um protestante do 119.º hectano.»

«A Maria disse isso porquê?», estranhei.

Liberty sorriu. «Penso que foi uma piada de etimóloga. A origem da palavra protestar remonta pelo menos ao francês do 113.º hectano, formado do Latim *'testari*' ou *'testis'* que podemos interpretar como declarar, testemunhar. Reconhecemos esta raiz também em 'testamento'. Precede-se *pro* que pode significar 'para' no sentido de 'eu estou para' ou mesmo 'eu assumo'. Dito desta forma, protestar equivale 'assumir a sua declaração ou o seu testemunho perante outros', ou seja, declarar em público. Foi mais ou menos este significado que foi dado ao termo protestantismo, no âmbito das divergências teológicas e políticas dentro da família religiosa do cristianismo.»

«Teológico e político?» questionei.

«Foi o que entendi das minhas conversas com Delun e Umut», respondeu Liberty. «O termo protestantismo, com o qual foi cunhado a corrente do cristianismo iniciada por Luther, não resulta da ação do próprio. Martin Luther questionou a autoridade do Papa, no que se refere às indulgências. Essa era, digamos, a ação *política* dele. Baseava-se num pensamento *teológico*. Luther argumentava que a salvação da pessoa só podia ser alcançada pela fé e não através de regras e ações, incluindo comerciais, da Igreja. Em segundo lugar, dogmas e doutrinas deviam ser sempre compatíveis com as Escrituras. Estas duas teses eram conhecidas como *sola fide* e *sola scriptura*.»

«E assim fica claro que Luther não estava a promover uma maior independência de Deus, mas uma maior independência daquilo que ele considerava ser a arrogância dos líderes da

Igreja», acrescentei.
«Sim. A insistência de traduzir a bíblia das línguas sagradas para as línguas vernáculas tinha a ver com o argumento que as Escrituras deviam ser conhecidas de todos sem intermédio de quem dominava a língua Latina, ou ainda o Grego antigo, considerada por muitos, e durante muito tempo, a língua usada pelo Espírito Santo», completava Liberty.
«E desconfio muito que a insistência, em meios protestantes para que as pessoas aprendessem todas a ler, tinha a ver com isso, mais do que com o pensamento humanista de disponibilizar o conhecimento humano a todos. Mesmo havendo quem considerasse a divulgação do conhecimento muito importante, como foi o caso de Comenius, uns cem anos depois Luther ter tornado público as noventa e cinco teses», concluí. «Mas estavas a falar da origem da designação 'protestantes' para esta corrente da religião cristã…».
«Pois, essa teve a ver com a política dos príncipes locais do Sacro Império Romano, como ficou conhecido a região central da Zona 2 ocidental, na época em que vivia a 1.ª dinastia da nossa saga. Os príncipes estavam em desacordo com o imperador católico Carlos V e viam na tese de Luther da falibilidade do Papa uma oportunidade para eles próprios ganhar mais poder. Houve um Édito, banindo as teses, depois houve mais duas, ambas na cidade de Speyers: uma primeira, ambígua em relação a tolerância religiosa e pouco tempo depois uma segunda, afirmando que o Imperador não iria tolerar o seguimento das teses de Luther. Chegaram até nós alguns indícios, que, mais uma vez, era tudo uma questão de

poder, promovido pela posse de bens materiais e da moeda que simboliza a riqueza. Para proteger o negócio muito rentável de venda de indulgências, os senhores da igreja terão convencido o Imperador que Luther era uma real ameaça ao seu próprio poder. Foi então que os príncipes locais declararam em público que não iriam acatar as ordens do Imperador. Este tinha-se tornado o reinante de todo o Sacro Império segundo as regras de heranças e de linhagem então vigentes, todas protegidas através da autoridade da Igreja Católica. Uma brecha na infalibilidade do Papa dava espaço de manobra aos príncipes locais. Foi mais ou menos isso que Umut e Delun me transmitiram», terminou Liberty.

Esta conversa com Liberty foi importante. Alias, dá-me imenso prazer saber que, desde que me tornei pai de duas filhas, as conversas com elas encontram-se entre as mais importantes da minha vida.

Em termos claros, poderíamos dizer que os príncipes que se declararam foram simples oportunistas, que queriam afirmar o seu próprio poder. De parte a parte, iniciaram-se mais de cem anos de sangrentos conflitos e guerras. Quem mais sofreu, foram, inevitavelmente, os que tinham menos posses ou menos poder.
Não me parece que, ao longo de todo o conflito, existia maior razão ou melhor apropriação da tal palavra de Deus, seja por um lado, seja por outro. A igreja católica, em nome da defesa do seu ponto de vista, de ser a instituição que representa o poder divino na terra, condenou à morte quem considerava

representar uma ameaça, deixando o trabalho sujo da execução dos condenados ao poder civil. Inquisidores limpavam assim as suas mãos, numa falsa inocência que eles próprios concetualizaram. Líderes fanáticos do lado dos protestantes moviam pessoas mal informadas para a destruição de muita arte sacra, repudiando o paganismo que apontavam estar por trás de imagens e esculturas. Levaram à morte muitos cristãos católicos tal como estes levaram a morte muitos cristãos de outras correntes. É fácil fazer esta leitura agora, era certamente difícil fazê-la na altura.

Da informação acerca de antepassados nossos nos hectanos 116 e 117, apercebemo-nos que, nos círculos em que se moviam, já estavam bem assentes as quatro grandes correntes do protestantismo: o anabaptismo, o anglicanismo, o calvinismo e o luteranismo. Se alguma informação temos acerca dos nossos antepassados da 1.ª dinastia em relação à sua ligação com a religião, diria que se situavam na esfera do protestantismo luterano. O agnosticismo "*avant la lettre*" aparece nas gerações que questionam a conivência do poder religioso com a escravatura. Poderíamos dizer que os nossos antepassados da 2.ª dinastia e até a Refundição se apresentavam claramente como agnósticos. Na 1.ª geração encontramos o que poderíamos chamar de *Xenophanistas* ou *Protagoristas* se assim definíssemos 'correntes' inexistentes.
Entretanto é legítimo colocar a questão se a Reforma que o protestantismo inicia, corresponde a uma reforma humanista ou não. Uma figura incontornável do Humanismo Cristão é certamente Erasmo. E este pensador nunca deixou a Igreja

Católica. Mas ao mesmo tempo, podemos, hoje, questionar se o Humanismo Cristão não continuou a ser um modo de ver o mundo à luz de valores morais provenientes unicamente da zona 2 e que não contemplavam uma ética humanista universal. Sugiro que continuemos a ler os autores no seu contexto. A sua busca pelas traduções mais corretas dos antigos textos, que originaram os textos sagrados que orientavam a sua fé, é interessante. À medida que se encontravam versões mais antigas, também se discutia mais a veracidade dessas e das outras versões. Existia sempre a dúvida, ao longo da história, se os textos transcritos eram efetivamente os textos que representam a verdadeira mensagem divina.

Um humanismo e uma mensagem divina que inferiorizava claramente umas pessoas perante as outras, soa-nos muito estranho, hoje. Mas antes da Refundição, tanto na fé como na ciência este fenómeno era quase omnipresente. Já apontei o problema da influência da sociedade sobre o pensamento do cientista que nela vive. Aqui aponto que a mesma coisa acontece na fé, tendo a intolerância como consequência.

Padece de coerência a intolerância dos líderes cristãos católicos relativa não só em relação aos cristãos protestantes como também às outras religiões monoteístas. Já parece mais estranho ver que quem exige tolerância religiosa para os próprios seguidores não o tenha para com outras religiões. De Luther é referido que aconselhava, inclusivamente ao Imperador Católico, de levantar as armas contra os seguidores do Islão, não tanto por razões religiosos mas por razões de

defesa do território. É possível. Seja como for, também eram conhecidas as posições fortemente anti-semitas de Luther. Quatro hectanos depois da sua morte, a sua zona de influência tinha mudado algumas vezes de nome e chamava-se então Alemanha. No ano de 119.33, numa enorme manifestação de protestantes, terão sido aprovadas resoluções considerando que o recém ato de empossar o ditador Adolf Hitler, significava a conclusão da Reforma e que era necessário de retirar o Antigo Testamento da Sagrada Escritura, por este ser obra do povo hebraico.
A intolerância nunca teve dono único. Convém lembrar a mundivisão fechada de congregações bíblicas e protestantes, em determinados sítios. Mas até a Refundição, outras religiões tinham de conviver com grupos mais intolerantes no seu seio. Em todas as religiões, em todas as épocas, em todos os relatos de conflitos, o bárbaro era sempre o outro, o culto estava sempre entre os parceiros. Quem se aventurava em estudar e trazer a sabedoria e o conhecimento daquele que era apresentado como bárbaro, infiel e inculto, era logo suspeito de ter celebrado pactos com o diabo, mesmo depois de ter ocupado o trono papal. Claudius Cardinalis lembra-nos o episódio de Gerbert, papa com o nome de Silvestre II.

A época em que iniciamos a história da nossa dinastia era uma época conturbada, como muitas outras antes e muitas outras depois. Era conturbada devido à arrogância e à intolerância a ela associada, que facilmente podia levar informados e ignorantes para as maiores atrocidades em nome da religião, da salvaguarda dos valores morais

anunciados, valores nem por isso sempre respeitados por quem os pregoava.

Liberty, Babitha, Delun, Umut e Zainabu discutiram comigo como íamos abordar a figura de Comenius, que deixou marca na 1.ª dinastia. A nossa prudente abordagem foi de falar de Comenius na sua qualidade de educador que parecia manifestar preocupação em que todos tivessem a possibilidade de adquirir todo o conhecimento disponível no seu tempo. A sua posição relativamente às ciências da natureza era mais conservadora, muito provavelmente fruto da época. A pansofia baseava-se claramente no paradigma do criacionismo. Comenius valorizava o empirismo de Bacon. O próprio Bacon considerava este novo método essencial para entender a criação de Deus evitando assim a fuga para a superstição.

Foi só dois hectanos mais tarde que Darwin e Mendel trouxeram um outro paradigma, o da evolução. O último parece ter-se inspirado no trabalho de Comenius.

A desconfiança era grande, em relação a ambos. Tanto Darwin como Mendel chegaram a ser hostilizados. Porém, tudo considerado, quem adoptou a atitude de cientista percebeu que a hipótese do criacionismo não explicava muitos factos e achados e acabou por aceitar que a nova hipótese, a da evolução, explicava bem melhor o que a observação do terreno revelava. Pode aos cientistas contemporâneos de Darwin e Mendel ter-lhes custado esta mudança de paradigma e até podem ter resistido durante algum tempo. Mas, no fim, como cientista, aceitaram a hipótese, exatamente porque melhor integrou o observado.

Pelo contrário, quem adoptou a atitude de autocrata arrogante, quem construiu o seu poder sobre a deificação de uma hipótese explicativa, associando-lhe mitos para o que era inexplicável, esse não aceitava a mudança de paradigma. Não podia, estava confinado ao criacionismo. E ficou mesmo hostil em relação a quem apresentou e depois adoptou o novo paradigma da evolução.
Não é fácil imaginar como cientistas reagiriam a novas hipóteses, antes da Refundição, se tivessem vivido no que só lhes poderia parecer uma utopia: um contexto social menos influenciado pelo poder autoritário e intimidante sobre as pessoas e as relações entre elas.

Liberdade de pensar e liberdade de acreditar não é a mesma coisa.
Existe liberdade de acreditar, havendo, apesar de tudo, um certo condicionamento societal? Talvez.
Existe liberdade de pensamento, havendo, apesar de tudo, condicionamento provocado pelo *Zeitgeist*? Talvez não.
Tenho que retomar a conversa com Binh Pham, Delun, Umut e Zainabu a este respeito. Poderíamos refletir um pouco mais se foi de facto o humanismo que preparou caminho para as opções que coletivamente tomamos no início da Refundição, que alguns colocam em 121.40 e outros uma década mais tarde. Tenho as minhas dúvidas. Seja como for, trata-se de um acontecimento muito recente, de três gerações. O que se passou? Livramo-nos de dogmas, mantendo uma vida espiritual que alguns situem para si próprio no domínio do sentimento religioso? Tivemos um reencontro com uma ética

pluralista, depois de nos afastar colectivamente da crença no poder, baseado em posse, expresso por dígitos guardados em ficheiros informáticos? Conseguimos aprender a utilizar o modo como os nossos cérebros classificam informação só para entender melhor e não para hierarquizar?

Penso naquela geração toda de paleontólogos e antropólogos que condicionaram os seus contemporâneos quando fizeram valer a sua ânsia de hierarquizar. O seu raciocínio deveu-se provavelmente ao contexto social no qual viviam com zoólogos, naturalistas, astrónomos, líderes de estados laicos, clero e outros líderes espirituais do 118.º e 119.º hectano. Será que alguns entre eles precisavam dessa imposição de hierarquia às classificações que faziam, como se fosse uma espécie de indulgência, porque tinham consciência do sofrimento que provocavam em outros seres? Será que outros precisaram de um modelo hierarquizante para se tranquilizar porque sabiam que estavam a interromper o caminho em direção a uma sociedade mais convivêncial? Terá sido o fechamento sobre si próprio de uma casta de auto-proclamados donos do planeta e a sua hábil manipulação que provocou a cegueira dos súbditos?

Ética? Religião? Utopia?

Que sonhos prosseguiram os sábios dos outros tempos? Que sonhos eram aqueles dos educadores, dos pedagogos? A nossa dinastia? O sonho do Não-Lugar dos Não-Lugares, onde o poder regulador seria exercido entre representantes não vitalícios dos contemplados nas decisões? Ou sem representantes?

Foi essa a mensagem de quem se revoltava contra monarquias absolutas e a dominação feita por um pequeno grupo de senhores? Ou tratava-se de falácias, de engodos, de quem já se via como Novo Senhor? Era um discurso consciente de arruaceiros e agitadores, eles próprios facilmente corrompidos pela combinação de posse e novas linhagens? Ou tratava-se da manutenção de uma ilusão mortal de indivíduos obcecados pela posse, inconscientes da finitude do planeta, de que falavam filósofos como Albert Jacquard e sociólogos como Ruth Levitas, pouco mais de cem anos antes de se iniciar o projeto Elysium, que lhes confirmou de certa forma a sua tese? Com alguma ironia, Levitas lembrava o, no seu tempo apreciado divulgador e contador de histórias, David Attenborough, que terá dito: "*anyone who thinks that you can have infinite growth in a finite environment is either mad or an economist*".

Os meus pensamentos seguiram para a dinastia Magister-Auctor. As sucessivas gerações viveram todas no seu tempo e eram necessariamente condicionadas pela sociedade da qual fizeram parte. Contudo, o que parecia constante, e deu origem à matriz ignarométrica, foi uma atitude recorrente de geração em geração, expressa através de uma certa desconfiança em relação ao exercício do poder *sobre* o outro, mas, ao mesmo tempo, através da confiança no poder contido no exercício da autoria e da autoridade dialogada, em cooperação *com* os outros. Vimos essa atitude desde as primeiras conversas entre Wolfgang e Claudius, quando falam dos compêndios para ensinar a ler e da obra de Comenius.

Estava a chegar a esta parte do meu raciocínio quando Liberty se juntou a mim. Sem me aperceber, continuei, em voz alta: «Creio que teremos sempre que ler, o que nos chegou dum outro tempo, com os olhos de quem viveu naquele tempo.

Penso que convém não precipitarmos com juízos de valor rápidos. É difícil saber se alguém como Jan Amos Comenius teria sequer a possibilidade de imaginar a origem do mundo e das espécies sem ser pelo modelo de criacionismo… Não sabemos no presente momento se ele tinha conhecimento do pensamento de Anaximandro, da escola dos jónicos. E caso tivesse, não sabemos se este conhecimento o teria feito duvidar 'cientificamente'. Tudo indica que seguiria de qualquer forma o modelo criacionista.

Sabemos que Comenius herdou em 116.14 um exemplar de *De revolutionibus orbium coelestium*, o livro em que Copernicus retoma uma proposta do sistema planetário heliocêntrico, no seu tempo muito controverso nos círculos do poder.

Sabemos que a Igreja Católica colocou o livro não censurado no índice de livros proibidos por ser contrário às escrituras sagradas. Sabemos que o livro só foi retirado deste índice em 118.35.

Não sabemos se Comenius chegou a considerar ou não o heliocentrismo proposto por Copernicus. E se o fez, pelo que soubemos apurar, ele nunca o declarou em público…»

Liberty fitou-me e observou: «Pelos vistos continuaste a pensar no assunto, e voltaste ao Jan Amos…»

Continuou, sorrindo: «O que não sabemos? Se protestou em

relação ao heliocentrismo? Se protestou em relação ao geocentrismo? Ou se era um assunto sobre o qual não conseguia testemunhar?»

Danças com Lobos

Maria estava bastante admirada que nem o banho forçado em casa da Olívia me deteve para continuar a acompanhá-la em mais celebrações de aniversariantes.
«Ou será que não te vais cansar, enquanto encontras nessas ocasiões um público para ouvir as tuas histórias», perguntou, com sorriso ligeiramente trocista.

Estávamos na *spider* indo do *hub Hypatia*, onde a VTE nos tinha deixado, para *Umberto Eco*, onde mudaríamos para a circular central para sair no *hub Marta Nussbaum*. Íamo-nos encontrar em casa da Halona e Catherine. A festa era para Halona, não só por ter ficado um ano mais velha, mas também por ter terminado um estudo sobre padrões na escolha de nomes próprios feita por progenitores para descendentes.
«Digamos que me interessa o estudo de Halona. Talvez ela quer explicar-me se encontrou padrões distintos para épocas distintas», respondi.
«Continuas igual a ti próprio. Sabes, o teu critério para definir uma tarde bem passada numa festa pode muito bem ser diferente do critério do resto da população de Bibliopolis», continuou a provocar Maria. Ri. «Conheço pelo menos um pequeno grupo de pessoas que apreciam uma boa reflexão,

mesmo em encontros festivos. E se não me engano, fazes parte deste grupo. Mas gosto das tuas provocações.» Abracei-a.
Ficamos abraçados e em silêncio até chegarmos ao *hub* de mudança. Mal estávamos no cais, apareceu o comboio da circular central.
Quinze minutos depois, Catherine recebeu-nos, contente de ver que tinha acompanhado Maria. Já assumia a pose de grávida… uma mão na barriga, outra nas costas. Mas por mais que olhasse, não me era possível vislumbrar a próxima geração em formação.
Halona veio ter connosco: «Boa tarde, nobre brilhante», disse-me. Olhou para Maria e continuou: «Bem vinda, senhora amada. Ou preferes que digo senhora cética?»
Maria riu-se. «Já percebi que o teu estudo entrou também no meu campo de interesse. Mas foste simpática comigo. Cética é uma bonita interpretação da combinação de senhora, soberana, amada e azeda, ácida, amargurada. Quanto ao nosso *Adelberto*, menos dúvidas tenho que os pais lhe desejavam bom e sábio…»
Halona respondeu: «O leão que o diga.» Virou-se para os meus pais que acabavam de entrar e perguntou: «Lev e Sara, podemos ser um pouco indiscretos? Porque é que escolheram o nome de Alberto?» Sara respondeu-lhe: «Se queres ficar na simbologia arcaica, poderíamos dizer que um filho de um leão e uma dama ou princesa, só poderia ser um nobre brilhante, certo Maria?» Maria disse: «certo, se te referes à etimologia provável dos vossos nomes… quanto à nobreza da descendência… bem…» Catharine riu. «Pelo que percebi de

Halona, escolheram-me um nome mais incerto em termos de explicação… entre '*não sabemos mesmo*', casta, pura, rainha da magia e do encantamento, penso que prefiro ficar pelo 'não sabemos mesmo'.»
Sara retomou, dirigindo-se a Catherine: «Ficas a saber, minha neta, que escolhemos o nome do teu pai, porque havia na época em que ele nasceu, uma certa moda em lembrar pessoas da ciência ou das letras nos nomes dos recém-nascidos. Encontras, na geração dele, bastante nomes próprios que também aparecem algures num dos *hub* do CUA.»
Catherine simulou uma cara de desilusão: «Gostava mais da simbologia arcaica da Halona.»
«É interessante de ver», retomou Halona, «que, em todas as civilizações, muitos dos nomes próprios atribuem características positivas ao seu portador. O *sentido* de positivo depende, obviamente da época e da classe na qual nos movimentamos.»

«Falando de movimento», aproveitei, vendo os meus sobrinhos gémeos chegar. «Aqui vem Wolfgang ou *Vulfgang*, aquele que caminha com o lobo…», cumprimentei-os, olhando primeiro para Wolfgang e depois para David.
«Temos que falar com Erika e Ondjoy», brincou Halona. «David dificilmente pode ser considerado o lobo, com o qual o irmão caminha, a não ser que nos recordemos a história de David com Goliath. Ali poderia ser um lobo, no sentido da bravura combinada com a inteligência.»
Wolfgang disse: «Tenho uma outra proposta: sou quem domesticou o lobo, e por isso caminho com ele.» David deu-lhe

uma cotovelada: «Querias… de facto, eu tenho a bravura e a inteligência que aspiras, daí que quiseste nascer no mesmo momento como eu.»
Lev observou: «Podemos ainda pensar noutra coisa: a inteligência do lobo, como de outros predadores que caçam em grupo, observa-se na capacidade de trabalhar em conjunto. Quem anda com lobos valoriza, como os próprios lobos, o contacto social.» «Eis uma boa interpretação, digna de quem se voluntariou várias vezes como embaixador», observei.
Dito isso, a próxima hora a conversa tratava sobretudo da preparação e degustação da nossa refeição comum.

Catherine e Halona tinham também convidado Pablo. Depois da refeição, este observou: «Há pouco, quando entrei, ouvi-vos falar da história, ou do mito de David e Goliath. Se Umut estivesse cá, ela dava-nos certamente um enquadramento. Fiquei encantado com o que aprendi com ela acerca de uma expressão que utilizo muito e que era muito popular em *La ultima Rosa*, pelo que sei do meu avô: "*a caneta é mais poderosa que a espada*". A explicação mais utilizada para justificar a popularidade da expressão era que a comunidade de *La ultima Rosa* tinha provado que contra toda a força bruta de arrogantes e ignorantes, ao longo prazo, a elegância da palavra escrita era superior. Umut mostrou-me que há razões para duvidar desta explicação.»
«Antes de continuares, deixa-me só fazer uma observação», disse eu. «Penso que, no que se refere a expressões que se tornaram muito populares, não há explicações únicas, nem explicações mais corretas que outras. O uso de uma metáfora

ou de um provérbio enquadra-se no tempo e no espaço em que surge. Tem significado local. Relativamente às comunidades *La ultima Rosa* e *Paraíso* e no contexto da Refundição dos últimos 70 anos, considero que ainda é cedo para fazer a história completa. Estamos em cima do acontecimento. Penso que, mais cedo ou mais tarde, irá fazer parte da análise o que a arrogância e ignorância por si próprio despoletaram. A minha questão é que, independentemente dos refúgios dos Livros Falantes e dos Guardiões de documentos, haverá-de se fazer outra análise. Será necessária a análise ignarométrica para entender, se, de certa forma, o relativo longo período civilizacional baseado numa economia marcada pela fé no dogma do valor simbólico da moeda, associado à hierarquização em função de linhagem e posse, não se destruiu a si próprio. Vemos como civilizações desmoronaram por dentro ao longo de toda a história humana. Será que podemos falar da mega-civilização do dogma do dinheiro, com sub-civilizações? Agora, vejam, os paleontólogos falam-nos de 300.000 anos ou seja, 3000 hectanos!, de uma civilização geral, bem sucedida, de *homo sapiens neanderthalis*, com subdivisões específicos. Esta civilização existia até ao seu desaparecimento ou à sua diluição no *homo sapiens sapiens*. Foi um período enorme, que durou 30 vezes mais tempo do que a tal mega-civilização. A moeda pode ter surgido algures no 10.º hectano. Existem exemplos de moeda cunhada, no período entre o 40.º e 60.º hectano, nas cidades organizadas. A digitalização tem pouco mais de 2 hectanos e uns bons 100 anos mais tarde, desapareceu quase por completo, excepção

feita para uma parte da população, que vive em Marte. Será possível pensar em modos menos dramáticos acerca da extinção de uma civilização baseada na hierarquia da posse? Menos dramático, simplesmente porque a longo prazo, ela é incompatível com a biológica e cultural necessidade de cooperação que se mostraram ser condições para que a espécie consiga manter um habitat saudável?»

Pablo sorriu. «O que acabas de dizer vai no sentido daquilo que penso ter aprendido na minha conversa com Umut acerca da tal expressão. Existem muitas variantes. Ela pode ser velha ou recente. Pode ter o significado que movimentos humanistas e de defesa de direitos humanos entre o 119.º hectano e a Refundição lhe deram. Mas Umut contou-me uma história tendo Ahikar, o mítico conselheiro de um rei sírio no 95.º hectano, como protagonista. O conselheiro teria sido envolvido num esquema de traição que lhe poderia ter custado a cabeça. Teria conseguido escapar à morte, graças aos seus dotes de argumentação, acabando por convencer o carrasco, que o deixou fugir. A frase "*a palavra é mais poderosa do que a espada*" foi-lhe atribuído, ou, se não a ele, a quem narrou a história.»

«Mas a história aproxima-se bem do sentido da frase iniciado com 'a caneta'», observou Halona. «O vocábulo caneta pode ter substituído o vocábulo palavra, na altura em que a escrita se tornou mais vulgarizada.»

«Talvez», continuou Pablo, «é essa a ligação. Seja como for, Umut falou-me do trabalho de Delun. Como sabem os dois estão a tentar separar o sentimento religioso e a fé, como eles

são vividos por um indivíduo, do dogma ritualizado que deu origem ao poder da classe de sacerdotes e de todas as suas variantes ao longo da história humana.

Delun gosta observar que onde existe uso de poder, a força da palavra não é a de uma palavra qualquer de um indivíduo qualquer. A força da palavra passa a ser hierarquizada. Como todos nós sabemos, os textos sagrados das religiões monoteístas são antigos. Chegaram às comunidades de crentes através de múltiplos traduções de textos ainda mais antigos, às vezes incompletos, ou mesmo de relatos orais.

Entretanto, a abordagem, a compreensão e explicação do mundo natural, mas também do sentido da vida humana, evoluiu sem parar. E com ela, a leitura e interpretação dos textos que constituíram o cânone de uma religião.

Lembro aqui a observação do nosso amigo, porque me parece que, ao mesmo tempo, seja uma alerta. Mais vale termos algum cuidado com as alegações que se fazem. Traduções de línguas antigas são, por um lado, inevitavelmente influenciadas por interpretações e aproximações de palavras desconhecidas ou não literalmente traduzíveis. Por outro lado, quem escreve em função de um determinado objetivo, seleciona. Seleciona o que diz e seleciona como o dizer. Não é difícil imaginar que quem fala, ou quem escreve sobre quem falou, procura a abordagem para tornar a sua mensagem muito clara. E quando diz respeito ao poder, a mensagem mais clara pode simplesmente ser: "*convém juntar-te a nós, se não queres arranjar problemas*" ou ainda "*obedece-nos e nada de mal te acontecerá*". Um modo menos ameaçador para passar esta ideia é recorrer a uma

autoridade máxima, num discurso argumentativo. Um verso retirado da epístola aos hebreus enuncia "*porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do qualquer espada de dois gumes*". Há quem duvide da exatidão da tradução ou da cópia dos textos que viriam a constituir a Bíblia dos Cristãos. Dúvidas existem sobretudo relativamente ao momento histórico em que fazer essas cópias era um trabalho ilegal e feito às escondidas, porque a religião cristã era proibida. De qualquer forma o versículo abre muitas perspectivas. Pode dar indicações para que se procure ganhar ou dominar o outro, não através da força bruta, mas através da boa utilização da palavra de quem, na hierarquia está no topo. Entendo Delun e Umut quando dizem que aqui se trata de uma ação sobre o outro e não sobre si próprio. A palavra de Deus não é usada para introspecção, mas para comprometer o interlocutor. Quem compromete afirma que a palavra utilizada vem diretamente de Deus.»

«Estou equivocada, ou estás aqui a fazer uma observação acerca de uma das religiões monoteístas», perguntou Catherine.

«Dei só um exemplo», respondeu Pedro, «relativo ao aparecimento, na história da humanidade do discurso que opõe a ação pela palavra à ação sem ser pela palavra. Não foi a minha intenção falar acerca de uma religião específica. Também não é a minha intenção questionar Deus. O que procurei dizer é que, ao longo da história, houve quem se arrogou a posição de exercer força sobre o outro, fazendo-o '*em nome de*', em vez de ser em seu próprio nome. Falava '*em nome de*' um imperador, um rei, um príncipe, um faraó depois

de este se apresentar como quem personifica ou representa o que nos transcende.»

Delun e Babitha tinham entretanto chegado e juntaram-se ao grupo. Babitha disse: «Não ouvi Pablo desde o início, mas gostava de acrescentar algo, relativo ao falar 'em nome de'. Percebi que nos últimos hectanos antes da Refundição, havia, no seio de uma comunidade religiosa monoteísta, uma discussão se existia ou não a expressão "*a tinta do estudioso é mais santa do que o sangue do mártir*" nos ensinamentos originais do profeta que toda comunidade reconhecia como tal. Reparem que a discussão ocorreu quase 15 hectanos depois da época em que os ensinamentos foram anotados. Quem alegava a veracidade da existência deste ensinamento, era sobretudo quem apelava pôr termo à violência usada por um grupo minoritário desta comunidade religiosa, muitas vezes recorrendo a suicidas a quem se prometia a vida espiritual eterna de mártir. Uma interpretação ligeiramente diferente explicava que um indivíduo com o espírito sem educação ou conhecimento, era como um indivíduo bravo sem armas. Havia também quem duvidava da existência deste ensinamento, ou a rejeitava. Frequentemente tratava-se de líderes alegando agir em nome de Deus, e os seus seguidores, que consideravam ser o seu dever de eliminar quem não tivesse a mesma interpretação do Divino que eles tinham.»

«Deste-me algo para pensar», intervi eu. «Existe, desde que temos pensamento registado, uma relação, às vezes pacifica, às vezes tensa, entre educação e religião. Existem também sinais contraditórias acerca do uso da palavra por quem se perfila

como hierarquicamente superior para promover colaboração e entendimento ou oposição e desconfiança entre as pessoas.»
«Preparam-se para outro monólogo de Alberto, num dos nossos próximos encontros», avisou Maria logo.
Pedro retomou: «O que também me parece interessante é de ver como os sábios preparavam os compêndios para os estudos de futuros reis. Alguns textos chegaram até nós. António de Guevarra, por exemplo, escreveu em *Reloj de principes* algo no sentido de comparar uma pena com uma lança, os livros com as armas, e uma vida de estudo com a vida de guerra ou guerreiro. Não percebi se deixa a escolha ao estudante ou faz uma escala de melhor para pior.»
Babitha disse: «Ainda por causa da caneta, tive uma conversa com Binh Pham acerca de possível desinformação. Ele pensa ter encontrado um argumento neste sentido, depois de ler um livro de Georges Whetstone, do 115.º hectano, que contém uma serie de histórias focando assuntos civis como o casamento. Uma das histórias inclui a frase "*The dashe of a Pen, is more greeuous then the counterbuse of a Launce.*" No 120.º hectano a frase aparece em idioma atualizada como "*The dash of a pen is more grievous than the counter use of a lance*", ou seja algo como "*O traço de uma caneta é mais doloroso do que o contra-uso de uma lança*". Contudo, em algumas traduções, greeuous equivale *sério*, em vez de *doloroso*… Binh Pham até encontrou uma tradução da palavra antiga no sentido de *esplendido*. Esta via nunca foi explorada por quem interpreta a frase, muito depois da morte de Whetstone. A interpretação é sempre no sentido da dor, não no sentido da força intelectual

ou ética.»
Pedro olhou para Babitha e disse: «É elucidativo de perceber o que, regra geral, acontece em relação às ideias fundamentais. A comunicação de Deus com os seres humanos por exemplo, é constantemente interpretada e re-interpretada a partir de mensagens assumidas como sendo as originais, isto é, encontros imediatos entre o transcendente e os eleitos entre a população humana. A dificuldade reside em que as mensagens eram transmitidas oralmente. Os registos dos encontros nem sempre eram logo transcritos e quase todas as transcrições realizaram-se em suportes e em línguas de tempos remotos. Para as mensagem originais das religiões monoteístas esses suportes terão sido tábuas de barro, pedras ou pedras preciosas, metal, cera, madeira, material animal perecível, linho, papiro e pergaminho ou palimpsesto. Não temos conhecimento de mensagens originais que chegam já impressas, em formato digital ou binário. O mínimo que se pode dizer é que, quem se atribuiu o poder de topo de hierarquia sobre todos os outros, no primeiro milénio do calendário holoceno, se apropriou do Divino para reforçar o seu poder, moldando a seleção de mensagens a guardar, rejeitando outras. Por isso encontramos em todos os tempos pensadores críticos que se interrogam se o ser humano foi criado à imagem de Deus, ou se Deus foi personalizado (ou criado) à imagem do ser humano.»
«Falaste dos suportes da escrita das mensagens consideradas originais», disse eu. «Podemos também falar da discussão acerca da língua privilegiada. No mundo do cristianismo,

houve debates prolongados acerca da correta tradução de grande parte dos textos que integram o cânone. Falava-se frequentemente dos textos originais em grego koiné. Sábios da Igreja apontaram durante muito tempo ser esta a língua privilegiada do Espírito Santo, um dos hipóstases da essência Divinal. A língua usada por Jesus, outra "face" de Deus, era muito provavelmente a sua língua materna, o aramaico. O que me leva a um dos Caminhantes com Lobos de Halona. Wolfgang Ratke era um contemporâneo um pouco mais velho de Jan Amos Comenius, e estava empenhado na reorganização das escolas, lá onde existiam. Entre outras reformas, falava da necessidade de todos poderem beneficiar do seu método de ensino das línguas. Colocava hebraico, grego e latim no topo da lista, em combinação com a língua vernácula, ou seja, as várias formas do Hochdeutch e do Niederdeutch, incluindo as línguas flamengas. Considerava errado ensinar alunos a decorar textos. Defendia que se devia ensinar a aquisição da leitura de várias línguas em simultâneo, por repetição da leitura de letras, palavras e textos, com crescente grau de complexidade Não me vou prolongar aqui sobre Ratke. Babitha e Delun abordam-no em "*uma ideia perigosa*". Só quero referir que Wolfgang Ratke foi considerado renovador do ensino do seu tempo, por uns, e um fracasso, por outros, talvez devido ao seu temperamento. Mas também sabemos hoje, que o pai de Wolfgang Magister foi aluno de Wolfgang Ratke e que, para honrar o seu mestre, escolheu o nome de Wolfgang para um dos seus filhos.»

Catherine observou: «Se percebi as conversas anteriores,

aquele Wolfgang Ratke não era o que podemos chamar de grande pedagogo, no sentido de guiador da aprendizagem?»
«Pois, mais uma vez, convém pensar em função do tempo no qual a ação se situa. Para nós, Ratke não passa de um didático da instrução. Uma instrução talvez mais elaborada, com mais sentido para o instruendo, só isso», respondi. «Com Ratke é-nos confirmado que a escola estava longe de ser o lugar para trabalhar conhecimento *com* as crianças. E o método que propõe em 116.11 é algo que aos nossos olhos não difere de uma sequência de ações próprias do ensino como instrução. O pedagogo continua ausente. Aparentemente o pai de Wolfgang foi bem sucedido, conhecia as línguas antigas e, como disse, agradeceu o seu mestre, dando o seu nome ao seu filho…
Entretanto a escola foi sempre facilmente concetualizada como um lugar de instrução, até a Refundição. Isto ficou bem claro ao longo de toda a saga Magister-Auctor.
Para mim, o processo de codificação do oral é relativamente simples. Esta simplicidade foi destorcida por quem exerce poder, a começar pelo mestre que exerce poder sobre o seu discípulo. A simplicidade é esta: primeiro regista-se o oral, depois é necessário se lembrar das regras elaboradas para fazer o registo, para oralizar novamente a mensagem. Houve quem quis recorrer a este processo relativamente simples no processo de aprendizagem das crianças, quando a escolarização alastrou. Contudo, houve sempre uma linha majoritária, com muito mais adeptos, que se focava sobre a descodificação e não sobre a codificação.
Quem tinha poder - seja que poder for - queria que o discípulo

aprendesse a descodificar o que *outros* disseram. Regra geral e ao longo da relativamente curta história da escolarização coerciva, o processo através do qual instruendos pudessem primeiro aprender a codificar o que eles próprios diziam ou tinham a dizer nunca era valorizado, era mesmo desaconselhado.

Gostei muito de aprender com Babitha, Delun, Umut, Sayen, Zainabu e Binh Pham este lado da história da escolarização coerciva em função da reprodução do status quo hierárquico do poder. Aparentemente só no 120.º hectano surgiu algum interesse para as propostas da minoria de antropogogos, mas só durante aproximadamente meio hectano. Também gostei de trabalhar com a Moana, para *A Massa Mediocre*. Com ela aprendi bem o significado da aprendizagem da escrita das suas próprias histórias, e, no caso dos adultos, da sua própria história de vida, recorrendo a esta aprendizagem da escrita, para simultaneamente desenvolver a leitura. Significa a introdução de uma horizontalidade no conceito de autoria e de autoridade. *Começo por ler o que eu escrevi, o que os meus colegas escreveram. Começo, logo na altura em que começo a escrever, a praticar a co-autoria*. Para os indivíduos que se consideram de casta ou classe superior, a ocupar um lugar de poder hierarquizado, uma escolarização coerciva onde isto acontece, devia ser uma ideia aterradora. E como Idrissa bem apontou em *A era do aprendente*, a ferramenta, que as irmãs Demeester nos deixaram, ajuda muito a perceber a relação entre horizontalidade e co-autoria precoce bem como entre verticalidade e reprodução precoce da autoria de outros.»

«Mas os tempos a seguir à primeira metade do 120.º hectano não foram muito favoráveis à ideia da horizontalidade das relações», observou Liberty.
Acenava a cabeça. «Primeiro ainda isso: achei um *fait-divers* divertido que, algures no 116.º hectano, Pieter altera o nome de família de Magister para Lesmeister. Quer aproximar-se da língua vernácula — sinais do tempo — mantendo se na posição de professor, que ensina, mais do que guia — também sinais do tempo.
Mas, para pegar no que Liberty acaba de dizer. Sim. Parece que no 120.º hectano houve operações de cosmética que pouco tinham a ver com questões de fundo. Foi na viragem do 119.º para o 120.º hectano que se introduziu gradualmente a formação superior universitária ou politécnica do educador profissional. Enquanto as palavras *onderwijzer* e *instituteur* entraram gradualmente em desuso, a palavra professor, com o que ela implica de carga hierárquica, manteve-se e alastrou-se. À primeira vista, o conceito de Escola Superior de Educação parecia um avanço. Contudo, limitou-se a ser uma reciclagem da Escola Normal (Normaalschool), a escola onde se segue a norma, a doutrina, ou da Escola do Magistério, a escola onde se forma o Magister, o mestre.»
«Posso só introduzir aqui um elemento?» perguntou Maria. «Originalmente *Magister* significa algo como 'quem sabe mais', ou 'quem é mais culto', e por isso pode lecionar outros. Difere de *Minister*, 'quem sabe menos', e por isso, é servo do Magister. E já que estamos na Roma antiga… penso que é do vosso conhecimento que *Magistério* deriva de *Magistri*. Esta palavra

identificava os educadores cultos dos patrícios romanos. Tratava-se em muitas situações de Gregos escravizados, eventualmente libertos. Na escola comum daquela época, quem estava frente às crianças eram geralmente *Litteratori* ou *ludi magister*.»

«Obrigado Maria. Sim, os *litteratori*, que liam, declamavam os assuntos que deviam ser transmitidos. Aqui *educare* é mais importante do que *educere*. E foi o que parece ter acontecido com os sucessivos supostos "upgrades" da formação dos educadores profissionais, também na Escola Superior de Educação. *Educare* venceu *educere.* A escolarização coerciva e a sua massificação, entre 119.50 e 120.40 teve um efeito perverso de homogeneização entrópica. A hierarquização das relações professor-aluno uniformizou a mediocridade. O esquema baseado em instrução, em *educare* e não em *educere*, fez alastrar a mediocridade, não só na apropriação do conhecimento, mas também na relacionação e interação dos indivíduos. Preparou o terreno, logo no inicio do hectano 120, para o regresso da educação de elite por Magister cultos, enquanto o ensino das massas fez desaparecer rapidamente a esperança da co-autoria plural. Todo o hectano 120 foi terreno fértil para novas formas de Escola Nova. Mesmo bem intencionados pedagogos democratas, interessados numa sociedade mais horizontal, ficaram na prática a servir as classes superiores. Ironicamente, entraram em concorrência com instrutores igualmente cultos que formavam outra parte das classes superiores em instituições de renome, ligadas à alta financia e nas quais as religiões monoteístas tinham muito

influência. Considero o desenvolvimento deliberado da estratificação da escolarização, logo que se tornou obrigatória, mais um elemento que levou à insustentabilidade do modelo de sociedade com a população com posses enormes de Elysium num extremo, refugiados com grande conhecimento e sem posse no outro, com uma imensa massa de Ignorantes, no meio. O poder destruiu-se a si próprio.

Parece-me que hoje temos uma hipótese para nos reencontrar com a língua como veículo de pensamento e não como veículo de poder. A horizontalidade que embutimos nas comunidades de trabalho e de aprendizagem e o destaque que damos à escrita das próprias ideias em diálogo com outros, tudo isso facilita a autoria e co-autoria e autoridade descartando sinais de autoritarismo», conclui.

Catherine lançou um suspiro. «E tudo isso, porque alguém se lembrou de incluir no nome do filho "*caminhante com*", em vez de simplesmente o glorificar com o nome de um animal cheio de simbolismo.»

Halona acrescentou: «Mas concordas que é mais interessante dançar entre lobos, do que caminhar com lobos.»

Wolfgang observou: «Não sei. A alcateia colabora, mas será que coopera …?»

«Ora, esta é uma ideia interessante, Wolfgang. Claro que tudo depende de como definimos o conceito de lobo. Estava aqui a pensar…», comecei.

«Não», gritou o coro, enquanto Maria me ofereceu uma chávena e disse: «Alberto, prova este chá!»

Penktomehns

Aproximava-se entretanto a abertura do EJCD. Quando reli as notas de penktomehns, notei a minha crescente preocupação de curador. Agrupei-as em três "histórias do mês". A aprendizagem das pessoas como motor para a convivencialidade é fio condutor.

O tédio do fascista

Take up the White Man's burden—
Send forth the best ye breed—
Go bind your sons to exile
Rudyard Kipling

Ainda estava a pensar na nossa conversa da semana passada. O lobo é uma presença constante, mesmo em lendas e mitos muito antigos. Não deverá ser estranho à provável hipótese de que o cão resulta da domesticação do lobo. O animal aparece como exemplo, mas também como representação do mal. Aparece como cuidador das crias, inclusivamente de crias humanas. Mas o lobo é metaforicamente usado em outras situações. Representa por exemplo uma estrutura social com uma hierarquia implacável. Na simbologia, líderes fascistas têm utilizado tanto o lobo como a armadilha para o caçar. O nome aparece associado à atividade de lazer com crianças e adolescentes, mas também em grupos de organização autoritária, nacionalista e fascista.

Se a *palavra* fascista é muito recente no decurso da evolução dos povos, o *conceito* é antigo. A palavra derive de 'fasces'. Se

formos à origem dos termos, a denominação do modelo de governo totalitário, nacionalista e etnocentrado da sociedade, com o termo fascista, data do início do 119.º hectano. O termo foi usado por Benito Mussolini, um ditador europeu num território do sudoeste da zona 2 com o nome de Itália. Os ingredientes deste modelo de governação eram uma estreita relação entre os negócios e um governo centralizado que juntos controlam o mercado interno, a repressão da crítica e da oposição, o culto do líder e a exaltação do Estado-Nação colocando-o, com a religião, acima de direitos individuais.
Não significa que em épocas anteriores, e em outros lugares no planeta, não tenha havido governos com estas características. Podemos falar de líderes totalitários, de ditadores — houve tempos em que este termo nem sequer tinha a conotação negativa que ganhou depois da instalação de democracias parlamentares —, de reis ou imperadores absolutistas, eventualmente de governantes que se apresentam como representantes ou encarnações do Poder Divino.
Mas mesmo em pleno hectano 119 e 120, líderes de Estados-Nação que se consideravam democrático, mantinham fasces em brasões e símbolos do Estado. A França, na zona 2, e os Estados Unidos e o Brasil na zona 3 são os exemplos mais conhecidos.

Associo ao conceito de fascismo o conceito de racismo, no sentido que fez o escritor, filósofo e semiólogo Umberto Eco. Temos parte da bibliografia de Eco na secção da literatura filosófica da Biblioteca Central. Inclui um pequeno texto sobre o conceito de *Ur-fascimo* com o qual Eco descreve os

vários 'sabores' do fascismo quando se combina elementos base. Um destes elementos é a repressão do desacordo. No Ur-fascismo o desacordo equivale traição. Eco explica que desacordo é sinal de diversidade. O Ur-fascismo procura o consenso, diz o autor, explorando e exacerbando o natural sentimento de medo pela diferença, um medo comum em muitos indivíduos. Uma organização fascista apela contra o intruso. Ou seja, fascismo implica, por definição, racismo.
Contudo, o racismo não é um fenómeno surgido há 200 ou 300 anos. É fácil entendermos um certo tribalismo, e certamente o etnocentrismo, como formas de proto-racismo, evoluindo com facilidade para racismo. Atribuía-se a Aristóteles a observação que só os gregos podiam ser homens livres enquanto os não gregos, os bárbaros, eram por isso mesmo escravos. Vejo similitude com outras afirmações de etnocentrismo ao longo dos tempos. Afirmar-se como povo escolhido, afirmar-se como etnia mais culta, mais evoluída, afirmar-se como povo com o dogma certo, com a religião verdadeira: todas estas afirmações levaram rapidamente a hierarquizações, em que os outros eram sempre inferiores em relação aos próprios. Levava a estéreis discussões sobre quem tinha tido os "anos medievais" mais escuros, e durante quanto tempo mais que os outros. Outra discussão bastante estéril era a de saber se condenar uma cultura racista relativa a outro grupo era ou não por si próprio uma forma e de racismo.

Avó Emmy lembrava-me muitas vezes como, no paraíso dos livros, se discutia a frase "*Take up the White Man's Burden*" de Rudyard Kipling. Não só havia quem considerava que ela

servia para branquear (!) o racismo, mas que revelava também o pensamento tendencialmente fascista deste autor. Entre os Guardiões de Livros, eles próprios apaixonados contadores de histórias, muitos tinham uma relação ambígua com a obra de Kipling. O autor tinha histórias que se apetecia contar. Como aquela na qual entrava uma alcateia de lobos, e que a avó Emmy me contava. Uma alcateia e um rapazito, elevado pela loba "matriarca", na floresta sub-tropical indiana. Ela tinha aprendido a história com um dos livros falantes, que tinha decorado esta obra de Rudyard Kipling.

Quando eu já era adulto, avó Emmy explicou-me porque sempre considerou importante esta história. Ela tem os ingredientes para refletir acerca da arrogância do poder, da hierarquia artificial, construída por quem não só classifica, mas atribui os juízos 'melhor' e 'pior', 'mais elevado' e 'menos elevado', 'culturas mais avançadas' e 'culturas menos avançadas'. Quem avalia a posição de uma cultura, utiliza a sua própria cultura como referência e fá-lo a partir de uma posição de força. A falácia decorre da banalização dessa ideia, dando-a o estatuto de verdade absoluta.

Lembro-me muito bem que foi esta reflexão da avó Emmy que me fez entender a importância que tinha para a mecânica da escolarização pré-Refundição, a fé inabalável numa métrica inventada por um psicólogo alemão da zona 2, transformada numa escala classificadora de pessoas em função da sua aptidão perante testes padronizadas pelo psicólogo americano Terman, na zona 3 Norte. Durante décadas esta escala com o nome de Quociente de Inteligência foi usada para hierarquizar

crianças e adultos, e mesmo primatas. Servia de 'justificação científica' para preconceitos em relação à suposta menor inteligência de servos, escravos, e do "outro", diferente de nós, para quem o teste foi padronizado.

Outras conversas vieram-me à memória. Uma foi com Dulan que me fez conhecer a obra do filósofo literário Georges Steiner. Este associou o fim da primavera republicana em 118.15, com Waterloo, a um sentimento de fim da história. Steiner falava do período de tédio da aristocracia até a irrupção do conflito planetário que começou em 119.14.
Babitha falou-me da especificidade daquele período, durante o qual uma das nações da então Europa e a casa real que a governava, acarinhava e espalhara a ilusão que era o seu destino definir o rumo do planeta. O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda estava na sua época vitoriana.
Steiner atribuía o tédio sentido durante a época Vitoriana parcialmente a uma sensação de bem estar por parte da burguesia e aristocracia britânica. Dos progressos científicos e económicos no vasto império da Terra Mãe e das Colónias de que se apoderou lucravam as classes abastadas na Terra Mãe. Mesmo com as primeiras independências, conseguiram, com um golpe de mestre, ligar economicamente as antigas colónias e a terra mãe entre elas, no que ficou conhecido como o Commonwealth. O nome dado à estrutura até parece uma cínica afirmação de uma nova ilusão de prosperidade geral. A classe reinante dos reinos e impérios de toda a zona 2 libertava-se entretanto do que considerava serem os excessos das ideias republicanas francesas. Frequentemente fizeram-no

reformulando ou enviesando as câmaras que acompanhavam ou regulavam o poder das monarquias reinantes. Criaram canais de acesso vitalício para essas câmaras ou criaram câmaras para controlar as câmaras de controlo, ou combinavam ambas as estratégias. Ao mesmo tempo, a Europa reinante continuava a exploração colonizada do resto do planeta. Tudo que ainda não era ocupada pelos reinos de Grã-Bretanha, Portugal ou Espanha passou a sê-lo por outros. Na metrópole, o sofrimento da população autóctone das zonas colonizadas é referido por alguns, do desconhecimento de muitos e tolerado por muitos mais. O preconceito da supremacia cultural e moral europeia baseava-se no etnocentrismo da população de pele branca. Este etnocentrismo era induzido pelos aristocratas, alto clero e homens burgueses abastados mais arrogantes. Apesar de atacarem ferozmente as publicações relativas à evolução das espécies e da espécie humana, os mesmos foram co-autores de uma história de darwinismo social. Nessa fábula, os indivíduos e os povos eram hierarquizados de primitivo para culturalmente evoluído.

Recuamos ainda um pouco. Nos textos sagrados de todas as religiões, a escravatura é situada em função da prática civil da época de quem produz os textos. Ninguém escreve ter recebido por parte de Deus uma clara condenação universal em relação a escravatura, em época anterior ao momento no qual a prática se torna socialmente condenável. E quando a prática se tornou condenável, pelo menos na lei civil, já não havia quem captava a palavra divina.
Com a eterna ambiguidade com a qual líderes religiosos

arrogantes encontraram, ao longo de toda a história das religiões, argumentos para justificar a escravatura, também encontraram argumentos para convencer os crentes que era necessário impor a sua religião aos povos com credos diferentes dos seus, ou ainda considerados inaptos para terem plena vida espiritual. Para o fazer, utilizaram o seu poder na arte de interpretar os respetivos textos sagrados. Dogmatizaram as partes da ciência branca, europeia, que lhes convinha. Assim diziam demonstrar cientificamente a inferioridade de uns seres humanos em relação a outros. Abusaram das palavras e dos conceitos nação, primitivo, coletor-caçador, cultura, etnia, raça, e do próprio conceito da evolução das espécies.
O tédio, segundo Steiner, com contornos bucólicos, baseado neste colonialismo insustentável, iria dar origem àquilo que identifica como a guerra de 30 anos, entre 119.15 e 119.45, com dois momentos bélicos extremamente violentos.

Mantive e mantenho longas conversas com Sayen, na preparação de *As escolas da burguesia iluminada* e *As décadas de chumbo*. Sayen explicou-me porque queria destacar a ação colonizadora interna, originada pela implementação da escolarização obrigatória e centralmente organizada pelo poder legislativo dos Estados-nações. Sempre que esta escolarização foi providenciada através de uma instrução testada e normativa, existia uma dominação crescente da população, inclusivamente em relação ao etnocentrismo. Sayen chegou a me dizer, no fervor de uma análise feita em conjunta, que o sonho dos humanistas ficou rapidamente desfeito. Para o afirmar, ela baseou-se em textos de época, de

pedagogos e antropogogos que escreviam e publicavam sobretudo entre eles, em circuito fechado. Durante a primeira parte do hectano 120.º havia alguma esperança que era possível desenvolver a aprendizagem dialogada nos sistemas escolares de Estados com regimes democráticos. Os humanistas tinham a convicção que a escolarização ajudaria para que toda a população ficasse cientificamente mais esclarecida. A esperança desvaneceu rapidamente. Os mecanismos de teste e de controlo que esta mesma escolarização instalou levaram os instruendos a uma desenfreada concorrência entre si para ocupar o melhor lugar possível na classificação de provas. Na sociedade controlada pelo dinheiro, esta classificação e a correspondente hierarquização dos diferentes tipos de trabalho e de riqueza era geral. As iniciativas educacionais de aprendizagem dialogada eram consideradas uma inevitabilidade num regime democrático, toleradas mas não encorajadas a não ser para grupos privilegiados.

Entendo e acompanho em grande parte o raciocínio da Sayen. Encontramos aqui mesmo em Bibliopolis descendentes de Ngũgĩ wa Thiong'o, o que foi muito interessante. Ngũgĩ era oriundo do antigo território colonial britânico na zona 1, com o nome de Kenya e contemporâneo dos meus antepassados do final da 2.ª dinastia. Soubemos que, na altura da descolonização que seguiu à guerra de 30 anos, Thiong'o causou mal estar quando colocou o dedo na ferida. Começou por lembrar que a colonização pelas armas era insustentável e que a colonização da mente era mais gentil, como se fosse um

ato de caridade, não deixando de ser colonização, para rematar: "*à violência física do campo de batalha seguiu-se a violência psicológica da sala de aulas*". Podia a Zainabu ainda se ter lembrado desta afirmação quando estávamos a falar do poder da caneta. Aqui temos mais um exemplo do poder que não é de oposição mas de alienação.

Percebo à posteriori que tivemos sorte em dispor de documentos de alguns indivíduos-chave da 2.ª dinastia. Temos pouca informação direta relativa a Johanna Lemaître e o filho, Frederick Teacher. Temos algum conhecimento do pensamento da filha de Frederick, mãe de Louis Demeester, sobretudo porque ela se cruzou com educadores ligados à Escola Nova. Mas temos imensa informação para acompanhar a guerra de 30 anos. Fiquei siderado com os relatos que encontrámos de Lucien Souris e da sua vida nas trincheiras atrás do rio Ijzer. Com Louis Demeester, outro bisavô de Joana e Catherine Demeester, acompanhamos na primeira pessoa o gradual retomar do conflito armado que tinha ficado suspenso na zona 2 depois de 119.19. Os espólios de John e Paulo Demeester contém muita informação sobre o papel da instrução nacional na condução de visões etnocentradas e nacionalistas. Confirma-se que existiam duas maneiras para fazer alastrar a ignorância. A primeira consistia em privar as pessoas da instrução e deixá-las entregues a quem dizia orientá-las. A outra, mais intencional, era de instruir para a ignorância, através de uma cuidada escolha de assuntos a abordar e de assuntos a banir do currículo elaborado para os não privilegiados. O que nos

apercebemos com as irmãs Demeester é que esta via de instrução para a ignorância perdurou ao longo dos hectanos 119 e 120. Elas trazem-nos informação acerca da já referida janela de esperança para a aprendizagem dialogada na primeira metade do 120.º hectano e como o poder a fechou. Foi o que tentamos contar em *A era do aprendente*.

Há um traço comum nas comunidades que se espalharam na zona habitável do planeta depois do Inverno Vulcânico: elas são maioritariamente constituídas por descendentes da população levada à ignorância, na consequência da engenharia social promovida pelos detentores da riqueza mundial e da classe de dirigentes por eles conduzidos. Penso que não me engano muito quando digo que as peças-chave desta engenharia social, foram a escolarização baseada na instrução, a cultura do medo e do armamento e a economia baseada no culto da ilusão do crescimento eterno. Outro traço comum nas comunidades parece ser a presença de descendentes de quem procurou salvar livros e documentos dos *Qli-Cu-Clãs*. É impressionante a rapidez com que estes dois grupos de descendentes se uniram e em conjunto pensaram a Refundição. Esporadicamente encontramos descendentes das mais antigas famílias da alta nobreza e dos ca-valeiros, um fenómeno muito interessante. Observamos a ausência quase absoluta de descendentes dos amantes de posse e dinheiro. Os seus antepassados refugiaram-se da Terra, primeiro para Elysium, depois para Marte, e foram de certa forma vítimas da ignorância que eles próprios semearam. Quando se auto-convenceram que tinham acumulado entre eles toda a riqueza

do planeta, não tinham mais nada para fazer do que organizar redistribuições entre eles.

Depois do tédio do fascista, instalou-se o tédio do proprietário imaginário. É cedo demais para garantir que desta vez o tédio de uns não levará à catacumba os outros. Para já parece que estamos melhor colocados para cuidar entre nós do desejo da aprendizagem, o guiar mútuo e a co-autoria e manter afastado a re-introdução da hierarquia.

Comemoração ou comiseração?

N denota o conjunto de todos os conjuntos
que não se contêm a si próprio como membros.
É N membro de si próprio?
N é membro de si próprio
se e apenas se não é membro de si próprio.
Esta contradição constitui o paradoxo de Russell.
John Allen Paulos

A discussão já tem história. Através do Conselho Interpolis as diferentes comunidades foram sondadas acerca da existência de dias comemorativos. Têm sentido ou não?
Tópicos de discussão não faltavam.
Recordo que, de momento, existe um acordo entre as Polis para dois aspectos do assunto. O primeiro aspecto é que cada Polis toma as suas próprias decisões. O conselho Interpolis é informado e zela pela circulação da informação. Cada Polis é autónoma de seguir ou não outra Polis numa determinada decisão. O segundo aspecto é que decisões adoptadas por uma Polis dizem unicamente respeito à própria Polis.

Contudo, as decisões locais tomadas seguem as normas éticas próprias da sociedade dialogante e pluralista.

O acordo interpolis tem funcionado bem e o assunto não está fechado. Para muitos polissiguais, existe espaço para abordar agora uma outra questão. Distinguimos *celebrar* de *comemorar*? Celebra-se ou comemora-se o nascimento ou um feito marcante de um profeta? Só o celebramos? Só o comemoramos? Celebramos e comemoramos? Não celebramos nem comemoramos? E o que festejamos?

Para alguns aspectos da nossa vida em comum, a resposta é relativamente fácil. Para outros, não é sempre tão fácil distinguir as duas ações. Um exemplo: celebra-se a passagem de um ano civil para outro. Significa isso comemoração ou apenas o assinalar de um dia especifico na contagem do tempo, feito pelos humanos. Qual é a vantagem ou a necessidade de celebrar cada 365.º dia (e uma vez de 4 em 4 anos o 366.º dia)? Facilita a gestão do tempo?
Outro aspecto. Comemora-se de que forma?
No tempo em que circulava dinheiro, moedas eram cunhadas para lembrar líderes e os seus feitos que podem ter beneficiado uns mas não necessariamente outros.
Cidades e países atribuíram há muito nomes de pessoas ou de feitos locais importantes a praças, vias, ruas e aeroportos.
Antigamente, organismos nacionais e internacionais criaram dias comemorativos para uma panóplia de coisas: a celebração de acordos internacionais, mesmo se não planetários, como a declaração dos direitos humanos e dos direitos da criança.

Havia dias de árvores e de animais. Havia dias de emoções. Havia, num mundo hierárquico e rivalizante, celebrações de conquistas sobre outros, de fins de guerra, de momentos de independência de um território, e as pessoas que nele vivem, convertidos em Nação.

A Igreja Católica, que foi um organismo internacional para uma parte do planeta, organizou o calendário de santos e beatificados, continuando o que povos com religiões politeístas, ou com crenças mitológicos, tinham iniciado, adaptando dias específicos de celebração e comemoração. Diria que a nossa passagem de ano não é um assunto recente…

E hoje, entre nós, cá em Bibliopolis?

Os *hub* da rede de comboios de superfície CUA não são uma clara comemoração? Cada *hub* tem o nome de uma figura histórica. As zonas agrupam figuras da mesma área de conhecimento e de produção humana, lembrando vagamente a organização das zonas de acolhimento, no tempo de *Paraíso dos livros*. Os Bibliotantes acompanharam em conjunto as conversas acerca da escolha de nomes para identificar os *hub* quando, com o Conselho de Bibliopolis, se organizou a polis e se desenhou a rede CUA. Sessenta anos mais tarde, continuamos a considerar importante associar nomes históricos aos *hub*. De certa forma visualizamos feitos coletivos através de indivíduos que contribuíram para estes feitos. Eu, por mim, vejo o ato como uma forma de comemoração. Escolher nomes de pessoas foi uma opção. Poder-se-ia ter escolhido feitos, conceitos. Os *hub* seriam então identificados

com teorias, correntes artísticas, hipóteses de explicação de fenómenos. Viajaríamos de *Big-Bang* para *Niilismo*, passando por *Estruturalismo*? Ou de *Quantum* para *Ontologia*, passando por *Mecânica Clássica* e *Epistemologia*? Ou ainda de *Antropologia*, via *Mitologia* e *Teologia* para *Ecossistema*, passando por *Etologia*?

Somos humanos, apesar de tudo. Gostamos de uma boa biografia. A escolha de personalidades já falecidas para os *hub* funda-se na mesma lógica das cidades antes da Refundição — diria antes da crise provocada por Elysium — nas quais o poder instalado atribuía ruas a personalidades que se queria celebrar ou associadas a feitos para comemorar.

Em Bibliopolis tentou-se evitar leituras hierarquizadas. Evitou-se também evocações de disputas territoriais, o que explica a ausência de nomes de antigos reis, imperadores e estrategos militares. Claro que eventuais descendentes de Leibniz podem considerar injusto haver o *hub* Newton. Mas a geração dos nossos avós procurou contextualizar cada nome. Encontramos, no *hub* Newton, outras figuras históricas em fotografia e em realidade aumentada, para cada aspecto do Conhecimento Humano para o qual se sabe que Newton contribuiu. São outras pessoas das quais sabemos que estiveram envolvidos antes, durante ou depois, em trabalhos em torno do aspecto ou feito focado. Convidamos portanto eventuais descendentes de Newton e de Leibniz e outros interessados para consultar a realidade aumentada relativo ao desenvolvimento do Cálculo. Além dos contributos dos contemporâneos Newton e Leibniz, irão encontrar referências aos papiros de Rhind e de Moscovo,

a Democritus, Zeno, Liu Hui, Sharaf al-Din al-Tusi, Madhava, Cavalieri, Descartes, Bernouilli, Euler, Gauss, Abel, Riemann, Poisson, entre muitos outros envolvidos no aperfeiçoamento da ferramenta de Cálculo e de quem dispomos de informação na Biblioteca Central.
A discussão continua se deveríamos incluir referências mais claras à economia pré-Refundição baseada em dinheiro, bolsas de valores e mercados financeiros.
Há quem considera que esta área importante para a História da Humanidade está representada em muitos dos *hub*.
Há quem considera que discutir a História em termos de fracasso e de catástrofe pode levar a uma atitude de atribuição de culpas, por mais que prezamos a atitude pluralista e dialogante.
A mais ampla discussão subjacente é como lembrar a história sem fazer análises superficiais. Se para os *hub* a discussão continua, o argumento funcionou para sugerir abandonar os poucos dias comemorativos que ainda subsistiam em Bibliopolis. Houve quem sugeriu, com algum humor, comemorar, em cada 15 de Penktomehns, o fim dos dias comemorativos. Na sequência do respeito pela pluralidade de ideias e da ausência de sentimentos de classe culturalmente reforçados, comemorava-se naquele dia o fim da necessidade de come-morar. Obviamente o dia ficaria conhecido como Russell-Day.

E entretanto, vamos abrir o EJCD e a população de Bibliopolis, enquanto coletividade co-gestora da Biblioteca Central, considerou importante indicar um curador para o

espaço. A abertura oficial não é um modo de comemorar? A escrita coletiva do nosso grupo é uma expressão do prazer que nos dá construir e ler biografias. Propusemos o espaço como um espaço de encontro para o nosso grupo organizar a sua escrita. Mas daí pensar que o espaço possa interessar toda a Polis… Como fazer para que não se torne um mero repositório para estudiosos de algumas figuras do passado e do significado das opções tomadas na altura da Refundição? Para que o espaço continue a ter sentido, deve continuar a ser um espaço instituinte de projetos de aprendizagem e de escrita. O oposto de um repositório.

Gostava conseguir evocar como é supérfluo celebrar. Não é preciso comemorar nada em relação à ignarometria e às irmãs Demeester. Pensei iniciar com uma proposta de discurso falsamente apresentado como co-construído, para depois convidar à reflexão acerca deste espaço. Preparei, para o próximo dia 14 de Swekstomehns, uma tabela, a partir de uma outra, que encontrei numa carta que Paulo Demeester recebeu de uma amiga:

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
Bibliotantes e polissiguais do planeta,	a abertura do Espaço	apresenta um marco para a análise	das nossas opções em relação à antropogogia.
Estarmos aqui hoje, significa que	o espolio agora apresentado	cumpre um papel essencial na formulação	das nossas metas para a divulgação de conhecimento.
Não podemos esquecer que	o atual espaço	auxilia a preparação	de novos estudos relativos à relação entre pessoas.
Do mesmo modo	o modelo de disponibilização de documentos	contribui para a correta interpretação	de propostas educativas de análise.
A prática mostra que	o desenvolvimento da nossa forma de atuar	assume importantes posições na definição	das opções básicas para o sucesso deste Espaço.
Nunca é demais insistir que	a constante divulgação das informações	facilita a definição	do nosso modo de formar grupos de trabalho.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
A experiência mostra que	a consolidação da análi-se ignarometrica	nunca prejudica a per-cepção	das condições para o traba-lho formativo.
É fundamental ressaltar que	a observação das diver-sas entradas de análise	oferece uma boa verifi-cação	dos índices pretendidos.
O incentivo ao avanço do conheci-mento, assim como	a disponibilização do Espaço como local de estudo	acarreta um constante processo de atualização	das formas de interação.
Caros convidados, caras convidadas, amigas e amigos,	a expansão da nossa atividade	exige precisão na inter-pretação	dos conceitos utilizadas por Joana e Catherine Demees-ter.

A ideia é simples: constrói-se uma frase, juntando um qualquer elemento de cada uma das 4 colunas. Irei convidar todos os presentes de co-construir um texto, a partir daquelas entradas. Espero conseguir assim pôr de lado o discurso e abrir espaço para uma reflexão conjunta.
Estou curioso se vai produzir o efeito pretendido…

Estava a finalizar a minha tabela, quando Liberty me veio chamar para irmos preparar a nossa refeição num dos espaços da Biblioteca Central, junto com Babitha, Zainabu e o meu pai. Acompanhei-a e encontramos os outros três a compor o seu prato com os ingredientes que necessitavam.
Lev sugeriu-me partilhar entre os dois a perca que ele tinha trazido.
«Apanhaste-a esta manhã?», perguntei.
«Sim, ela é fresca. O tempo de viajar de *Gwendolyn Brooks* para *Biblio Oeste* e a deixar aqui numa camada de gelo.»
Sugeri acompanhar com alguns legumes. Na bancada havia uma boa escolha. Vi com satisfação que a batata doce que trouxe há dois dias já tinha desaparecido toda. Entre a oferta variada de quem partilhava cooperativamente este espaço de

refeições, ainda se encontravam os pés de funcho que também tinha trazido.»
«Funcho», perguntei ao meu pai?
Este riu-se. «Insistes em cultivar e trazer um legume que só tu e eu parecemos apreciar, respondeu. Há limões?»
Levamos os ingredientes para uma estufa de vapor livre para estufar tudo durante uns 15 minutos.
Entretanto, Liberty e Zainabu serviram-se de cogumelos, farinha de mandioca, um pouco de leite de cabra, dois ovos crus e umas especiarias.
«Panquecas de cogumelos?», perguntei. Confirmaram. Liberty levou também uma pequena ave. Quem a trouxe tinha-a já depenado, provavelmente para aproveitar as penas. Enquanto estava a preparar a massa para as panquecas, pôs a ave no assador. Zainabu perguntou-nos se a perca dava para três. Confirmámos.
Entretanto Babitha tinha-se confecionado uma salada de legumes e frutas. Estava à espera da cozedura dos ovos que queria misturar na salada.
Quando tínhamos todos os pratos prontos, sentámo-nos num dos nichos para cinco pessoas.
«Estou ainda um pouco em apuros relativo à abertura do EJCD», disse aos meus companheiros de mesa. «Penso que encontrei uma forma para refletirmos acerca da banalidade dos discursos inaugurativos. Quero abrir a discussão, não quero uma troca dicotómica de argumentos. E penso que encontrei a forma para o conseguir.»
«Então, o que vais propor?» perguntou Lev.

«Sem entrar em grandes pormenores. Lembras-te que te falei daquelas tabelas de elementos de frases compostas, com as quais se consegue construir um discurso? Num jantar de família Maria mostrou-nos uma tabela que tínhamos encontrado numa carta dirigida a Paulo Demeester, e rimo-nos com o efeito. Para quem não estava: consegue-se produzir uma elocução gramaticalmente correta, sintaticamente coerente, com pouco conteúdo. É a base da ideia. Como pressuponho que estarão comigo no dia 14 do próximo mehns, não vos digo muito mais agora. Depois vejo pormenores convosco.»

Liberty olhou para mim: «Mas então porque dizes que estás em apuros?»

«Pois, penso ter resolvido, para mim, o ato da abertura em si, feito pelo curador, etc., etc. O que me preocupa desde criança é o significado dos dias de comemoração e a celebração de acontecimentos em datas ou espaços específicos… Não, não, não é para discutir novamente as opções que tomamos coletivamente em Bibliopolis», acrescentei rapidamente, vendo as reações. «Interessa-me partilhar pontos de vista acerca de uma opção, para manter em mente o que ainda assim, me parece fazer sentido: a comemoração serve de elemento de memória, para um percurso de pessoas, feitas num determinado local.»

Babitha disse: «Já vos falei numa outra ocasião dos documentos videográficos que encontrei da paleontóloga Marylène Patou-Mathis. Enquanto historiadora apreciei a linha de pensamento que ela usa proveniente de uma escola de historiadores dos 119.º e 120.º hectanos acerca da escrita da história. Da escola

faz parte Paul Ricœur. Este filósofo procurou conciliar narração com pesquisa histórica. Sugere unir a narração, da ordem da criação literária, com a pesquisa histórica da ordem 'científica'. Ele fala da dupla natureza da narrativa histórica. Em linhas gerais, considera que à narrativa pura se junta o estrato 'científico' ou de pesquisa. Daí decorre de que a historiografia relata uma experiência temporal particular, ou seja, a experiência do tempo histórico. Ele identificou-o como um terceiro-tempo — o tempo propriamente histórico — que atua como mediador entre o tempo vivido e o tempo cósmico.»

«E, para utilizar este mediador, criamos momentos de recordação?» perguntou Zainabu. «Vejo aqui também uma ameaça. Ela consiste em manter, na História, algo que não existe decorrente de uma evocação de um não-facto ou uma não-existência. A narrativa de uma corrente pode ofuscar a narrativa de outra. Mais provável é que se mantém as afirmações dos vencedores em prejuízo das afirmações dos perdedores. Nos casos mais extremos, as suas narrativas desaparecem e, com elas, desaparece também quem as produziu.»

Com ligeira ironia, Lev disse: «Há três mehns, o meu filho considerou necessário ocupar o tempo dos convidados de convívio de aniversário com a história da atribuição de nomes aos dias da semana e aos meses - ou aos mehns, como cada vez mais se ouve. Mostrou-nos como aquilo que, revestido de uma antiga cosmologia ou mitologia, entrou em uso, se adaptou a circunstâncias, e, na sua essência, perdurou milénios. Não considero desadequado encarar este surgimento dos nomes

como um exemplo-tipo da força da comemoração. Mantendo viva uma visão do mundo, uma ética, através da comemoração, fortalece ao mesmo tempo a estrutura hierárquica que lhe é subjacente. Não sei se esta ideia é clara.»

Liberty pegou nas palavras do avô: «Lembro-me do discurso do meu pai, avô. Penso que a atribuição de nomes pode, em si, levar à comemoração de um feito, unicamente do ponto de vista do 'vencedor'. Falei com Sayen e Zainabu acerca dos nomes das zonas do planeta antes e depois da Refundição. Sayen falou-me do pensamento de uma historiadora da Zona 3, com o nome de Jordan. Ela terá dito: "*Quem escreve a história? Estamos a ler a história de quem? Como historiador, temos que sempre ter estas perguntas presentes*." Para mim, isto tornou-se muito claro quando Sayen me falou do nome do continente dos seus antepassados: América. O nome evoca a celebração de um feito, uma colonização, promovido por monarcas da zona 2, concretizado por aventureiros e os seus servos. Envolve a chacina da quase totalidade da população nativa daquele continente, ao longo de vários hectanos.»

Babitha sorriu. «Aqui tens um bom exemplo da construção de uma narrativa. Ricœur distingue o discurso histórico de outras narrativas, introduzindo para esta narrativa específica os termos quase-intriga, quase-personagem e quase-acontecimento, para identificar os elementos discursivos colocados no seio da digressão temporal de que falei há pouco. O narrador escolhe estes elementos '*quase*' para evocar o acontecimento a partir do seu ponto de vista, e ao fazê-lo, contribui para uma determinada subjetividade histórica.»

Zainabu concordou: «A evocação de algo que o narrador quer a todo custo ver repetido, ou, pelo contrário, quer evitar que se repita, é o ponto de partida para criar a narrativa histórica. Na sua forma mais perversa, os elementos discursivos *quase* servem de tranquilizador de consciências… Estados-nação podiam ser definidos pelos próprios nacionais, mas também pelos nacionais de outros estados, como intolerantes, tolerantes ou inclusivas. Seja como for, em todos os Estados evocava-se em determinados dias pessoas ou assuntos que diferiam da norma que culturalmente se estabeleceu. Para mim é claro que, sempre que se distingue das pessoas consideradas da norma, pessoas como não sendo da norma, os nacionais daquele Estado-nação ainda não interiorizaram coletivamente o conceito de diversidade. Geneticamente é um não-senso procurar uma norma humana, que faz divergir alguns indivíduos. Como espécie diferimos de outra espécie. O grupo de humanos é conjuntamente diferente do grupo dos chimpanzés, do grupo de mosquitos. Dá nos a nossa identidade colectiva, de espécie. Mas como indivíduo da espécie diferimos de todos os outros indivíduos da espécie. Agrupar indivíduos por seja qual for o critério não dá mais informação acerca da identidade pessoal, mas dá facilmente origem a classificação e hierarquização.»

Liberty acenava com a cabeça a sua concordância: «Na espécie, não existe norma, quanto muito existem grupos de pessoas que se parecem mais entre elas, do que outros. Geneticamente, poderíamos falar de famílias. E, mais uma vez, um aspecto familiar visível dá rapidamente origem a classificação. Corrige-

me, Babitha, se me engano no nome da família. Estava a pensar no queixo dos Habsburgos que se poderia considerar um elemento normativo para aquela dinastia de reis e imperadores dos hectanos 114 até 117. Criou-se a categoria, uma classe. Quem quer hierarquizar poderá argumentar que o queixo corresponde a norma fisiológica que determina a superioridade desta classe, pondo-a portanto no topo da hierarquia evolutiva relativo ao governo.»

Zainabu riu. «Belo exemplo. Foi exatamente o que a mente classificadora e hierarquizante dos antropólogos europeus ocidentais brancos provocou, quando estes associaram a métrica dos crânios dos indivíduos da espécie humana a uma interpretação *sui generis* da evolução das espécies. Neste caso, considerou-se evidente que 'normal', ou seja, dentro da norma, eram os próprios. Depois é fácil estabelecer uma hierarquia, ficando no topo, os 'normais', ou seja, os que eram parecidos com eles próprios. Lembro-me ter ouvido uma genealogista dizer que existia mesmo uma classificação feito por um aristocrata inglês que colocou no absoluto topo da hierarquia evolutiva… o aristocrata inglês.»

Liberty continuou: «Mostrou-se entretanto, que a utilização desta métrica para definir e hierarquizar os indivíduos da espécie significava aceitar que houvesse uma evolução biológica em diferentes velocidades a ocorrer na mesma época. Esta assumpção mostrou-se inconsistente do ponto científico.»

«Nem por isso», observou Lev, «os classificadores continuaram a fazer conjuntos. No topo existia sempre um conjunto de indivíduos que se aproximavam da bitola idealizada.»

Não resisti, rindo: «Não sei quantas vezes, o idealizado era uma imagem antropomorfo do Divino, criada em conjunto. Se for o caso, nunca se considerou Odin como referência. Não me lembro ter havido culturas para as quais a norma evolutiva de topo seriam indivíduos com grande sabedoria e só um olho.»
Lev lançou-me um olhar perturbado e continuou: «Na hierarquização, colocam-se por baixo da bitola, todos os conjuntos com indivíduos que diferem numa característica de fácil observação e consequente classificação. De seguida, todos os conjuntos com indivíduos que diferem em duas características facilmente observáveis. De seguida… »
Liberty questionou: «Mas assim sendo, uma alteração genética, uma doença, um acidente, uma fuga de um conflito provocado por quem se considerava dono da terra ou dono do outro, era o suficiente para passar da norma para a exceção à norma?»
«Exato, continuou Lev, e em muitas épocas em que o pensamento pluralista era escasso ou inexistente, a exceção à norma, a a***norma***lidade, tinha conotação negativa ou evocava a ideia de desgraça. O dia de comemoração transformava-se em dia de comiseração.»
Babitha acenava a cabeça. «Sim, sim. Percebo agora o problema de Alberto. O que Lev diz é um lado da questão. Em outras situações, se não de comiseração, o dia de comemoração servia e serve os sujeitos comemorados e vivos para manifestarem publicamente o que está e o que não está. Ouviam-se e faziam-se, e ainda se ouvem e fazem, discursos de circunstância, reciclando discursos anteriores. Depois, aquelas pessoas que, na óptica dos normais, ocupam o não-lugar,

voltam para o seu não-lugar.»

Liberty olhou para mim e disse: «Portanto, a tua aversão às comemorações tem a ver com este dupla análise que já deves ter feito, talvez parcialmente de modo inconsciente. Em muitos casos, o dia comemorativo não era, nem é, mais do que um simples dia de comiseração com um grupo específico de pessoas. Um dia de tranquilização de consciências. Associa-se eventualmente uma chamada de atenção, feita pelos próprios ou por quem se lembra deles, sob forma de discursos bem intencionados, mas que não contribuem para o desenvolvimento do pensamento pluralista, antes pelo contrário?»

Respondi: «Não quero extremar, mas, sim. Diria que a vantagem bem intencionada da comemoração desapareceu perante o uso oportunista que se fez dele, com cada vez mais clareza, à medida que nos aproximámos da Refundição.

Sem se aperceber, como por um toque de magia, cada indivíduo encontrava-se metido num conjunto, num subconjunto, ou na interseção de conjuntos. O fascínio para rankings em sociedades baseadas em hierarquias e relações codificadas, em termos de poder e de posse, tratava do resto.

E é de questionar se o indivíduo podia fazer o equivalente ao que afirmou Groucho Marx quando disse "*I don't want to belong to any club that will accept people like me as member*".

Quanto a mim, quando toca à ética, à espécie humana e à interação pluralista, o paradoxo de Russell não se situa ao nível do indivíduo, mas ao nível do conjunto.»

"en effet, comment cautionner un système
qui stimule la compétition
au détriment de la créativité
et sélectionne des forts pour le marché du travail
au lieu d'apprendre à des êtres humains
le partage et la solidarité?"
Albert Jacquard

Queria falar acerca da aprendizagem dialogada. O que ela significa para que crianças, jovens e adultos aprendam a encontrar o equilíbrio entre a percepção do próprio e a percepção do grupo.

Na história anterior à Refundição é fácil de encontrar exemplos de como a falta de equilíbrio provocava sérios danos.

A percepção exagerada do próprio levou os mais arrogantes e ego-centrados a hierarquizar a sociedade. O egocentrismo levou a desejos de imortalidade. Associado à valorização de trocas comerciais, levou a uma ânsia, genuína por parte de alguns, mas na maioria das pessoas, provocada por estratégias psicológicas, para a necessidade de consumismo.

A hierarquização pude igualmente explorar o altruísmo até se tornar suicidário; vejam: mesmo se o conflito armado era considerado um horror contra-natureza, muitos indivíduos podiam ser levados a acreditar que morrer por uma causa, ou pela defesa dos bens de outros, era uma atitude nobre. Não estou a falar aqui do adulto, profissional ou não, que arriscava e arrisca a sua vida para retirar uma criança ou outro adulto

enfraquecido de uma situação letal: um incêndio, uma acidente, uma situação de perigo, um campo de batalha, eventualmente. Aqui o altruísmo é parcialmente irreflectido. O aumento de adrenalina que a situação de perigo provoca no salvador pode chegar a salvar ambos, mesmo se existem situações nas quais tanto o salvador como o salvado sucumbem na sequência do ocorrido.

Sei que Catherine e Maria exploram mais a fundo o desequilíbrio entre percepção do Eu, do Outro e do grupo em *A refundição do mundo* e *O regresso do papel*. O excesso de egocentrismo, a arrogância e as atitudes que parecem ser de suicídio altruísta coletivo, foram comportamentos talvez necessárias durante uma determinada fase da história do desenvolvimento humano. Não sei. Como também não sei se o controlo social da arrogância e da agressividade será uma evolução incondicionalmente positiva. É sempre perigoso pensar que a época em que vivemos seja melhor do que todas as épocas anteriores. Por muito, posso dizer que, como outras épocas da história humana, também a época atual me parece uma época cheia de promessas.

Vejo com imenso interesse o que foi o trabalho conjunto entre os *Fugitivos,* refugiados nos Lugares de Livros e os *Ignorantes*, desorientados, ameaçados e ameaçadores, nos últimos anos antes do Inverno Vulcânico. *O Paraíso dos Livros* conta-nos parte desta história. Nela, a aprendizagem dialogada parece ocupar um papel central.

Claro que sou filho do meu tempo. Isto faz com que me é difícil perceber como é que se conseguia acompanhar a

aprendizagem, tendo a instrução ou a relação hierárquica como ponto de partida. Quando se trata de aprender a relação e a convivencialidade entre humanos, não o entendo mesmo.
Em conversa, o grupo de Bibliotantes que desenvolve dispositivos quantum-electrónicos, no qual Liberty e Erika se incluem, explicou-me a codificação de instruções hierarquizadas, embutida em todos os instrumentos automáticos. Aprendi com Liberty e Erika como funcionam as árvores de decisão sobrepostas e que existe um procedimento de 'altruísmo suicidário' que remonta às leis da robótica de Asimov. A vida biológica não fica assim prejudicada pela ação electrónica automática de máquinas auto-aprendentes.
Interessa-me a sociologia e a antropogogia e tenho algum conhecimento histórico. Sei muito bem portanto que a aprendizagem foi, durante muito tempo, condicionada pela instrução. Vejo como se fazia, não sou capaz de visionar como se faria agora, com os polissiguais de uma comunidade qualquer do planeta. A comunidade interpolis de antropogogos comunga desta ideia. Mas parece-me prudente não fazer disso um facto, quanto muito uma hipótese de trabalho. Poderá, na nossa organização, com os instrumentos de governo que usamos e dos quais Catherine traça a sua génese em *A refundição do mundo,* a instrução condicionante ser um complemento ou uma mais-valia para os projetos de aprendizagem suportados pela interação dialogada em grupos de estudo? Temos aqui um campo de trabalho e de análise.

Atravessava o Parque Central, perdido neste tipo de pensamentos, quando vi Sayen, sentada num banco a ler.

Aproximei-me: «Posso-te convidar para jantar connosco hoje?» Sayen fitou-me um momento e respondeu lentamente: «E… que conversa estavas a pensar ter?» Ri. «Pois, Maria bem disse que corre a história que quando convido alguém para casa, nunca é sem segundas intenções. Bem, queria conversar um pouco contigo acerca da aprendizagem dialogada. Interessa-me o que tu sabes acerca da relação entre a organização de uma sociedade e a organização daquilo que antes da Refundição se identificava com escolarização.»

«Ainda a preparar a abertura, Alberto?», sorriu Sayen.

«Sim, e vou ficar aliviado de aqui um mês», respondi. «Mas não é só por causa do EJCD, também é por causa do encontro digital interpolis de antropogogia. Vi o teu nome entre as pessoas inscritas e procuro quem me acompanha para nos provocar entre nós com perguntas incómodas.»

«Pablo pode acompanhar? Tinha combinado um jantar com ele», respondeu Sayen, corando ligeiramente. Notei a mudança de cor e disse logo: «Pode ser outro dia também, não quero me intrometer na vossa vida, se tinham combinado algo a dois.» Sayen sorriu: «Está-se a notar não? Digo-te, a chegada de Pablo, aqui na nossa comunidade, tocou me muito.» «A chegada ou o próprio Pablo?», perguntei. «Penso o próprio Pablo. Mas sem ter chegado, não me podia ter tocado, não é», respondeu prontamente Sayen. «E não, não te intrometes. Falo com ele e, se não te disser mais nada, aparecemos na vossa casa, ao fim da tarde. Já agora, Maria sabe que estás a fazer convites para hoje?»

Foi a minha vez de corar. Inverti caminho e voltei para casa.

Maria estava na veranda frente ao jardim e olhou para mim:
«Já de volta? Quem convidaste agora? Almoço ou jantar?»
«Jantar, respondi. Sayen e Pablo.»
«E qual é o assunto de conversa?»
«Aprendizagem dialogada.»
«Encontro de antropogogos?»
«Sim, principalmente.»

«Podemos entrar?» Sayen e Pablo apareciam na esquina do nosso jardim. Levantamo-nos para os cumprimentar. Sayen trouxe ovos frescos e Pablo desembrulhou alguns queijos de cabra. «Receita artesanal», disse. «O leite foi coalhado com a flor de cardo, uma planta que os meus companheiros de casa cultivam no jardim.»
Para quem não conhece Bibliopolis, talvez convém dizer que vivemos alguns graus à Sul do equador, e que a nossa Polis é banhado por um dos maiores lagos do planeta. O melhor período do ano para refeições no jardim é de Ketwromehns a Sedmomehns. Desconfie de convites para um repasto ao ar livre nos meses de Phromehns, Dwiterómehns e Newnomehns. Quase de certeza que alguém está a vos pregar uma partida, sobretudo se for para jantar. O mais provável é que o convívio será cancelado devido à chuva torrencial, mesmo a temperatura se mantendo estável o ano todo: em média, aproximadamente 23º C a noite e 30º C de dia.

Depois dos quatro termos composto o nosso prato, sentámo-nos. Acompanhamos a refeição com um chá frio de frutos e conversamos.

«Sayen, vou entrar logo no cerne da questão que me coloquei o outro dia, quando li as notas que Idrissa, Pablo e tu organizaram para os volumes 9 e 10 da nossa saga.
Podemos dizer que a crise educacional foi desencadeada por problemas de saúde, nomeadamente de contágio por vírus e que esta crise correspondeu àquela espécie de constante oscilação entre Reforma e Contra-Reforma?»
Pablo olhou para a Sayen e disse: «Posso dizer algo antes de responderes a Alberto? Penso que a questão é mais geral. Não existe, desde os primeiros assentamentos, uma oposição constante entre duas formas em como lidar com a aprendizagem inata do ser humano, quando aplicada à cultura? Não existe uma oposição constante entre a escola do questionamento e diálogo socrático e a escola da instrução condicionante em função do ideal de Estado ao qual o indivíduo presta um serviço absoluto? Podemos dissociar o objeto educação do modo como as sociedades sedentárias foram organizadas em classes por quem tomou o poder, seja secular, seja sobre o pensamento espiritual? Podemos dissociá-lo da ideia subjacente à organização de uma sociedade de classes de humanos, umas com direito ao conhecimento e o ócio, enquanto outras agrupam quem foi obrigado ao estatuto de servo ou escravo? Diz-me se estou errado, mas não foste tu que alertou que não existiram no início cosmologias ou religiões que condenavam claramente a escravatura e a servidão, como não fazendo parte de um projeto de cultura humana.»
Sorri. «Falaste com Liberty, pelos vistos. Tivemos uma conversa

acerca de religiões e a sua posição em relação à escravatura. Estou a juntar mais informações, mas sim, até agora, o que juntei parece corroborar esta ideia. Mas não me interpretem mal. Vejo uma certa regularidade no que aconteceu com frequente repetição nos hectanos 120 e 121. Pareceu-me que esta regularidade também existiu na altura da saída dos protestantes da igreja Romana, daí que utilizei os termos Reforma e Contra-Reforma.»

Sayen pegou na dica: «Quando observamos os hectanos 116 e 117, encontramos as propostas de Comenius, generosas no plano da educação das pessoas. Como Jan Amos dizia, tratava-se de entender a obra de Deus, para conseguir interagir corretamente com ela. Depois seguiram as contra-propostas de Démia e Lasalle que, como nas civilizações antigas, voltaram a moldar a educação em função da proveniência dos educandos. É possível fazer esta leitura. Contudo, Comenius não é "os protestantes" ou "a reforma", como "a contra-reforma" não é Lasalle. Alías, pelo que conheço de ti, não me parece que estás a colocar Comenius como a personificação do bem e Lasalle como a personificação do mal. Encontrámos relatos de época descrevendo que Lasalle se moveu para criar condições de educação para as classes de servos, e, como sempre, diria Babitha, temos que ler as ações das pessoas no tempo em que elas ocorrem.»

«Claro», concordei. «Mas não deixa de ser visível que as ideias institucionais de Lasalle tiveram êxito, quando se implementou em grande escala o modelo de escolarização.»

«Ou então poderias dizer que o que teve êxito foi o modelo

Lancaster ou Lankaster, de que encontramos relatos no que nos ficou de Jeanne Teacher e Louis Demeester. E este modelo foi desenvolvido em meios maioritariamente influenciados pela igreja anglicana e por correntes protestantes», completou Sayen.

Pablo observou: «No fundo, a própria ideia de gradual implementação da escola para todos, evoluindo para a escolaridade obrigatória para todos, continha um invariante que era de genuína beneficência. Levar as crianças todas, e sobretudo as crianças pobres, para a escola significava para elas uma melhoria de vida, o acesso à cultura, ao conhecimento. Um hectano e meio depois de Lankaster, o argumento muito utilizado era que esta escola garantia a mobilidade social. A seguir tornou-se muito popular falar de capital humano, como complemento de ou substituto para o capital financeiro. E para mim, é aí que se vê como quem detinha o poder e aconselhava ou até dominava governantes, deu um sentido à escola que os bem-feitores talvez não entendiam da mesma forma: tratava-se de investir para ter um retorno. O dividendo podia ser expresso em dinheiro, ou podia ser expresso em saber ou saber-fazer. Foi uma abordagem económica do conhecimento, seja qual for o modelo de análise escolhido. A palavra chave era a palavra *capital* e os modelos de análise debruçavam-se sobre a sua distribuição.»

Maria disse: «Não sei se já falaram com a Babitha e Moana sobre sociedade, economia e desenvolvimento, focando a aprendizagem e o conhecimento. Fiquei sensível a uma observação que Babitha fez quando analisava com Moana o

ato de valorização de ideias e de bens, imputando-lhes um valor pecuniário. Babitha estava a imaginar um esquema no qual, na pré-história, o serviço de providenciar um clã de fogo seria um serviço pago, ou ainda no qual uma técnica de caça em grupo seria quotado em bolsa. Ela estava deliberadamente a fazer em tom de brincadeira o que muitos dos primeiros paleontólogos fizeram, sem ser a brincar: imputar numa realidade de uma época anterior, aspectos da realidade do presente do ator. Moana dizia que estes exercícios de pensamento tornavam possível mostrar para qualquer feito alcançado por seres humanos, a diferença entre duas formas de encarar a partilha de aprendizagens e conhecimentos. Ela pode ser feita no seio de uma organização social e cultural horizontal que torne o feito alcançado universalmente acessível, ou no seio de uma organização social e cultural hierarquizada que atribui valor de troca ao feito alcançado. Moana sintetizava que na primeira situação, o altruísmo coletivo permitia tendencialmente a melhoria de condições de vida de todos, enquanto no segundo caso, o egoísmo de cada elemento do coletivo permitia tendencialmente a melhoria de condições de vida de alguns.»

Houve um curto silêncio.

Sayen parecia impressionada com o que Maria acabava de contar. Depois disse: «Uau. É uma imagem que me parece muito adequado para quando falamos da prática da aprendizagem dialogada. O que vou dizer agora teria chocado os pedagogos do hectano 120. Penso que, enquanto existia uma sociedade com dinheiro, seja qual for o modo de a

governar, a aprendizagem dialogada nunca pude ser mais do que um modelo de trabalho para uma minoria de privilegiados. Estes privilegiados tinham o poder e os meios para reservar para os seus filhos e as suas filhas aquilo que ramos das ciências sociais e humanos apontavam como sendo universal: na aprendizagem, também a aprendizagem cultural e social, todos os papeis são igualmente importantes. Aprender é uma ação social interativa, 'interconectada'. Aprende-se através da confrontação dialogada.

Para salvaguardar a sociedade organizada em classes, castas, hierarquias, oprimidos e opressores, as palavras podiam mudar, mas o conceito base mantinha-se. Quem detinha poder e tinha posses, argumentava que a relação desigual entre as pessoas fazia parte da evolução humana. Agia-se de duas formas. Primeiro escrevia-se uma história conveniente. Associava-se a comunidade de organização horizontal e cooperante aos nómadas recolectores-caçadores, fazendo passar a imagem que estes eram por natureza primitivos no sentido de incultos, brutos, selvagens, … . Associava-se a sociedade de organização hierárquica, baseado na colaboração das 'camadas mais baixas' com as 'camadas mais altas' aos sedentários e agrupados produtores de bens e serviços, que deixaram de ser primitivos para se tornar civilizados, no sentido de cultos, delicados, letrados, … .

A apresentação da História feita assim criava ciclicamente problemas a quem a inventava. Em qualquer altura a hierarquia podia ficar desestabilizada por quem se considera 'mais bem posicionada do que a geração anterior': um novo rei

conquistador, um novo profeta, um libertador de oprimidos, por sua vez oprimindo outros, … .

Quem tomava o poder, procurava criar uma uma linha permanente de proteção à sua história. Para o fazer era necessário subjugar a aprendizagem à instrução. A aprendizagem dialogada não era portanto o elemento novo no processo de desenvolvimento cultural da espécie humana, como alguns psicólogos do hectano 119 afirmavam. É o elemento *original*, próprio do desabrochar da consciência humana. Não. O elemento novo foi a domação da aprendizagem através da instrução de todos a quem os arrogantes não-produtores apresentaram a sociedade hierarquizada como uma evolução positiva para o conjunto da humanidade. Fazia parte da instrução impor a crença que quem detinha riqueza e poder, o detinha por direito natural ou divino. A escravidão e a servitude foram sempre de difícil imposição só pela força bruta da guerra e do castigo corporal. Rapidamente introduziram-se forças mais subtis. O culto do medo antes da punição funcionava bem. Durante muito tempo a ameaça de perder a garantia da vida espiritual eterna gloriosa, se não se mantivesse fiel às regras instruindo para uma vida material modesta, era eficaz. Contudo, o modo de agir dos auto-privilegiados em preparação para a vida espiritual eterna em comparação com o que se exigia dos servos, deve ter semeado alguma desconfiança acerca da vida gloriosa para todos, prometida por quem por norma já detinha o poder. Vários controlos do espírito e do pensamento foram ensaiados. A doutrinação e a instrução mostraram ser boas

estratégias, sobretudo quando combinado com o cultivo do medo para todos aqueles que são instruídos tendo outras doutrinas por base.

Para mim, a história da escolarização é a história de como, quem se colocou em posição de privilégio se organizou para condicionar o resto da população para que não atingisse o privilégio.»

Olhei de modo pensativo para Sayen: «Então, o que estás a dizer é que é da natureza humana a aprendizagem dialogada e que o poder arrogante encontrou na instrução o instrumento de controlo. E a escolarização é basicamente um prolongamento da instrução.»

Sayen respondeu: «Sim, é o que estou a dizer. E enquanto a sociedade se baseou em trocas comerciais e dinheiro, os pedagogos, e mesmo os antropogogos, Alberto, estavam presos na armadilha que esta própria sociedade lhes colocou. Quem percebia que a própria natureza da aprendizagem era o diálogo apontava para a escola do acesso ao conhecimento, a escola que promovesse a crítica, a escola que colocasse em destaque a cooperação entre pares para a realização de projetos individuais e comuns, mas sempre com uma lógica de evolução para melhor, própria de uma ideia de sociedade de crescimento perpétuo. Penso que foi este o drama da geração de antropogogos de quem falamos em *A era dos aprendentes*.»

Pablo franziu as sobrancelhas: «De repente lembro-me de uma pequena anotação que encontrei numa margem de um dos livros da biblioteca de Paulo Demeester. É um livro sobre o dinheiro e o seu uso no contexto de uma sociedade com a

economia centralmente planificada. Na margem está: "*Tony costumava dizer que enquanto houver um só capitalista nessa bola de água e rochas, não haveria cooperação que aguentasse. Penso que é mais complexo. Tem mais a ver com o próprio conceito de dinheiro*". Paulo referia-se provavelmente a um pedagogo com quem trabalhou no âmbito da pedagogia institucional.»

Observei: «Não sabia que tinhas ido até ao pormenor de ler notas na margem de livros velhos, para estudar o que identificas como Nova Ignorância. Cada dia admiro mais o grupo de pessoas que me convenceu de escrevermos esta história dos Magister-Auctor em conjunto.»

Sayen retomou: «Interessante é de ver como os privilegiados nunca abdicaram da aprendizagem dialogada para os seus, como já observei. É recorrente, em todas as grandes civilizações, desde que temos registos escritos. Houve sempre quem acompanhou os filhos dos governadores, mesmo antes de haver instrução generalizada. E assim que a escolarização se generalizou no modelo de sociedade conhecido na História como Modelo Ocidental, houve quem entendeu o perigo da instrução. Tratou-se de um grupo de pessoas que não está interessado no desenvolvimento universal da instrução, mas também não numa escolarização que possibilitaria o conhecimento partilhado e desenvolvido entre todos. Estou a falar de uma nova classe de burguesia endinheirada, fruto da sua própria formação. Estou a falar da burguesia iluminada e da sua assunção, o que tornará popular a expressão *capital humano* que já referi. Para tal acontecer, havia no hectano 118

uma burguesia iluminada nas zonas 2 e 3, questionando o poder da nobreza e da igreja, que impulsionou uma Escola Nova, privada, dirigida aos seus filhos. Introduziram-se alterações na relação entre educando e educador, recuperando aspectos da aprendizagem dialogante. Abordamos esta época com os Teacher e a Johanna Demeester em *A escola da burguesia iluminada*. Uns poucos pedagogos procuraram transportar algumas destas ideias para a escola pública, garantindo o acesso de todos a esta reforma do ensino escolar. Mesmo sendo muito esporádicas e sem apresentar uma ameaça para seja quem for, só foram tolerados durante um curto espaço de tempo entre as duas guerras europeu-mundiais do hectano 119.

Uma ironia no rodapé da história francesa da escolarização é que o pedagogo Célestin Freinet, que convictamente levou a proposta da Escola Nova da burguesia para a escola pública do povo, iria ser esmagado no meio da discussão em relação ao estatuto laico ou confessional da escola pública, tendo como única alternativa de criar uma escola… privada.

Depois de 119.46, surgiu, em muitos países da Europa, uma onda legislativa que acolhia as ideias da Escola Nova. Algumas décadas depois, muitos dos movimentos de profissionais da educação, que se reviam no trabalho educativo no qual existia a cooperação e a participação das crianças, ficaram reduzidos, alguns quase extintos, devido à pressão por parte dos ministérios para participarem na implementação de medidas de maior participação. Os *minister* chamaram os *magister*, mas os últimos ficaram a perder. A abertura para a cooperação foi

de curta duração, e, ao meu ver, decorria unicamente de uma necessidade de 'lamber feridas' depois do fim de dois conflitos armados violentes. A curta democratização do ensino acompanhava os desejos populares momentâneos de pacificação e de oposição ao conflito armado, mas certamente não se baseava na análise da escola de instrução, e ainda menos numa leitura antropogógica ou ignarométrica da interação na aprendizagem. Intendo que o que os dirigentes das Nações e das suas estruturas menos queriam, era de encorajar a generalização da aprendizagem dialogada em prejuízo da instrução.»

Pablo disse: «Quero aqui introduzir outro factor. Nas três décadas do hectano 119, a seguir ao que ficou conhecido como a segunda guerra mundial, prosperava a atividade económica centrada sobre o mercado de trabalho. Veio mais um revés em 119.73. Medidas protecionistas exercidas por nações que controlavam a matéria-prima para o crescente consumo de combustível, puseram abruptamente termo à ilusão do crescimento perpétuo. Logo, a aprendizagem das pessoas foi feita refém de programas de aprendizagem ao longo da vida. Os programas tinham sempre a ver com o desenvolvimento da pessoa com o objetivo de melhor se poder vender no 'mercado de trabalho'. O repentino e aparente entusiasmo para algo que é de todos os tempos, ou seja, a vitalícia curiosidade do ser humano, não foi mais do que um aproveitamento político, orquestrado durante um dos regulares abrandamentos económicos naquele círculo vicioso alimentado pela fé no mercado de capitais. Ocorreu no advento da massificação da

informática de uso pessoal o que deu origem a modos de instrução e ensino a distância, impulsionado por medidas e linhas de financiamento para a certificação de adultos.
No hectano 119 existia uma linha de investigação-ação que relacionava a aprendizagem participada ao trabalho educativo com adultos. Falava-se de andrologia. Investigadores propuseram a teorização dos modelos educativos, sugerindo três paradigmas: instrução, aprendizagem e comunicação. Entre os práticos que teorizavam a sua ação e os académicos, muitos associavam descuidadamente a instrução à educação de crianças, provavelmente ofuscados pela predominante prática de escolarização condicionada por currículos decretados por Estados-Nação, seja qual for o regime político. Para muitas pessoas, a instrução escolarizada obrigatória que só apareceu tardiamente na história da humanidade, passou a ser representativa para a 'natural' relação educativa com crianças. Uma linha menos ideológica distinguia o ensino curricular da aprendizagem cultural e social e investigava a interação, bem como a sua intencionalidade educativa, entre adultos e crianças ou adultos e adultos em contextos diferentes. Esta linha inscrevia-se no modelo educativo da comunicação, sem fazer clivagem entre a aprendizagem de crianças e a aprendizagem de adultos. Para esta linha de pensamento, o que varia entre aprendizagem de adultos e de crianças era a proporção entre aprendizagem entre pares e aprendizagem sustentado.»
«Espera um pouco», disse Maria. «O que queres dizer com ideológico quando falas das duas linhas?»

Pablo respondeu: «O nosso grupo de estudo observa que existia um certo radicalismo por parte de quem se dedicava exclusivamente à educação de adultos. Pessoalmente, penso que este grupo de profissionais fazia uma leitura parcial dos escritos de pessoas como Paulo Freire ou Ivan Illich. Considero o primeiro um polissigual "*avant la lettre*", pelo modo como ele propunha a interação em processos de aprendizagem mútua. Contudo, no seu tempo, os arrogantes no poder reduziram-no habilmente a 'alfabetizador'. Como em outros momentos da história, havia quem, mesmo nos meios académicos, menos-prezava a análise dos fenómenos de libertação e da tomada de posse da palavra. Encontrámos na biblioteca de Paulo Demeester alguns documentos escritos por contemporâneos de Paulo e do seu pai John, que, de certa forma condenam em absoluto a escola da instrução, mas quando falam de Freire, só falam da aprendizagem da leitura, e nem sequer da escrita. Fizemos questão de deixar, no volume *A massa medíocre,* alguns testemunhos do Paulo. Ele próprio e os grupos de Escrita e Leitura, nos quais se envolveu, provocaram uma rutura com a administração nacional da qual dependiam, Esta administração criticava comodamente um sector do Estado que não era da sua responsabilidade fazendo exatamente o mesmo no sector do Estado que controlava. E mais. Pelo que pudemos perceber, o poder do mercado dos capitais jogava habilmente com os sentimentos dos governantes dos Estados-nação e os por eles criados na populações em geral. A circulação dos capitais empurrava os Estados para uma concorrência entre eles, jogando com termos como riqueza nacional ou produto interno

bruto. Na realidade, tratava-se de acelerar a concentração da riqueza para quem já tinha grandes posses. É neste contexto que surgiu em muitos Estados aquela onda legislativa acerca da participação do aprendente. Ela não derivava de uma ideia societal de pensamento crítico. Derivava de uma ideia empresarial de pensamento criativo, no sentido de se posicionar no mercado face a concorrência. Tolerava-se com relutância o trabalho cooperado de co-construção. Contudo, a fantasia de que evolução significa ir de mal para melhor envenenava mais uma vez as mentes. Na comunidade de quem se definia como cientistas da educação, havia um grupo líder que arrogantemente apresentava a cooperação como uma forma de trabalhar ancestral, comunitária, horizontal e por isso ultrapassada, anterior ao desenvolvimento da colaboração. Este modo de trabalhar era apresentado como superior em termos de participação, tendo por isso fortes vantagens. Claro que, para quem controlava os meios de produção e o seu financiamento, a hierarquia era bem melhor organizada num contexto de colaboração do que num contexto de cooperação. A filosofia base era que quem não tinha o controlo dos meios, colaborava, de modo criativo, para que a economia se mantivesse saudável e participava assim para assegurar a sobrevivência de todos. Para o topo da hierarquia, sobrevivência significava a continuação de controlo e posse para si, e uma vida de servo para todos os outros, recompensando a colaboração.»

Sayen esperava que Pablo terminasse para prosseguir o raciocínio: «Digamos que, ao invés da linha de pensamento mais económica e masculina da androgogia, aquela outra,

menos ideológica, e que esteve na origem da noção de antropogogia, era, no hectano 120 uma linha mais de sonho a realizar. Uma linha que o filósofo e geneticista Albert Jacquard gostava de percorrer. Ela ficou patente em *A era do aprendente*. Idrissa ajudou-nos, mostrando como a análise ignarométrica contribuiu para explicar o inevitável fracasso do modelo de aprendizagem dialogada numa organização de sociedade baseada na fantasia de produção eternamente crescente. Numa sociedade deste tipo e arrogantemente defendida, qualquer crítica devia ser identificada como irrealista, logo condenada à partida. Ironicamente os exemplos mais eficazes de controlo generalizado eram os de modos de governo que se perfilaram como benéficos para todos, mas que eram dinásticas ou quase-dinásticas, recorrendo a linhas de nobreza ou a estruturas político-partidárias.

Diga-se de passagem que a educação da burguesia iluminada, baseada na aprendizagem dialogada continuou a existir para uma nomenclatura iluminada. Mas simultaneamente existia uma nomenclatura por sua vez cegada pelo discurso de quem detinha os mercados de capitais e de valores. Esta valorizava para a sua descendência as escolas que moldavam e desenvolviam a arrogância, combinando os paradigmas de instrução e de aprendizagem, para se manter em situação de liderança.»

Suspirei. «Então, o que parecia ser um reencontro com a aprendizagem dialogada, foi na prática o quase completo abandono. *A era do aprendente* foi uma operação de marketing.»

Sayen olhou ligeiramente surpreendida para mim: “Foi isso

mesmo. Contudo, também devo dizer que, do nosso ponto de vista, o trabalho dos antropogogos institucionais que recorreram à análise ignarométrica foi fundamental para o modo como a aprendizagem dialogada se reorganizou, primeiro entre os Guardiões dos Livros, e depois com os projetos comuns entre Fugitivos e Ignorantes.

Mas antes de lá chegar, vivia-se no hectano 120, quase ao nível planetário, devido aos muitos sistemas educativos complexos, e depois de um curto namoro, o gradual desaparecimento da interação educativa e intencional baseado no questionamento aberto e resultante do diálogo, em que a criança fala na primeira pessoa. Voltava-se cada vez mais aos modos de trabalho nos quais só se solicitava o aluno de mostrar ter fixado a informação e a formação que lhe foi dada, em plataformas educativas ou através da televisão, através do preenchimento de propostas de trabalho fechadas, baseados no que antes lhes foi apresentado.

Durante todo o hectano 120, falava-se muito do futuro da escola e da educação. Mas era sobretudo uma discussão acerca da generalização do acesso a instrumentos e conteúdos, potenciando a futura realização económica e social do indivíduo e do 'seu' Estado-Nação. Esta discussão era apresentada como a mais importante para se fazer. Quase todas as publicações deste hectano que encontrámos tinham-na como foco. São muito diminutos as publicações de quem se interrogava acerca do foco tecnológico, e a discussão não era senão uma falácia. Ela tratava a generalização do *ensino*, à distância ou presencial, e só muito marginalmente a

aprendizagem dialogada, significando um retrocesso, e não um avanço, no plano da cultura e da discussão das ideias. Os poucos antropogogos que publicavam neste sentido argumentavam que, o que se devia debater, não era tanto a presença de instrumentos e conteúdos digitais, mas, o modo como a tecnologia era utilizada para tornar mais difícil o questionamento crítico e o debate de ideias.»

Pablo acrescentou: «Só para reforçar o que vocês, Alberto e Sayen, acabam de dizer. No hectano 120 discutia-se formas de transmitir um modelo de sociedade baseada na posse, na hierarquia, na desigualdade, e, por consequência, uma sociedade de desconfiança e de preconceito. Para isso o modelo instrucional servia. O resto era areia nos olhos de quem acreditava se tratar de um debate democrático. Democrático, no sentido da imposição da maioria, certamente era, de pluralista tinha muito pouco.»

Maria franzia as sobrancelhas: «E então, hoje, para transmitir a nossa proposta de sociedade convivêncial, 'obrigamos' à aprendizagem dialogada? Só quero provocar um pouco…»

Rimos. Sayen continuou: «Penso que não é possível desligar a interação na aprendizagem de opções feitas. Mas não vejo isso necessariamente como uma medição de forças. Babitha costuma dizer que a fase da história da humanidade na qual existiram sociedades organizadas em função da fé no dinheiro, foi isso mesmo: uma fase, que pela sua insustentabilidade, desapareceu. Elysium mostrou por si próprio que era uma não-solução. O trabalho feito com Ignorantes, Fugitivos e alguns habitantes de Elysium a partir das ideias de Bregman foi

importante. Mas, mais importante para o lançamento da sociedade que temos neste momento no planeta Terra, foi a interação entre aprendentes. Não foi por isso mesmo, Maria, que demos o título *A refundição do mundo* ao penúltimo volume da nossa história?»

Enquanto servia um último chá, eu disse: «Obrigado por esta conversa, Maria, Pablo e Sayen. Estava agora a pensar que, entre o momento em que se começou a imprimir livros, e o momento em que o conteúdo impresso passou a estar ao alcance de todos, decorreram hectanos. E o alcance de todos à escrita só começou a se verificar a partir do fim do hectano 119, e muito devido às ferramentas de interação digitais. Exatamente essas ferramentas das quais a sua disponibilização era frequentemente contestadas por quem se arrogava dono do conhecimento (arrogância que não tem nada a ver com a discussão prudente e franca entre pares de questionamento científico). Valerá a pena continuar a discutir em que condições o diálogo à distância, associado ao diálogo presencial, se torna um avanço para o pluralismo e um posicionamento ético cosmopolita, e em que condições ele se torna um obstáculo a este mesmo avanço.»

E Maria terminou: «Sim, valerá a pena, mas não hoje. Então Sayen e Pablo, já decidiram qual é a casa que querem ocupar?»

Swekstomehns

Declaro aberto o espaço.

Espécie de discurso coletivo de abertura			
Bibliotantes e polissiguais do planeta,	a abertura do Espaço	apresenta um marco para a análise	das nossas opções em relação à antropogogia.
Estarmos aqui hoje, significa que	o espólio agora apresentado	cumpre um papel essencial na formulação	das nossas metas para a divulgação de conhecimento.
Não podemos esquecer que	o atual espaço	auxilia a preparação	de novos estudos relativos à relação entre pessoas.
Do mesmo modo	o modelo de disponibilização de documentos	contribui para a correta interpretação	de propostas educativas de análise.
A prática mostra que	o desenvolvimento da nossa forma de atuar	assume importantes posições na definição	das opções básicas para o sucesso deste Espaço.
Nunca é demais insistir que	a constante divulgação das informações	facilita a definição	do nosso modo de formar grupos de trabalho.
A experiência mostra que	a consolidação da análise ignarometrica	nunca prejudica a percepção	das condições para o trabalho formativo.
É fundamental ressaltar que	a observação das diversas entradas de análise	oferece uma boa verificação	dos índices pretendidos.
O incentivo ao avanço do conhecimento, assim como	a disponibilização do Espaço como local de estudo	acarreta um constante processo de atualização	das formas de interação.
Caras e caros visitantes, amigas e amigos,	a expansão da nossa atividade	exige precisão na interpretação	dos conceitos utilizadas por Joana e Catherine Demeester.

Andei meses a questionar-me em relação aos rituais de abertura de espaços, desvalorizando o ato. Andei meses a

procurar como transmitir o meu ponto de vista, sem magoar amigos e co-Bibliotantes, depois de ouvir os receios de Maria. Andei muito tempo a pensar em como aproveitar a 'abertura' do EJCD para falar com os polissiguais interessados, de modo simples, humilde, sem floreados acerca do seu potencial significado. Na véspera do dia 14, os meus intestinos provaram-me que, quanto a emoções, a mente nem sempre controla o corpo, como a nossa fantasia nos faz acreditar. Porquê tantos nervos, se o meu desejo é de encarar o dia como qualquer outro e o ato como um ato banal… Afinal, não sou nem escritor, nem curador…

Penso que devo contar aqui a minha versão de como foi então o desvendar do Espaço Joana & Catherine Demeester, inaugurado naquele dia. Só tinha falado previamente com o grupo de co-autores da dinastia e alguns familiares, acerca do pseudo-discurso inaugural. Com esta preparação mínima, ficamos à espera na sala principal do espaço. Até a hora marcada, juntaram-se uma centena de co-bibliotantes.
O nosso grupo bateu palmas para pedir alguma atenção. Todos olharam para mim. Eu disse: «Pensei em três modos de fazer para ligar este espaço a polissiguais interessados. Aqui vai o primeiro: *Vejam, a porta está aberta, podem entrar. Bem-vindos e bem-vindas*.»
Esperei um pouco e ouvi algumas pessoas a rir.
Retomei.
«Pois, foi o que me tinham dito. Declarar público o espaço, assim, não seria levado a sério.»
Ouvi-se mais risos.

«Para sermos mais sérios, deve haver um discurso. Como prezamos a cooperação, pensei num discurso em co-autoria.
Por isso, convidei, para o segundo modo, o grupo de estudo que está na origem do espaço para produzirmos este discurso a partir dos elementos aqui projetados.» Assim que pronunciei estas palavras, apareceu numa das paredes brancas o quadro com a *espécie de discurso coletivo de abertura*.
Reproduzo aqui a leitura que fizemos.

Caras e caros visitantes, amigas e amigos, o atual espaço facilita a definição das condições para o trabalho formativo (eu). *Nunca é demais insistir que o espólio agora apresentado oferece uma boa verificação das formas de interação* (Zainabu). *A experiência mostra que a observação das diversas entradas de análise facilita a definição das nossas opções em relação à antropogogia* (Babitha). *É fundamental realçar que o atual espaço acarreta um constante processo de atualização das formas de interação* (Umut). *Bibliotantes e polissiguais do planeta, a expansão da nossa atividade auxilia a preparação de propostas educativas e de análise* (Binh Pham). *Do mesmo modo, o modelo de disponibilização de documentos facilita a definição dos índices pretendidos* (Sayen).
Nesta altura já se soltaram algumas gargalhadas no público. Dei sinal de continuarmos.
É fundamental ressaltar que a disponibilização do Espaço como local de estudo exige precisão na interpretação das opções básicas para o sucesso deste Espaço (Catherine). *Do mesmo modo, o atual espaço oferece uma boa verificação de novos estudos relativos à relação entre pessoas* (Maria). *Estarmos aqui hoje,*

significa que a consolidação da análise ignarométrica cumpre um papel essencial na formulação das condições para o trabalho formativo (Delun). *A prática mostra que o espólio agora apresentado nunca prejudica a percepção dos conceitos utilizados por Joana e Catherine Demeester* (Moana).

Agora já havia entre o público quem acompanhava a leitura em voz alta, assim que descobria o elemento de frase escolhido por quem, entre nós, tomava a palavra.

Nunca é demais insistir que o modelo de disponibilização de documentos auxilia a preparação do nosso modo de formar grupos de trabalho (Idrissa). *O incentivo ao avanço do conhecimento, assim como o desenvolvimento da nossa forma de atuar apresenta um marco para a análise das condições para o trabalho formativo* (Liberty). *Do mesmo modo, a disponibilização do Espaço como local de estudo contribui para a correta interpretação das nossa metas para a divulgação de conhecimento* (Pablo). *Caras e caros visitantes, amigas e amigos, estamos certos, a abertura do Espaço facilita a definição dos conceitos utilizados por Joana e Catherine Demeester* (Lev). *Obrigado* (eu).

A gargalhada era geral, acompanhada de forte aplauso. Esperei um pouco e depois retomei a palavra: «Penso que a vossa reação mostrou que me acompanham na reflexão acerca do sentido dos discursos de abertura. Parece-me que não é de recear abdicar de formas de relações sociais pré-Refundição. Um espaço como este, como todos os espaços da Biblioteca Central, existe porque é possível existir. Existe, porque o grupo de trabalho que o iniciou, fez a audição pública, para saber se o projeto não prejudicava os co-

polissiguais de Bibliopolis. Este grupo recebeu luz verde. O futuro dirá *se* e *para quem mais* o Espaço tem sentido. O que me leva ao terceiro modo para sugerir a sua apropriação. Podemos, se assim entenderem, co-construir o desejo coletivo que temos para este espaço, hoje. Posso imaginar que o simples facto de estarem cá significa que existe, entre os presentes, este desejo coletivo.»

«*Se me permitem. Sou Chaytan Liber*. Encorajei a minha filha e as minhas netas integrar este projeto, como agora quero também participar nele. Quem me conhece sabe que descendo de uma família de Ignorantes. Na altura do Inverno Vulcânico, os meus pais optaram por adoptar o nome Liber. Queriam assim simbolicamente evocar a importância que a aprendizagem teve para eles, provocando o reencontro com o conhecimento em livro e, em simultâneo, a sensação de libertação. Espero agora aprofundar aqui o meu conhecimento de, e, eventualmente contribuir para, a história dos instrumentos que facilitaram o reencontro entre Guardiões, Fugitivos e Ignorantes.»

«Posso? *Pedro*. Conheço alguns textos de Pablo e vim, por saber que Pablo está envolvido neste projeto. Vejo a possibilidade que este espaço me dará para encontrar quem esteja interessado em projetos para perceber melhor a aprendizagem de seres auto-conscientes versus aprendizagem de seres ou objetos sem auto-consciência.»

«*Sou Amadeus*. Tenho interesse em me encontrar com quem trabalha em torno de egoísmo e altruísmo. Parece-me promissor um espaço que combina antropogogia institucional e análise ignarométrica para quem comunga deste interesse.»

«*Tabatha*. Já registo o desejo de um espaço de alojamento de novos projetos, mais do que um espaço de consulta. A mim também me encanta a ideia de se tratar de um espaço de partida e não de um espaço de chegada de projetos e comunidades de aprendizagem.»

«*Arthur*. Percebo haver entre os presentes o desejo de recorrer ao espaço para projetos que aprofundam o conhecimento relativo à aprendizagem. O meu desejo é que parte destes projetos nos proporcione mais conhecimento acerca do fluxo das interações entre comunidades distantes, mas também do modo como, enquanto espécie possamos fortalecer a cultura de relacionamento horizontal. Uma das questões em análise, para mim, é como fazer acompanhar a rapidíssima evolução cultural pela muito mais lenta evolução biológica. Prende-se talvez com o que a auto-consciência origina, não só em termos de capacidades cognitivas mas também em termos de posicionamento na estrutura social. A análise ignarométrica ajuda na formulação de hipóteses interessantes no que se refere à sustentabilidade de modelos societais mais verticais ou mais horizontais. Escolhi desenvolver atividade de engenharia. Para mim, existe uma estreita ligação entre projetos de engenharia e modelo societal.»

«*Ayala*. Interessa-me a abordagem ecossistémica das interações. As interações entre seres da mesma espécie são, ao meu ver, um conjunto de interações particulares, dentro de um conjunto muito mais vasto de interações conscientes ou não conscientes, voluntárias ou não, horizontais ou não. Era interessante, aqui, neste espaço, onde dispomos de certa forma da história das

modelações da interação no seio da nossa própria espécie, pensarmos em hipóteses de modelação de interações do ponto de vista ecossistémico.»

«*Pratibha*. Se entendi bem, o desejo coletivo de quem aqui toma a palavra seria de ver um Espaço que é mais de criação do que de consulta. Um espaço no qual portadores de projetos possam recorrer com mais conhecimento a análise ignarométrica ou então alargar esta mesma análise. Vai ao encontro do que imaginei deste espaço. Ayala, estou interessada em conversar contigo acerca da abordagem ecossistémica.»

«*Hashim*. Por várias razões tocou-me neste discurso coletivo o primeiro contributo, de Chaytan. Estou desejoso de encontrar aqui espaço para projetos de trabalho com polissiguais de outros Polis. Penso que pode ser um contributo para a sustentabilidade das interações horizontais entre habitantes de diferentes Polis.

«*John*. Obrigado Hashim. Eu tenho origens parecidas às de Chaytan. Não só vejo, no atual espaço, um local de encontro para os desejos que já foram formulados, como também o lugar de oportunidade para a reflexão polissigual, relativo aos próximos 50 anos e ao próximo hectano. Temos neste momento observações que nos permitem prever que gradualmente haverá a possibilidade de vida permanente para sul e para norte dos atuais limites no planeta. Coloca-se necessariamente a discussão acerca do uso ou, melhor formulado, da interação ecossistémica, em zonas que antes da Refundição, eram densamente habitados. Não só será

necessário mobilizar o Conselho Interpolis para isso, como será importante que os habitantes dos Polis que distribuem os arquivos de conhecimento humano, se envolvem com os polissiguais e os seus projetos de aprendizagem, nesses futuros locais. Faço parte de um grupo que interage com Ignorantes de contato mais recente e que preferem estabelecer-se em novas comunidades do que integrar-se em comunidades existentes. Os modelos de análise de Emmy e de Alberto, se não estou em erro, serão bons auxílios ao meu ver.»

«*Teitur*. Para o desejo coletivo que o espaço se torne local de acolhimento de novos projetos, entre eles, os ligados a interação ecossistémica, gostava de deixar este contributo: não será desejável, útil e eficaz de estabelecer uma linha de intercomunicação permanente com espaços do mesmo tipo em outros Polis onde existem grandes polos de distribuição do conhecimento humano? Três parecem-me muito evidentes: Arqueopolis, Culturopolis e Pérolapolis.»

«*Wolfgang*. Pegando nos desejos formulados por quem fala da interação com polissiguais que não são Bibliotantes, gostava de incluir aqui também que o espaço possa ser local de acolhimento de grupos de trabalho ou comissões do Conselho Interpolis que se relacionam com novos polissiguais vindos de fora do Planeta e que estão em fase de adaptação nas bases lunares.»

Depois da sugestão de Wolfgang não houve quem mais falasse. Aproveitei: «Não existem para mim dúvidas, que os desejos, agora formulados, iniciam o EJCD, assim identificado nos letreiros nos corredores da Biblioteca, como o temos

idealizado: um espaço que facilita a co-autoria de projetos entre polissiguais.»

Olhei para o grupo de escrita da saga Magister-Auctor: «Libertos da pseudo-autoria na qual se prontificaram para participar, o que dizem?»

Maria tomou a palavra: «Eu tinha algum receio quando Alberto me disse que queria ironizar os discursos de abertura. Lembrei que lhe foi pedido para ser curador do espaço e que quem o instituiu nessa tarefa o fez pelo carinho que lhe temos e por saber como tem sido importante para ele e para Lev, a concepção dum espaço que destaca a história da ignarometria, que é por parte a história da sua família. Penso que foi uma boa ideia nos fazer refletir, com um riso nos lábios, acerca do significado dos discursos de abertura. Penso que devemos fazer circular os desejos aqui formulados no terceiro modo de discurso de abertura para fazer conhecer melhor o EJCD, sobretudo a quem só ocasionalmente recorre à biblioteca central, *in loco* ou à distância.»

Pablo acrescentou: «Penso que a maioria dos presentes hoje, sabem que o grupo que Alberto há pouco tão gentilmente manipulou - risos novamente - já está de certa forma a concretizar o desejo coletivo que foi aqui manifestado. Com a tarefa de olhar para os documentos do passado e de os organizar, decidimos utilizar a escrita biográfica para contar a história da análise ignarométrica e da antropogogia institucional. Os esboços estão em discussão, aqui, neste espaço, localmente e à distância. Todos os contributos para a sua melhoria são bem vindos.»

Umut disse: « Enquanto ajudava na sua estruturação, aprendi a ver este espaço, como um espaço de interação não fechado, nunca acabado. O meu desejo é que, enquanto espaço de acolhimento de projetos, ele continua a se construir com as pessoas que fazem uso dele, evitando assim de se tornar um repositório de uma história finita. Como diz Babitha, terminar a História é trair a sua essência.»
«Desejamos então um espaço não dogmático, sem fim à vista, acolhedor de projetos de aprendizagem, enriquecido pelos contributos de quem nele encontra um local de bem-estar para o que tem entre mãos. Os primeiros desejos existem já no discurso. Agora é só trazê-los para a nossa ação», concluiu Liberty.
Só tive tempo para terminar com um 'obrigado pela vossa presença'. E fugir para uma casa de banho perto de mim. *Intestins obligent*.

A autodestruição da eternidade

O fim do dia estava a ser barulhento. Bem sabia que esta minha súbita participação em celebrações de passagens de ano me ia sair cara. Agora já estou envolvido na preparação da celebração. O meu pai contempla oitenta anos no mês que vem. Desde a abertura do EJCD, há quem me aborda com "*Alberto, temos que falar acerca do aniversário de Lev*" ou "*já pensaste em alguma coisa para Lev?*", ou um mais inocente "*Lev não faz oitenta anos, um destes dias?*". Maria sugeriu convidar família e amigos para juntar ideias.
O nosso jardim encheu-se de pessoas. Estavam Kendi e Paula.

Veio Kate, a mãe da Maria. Tio Leon e a minha mãe, Sara, trouxeram quatro amigos comuns do meu pai. As minhas filhas acompanhadas de Halona e Dulan e os gémeos Liber representaram a *geração neto*. A minha irmã Olívia trouxe Kylie, amiga de infância que passava a maior parte do tempo na nossa casa, no nosso grupo de aprendizagem predilecto, quando éramos crianças.

Sara, Leon e os seus amigos Raja, Despina, Vanderlei e Hiroka estavam animadamente a falar à volta de uma mesa. Já disse que não gosto de almoços e jantares volantes, em que o que mais voa são os pratos e copos desequilibrados. Nestas ocasiões em que temos mais visitas do que cadeiras, estas chegam-nos, acompanhadas das suas mesas, dos jardins vizinhos.

Aproximei-me do grupo de velhos amigos e perguntei a minha mãe como ela tinha feito para estar cá sem o meu pai. «Lev não é como tu», riu-se, «ele disse logo "*vai lá preparar a minha festa de anos e não me contas nada depois*". Simples.»

Raja pegou na palavra: «*Simples*. Era a alcunha do nosso grupo. Foi quando começamos a trabalhar sob orientação da tua avó Emmy e de alguns polissiguais do grupo Bregman. O projeto era, como todos sabem, de tornar sustentável a sociedade convivêncial sem dinheiro. Os obstáculos anunciados eram tantos, que ficamos bastante surpreendidos quando vimos como as pequenas populações de *Paraíso, La Ultima Rosa* e *Pérola Brilhante,* juntamente com quem regressava da base lunar, significavam um apoio tão estável que podíamos quase sempre iniciar as nossas respostas e

propostas com: "*é simples. O que vamos fazer …*" »
Hiroka piscou o olho a Sara e disse: «Raja, filho de economistas, esquece, como sempre, de dizer que quando regressamos da Lua, o dinheiro já tinha saído de circulação, porque ninguém sabia o que fazer com ele. O valor das coisas tinha-se tornado algo de tão abstrato, tão 'Elysium'… a riqueza oca estava ali. Sara e eu costumávamos dizer que o Maná dos ricos tinha voltado para os céus, levando os seus consumidores consigo. Os deuses chamaram a si os seus representantes em terra. Só não tínhamos a certeza como terão sido recebidos… Os sacerdotes, desde que iniciaram a contabilidade da produção na terra dos Deuses, para lhes ser entregue, recebendo os lavradores uma parte da produção como pagamento, nem sempre foram gestores exemplares. Desde o início registou-se uma certa tendência para o desvio de fundos…». Sara riu e Raja gracejou: «O modo como Sara, Hiroka e mais uns quantos abordaram a concentração da representação da riqueza em Elysium, no hectano passado, tem todos os ingredientes para uma boa lenda na coleção 'Últimos castigos dos deuses'. Catherine fez uma bela história a partir das conversas que ela teve com o grupo, quando preparou o vosso livro *A refundição do mundo*.»
«Verdade é que foi mesmo mais simples do que pensávamos, a concretização da ideia de sociedade convivêncial», disse Vanderlei. «Às vezes penso que foi tudo até demasiado fácil. Em poucos anos, e de modo generalizado, deixou de existir o 'eterno' no que toca ao valor de diamantes, ouro, jóias, ações humanas, expresso em dinheiro. Minerais e elementos

químicos passaram a ser minerais e elementos químicos, sem outro significado do que a sua utilidade quando trabalhado. A atividade humana passou a ser atividade humana sem quantificação do seu valor.»

Kendi e Paula juntaram-se ao grupo e Kendi perguntou: "Ouvi-vos falar dos sacerdotes como contabilistas dos deuses, ou ouvi mal?»

Leon respondeu: «Ouviste o que parece ser uma hipótese de trabalho credível para muitos que estudam o advento, o desenvolvimento e o desaparecimento do dinheiro na sua qualidade de medida para representar o valor atribuído a matéria prima, objetos e ideias. A hipótese surgiu em meadas do hectano 119. Desde então, os achados em sítios de civilizações, anteriores à civilização que definimos como capitalo-consumista, apontavam numa direção. Entendeu-se que a revolução neolítica pode ter sido a passagem de pensamento espiritual para pensamento religioso. Quando ocorreu, começou-se a humanizar os deuses, dando origem à contabilização e logo ao valor atribuído ao número de bens por eles possuídos. Este modelo capitalo-consumista tornou-se de presença quase mundial nos últimos 100 anos antes da Refundição. Mas a humanização dos deuses primeiro, e a evolução da escrituração depois, podem bem estar na sua origem. Vale a pena procurar quem se interessou pela história das religiões e voltou a disponibilizar obras de historiadores, teólogos, sociólogos, que trataram o assunto. Dos hectanos 119 e 120 têm no ECJD documentos de Marylène Patou-Mathis, Reza Aslan, Kader Abdolah, Yuval Harari, entre muitos outros. Apresenta-se uma

forte hipótese de que o cultivo de plantas e a criação de gado é a consequência da evolução da vida espiritual no fim do paleolítico e o início do neolítico. Esta deu origem à construção de grandes templos, habitações dos deuses em terra. A construção obrigou à concentração de muitos indivíduos envolvidos, que tinham de permanecer muito tempo nos mesmos locais. Assim a agricultura é consequência do sedentarismo e não o contrário. O sedentarismo por sua vez seria a consequência da humanização do divino, expressão do etéreo e do transcendente inicialmente presente no pensamento espiritual dos coletores-caçadores.»

Raja continuou: «E é aqui que entra a piada das minhas amigas. A humanização do divino faz do templo erguido a habitação em terra do deus humanizado. Sob orientação do sumo sacerdote, o mordomo, os outros sacerdotes cuidam da casa e dos seus habitantes. Rapidamente a equipa trata de toda a administração. O sumo sacerdote acumula a função de diretor de serviços.»

Sara acrescentou: «Existem achados que fazem duvidar da monogenesis da escrita, tendo como ponto de partida a antiga Suméria. Contudo, aquela região pode ter sido o berço do proto-capitalismo. Aí vemos a evolução do registo pictográfico para a contabilidade em escrita cuneiforme. Esta evolução no registo do acontecimento pode ter a ver com a assumpção de que a terra é dos deuses. Logo o que nela se cultiva pertence aos deuses e tem que lhes ser entregue. Quem cultiva recebe uma pequena parte da cultura para assegurar a continuação do seu trabalho. De certa forma, é essa a síntese proposta por

Reza Aslan.
Podemos imaginar um cenário em que os diretores de serviços dos deuses, que tratavam do cômputo dos seus bens, a certa altura decidiram, na ausência do proprietário, gerir os seus bens. Governavam em nome dos deuses, recorrendo ao que era dos deuses. A separação das classes foi mantida. Quem tinha o dom da escrita e da sua interpretação posterior, tinha o poder sobre o outro.»
Maria interveio: «E o que foi verdade para a escrituração, pode se ter tornado verdade para a Escritura. Quem escreveu o mito não só dominou o mito, como passou a dominar outrem, através deste mito regulado. Mas antes de chegar a este ponto, foi necessário evoluir no modo como se fixava uma história, um relato. A leitura posterior duma anotação simples, como o registo de uma entrega, não obrigava à escrita frásica. A fixação de uma narração era uma tarefa muito mais complexa. Implicou, nos vários locais onde a escrita evoluiu, uma simplificação do código, que, de uma forma ou outra passava a ser uma abstração da representação dos sons utilizados para formar palavras e frases. »
Paula observou: «Mais um exemplo que não se pode falar de evolução linear de mau para bom. O proto-capitalismo desembocou numa organização societal que colapsou porque a ideia de crescimento perpétuo não era sustentável. Mas talvez podemos considerar que o proto-capitalismo esteve na base de uma das invenções maiores da humanidade: o desenvolvimento de verdadeiras formas de escrita.»
Kate tinha escutado com atenção a última parte da conversa e

disse: «Eu nasci numa altura em que Elysium ainda era uma presença inquestionável. E, como muitos de vocês sabem, a minha família trabalhou durante décadas com famílias Ignorantes. Houve um elemento decisivo para refletir acerca do mito do crescimento perpétuo, criado por quem manteve a fé no dinheiro como símbolo de posse efetiva ou hipotética de bens e à hierarquização associada. Consistia sempre na discussão de Elysium enquanto conceito mais do que enquanto lugar. O visionamento do velho filme Elysium que inspirou a construção da cidade espacial, desencadeava muitas vezes a discussão. Claro que o filme em si era um típico produto de um mundo capitalista que ainda negava a existência dos primeiros sinais de decadência que levou ao seu fim. Trata-se de uma história de ficção acerca do futuro como na altura era visto.

Por um lado, foi sempre interessante seguir as discussões a propósito da escolha deste nome Elysium, saída de uma história de ficção, para o lugar de refúgio que o topo da hierarquia Bloomberg se fez construir. Por outro lado, o filme revelou-se uma boa base para discutir o conflito entre a empatia e o individualismo, ambos proveniente da consciência de si. Em terceiro lugar, devido ao visionamento deste filme de época desenhando a projeção de um futuro que mantinha intacta a lógica da sociedade hierárquica, tornou-se frequente discutir, em fóruns presenciais e à distância, a fronteira entre informação e instrução propagandística. Um tópico frequente era de saber que cenários traçar para que, em convivencialidade, as pessoas se mantêm saudavelmente a par dos acontecimentos, evitando os

exageros de um jornalismo de espectáculo e pouco rigoroso que caracterizava os últimos cinquenta anos antes da Refundição.»
Vanderlei acenou a cabeça em sinal de concordância «E existe outro desafio, não tanto com os Ignorantes, mas antes com os Guardiões, mesmo presentemente, em Bibliopolis, e ainda mais com os descendentes dos Elysianos com quem trabalhamos hoje. Consiste em analisar como a nossa auto-consciência, a consciência de si, facilmente leva a negação da vida finita ou pelo menos à sua não aceitação. Toda a vivência, primeiro espiritual, depois religiosa, facilitava um raciocínio do seguinte tipo: se foi no corpo que se materializou um espírito, então posso imaginar que este espirito irá procurar eternamente a matéria através da qual se afirma. Talvez era melhor não arriscar e preservar o mesmo corpo para sempre, ou então preservá-lo em boas condições para acompanhar o espírito nas suas transferências…
Entretanto, não nos podemos esquecer que a altura em que Elysium ganhou corpo, era a altura em que se pensava caminhar para a sobre-população do planeta. Este planeta, com uma natureza debilitada, estava dividido em Estados e Estados-Nação com governos cada vez mais totalitários. Entretanto, os seres humanos foram fustigados por sucessivos vírus e bactérias, cada vez mais resistentes aos fármacos. Acreditava-se que o colapso estava por perto. Como então criar o ambiente para a manutenção da eternidade, pelo menos do próprio espírito?
Já referimos que, de certo modo, o modelo societal baseado no dinheiro destruiu-se a si próprio. O constante desvio do

conceito de educação generalizada para o conceito de instrução, feita cada vez mais à distância, provocou o desinteresse na instituição Escola. Ter, neste contexto, provocado, consciente ou inconscientemente que cada vez menos destinatários da instrução a ela tinham acesso, foi certamente um erro, do ponto de vista da hierarquia. À medida que a riqueza se concentrou - eu diria, voltou a se concentrar, depois de uma pseudo-tentativa de capitalismo popular promovido por regimes ditos democráticos - o egoísmo de poucos levou a um desfecho inacreditável até para os próprios. Preocupado como estava o topo da hierarquia Bloomberg com a sua sobrevivência e a sobrevivência da sua descendência, descuidou a instrução necessária para alimentar o modelo de consumismo e a esperança da classe média de fictícia subida na escada.

Quem se construiu recorrendo à imagem de deus humanizado e atuava em nome desse deus, só via a própria descendência a retomar este papel. Entretanto mantinha a preocupação de tratar do próprio espírito. Se actuava em nome de deus, e a seguir seria o filho a fazê-lo, então porque não passar a ser este deus humanizado? Não foi sequer uma ideia original. Mas enquanto não se chegou aí, convinha guardar o invólucro em bom estado para o espírito, enquanto este não encontrava outro… E se a conservação através de criogenia parecia mais científico do que a mumificação, aspirar a vida eterna através da medicina e da cibernética, era certamente mais interessante.

Concentrando obsessivamente o pensamento e as posses para seguir esta sonho individualista, quem assim fez abandonou o

planeta Terra, deixando a restante população entregue a si própria. Claro que os arrogantes líderes de grupos de Ignorantes provocaram muitos danos, mas nem se verificou a total extinção de quem tinha ficado em Terra, nem se verificou realista a busca pelo elixir de vida. O egoísmo do topo da hierarquia provocou o inesperado. A instrução condicionante era pouco frequentada. A maioria da população estava com o acesso blindado à compra de bens e serviços. O lugar hierárquico baseado na digitalmente comprovada posse era cativo e em mãos de poucos. Todo o sistema esvaziou-se de sentido.»

Intervim: «Contudo, não desapareceu a vontade inata para a aprendizagem da espécie humana. Mais uma vez ela foi deslumbrante assim que começou a ser acompanhada por processos educativos empáticos.»

Liberty olhou para mim e disse: «O pai tem observações… como quando me disse, uns anos atrás, que o *porquê* em relação a uma afirmação se sobrepõe ao *como* da afirmação. Uma observação que me vem muitas vezes à cabeça, quando falamos de aprendizagem.»

Olívia e Kylie riram, enquanto esta última disse: «realmente, Alberto, tu não mudas. Continuas a baralhar as pessoas, como quando éramos jovens. Lembras-te, Olívia, tínhamos uns 13 ou 14 anos e estávamos com Alberto aqui perto, no parque central. Ele estava a observar uma criança a correr atrás dos pássaros, que levantavam voo, sempre que o rapaz quase os tocava, para se pousar uns metros mais a frente. Sempre que isso acontecia, a criança soltava uma gargalhada. O Alberto

disse-nos: “Olha, o rapaz, que bela maneira para nos explicar a essência do caminho para a utopia”. Eu disse “mmm” e, logo que pude, fui procurar o significado de “essência” e de “utopia”. Muitos anos depois li uma afirmação atribuída a Oscar Wilde, que dizia “*progresso é a realização de utopias*”. O episódio veio ao de cima. Gosto da plasticidade das línguas germânicas que facilita muito a percepção de palavras compostas ou derivadas. Progresso diz-se *Fortschritt* em Alemão, combinado Fort (frente) e Schritt (passo), *Vooruitgang*, em flamengo, combinando *vooruit* (para frente) com *gang* (andamento). Andar em frente, literalmente. Claro que *progresso,* derivado de *pro-* e *gradior* significa exatamente o mesmo, mas é mais difícil perceber a relação com para frente e andar, se não dominar bem o latim. E para mim, trata-se disso: *andar ou correr em direção do Não-Lugar,* sem o alcançar, como dizia Herman Portocarero de modo muito mais poético do que eu aqui. Senão, poderíamos ficar parado, deixando de procurar novas utopias. Como o rapaz de Alberto com os pássaros.»

Senti-me um pouco embaraçado. «Não faço de propósito. Não é nada de especial. É só pensar em voz alta, algo que faço constantemente. Olhando para as pessoas, ouvindo as pessoas, não me consigo conter. São reações espontâneas. Neste caso concreto, duvido que tinha uma ideia profunda sobre o significado de utopia. E achei o pensamento de Kylie aqui, agora, muito interessante.

Voltando ao que Liberty dizia. Penso que se está a lembrar de uma conversa que tivemos quando falámos de inteligência. O

contexto completo, se não me engano tinha a ver em como reagimos perante uma situação, uma experiência, quando encontramos obstáculos imprevisíveis.

Parece-me que a criatividade necessária para abordar qualquer assunto se liga às perguntas *porquê*. Estas ajudam a criar as hipóteses de abordagem e entender que "aquelas" e não "aquelas outras" são interessantes. O *como* é operacional, o *porquê* é original. Não passa de um raciocínio meu muito elementar. Pude observar que, regra geral, os "*porquês*" formulados pelas crianças levam a projetos de aprendizagem mais abrangentes, do que os "*como*" por elas formulados. "*Porquê* é que existe gravidade" (ou, como me disse uma criança, porque é que as pedras caem quando as atiramos ao ar) é de ordem diferente de "*Como* é que medimos (ou vemos) a gravidade". Com o *como* o conceito da gravidade já nem se coloca. Coloca-se quando se pergunta *porque* é que as pedras caem. E a gravidade é mais do que as pedras a cair na terra.

As crianças encadeiam perguntas que começam por *porquê*, que de seguida podemos explorar e reformular com elas. Uma pergunta "*como*" é uma armadilha para o adulto. Mais facilmente damos uma resposta e não fazemos contra-perguntas.

Da mesma forma, penso que é mais interessante para quem aprende, iniciar a partir da pergunta "*Porque* é que se diz que o uso de dinheiro assentava numa espécie de fé?" do que "*Como* se usava o dinheiro?".

Nos três últimos hectanos antes da Refundição, o ensino instrucional apagou quase por inteiro o diálogo e o debate que

decorre das perguntas *porquê*. O ensino instrucional para crianças, tinha, para quem detinha o poder, a grande vantagem que provocava o desinteresse para a aprendizagem dialogada, também por parte de adultos. Era relativamente fácil condicionar grande parte da capacidade cognitiva da maioria da população, para depois, como por magia, inverter a questão: um argumento simples, sem fundamento, mas facilmente repetido por outros, era que o esforço intelectual não era para todos e era definido biologicamente. Quase todos os regimes democráticos do hectano 121 se tornaram totalitários, porque os detentores do poder se auto-convenceram e convenceram grandes partes da restante população da validade desta afirmação própria dos adeptos de apuramento genética.

O conceito de *Tabula Rasa,* quando falamos do ser humano no início da vida, foi utilizado por muitos, ao longo da história, não só para caracterizar o início da vida. Só temos uma ténue ideia de como o contexto interpretativo do conceito muda desde Aristóteles até os neurocientistas que trabalham connosco em Bibliopolis, passando por Avicenna, Aquino, Locke, Freud ou Chomsky, entre tantos outros. Tem o seu lado generoso, levando-nos a entender que somos capazes de aprender e reaprender quase tudo.

Ensinar absolutamente tudo a absolutamente todos, ideia tão apregoado por Comenius, pode estar relacionado com o facto de ele ser contemporâneo de John Locke e fazer uma leitura específica da construção da pessoa a partir da *Tabula Rasa* do seu espírito. Pelo contrário, no ensino instrucional, obsessão de

De La Salle ou Lancaster, o conceito de *Tabula Rasa* provoca a manutenção da casta dos pobres e servos. Isto acontece, porque, não por razões biológicas, mas por razões societais, a *tabula rasa* do pobre é menos trabalhada do que a *tabula rasa* do privilegiado.

Há uma razão simples para ter cuidado com as propostas de oportunidades iguais para todos no ensino. Pressupõe-se facilmente que, à nascença, todas as crianças tenham o mesmo ponto de partida. Não sei se biologicamente isto é verdade, mas do ponto de vista ecossistémico e social, não o era certamente antes da Refundição, e mesmo agora não deve ser o caso. Não é a mesma coisa ser criança em Bibliopolis, Arqueopolis, Culturopolis, Pérolapolis ou numa das comunidades mais recentes. Igualdade não chega. E mesmo quando temos consciência disso, ainda não significa que conseguimos a diferenciação previamente instituída para processos de aprendizagem justamente acompanhadas em todas as circunstâncias. É por isso que a aprendizagem dialogada em comunidades de aprendizagem me parece uma boa hipótese de trabalho. Foi sempre muito apreciado no *Paraíso dos Livros*.»

Kendi questionou: «Pragmático. *Tabula rasa*, sim ou não?»

«Não sou especialista em neurociência», respondi. «Diria, que, à luz do que sabemos da genética e da formação do embrião, é difícil sustentar que biologicamente todos os seres são exatamente iguais. Pergunta-me se atualmente a separação entre cultura e biologia não tem que ser debatida. Sabemos como o ambiente exterior ao útero materno influencia a vida intro-uterina. Mas, ao mesmo tempo, parece-me, com o que

conseguimos aprender enquanto estávamos a preparar a saga, que os antropogogos ou proto-antropogogos deviam ter dificuldade para pensar da mesma forma, ao longo da história. Tudo depende do modo como a ciência se definia em relação à gestação e ao desenvolvimento de uma criança. Para mim trata-se mais uma vez de um porquê em relação ao objeto: porque é que o conceito de *tabula rasa* seduziu tanto todo o tipo de poder ao longo da história da educação, e especificamente, no efémero período em que existia a escolarização nacional.

De qualquer forma, o que me parece sempre nefasto, não é tanto de imaginar uma forma mais ou menos generalizada de *tabula rasa* no início de uma vida, mas o hábito que se verificava com o ensino instrucional de *fazer tabula rasa* da aprendizagem de uma pessoa. Nefasto era imaginar que se podia apagar a pessoa, como se raspava a tábua de barro ou se reformatava o dispositivo digital. Adeptos do poder totalitário fizeram-no de um modo mais bruto, como na altura da inquisição e dos campos de re-educação, ou de forma mais sofisticada, com os currículos nacionais do ensino centralizado dos Estados Nação dos hectanos 118, 119 e 120.»

Paula tinha ar pensativo e disse: «E entretanto, fazemos *tabula rasa* da crença na vida eterna?» Sara observava: «Em relação a esta questão, diria antes que avançámos no conhecimento. Não fazemos *tabula rasa*. É claro que, biologicamente, a vida eterna não existe. Existem fenómenos eternos? Não temos atualmente meios para o afirmar ou contradizer. Eu diria que a auto-consciência nos prega partidas. Associada a uma cultura

de poder, posse e hierarquização, provocava, entre quem estava confortável na vida, o desejo que ela durasse para sempre. O subterfúgio consistia em convencer quem não estava confortável na vida, que ela vira, mas só para o espírito ou a alma, que seria eterna, e que todos que o mereciam, iriam usufruir dela. E o mérito necessário para lá chegar estava culturalmente definido por quem detinha o poder.» Tio Leon observou: «Penso que podemos ir um pouco mais longe, quando falamos de vida eterna. Abordamos o conceito de espírito, de alma, de psyche, como quiserem. Não é possível demonstrar cientificamente o *objeto* alma mas podemos abordar cientificamente o *conceito*. Psicólogos e neurólogos associam alma ou espírito com temperamento e personalidade, talvez fisicamente presente no lobo frontal. A interação entre o pensamento racional, situado nesta parte do cérebro com o sistema límbico seria assim responsável para as nossas escolhas entre o bem e o mal. E.. »

Olívia interveio: «Peço desculpas de te interromper, tio, mas, bem ou mal, pouco dissemos entretanto em o que fazer com os anos do pai. Durante toda a tarde, o aniversário ficou bem a margem da conversa. É uma interpretação de que o meu irmão deverá gostar, já que considera festas de anos como algo meramente marginal nos assuntos da vida.» Todos riram. «Contudo, o marginal pode ser muito interessante para fazer avançar o conhecimento. O que seria de nós, se não houvesse, desde que os livros se tornaram suporte para o conhecimento, quem escrevinhasse nas suas margens?»

Sara observou: «Podemos sempre começar com uma nota

acerca da vida eterna. Encontrei na margem de um livro sobre os filósofos da Academia Grega que tive em mãos há alguns dias, na Biblioteca Central: "*Podemos sempre claro, alegar que Aristóteles tinha uma certa razão quando dizia que, de psyche, só Logos é imortal. De certa forma, todo o conhecimento humano guardado não é mais do que o intelecto registado, também de quem já não está fisicamente entre nós*".»
Maria disse: «Seguindo o raciocínio deste anotador anónimo, diria que, para encontrar uma certa imortalidade, a co-autoria e a escrita é um bom começo. E, até prova em contrário, as tábuas de barro do hectano 55 são mais eternos do que um dispositivo eletrónico do hectano 121.»

Entretanto, Olívia e eu achamos que, lembrando o pai, não era mal pensado evocar a inovação que acontece à mar-gem e como ela se relaciona com o conceituado que se situa no centro. Desde sempre e para sempre?

Sedmomehns

O meu diário de 122.08 tem uma característica comum a todos os outros diários que já escrevi. Na primeira metade do ano anoto mais do que na segunda metade. Chegando ao fim, faço sempre promessas para ser mais regular no ano que vêm. E nunca cumpro.

Nesta segunda parte do ano, a não ser em Newnomehns, existe material para uma história, não para duas ou três. Enquanto entre quem ainda não fechou o livro, uns pensam ***Oooh!***, outros pensam ***Ah!*** e de certeza muitos pensam ***Uf!***, continuo com…

… o charme discreto da margem da página.

Ter razão antes do tempo é socialmente inaceitável.
(Robert A. Heinlein)

E assim estávamos todos em casa de Lev e Sara, no dia de anos do meu pai, em meados do mehns. Depois de confeccionar em conjunto a refeição baseada nos ingredientes com os quais cada um de nós participou, instalamos-nos, petiscando e conversando. Ouvimos sobretudo os séniores. Lev, Sara, Leon, Raja, Despina, Vanderlei e Hiroka tinham a palavra. A minha mãe e a minha irmã davam rumo à tarde, mantendo o foco sobre 'a margem'. Lev estava entusiasmado e, sempre que se tratava da biblioteca de Paulo, interveio mais, bem apoiado por Catherine — e um pouco por mim, embora a minha memória nem se compara a capacidade combinada de avô e neta.

«Ontem tive uma discussão com a nossa amiga Leontine», disse Sara, olhando para Despina. «Ela estava a sugerir apagar as notas escritas a lápis, nas margens dos livros que vamos recebendo e restaurando, vindo de coleções particulares desenterradas.»
«Ui, respondeu Despina, não deve ter sido fácil de manter o equilíbrio entre 'o respeito pelo objecto' e 'o respeito pelo uso dado ao objecto'.»
Olívia piscou-me o olho, quando vimos como o pai entrou logo na conversa. «Mas continua-se a discutir isso?», barafustou. «Não estava já mais do que visto que as anotações na margem são tesouros para a história, a sociologia, a psicologia? Imaginem um momento as margens apagadas… Perdíamos logo parte da percepção acerca da relação entre arrogância e ignorância… As anotações na margem tem o seu charme discreto. Claudius Cardinalis, lembram-se?»

Depois do trabalho feito por Babitha e Delun, todos os presentes sabiam como os membros da nossa antepassada família e os seus amigos cultivaram com afinco a notação na margem. Claudius Cardinalis era, para o efeito, um utilizador da margem, digno de referência.
Talvez Claudius aprendeu com Pierre de Fermat, um pouco mais velho do que ele. É do conhecimento geral que uma única nota de margem deste juiz e matemático se tornou paradigmática, não só no mundo da matemática. A afirmação, muitas vezes reproduzida, acerca da decomposição da potência de um número em duas potências de mesmo expoente, resolvido na antiguidade para os quadrados, surge

em latim, numa margem de uma cópia traduzida do grego para o latim de *Arithmetica* de Diofanto. Ficou mais ou menos assim: *"Por outro lado é impossível separar um cubo em dois cubos, ou um biquadrado em dois biquadrados, ou, em geral, qualquer potência excepto um quadrado, em duas potências com o mesmo expoente. Descobri uma maravilhosa prova disso, que, no entanto, não cabe nas margens deste livro"*. A nota foi paradigmática, sobretudo pelo modo como fez pensar matemáticos no problema durante 400 anos. Continua paradigmática, porque, depois de Wiles ter provado o teorema de Fermat em 119.92, mantém-se anda hoje o debate se este tinha ou não prova, uma vez que Wiles recorreu a hectanos de desenvolvimento matemático, desconhecida no tempo de Fermat. Quanto mais charme discreto uma nota de margem dum livro pode ter?

Mas, voltando a Claudius.

Lev dizia: «Deixo aqui uma referência para abrir o apetite. A história completa fica para *Uma ideia perigosa*. Este antigo bispo católico admirava um dos Papas estudiosos, muito discutido nos hectanos que seguiram ao seu curto Papado. Num exemplar de *De gestis regem Anglorum,* obra do beneditino William of Malmesbury, encontramos esta nota de Claudius, numa referência a Gerbert, mais tarde Papa Sylvestre II, que trouxe para o mundo cristão os algarismos indianos, que os árabes tinham adoptado: "*mais les ignorants qui le succèdent le soupçonnent d'un pact avec Lucifer… ah, si Gerbert et Galilei auraient été contemporains…*".»

«Avô», disse Catherine, «já agora, também vale a pena falar

das anotações que Claudius deixou em algumas cópias que, não sabemos como, ele tinha de documentos do processo de Galilei Galileu. Havia aquela carta de 116.13 de Galileu, dirigida ao Cardeal Benelli, onde o cientista explica que se que-remos interpretamos literalmente a Escritura quando narra que Deus faz parar o sol para Joshua, então tem que ser dado ao sol a centralidade que Ptolemeu lhe nega mas que Copérnico e ele dizem ter provado.»

«Sim, e aí Claudius escreve qualquer coisa do género: "*Je ne sais pas si Dieu aura vraiment arrêter le soleil ou si le raconteur aura voulu écrire une belle histoire. Mais Galileu ne fait que montrer que son hypothèse est plus cohérente avec la Bible que celle de Ptolémée. Remarquables ignorants…*".».

Leon disse: «Fascinou-me ver que na mesma altura em que existia esta discussão em curso sobre a explicação do mundo, pessoas como Ratke, Comenius e, mais tarde, Wolfgang Magister, amigos e descendentes, entendiam que antes do mais, era preciso dar a conhecer, sem ofuscar ou obrigar a ofuscar, aquilo que se estudava. Tratava-se de uma espécie de alargamento da ideia 'pensa por ti próprio', algo mal entendido ou não desejado, nem pelos líderes mais arrogantes da própria Reforma. Estes pretendiam reformar o modo como o dogma era transmitido às pessoas, mas nunca libertar as pessoas do dogma.»

Vanderlei apontou Lev e disse: «Eis um homem na margem, interpretando as margens. Interpretando também como a margem sustenta o fluxo geral… o fluxo do texto no livro, o fluxo das histórias na História…».

Lev mirou-o com ternura: «Charmoso como sempre, o meu amigo. Não só o único a argumentar que, pelo bem e pelo mal, as inquietações acontecem na margem. As margens têm muita força. Quando se fecham, elas encurralam o que está lá dentro, quando se abrem, iluminam. Que aventuras tivemos juntos, quando quase tudo que era dito era margem, porque quase tudo tinha que ser repensado. Sara contou-me que, na vossa última conversa, a *Tabula Rasa* veio a ser abordada. Desconfiei sempre de margens fechadas mas também de margens destrutoras, margens que convidam a fazer *tabula rasa*. Da História não é boa ideia fazê-lo, certamente. Não se deita tudo fora. Analisa-se e contextualiza-se. Aprendi com o meu trabalho de embaixador como é interessante encontrar as pontas de ancoragem, para o eventual enriquecimento do modo de pensar ou para que uma nova hipótese no modo de pensar se pudesse desenvolver. A nota de margem não surge do nada. Ancora-se no texto que está no centro da página.

Confesso que, quando descobrimos o espólio de Paulo Demeester, passamos horas e horas a decifrar notas de margem, não só do Paulo, mas também do seu avô Lucien.» Catherine sorriu e disse: «Decifrar é a palavra certa. As notas eram quase sempre escritas numa caligrafia muito própria e quase ilegível, tal avô, tal neto. Além disso, a biblioteca de Paulo tinha documentos em vários idiomas das línguas latinas e germânicas. Paulo costumava quase sempre anotar na língua do livro. Tivemos que recorrer regulamente a Bibliotantes que lêem e falam neerlandês, francês, alemão, espanhol, português, italiano e inglês, para as entender. E todos eles

tinham que ter o dom de interpretar aquela caligrafia impossível…»
«Perdoem-me a minha ignorância e elucidem-me», disse Raja. «Porque sequer se lembraram de escrever esta saga que liga margem, conhecimento, análise ignarométrica e antropogogia? E como ligaram a vossa família a Paulo Demeester e a Wolfgang Magister?»
O meu pai olhou para mim. Eu expliquei: «Não foi um processo linear. Para já queríamos muito que ficasse um registo do modo como em *Paraíso dos Livros* e no intercâmbio com os Ignorantes, foram desenhados e executados projetos de aprendizagem. A ideia da saga veio em dois tempos. Avó Emmy mostrou-nos com mestria a mais-valia da antropogogia institucional, recorrendo à análise ignarométrica. Sabíamos por transmissão geracional que descendíamos de uma das irmãs Demeester. Através das notas da filha de Catherine Demeester, Greta, sabíamos algumas coisas de Paulo. Entretanto, havia em *Paraíso* quem se interessasse por figuras da educação. De Comenius encontramos o rasto num espólio que nos chegou da *Casa das Cabeças*. Aí encontramos também o rasto do jovem Wolfgang Magister e da Hildegarde Lesmeister que deram que falar… A paixão que nutriam mutuamente era comentada até em anotações acerca das tertúlias que lá se organizavam. Por feliz acaso, muitos dos descendentes de Wolfgang passaram pela vila costeira, mais tarde cidade, de Oostende. Aí iria, muito mais tarde, nascer Paulo. Mas o que nos ajudou para encontrar a ligação entre as duas dinastias foram duas mulheres: Johanna Lemaître,

descendente direta de Wolfgang e Hildegarde e a sua neta Jeanne Teacher, mãe do avô paterno de Paulo. Elas tinham a educação da primeira infância em comum, ambas na margem da máquina de ensino instrucional que os Estados-nação foram desenvolvendo no tempo que viviam. E, mais uma vez, ambas passaram por Oostende.»

«Mas porque Magister no ponto de partida? Porque não recuar, sei lá, até o tempo de Gerbert, já que o evocam?», perguntou Despina.

«Cala-te, Despina», disse Sara, «ainda lhes pões coisas na cabeça.»

«Já que falas disso…», disse Catherine a rir.

«Não, não», cortei, «não foi completamente por acaso. O que nos interessava, era a história da análise ignarométrica. Esta história começou com John Lesmeister. Remontamos até o seu avó Wolfgang para fazer uma ligação com o pensamento iluminista. Foi naquele momento da história humana que surgiu, como já anteriormente tinha acontecido, a vontade para uma generalização do acesso ao conhecimento. Continuava a ser uma vontade tortuosa de sustento da aprendizagem que degradou em poucos hectanos para uma obrigação de instrução, antes de retomar mais uma vez o rumo do deslumbramento, depois da Refundição.»

Lev continuou: «Paulo Demeester tinha na biblioteca a versão portuguesa de *The meaning of human existence* de Edward Wilson. Onde este escreve: "*A demanda do Iluminismo era conduzida pela crença de que, inteiramente por si sós, os seres humanos eram capazes de conhecer tudo aquilo que é preciso*

conhecer, e de que, ao adquirir esse conhecimento, passariam a conseguir compreender, e ao compreender, obteriam a capacidade de escolher mais sensatamente do que alguma vez o puderam fazer", Paulo escreveu na margem: "*Teria sido a proposta de Comenius se não agisse de ponto de vista religioso, mesmo se a pansofia tenha aspectos que merecem atenção*". Pareceu-nos haver aqui um bom ponto de partida, sobretudo porque pudemos perceber o que opunha Comenius a Descartes.»

Catherine disse: «Vimos outras ligações entre a biblioteca de Paulo, o tempo de Comenius e o tempo da primeira dinastia Magister-Lesmeister e amigos. Nessa biblioteca, com perto de 3000 títulos de aproximadamente 2000 autores, encontrámos os documentos do processo de Galileu, reunidos em livro, por Pagani e Luciani. Paulo não deve ter lido nada acerca de Claudius Cardinalis, ou de Wolfgang, mas as anotações na margem deste livro poderiam ter sido as de Claudius!"

«Teria sido divertido uma máquina do tempo com a qual Paulo pudesse sussurrar perguntas ao ouvido de Wolfgang para as colocar ao Comenius», disse Liberty com um sorriso.

Lev riu e respondeu: «Paulo teria certamente incluído uma observação acerca da competição. Percebemos que ele ficou muito tocado por uma observação de Albert Jacquard, em *Sciences et Croyances*: "*Une des formes actuelles de la compétition est le culte de la vitesse. Comme si la vitesse en soit serait une valeur! Le plus grotesque est d'avoir introduit ce culte à l'école en adulant l'enfant qui comprend vite, d'où le quotient intellectuelle et le concept de douance. A la vérité, aucune compréhension profonde n'est rapide. Celui qui comprend vite est celui qui est*

incapable de se rendre compte qu'il n'a pas encore vraiment compris." A nota de margem do Paulo diz: "*Ce qui me rappelle Feynman, quand il affirme que quelqu'un qui dit avoir compris la théorie quantique ne prouve seulement qu'il n'a encore rien compris. Cette phrase aurai-t-elle de l'utilité au cours de l'éducation des professeurs d'école? Je ne le crois pas, vu le système ridicule de classification en fonction des examens, dont le pointage résulte en grande partie des réponses chronométrées , et ceci, à travers de tout le système scolaire*".»
«Lembras-te avô», interveio Catherine, «que encontramos no livro de Reza Aslan, *Deus, uma biografia,* uma nota que nos faz pensar que Paulo terá lido este livro pouco depois. Aslan cita Weisdorf com "*Ao que parece, à natureza igualitária das sociedades de recolectores sucederam as estruturas sociais hierárquicas das sociedades agrícolas e que os grupos de caçadores e recolectores tinham estrutura organizacional comunitária, enquanto entre os agricultores predominava a organização em torno do agregado*". Paulo pronunciou-se também na margem. Em letra quase ilegível, ele escreveu: "*Ah! Jardim de infância, onde se cultiva a hierarquia. Deixou-se de recolher ideias e aprendizagem. As crianças passaram a prestar provas, para honrar a família. Será que Comenius pensou nisso?*".»

Com esta incursão na biblioteca de Paulo, a conversa continuou a ser uma de bibliófilos sonolentos no início de uma noite de verão. Abordamos uma mão cheia de documentos com notas de Paulo, figura pela qual Lev passou a mostrar um grande carinho, desde que se desenterrou o

espólio escondido por Greta Campos e Alexandre N'Kondo. Este espólio integra atualmente a mediática do EJCD que consiste em perto de 12000 títulos e mais de 4500 autores… Catherine faz sempre questão de referir números.

Olívia perguntou: «Pai, se me lembro bem das tuas leituras das margens, aquele nosso antepassado Paulo interessava-se sobretudo pela aprendizagem e o modo como a hierarquização da sociedade a empobrecia, não?»
«Podemos dizer que sim», respondeu Lev. «Ele via sempre relações com a aprendizagem dialogada ou a falta dessa relação. Mas não só por causa da hierarquia instalada. É no decorrer de uma conversa sobre o universo inicial, em *Science et Croyances¸* que Jacquard diz a Lacarrière,: "*Il semble que notre univers fût plutôt raté¸ car homogène; la même structure partout*". Explica depois que a vida apareceu, porque se desenvolveram alguns objetos mais complexos, devido a pequenas imperfeições surgidas na homogeneidade. Uma inesperada interação, no início só química, pôs-se em marcha, gerando em última instância a vida. Paulo anotou na margem "*Intéressant¸ homogène équivaille raté. Comme nous le voyons dans n'importe quel système éducatif¸ quand l'objectif n'est pas la simple instruction¸ mais plutôt le soutient de l'apprentissage du concerné*". Pelo que sabemos dos escritos dele, não é difícil pensar que estava a imaginar o oposto da escolarização com processos homogeneizados, como os de Lancaster…, não é, Sara?»
Sara respondeu: «Sim, temos muitas pistas que o pensamento educativo de Paulo Demeester consistia em situar a

aprendizagem como um processo dialogado, um processo de co-autoria, a partir do lançamento de perguntas de quem ele identifica como o aprendente. Remetia a instrução para o treino de reflexos e de rotinas. Falava da instrução necessária de pilotos. E até aí alertava que o piloto humano com pensamento crítico tem a opção de desligar o piloto automático com reações programadas. Ele escreveu num tempo em que se apanhava um avião mesmo para percorrer só 250 km.»

Hiroka disse: «Não te esqueces que Paulo viveu na segunda metade do hectano 119 e na primeira do hectano 120. Na altura, o consumismo da classe média estava ao rubro. Criaram-se absurdidades em relação ao valor dos objetos e dos serviços. Bilhetes de avião custavam menos do que bilhetes de comboio para percorrer uma distância igual.»

Liberty perguntou hesitando um pouco: «Devia-se também pagar para viajar?» «Filha, naquele tempo era preciso pagar para TUDO, tudinho», continuou Hiroka. «Com dinheiro, com pontos, com créditos de tempo, os meios variavam. Mesmo quem procurava transporte gratuito, que tinha o nome de 'ir à boleia', pagava muitas vezes uma pequena contribuição monetária aos proprietários dos veículos que os transportavam, para partilhar os gastos para a compra do combustível fóssil então necessário para mover os veículos.

Mas, de modo geral os preços dos objetos e dos serviços passaram a ser algo mais emocional do que racional. O que contava, já não era o valor em si, mas o modo como a facturação e o lucro faziam subir um negócio no ranking de

empresas, tornando-as mais apetitosas para investidores de dinheiro. Só para ter uma ideia: uma banana cultivada no outro lado do planeta e transportada para uma grande cadeia de hipermercados era vendida mais barata do que uma banana cultivada localmente e vendida na loja de proximidade. E quem diz banana, diz outra fruta, legumes, utensílios, máquinas para uso individual ou familiar.

No mundo ocidental, quem não consumia era considerado alguém que vivia 'fora do tempo' e 'fora da realidade'. Para garantir a faturação e o lucro, gerado pela parte do mundo que consumia muito, mas a preços moderados ou baixos, havia a outra parte do mundo, onde as pessoas eram escravizadas ou trabalhavam em condições desumanas. Em termos de riqueza, o fosso era tão grande, que o constante transporte de objetos do mundo pobre para o mundo rico era mesmo assim uma atividade igualmente milionária. O colapso do 'cada vez mais' só iniciou, quando as vias marítimas ficaram obstruídas por barcos de transporte mal pilotados, originando mais frequentemente acidentes. A caminhada para a ruína, que resultou da insustentável fantasia de crescimento sustentado, acelerou o passo quando a sobre-população humana e as deslocações em massa de pessoas e objetos provocaram prolongados períodos de quarentena planetária em resposta a ataques virais e bacterianas fora de controlo.»

«Entretanto», disse Sara, «naquela parte do mundo que consumia o que a outra parte era obrigada a produzir, lazer era também de consumo obrigatório. Eram os filmes e os concertos, fora de casa ou transmitidos em direto para casa,

era a leitura de bisbilhotice. As séries e os romances mais vendidos tratavam principalmente dois temas. Eram histórias de dinheiro e de sexo, em separado ou combinado, com contornos criminais, policiais ou de paixão. Em tudo que era exibido, a relação com o dinheiro estava omnipresente. Grande parte da indústria do cinema baseava-se em histórias de ação em que a intriga era o roubo de algo, no sentido lato do termo. Roubo e assassínio, em separado ou combinado. Outra categoria de histórias tinham a ver com as heróicas defesas da propriedade: a propriedade privada, o Estado-nação, a pátria ou mesmo o planeta.»

«Posso concordar contigo Sara», disse Raja. «Contudo, quero lembrar que havia uma pequena parte da produção que relatava o altruísmo, a preocupação com o bem-estar, com os ecossistemas. E aqui não estou a falar dos filmes catástrofe que só continuavam a vender violência-espectáculo e intriga, na embalagem da luta do Bem contra o Mal. O Mal aparecia como o exagero ou a degeneração do que, ao princípio seria o Bem, e então havia uma espécie de salvação. A título de exemplo, poder-se-ia dizer que *Bem* era ter propriedade e tratá-la como a norma o prescrevia, enquanto *Mal* era maltratar esta mesma propriedade, como a mesma norma denunciava.»

«Acerca da indústria cinematográfica do hectano 120», disse Vanderlei, «era como se existiam duas tendências-tipo para este espectáculo todo. Havia a versão abertamente violenta, acelerada, com personagens com interações fragmentadas. E havia uma outra versão, menos violenta, mais lenta, com

personagens mais bem desenhadas e com interações desenvolvidas. Posso ser injusto, mas diria que a primeira produção era sobretudo oriunda de sociedades neo-liberais mais agressivas, na zona 3, mas também na zona 2 e no sul da zona 1, enquanto a segunda produção era oriunda de sociedades neo-liberais mais ponderadas da zona 3 e da zona 2.»

«Esta observação é interessante», disse Lev. «A biblioteca de Paulo incluía muita ficção do teu tipo 2 e quase nenhuma do teu tipo 1. E ele deixou um comentário numa passagem do livro já referido *The meaning of human existence* de Edward Wilson que aborda este tipo de lazer. Wilson escreve: "*Até mesmo os mais instruídos subsistem à base de uma dieta da qual constam doses mais ou menos generosas de romances, filmes, concertos, eventos desportivos e bisbilhotice, sendo que todos estes elementos visam estimular uma ou mais de entre um leque relativamente limitado de emoções que caracterizam o* Homo Sapiens." Paulo comentou: "*seja como for, continua a ser um projeto de aprendizagem. Falta perceber o que isto irá provocar, em tempos de vírus, quando as pessoas estão fechadas e isoladas em casa.*".»

«A ficção que encontrámos e de que fala o avô», disse Catherine, «era sobretudo de autores oriundos da zona 1 oeste, em francês, neerlandês, português e inglês. Podiam ser traduções, mas havia também muitas obras na língua original.»

«E Paulo escrevia pouco nas margens de livros de ficção», continuou Lev. «Até agora só encontramos maior número de observações no conjunto de livros policiais do neerlandês Jan

Willem van de Wetering. Nestes livros, uma pequena brigada de homicídios desenvolve entre si diálogos filosóficos, mesmo em relação à investigação em curso. Três histórias parecem ter provocado mais comentários. Em *De haarlemmer houttuinen*, a relação dos inspectores Grijpstra e Rinus De Gier com um inspetor colega negro, vindo de uma ex-colónia e por isso degradado para a função de polícia de parquímetros, provoca comentários acerca do racismo institucional. No episódio *De gelaarsde kater,* no qual um ladrão empreendedor põe a funcionar de modo mais profissional todo um bairro de biscateiros, o autor explora a diferença entre o roubo e desvio de impostos a grande escala e o pequeno aproveitamento. Leva a comentários acerca da ignorância e a arrogância quando está envolvido dinheiro. Aqui aparecem claramente os sonhos de Paulo para uma sociedade sem dinheiro. Talvez por isso, encontramos por baixo do título do livro *Gratis geld voor iedereen (Dinheiro grátis para toda a gente)* de Bregman, a frase "*Zie wel Rinus, dat het mogelijk is. (Vês Rinus, que é possível)*". *Buitelkruid* passa-se parcialmente em ilhas onde vivem arrogantes donos de poder, envolvidos em crimes pelos quais só muito mais tarde procuram ter o perdão. Aqui muitos dos diálogos foram acompanhados e marcados por pontes de exclamação na margem. Em duas ocasiões há uma nota, em flamengo. A primeira diz "S*erá que quem vive arrogantemente da exploração do outro pede mesmo perdão?*". Mais a frente lemos "*Não será que a ficção científica em que o herói altruísta ganha contra o vilão rico não passa de mero romantismo melo-dramático? Talvez tem que se pensar de outra forma*". A esta

nota foi acrescentada: "*2018: Bregman*".»

Tio Leon disse com ligeiro ar de troça: «Já entendemos. A sociedade convivêncial, baseada na interação sem interferência de dinheiro, estava codificada nos genes dos nossos antepassados.» «Não sei», disse Hiroka com um sorriso. «A minha leitura é que o tal Paulo pensava a sua utopia. Optimista, ele via o lado bom das pessoas, pessimista, considerava que todos eram corrompidos pela sociedade de ganância e poder.»

«Hmm», disse Olívia, «isto seria antes Rousseau. A utopia de Paulo era mais um Não-Lugar de cooperação e co-autoria. Independentemente de Leon andar aí a brincar com genes, penso que a caracterização que ele faz está próximo daquilo que podemos interpretar do que sabemos de Paulo Demeester.»

«A figura que se desenha», começou Catherine, «é de alguém que facilmente se prendia a e desprendia de estruturas. Prendia-se na fase instituinte, desprendia-se logo que considerava que a instituição começava a tomar conta das pessoas em vez do contrário. O que faz com que vivia na margem, de modo sustentável. E sonhava claramente de relações entre pessoas que não passavam por nações e símbolos de nações. Da biblioteca dele temos um exemplar de *A ira de deus na Europa* de Rentes de Carvalho. Por baixo do título, Paulo escreveu "*Conheci o nome deste autor através do meu pai que assistiu a várias palestres dele. John apreciava muito o humor um pouco cáustico do autor. Gostei do livro, mais do que a novela* Montemor." Mas neste livro há, pensamos nós,

outra nota que caracteriza Paulo. A certa altura, Rentes de Carvalho escreve: "*Como indivíduo, bem feitas as contas o meu sentimento de pertença atomizou. Poderei estar registado e catalogado aqui e além, mas na realidade hoje não me sinto a pertencer por inteiro em parte nenhuma. Nem na pequena aldeia transmontana, que foi essencial na minha criação, nem no bulício de Amsterdão, a cidade onde me tornei adulto.*". Na margem, Paulo escreve: "*Onde estou, de onde sou? Li algures (neste livro?) algo como 'Português nos Países Baixos, Neerlandês em Portugal'. Assim me sinto: um deslocado, Belga em Portugal, Português na Bélgica*". A ideia de deslocado aparece frequentemente, nas margens e nos textos de Paulo. Até recorreu uma vez a algumas palavras em Crioulo de Cabo Verde. Mas aqui, nesta margem aparece outro aspecto de Paulo: nem sempre anotava logo. Fazia referências a outras leituras, sem sabermos com exatidão onde ou quando as fez e o que leu exatamente. Às vezes parece que ele viveu à margem das suas próprias leituras, quem sabe, à margem de si próprio.»

Lev assentia com um gesto. «Tantas vezes temos o sentimento que o que Catherine acaba de dizer agora é o que melhor caracteriza a figura de Paulo. Onde, ainda em *A ira de deus na Europa*, Rentes de Carvalho descreve com humor como uma serie de aldrabões teimam em contactá-lo querendo envolvê-lo em esquemas lucrativos mas desonestos, até criminosos, Paulo comentou na margem: "*Tem que se mesmo viver de esquemas? Os altruístas tornam-se egoístas e os egoístas multimilionários criam-se a sí próprio uma auréola altruísta que não deixa de ser*

lucrativa? A ira de Deus não lhes é dirigida.".

Notas deste género abundam na biblioteca de Paulo. Às vezes interligam-se. Surgem grupos que nos ajudam a perceber o porquê de um raciocínio. Alberto conhece bem o exemplo que vou dar com *Surveiller et Punir,* de Foucault, *Voici le temps du monde fini*, de Jacquard, *Uma pedagogia de libertação* de Miguel Angel Guerra, *Histoire des Mathématiques* de Marcel Boll e *How democracy ends* de David Runciman.

Aqui Paulo reflete sobre o que chamava '*a ira dos auto-proclamados representantes de deus a descer sobre quem se atrevia aprender*'. Para Paulo, o advento do ensino obrigatório tornou-se o atentado geral à aprendizagem, logo que foram introduzidos mecanismos de instrução coerciva. O ensino instrucional levou à obediência a-crítica. Para Paulo, este ensino atentou ao questionamento e o pensamento divergente, os dois primeiros suportes da aprendizagem para o conhecimento. Daí que, para Paulo, educação instrucional constituía uma contradição nos termos. Onde havia instrução não havia deslumbramento. Sem deslumbramento a aprendizagem tornava-se difícil. Então, a educação deixava de ter sentido. Contudo, escreveu Paulo, também é verdade que a falta de instrução pode originar falta de rotina. Para Paulo, a instrução deveria limitar-se somente à transmissão informativa de técnicas úteis para determinadas atividades humanas. Deixava para outra discussão se todas estas atividades eram *per se* úteis.

Em *Surveiller et punir*, Michel Foucault, filósofo do 119.º hectano, refere-se ao sistema de privilégios e castigos escritos e

propostos pelos Irmãos das Escolas Cristãs. Era como uma microeconomia, nos olhos de La Salle que Foucault cita: "*Uma criança, por exemplo, terá um castigo de que se poderá redimir com seis pontos, tem um privilégio de dez; apresenta-o ao mestre que lhe devolve quatro pontos*". Media-se o comportamento através da sua valorização, em termos positivos ou negativos. A instrução implicava penalidade perpétua. Paulo escreveu na margem: "*Uma forma para treinar as crianças para a simbolização do valor, expresso em dinheiro. Aqui aplicado ao bem e o mal! A indulgência na sala de aula. É seguramente o maior passo em falso de Oury, quando transformou o negócio da igreja para o negócio laico, com a sua moeda interna. Levei muitos anos a perceber isso.*" Michel Foucault escreve ainda: "*a penalidade atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares; compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza*". Aqui Paulo anota: "*A instrução coerciva considera ter encontrado nos seus sistemas de microeconomia a objetividade justiceira com a qual não deixa de submeter todos os instruendos à obediência universal: o dogma do valor simbólico expresso em variantes de moedas.*"

Antes de ler Michel Foucault, Paulo deverá ter lido o livro *Voici le temps du monde fini* de Albert Jacquard. Este escreve, falando de uma das crises económicas do hectano 119: "*L' organisation des États arabes exportateurs de pétrole décide en janvier 1974 de faire passer le prix du baril de 3 à 10 dollars. Par la suite, au gré d'événements divers, ce prix évolue de façon erratique, le plus souvent imprévisible, en fonction surtout de la*

discipline que parviennent à s'imposer les États regroupés dans l'OPEP. En 1980 il dépasse 30 dollars, mais en avril 1986 il tombe en dessous de 10, et se retrouve en 1990 proche de 17. Quelle est objectivement la valeur du pétrole? La question n'a pas de réponse; en fait, elle n'a pas de sens." Paulo anotou primeiro: "*L'absence d'une logique commune entre ceux qui possèdent est presque toujours la base d'une série de gaffes*". Mas acrescentou outra nota, que, devido ao conteúdo, deduzimos ter sido feito muito mais tarde: "*Entretemps, l'instruction à l'obéissance à la valeur accordée donna ses fruits. Les points de La Salle eurent sont effet. Les egoismes nationaux promus par les gouvernants ont ouvert le champ des discussions guerrières, faute de clairvoyance pour analyser l'absurdité de la marchandisation d'un bien naturel due au hasard des frontières que les dirigeants des États-nations ont tracé*."

Folhando o exemplar de *Uma pedagogia de libertação*, livro de Miguel Angel Guerra, lemos a certa altura a análise duma ocorrência na qual um jovem tirou dinheiro para pagar umas aulas na universidade: "*Costumamos condenar de forma absoluta, de forma perfeitamente irracional… Porque nos indignamos tanto com uma criança que roubou, enquanto permanecemos tranquilos perante as múltiplas formas de roubo instituídas, organizadas, abençoadas?*". Aqui Paulo comenta: "*Ou seja, em que é que é diferente de atribuir um valor arbitrário a um recurso, obrigando outros a pagar este preço para este recurso? Quem rouba? O explorador da mina? O mineiro que ganha miseravelmente e esconde uma lasca? O comprador do anel com diamante? O vendedor do diamante? O*

importador? O Estado Nação que cobra o imposto de importação? A seguradora que avalia o risco de roubo? O agente da escola instrutora que retira à aprendizagem da criança o suporte necessário para fazer estas e outras perguntas críticas?".

Saltamos agora para *Histoire des Mathématiques* que Marcel Boll publicou em 119.41. Num trecho, que convém ler em função da nacionalidade e do tempo do autor, este explica porque ao seu ver foi grave a escola secundária só ter ficado pela geometria euclidiana: "*Nas origens da geometria vemos confirmar-se o fundamento experimental e o carácter social da ciência matemática: o primitivo é geralmente nómada; nem sequer tem campo. Não há geometria porque nada há a medir. A geometria fez a sua aparição quando dela houve necessidade; no vale do Nilo, após a inundação há três ou quatro milénios. Foi então que interveio a Grécia antiga, que aprendeu primeiro junto dos sacerdotes egípcios e caldeus.*" Paulo parece concordar com o resto do raciocínio, no sentido de fazer circular todo o conhecimento entre todos, mas, junto a este trecho, escreveu na margem do livro, que deve ter lido no ano 119.89: "*A geometria terá servido então para definir a posse. Quem media e escrevia? Não deve ter sido o lavrador da terra, Marcel. Porque medir?*".

Em *Deus, uma biografia,* Resa Aslan fala da lavra da terra, propriedade dos deuses a quem se entrega a colheita, registado pelos guardadores do templo. Paulo deve ter lido o livro em 120.19, e encontramos esta nota na margem: "*Ah, Marcel Boll! Tinha a ver com impostos, a geometria. Entretanto*

não se discute com os deuses. Dá-se-lhes o que lhes pertence. E fica-se com os trocos. As raízes da instrução de La Salle vêm de bem longe, na história. Decreta-se: 'Quem manda, manda, limita-te a seguir instruções. Elas vêm da instância mais alta. Logo, certamente são para o teu bem."

O exemplar traduzido de *How democracy ends* tem data de edição de fins de 120.19. Temos fortes indícios que Paulo terá lido este livro mehns antes de terminar a sua atividade de obrigatório ganha-pão. A certa altura, Runciman escreve: "*Num estado moderno, ao contrário do que acontecia em Roma, não é possível desviar o olhar e esperar que a tempestade passe. Ou o funcionário faz o que lhe mandam ou não o faz. O problema é que, desde que a política democrática foi sujeita ao alargamento executivo, não cumprir ordens é correr o risco de ser identificado como inimigo da democracia.*" Aqui Paulo comenta: "*Boll, Aslan mais uma vez. O autocrata ou coletivo autocrata - todos aspiram um governo do partido que ganhou com maioria absoluta nas urnas, mesmo que ele corresponde a um grupo minoritário na sociedade - manda, logo tem razão. Não gostas, és inimigo. Se fores estrangeiro, volta para o teu país e para o teu governo.*"

Runciman desenvolve no seu livro uma linha de pensamento segundo a qual democracia pura é algo de muito temível que corresponde à tirania da maioria. Fazer parte do grupo implica fazer e falar como o grupo quer, ou não lhe será permitido nada. Em consequência, diz Runciman, a participação torna-se universal. A democracia transforma-se em tirania corporativa, a tirania da maioria de que fala Toqueville. Runciman

argumenta então que a democracia representativa tem sido uma bem-sucedida tentativa de domesticar impulsos selvagens, como o linchamento. Aqui Paulo anotou: "*Democracia e pluralismo não são a mesma coisa. Quem representa quem, numa discussão que se quer pluralista? Qual é a consequência? E depois? Consenso ou convivencialidade? São coisas bem diferentes. Penso que muitos que se intitulam de pluralista, nem sequer percebem o conceito, por mais bem intencionados se apresentem como tal, chegando a ser paternalistas. Instruir a colaboração para o consenso é bem diferente de sustentar a cooperação dentro da divergência. O que impede as comunidades de aprendizagem efetivas e a larga escala? Sociedades baseadas em hierarquias, dinheiro, crescimento económico que tem a exclusão como corolário?*". Passa-me o jarro com sumo, faz favor», terminou Lev bruscamente.

Despina suspirou: «Bonito, este desenho que procuras fazer da evolução do raciocínio de uma pessoa, no seu processo de aprendizagem, tendo aqui suporte de interlocutores com quem não entra diretamente em diálogo.»

Catherine diz: «O avô conta muito bem e é verdade que aprendemos muito com a leitura das notas nas margens dos livros. Mas no que se refere a Paulo, dispomos também de alguma correspondência com amigos e com as filhas. Ele tinha muitos interlocutores. Frequentemente estes ficavam no círculo próprio deles. Muitos falavam entre eles mas raramente ou nunca com outros, de outros círculos, a não ser através de Paulo. O próprio Paulo não se ligava a nenhum círculo. Ele

próprio dizia, com alguma ironia mas sem maldade, que interagia com a nomenclatura de diferentes círculos mas que procurava não integrar nenhuma. Existem registos que foi eleito ou empossado em alguns cargos menores de liderança. Percebemos que aceitava relutantemente uma função deste género, mas só quando lhe parecia indelicado recusar, e que pessoalmente nunca os valorizou muito. Os volumes *A massa medíocre* e *A era dos aprendentes* têm Paulo e os seus antecedentes e descendentes diretos como principais figuras. Aí falamos muito dele. A sensação que temos é de que durante toda a sua vida, Paulo esteve dentro e fora de vários círculos. Talvez por isso sentia-se regularmente impotente para se fazer perceber. É claro que foi outsider nos próprios círculos que integrava. Quem o conheceu referiu-se muitas vezes a ele como sendo utopista, ao qual respondia: 'Existem pessoas que não procuram o seu Não-lugar? Não guarda toda a gente o seu sonho algures?'.» Catherine terminou, rindo: «E tivemos o cuidado de deixar a redação final em mãos de Moana e Idrissa, para conter o entusiasmo cativante de Lev e Alberto resultando das suas leituras do espólio de Paulo mas também de Greta Campos.» Os velhos amigos de Lev riram-se todos e Raja disse: «Um cuidado acertado, Catherine. O teu avô e o teu pai ainda mais, deixam-se facilmente levar pelo seu entusiasmo.»
Vanderlei tossiu baixinho. «Se me permitem, queria voltar à nossa conversa acerca da margem. A margem de um rio é muito poderosa. Não só guia o rio, mas também se afigura como interstício entre o rio e o que está fora do rio. A mim parece-me que a margem dum livro, uma atuação na margem

de um evento, nas franjas, é o que proporciona o desenvolvimento de uma rede. Embaixadores são pessoas que trabalham na margem, não é Lev? Pelo modo como a margem, afastada do centro do rio, do *main stream*, por assim dizer, se relaciona com dois mundos, ela capta sinais de mundos diferentes, e, por interligação, envia também sinais para mundos diferentes. Isto pode ser desconfortável, tanto para quem se movimenta na margem, como para quem se movimenta no centro.»

Liberty disse: «Conhecem os fractais? Eu estava a pensar como é ficar na margem da margem, ou na margem da margem da margem. O comentário da margem que remete para um texto *main stream*, pode ser de desacordo ou de acordo, mas pode se tratar de um desentendimento.

E penso nos textos de Copernicus, de Galilei, de Darwin, de Freud, de Vigotsky, de Nussbaum, de Bregman, e tantos outros, que produziram nas meta-margens do fluxo do *main stream*. Quando, num texto central deste tipo, onde muito do que lá está, é de certa forma o que se situa na margem, o autor é facilmente ridicularizado ou vilipendiado pelo que escreveu.…»

«… sim, quando estamos perante uma sociedade hierarquizada com paradigmas aos quais se confere o estatuto de dogma, …», interveio Lev.

«… e se, alguém desenvolve na margem de um escrito deste tipo um raciocínio consistente que se afasta ainda mais, imagina, então …», concluiu Liberty.

Catherine olhou para Lev. «Não houve episódios na fase da

Refundição, quando já era claro que o desejo coletivo era de imaginar comunidades convivênciais numa sociedade não hierarquizada, durante os quais ideias vindas da margem da margem, não digo que eram ridicularizadas, mas de certa forma afastadas ou minimizadas?»

Olhou para Liberty, e para mim, e continuou: «E não há, nesta margem da margem, ideias que voltam para o centro ou que adquirem a forma de teorias de conspiração?»

Lev levantou o braço, quando viu que eu ia responder. «Peço-te filho, aguarda um momento no que vais dizer. Catherine, tens razão, embora a palavra razão é uma palavra perigosa. O educador francês Fernand Oury, que se referiu há pouco, e com quem Paulo conviveu, foi importante para o desenvolvimento daquilo que mais tarde ficará conhecido como antropogogia institucional, terá dito "*l'histoire nous donnera raison*". Teria sido numa altura em que as suas propostas eram violentamente postas em causa por dirigentes e colegas, depois da publicação *De la classe coopérative à la pédagogie institutionnelle*, escrito com Aida Vasquez. Uma afirmação assim não só é perigosa mas ela é quase tão arrogante como a própria ridicularização da proposta. Sabemos que a investigação em psicologia e em sociologia relativa à interação na aprendizagem, mostraram a razão de ser das críticas à instrução, no plano geral. Sabemos que a arrogante defesa da instrução fazia parte de uma estratégia política de organização da sociedade em democracia representativa hierarquizada. Hoje sabemos que um grupo de trabalho cooperativo não é um grupo em democracia direta, algo que Paulo dizia frequentemente. No verdadeiro grupo de

trabalho cooperativo existe uma vontade de abordagem não totalitária e pluralista, que em nada corresponde a uma lei da maioria ou uma lei de consenso. A pedagogia institucional que procurava teorizar a atuação do grupo instituinte criou uma armadilha a si própria, quando, em consenso manipulado, aceita a lei que envolve o sistema de moeda interna, através do qual comportamentos passam a ser multadas ou remunerados, como se tratasse de bens materiais. Reforçamos a nossa aprendizagem coletiva em relação a gestão interativa e dialogada das instituições que criamos e que procuramos manter instituintes, ou seja, ao serviço das pessoas em vez de as pessoas serem levadas a se pôr ao serviço do anteriormente instituído.»

Despina acenava a cabeça. «Nisso sigo Lev. Podemos estar convictos que algo não está certo no que o outro diz, mas temos daí o direito de inferir que nós estamos certos no que propomos? Runciman tinha razão quando anunciava em 120.18 uma pandemia que se concretizou em 120.20 devido à facilidade de viajar. Traçou a hipótese. Não o disse de forma arrogante, não clamou que ia ter razão.»

Catherine disse: «Estás a falar do trecho em que ele descreve a fragilidade do sistema económico mundialmente interligado em rede, complexo e com elos que são de difícil percepção. Neste contexto ele diz: "*A complexidade a esta escala é frágil, porque os choques podem espalhar-se pelo sistema antes que alguém tenha tempo para reagir. Uma pandemia poderia espalhar-se pelo globo numa questão de horas graças à viagens aéreas*". Ele constata a partir de uma análise informada.»

«Exato», disse Despina. «Fala com autoridade acerca de um assunto sobre o qual tem conhecimento. Quem se riu dele, era o arrogante, informado ou não, que ofuscava, intencionalmente ou não, o que uma análise de uma situação indicava: a forte possibilidade de uma crise, como ela se veio a verificar e, em última instância, levou à Refundição. Da mesma forma, podemos olhar para a análise que Rutger Bregman fez das experiências, no tempo dele, com o rendimento base. Foi violentamente atacado. A hierarquia baseada em posse tinha o individualismo como premissa, o que tornava impossível a ideia de partilha equitativa de recursos. Entre alguns dos extremamente ricos, existia uma espécie de filantropia de ricos para com pobres, mas com rígidos parâmetros de hierarquia e benevolência, remanescente de uma certa moralidade religiosa. O pagamento da indulgência para se garantir um lugar no céu dos benfeitores, é feito diretamente ao "beneficiário", indivíduo ou grupo.

Mas podia Bregman dizer que tinha razão e que a história lhe ia dar razão? A versão portuguesa do livro tinha como título *Utopia para realistas*. Provavelmente foi traduzido a versão inglesa *Utopia for realists* e não da versão original em neerlandês *Gratis geld voor iedereen* (*Dinheiro grátis para todos*). De certa forma, Bregman foi ultrapassado pela razão, antes de a ter… Mas podemos concordar que tinha a lucidez de vez o erro de raciocínio no arrogante detentor do poder económico.»

«Posso contar aqui um pequeno episódio que envolve o nosso querido anfitrião de hoje», disse Hiroka. «Lev sabe que as

ideias para o mundo sem dinheiro foram desenvolvidas a partir do auto-gerado colapso do sistema financeiro. Mas lembro-me o seu ar de felicidade, quando me mostrou aquele exemplar do livro de Bregman, recuperado da biblioteca de Paulo e me apontou o trecho: "*Keynes já o afirmou há anos: 'Homens pragmáticos, que pensem serem imunes a qualquer tipo de influência intelectual, são normalmente escravos de um ou outro economista morto'.*". Lev mostrou-me a nota que Paulo deixou na margem: "*Que bom ouvir isso. A quem posso dizer isso? Mas foi dito por Keynes… o mais provável é que o interlocutor, cegado pelo dinheiro, me responderá: 'Deste economista não sou escravo'. O neoliberalismo não tem nada a ver com Keynes*".»

Catherine disse: «Era na versão neerlandesa do livro.»

Lev: «Já que Hiroka falou desse livro que encontrámos no espólio de Paulo, há esta nota de Bregman "*Friedman contou no fim da sua vida que só estudou a fundo o trabalho de um filósofo: Karl Popper. Este pensador austríaco pensava que boa ciência consiste em 'falsificação': tens sempre que procurar o que não encaixa na tua teoria em vez de procurar constantemente a sua confirmação. Mas como vimos, a maior parte das pessoas faz exatamente o contrário. Mais, é exatamente a maneira pela qual o neoliberalismo, incluindo Friedman, descarrilou.*" A nota de Paulo deverá agradar ao Alberto: "*Prova que os neoliberais só leem o que circula na sua rede social? Como todas as pessoas fazem? Saber um pouco acerca de quase tudo, como dizia Araújo, ou saber tudo acerca de muito pouco, como parece ser a via da especialização.*

Estamos a chegar ao momento em que o especialista sabe infinitamente muito sobre infinitamente pouco? Mais vale não ter especialistas, a não ser em matemática elementar, para nos alertar acerca da divisão do infinito por zero… Já escrevi isso algures, noutro contexto, mas não me lembro onde. Não faz mal… Pensamentos parvos de fim de tarde".»

Sara riu. «Sabem que gosto de alguns autores de ficção científica. Robert Heinlein era socialmente muito crítico e tocava em assuntos fracturantes. Numa *boutade*, colocou as coisas no sentido de ter razão ou não ter razão. Concordo que, cientificamente, *ter* razão é um conceito complicado. *Utilizar* a razão, que é o que autores como Heinlein faziam, já é outra coisa. O final da era da pré-Refundição, porém, ilustra a máxima de Heinlein acerca de ter razão antes do tempo. Quem não pertencia à nomenclatura, e tivesse uma ideia, era politicamente perseguido, vilipendiado e socialmente renegado, para reto-mar a imagem que Liberty utilizou há pouco. Quem pertencia à nomenclatura e formulava ideias fora da caixa, logo ficava também fora da caixa.»

Lev olhou para Sara: «Frequentemente a questão não é de dar ou não dar, de ter ou não ter razão. Como dizes, tem a ver com o uso da razão e por isso também com as dúvidas acerca da razoabilidade de uma ideia sua ou de outra pessoa. É bem possível que a crítica social de Ivan Illich era tantas vezes tão mal recebida e tão ridicularizada porque havia muita razoabilidade naquilo que dizia. Mas ninguém, com crenças instaladas e assumidas, com rotinas que pareciam eternas, queria reconhecer esta razoabilidade. Então, mais fácil era

ridiculizar e denegrir. Ivan Illich levava muito longe o pensamento na margem. Desocultava regularmente falsas respostas, mesmo se estas eram plenamente justificadas, no *hic et nunc*. A luta para um estatuto económico e social igual entre mulher e homem tinha toda a razão de ser num sistema económico, hierárquico e desigual. Contudo o próprio sistema torná-la-ia muitas vezes inglória. Quando Illich analisou como a complementaridade biológica fêmea-macho se transformou para uma oposição social mulher-homem como resultado de um mundo económico hierarquizado, ele sugeriu reforçar os laços de complementaridade necessários numa sociedade convivêncial. Mostrou que então, e só então, esta luta já não teria sentido. O que tem sentido, num mundo de relações não hierarquizadas, é a interação revestida de uma ética pluralista abrangente, baseado na complementaridade, entre seres humanos diferentes. As categorias género e descendência, duas categorias de que a proto-sociologia ocidental abusou para fazer classificações hierarquizadas, deixam então de ter significado.» E, piscando o olho para Sara, terminou: «A provocação radical que Illich colocava nos seus escritos, fez com que, mesmo muito depois do seu tempo, continuou socialmente inaceitável.»

Raja disse: «Pior do que vilipendiar ou ridiculizar, foi o que veio a seguir. A fé no dogma que a riqueza era expressa em dígitos, que representavam o valor simbólico dada a instituições e pessoas hierarquicamente organizadas, tinha efeitos secundários. Quando ninguém mais questionou a constatação que 1% da população possuía 90% da riqueza

mundial, ridiculizar já não era possível. Reparem, não é a constatação que é absurda, é o seu conteúdo. Mas a fé universal no dinheiro, como diz Harari, fez com que a absurdidade conceptual de associar tudo que o planeta contém ao valor atribuído a instituições criadas pelas pessoas, raramente era abordada.

Então, líderes que, arrogantemente, se consideravam donos do planeta e líderes político-partidários com tarefas de governante, podiam manifestar uma complacência simpática e gratuita com quem produzia uma opinião crítica. Pouco menos de um hectano antes da hierarquia Bloomberg migrar para Elysium, o clima era o foco de atenção de grupos de jovens e grupos de ambientalistas. Dois anos antes do primeiro de um ciclo de pandemias ao longo do hectano 120 que, em articulação com o inverno vulcânico que seguiu, reduziram substancialmente a população, a previsível crise do futuro centrava-se na deterioração dos ecossistemas e do planeta como um todo. Aliás, diga-se de passagem que houve todo um grupo de virologistas que apontavam a degradação dos ecossistemas como possível causa para as violentes pandemias. Perante a diminuição da biodiversidade e a abundância da população humana, o ser humano tornou-se simplesmente um alvo mais fácil para vírus que por norma se adaptam com muito maior facilidade ao meio ambiente do que um complexo sistema como o corpo humano. Mas voltando ao meu argumento sobre a complacência: no *hub Thunberg*, temos uma interessante evocação da Greta Thunberg que em jovem era ativa no início do hectano 120 para as questões do

ambiente. Um trecho de um dos discursos dela marcou-me muito: "*We children are not sacrificing our education and our childhood for you to tell us what you consider is politically possible in the society that you have created. We have not taken to the streets for you to take selfies with us, and tell us that you really admire what we do. We children are doing this to wake the adults up.*" Percebo do que aqui está escrito que os líderes utilizaram a sua arrogância para desenvolver uma atitude paternalista de falsa admiração. Considero que é um modo extremamente agressivo para calar as pessoas», concluiu Raja.
Aproveitei o curto silêncio que seguiu, para pensar como entrar novamente na conversa. Depois disse: «No exemplar *No one is too small to make a difference*, da biblioteca de Paulo, ele anotou: "*It was sad to see how the world economic nomenclature seemed to give a tribune to Greta, while meanwhile necessary measures where delayed just to assure that the big money should benefit as much with so called green energy as it gained with fossil energy. Meanwhile they dared to put young people in an uncomfortable situation, saying that they even liked some of their ideias.*". Foi este mesmo modo agressivo com que o poder económico e autocrático tentou calar esta geração de jovens lúcidos, Raja, que considero absolutamente vil. Contudo, de forma indirecta e involuntária, esta atitude de supremacia contundente da classe que mantinha o poder contribuiu para a sua auto-destruição. A combinação da ânsia pelo poder e pela posse e a fé que se iria resolver tudo e ainda lucrar com isso contribuíram para fazer ruir todo o sistema económico baseado no valor do dinheiro. Não utilizaram suficientemente

as margens dos livros para aí anotar as suas ideias. Devem ter ficado pela leitura à-crítica, ou ainda melhor, pela recitação do cânone.

Mas queria ainda retomar a outra pergunta de Catherine. Qual é a diferença entre pensamento divergente, pensar fora da caixa e desenvolver teorias de conspiração? Gostei do modo como a mãe colocou a questão, recorrendo à matriz ignarométrica.»

Sara lançou-me um olhar interrogativo e apontou o dedo para si-próprio. Fiz-lhe sinal de continuar. Ela disse: «Quando Alberto me fez a mesma pergunta, alguns anos atrás, respondi que o pensamento divergente é uma capacidade que todas as pessoas sabem desenvolver e aperfeiçoar. O resultado deste pensamento divergente combina-se com outras características que as pessoas têm, e aí penso que a matriz ajuda. Se não me engano, a alteração que Alberto nela introduziu no ano passado, foi fruto desta conversa.» Eu acenava a cabeça e Sara continuou. «Esquematizando e simplificando. O pensamento divergente feito por quem está na zona menos ignorante e menos arrogante, irá, por norma, levar àquilo que identificamos como 'pensar fora da caixa'. Trata-se de um modo de apreciação positivo do pensamento divergente, do questionamento, da procura científica. Mas o pensamento divergente pode ainda originar dois tipos de teorias de conspiração. Quem se situa na zona mais arrogante e menos ignorante da matriz, está em condições de construir uma teoria de conspiração com características de manipulação de uma população. Por detrás de uma decisão pública baseada

em informação não verificada, pode estar uma teoria de conspiração deste tipo, lançada por líderes arrogantes não ignorantes. Outras teorias de conspiração podem nascer da cabeça de arrogantes ignorantes. Diferem com as teorias produzidas por arrogantes não ignorantes no sentido em que não são necessariamente elaboradas para manipular pessoas de propósito. Simplesmente, nos últimos hectanos antes da Refundição, passaram a ter a possibilidade de encontrar rapidamente muitos seguidores, devido ao advento da comunicação digital à distância, o que facilitava o encontro de ignorantes que partilhavam o mesmo tipo de pensamento fora da caixa. Runciman, de quem se falou já hoje, dava exemplos deste tipo. Se alguém pensava isoladamente, dizia ele, que Reis são descendentes de lagartos, isto não teve efeito nenhum antes do uso das plataformas digitais entre os hectanos 119 e 121. A partir daí tornava-se com alguma facilidade uma teoria de conspiração. Bastava um grupo se constituir em torno da ideia que somos governados por lagartos extraterrestres que se disfarçaram dentre do corpo de Reis. Por fim, ignorantes não arrogantes não cultivam pensamento divergente. Vão no fluxo, seja qual for o fluxo…»

Leon disse: «Muito simples e elegante, a tua análise, Sara. Eu estava a pensar no '*era uma vez…*'. Aí, o pensamento divergente aparece e tem uma característica de bom, de mau, de indefinido. A história pode ter uma moral, sobretudo quando o '*era uma vez*' inicia uma fábula: 'Se fizeres isso, vai acontecer aquilo'. E o Bom pode ser aquele que tem poder ou aquele que não tem poder.

No imediato, estava mais a pensar em lendas, em histórias. São contos, na margem da História. Podem ser de ignorância inocente, de ignorância prudente ou revelando a arrogância de quem conta ou quem é protagonista.
Integro nas lendas e histórias de ignorância inocente algumas com uma explicação pré-científica de fenómenos da natureza. Por exemplo, a constante subida e descida de Persephone de e para o submundo, depois de ter sido raptada por Hades, dava uma explicação plausível para o ciclo anual de nascimento e morte da natureza. Tratava-se de uma história na margem da História da ciência, quando se ignorava os mecanismos naturais que originam as estações no hemisfério norte.
Vejo algumas lendas explicativas na categoria de ignorância prudente. Acho muito bonita, a história acerca do canto do Lémure Indri, original da ilha grande, no sul da zona 1 que antigamente tinha o nome de Madagascar. Segundo a lenda popular, os Lémures Indri e o Ser Humano tinham, em tempos ancestrais, um antepassado comum com dois filhos. De um filho evoluíram os lémures Indri, do outro os seres humanos. O canto do Lémure Indri parece uma morna, que se ouve muito longe na floresta. Segundo a lenda, este canto serve para lembrar o distante irmão que tem que cuidar do ecossistema no qual ambos vivem, para ambos continuarem a viver. É uma lenda à margem da ciência que trata da biologia, do estudo dos ecossistemas e da biodiversidade, que prudentemente sublinha a importância desta mesma biodiversidade. Apela o irmão humano para refletir acerca da sua relação com o seu ambiente físico e espiritual. O meu irmão mostrou me há

pouco que Paulo tinha esta lenda anotada ao lado da observação "*o homem que está em paz com a sua consciência, é, por definição, um homem não religioso*" de Gilbert Murry, no livro de Reza Aslan. Os dois estamos intrigados em tentar perceber porque Paulo anotou aquela lenda ao lado desta observação.

Depois temos as lendas que encobrem a arrogância de quem se apropriou do poder sobre os outros. Na margem da História aparece a casta da aristocracia, conhecida também como as pessoas de sangue azul. Esta expressão continuou a ser utilizada até a Refundição, para identificar o topo da hierarquia dos Nobres e remonta a uma fantasia dos seus antepassados brancos, espanhóis, descendentes dos Visigodos. Estes guerreiros apresentavam-se com sendo de sangue diferente dos mouros, mas também dos camponeses com a pele mais escura por estarem muitas horas expostos ao sol. Chegando ao campo de batalha, mostravam os seus braços brancos, nos quais as veias pareciam de cor azul escuro, uma característica que os diferenciava do resto da população.» Rimo-nos quando de repente todos os presentes levantaram os seus braços para verificar o seu estado de nobreza. Leon continuou: «Vêm de longe, as histórias e lendas na margem da História que utilizam uma característica física para os protagonistas se apresentar ou serem apresentados como sendo de raça pura e superior. Muitas destas histórias porém não fazem rir. Inclui aqui todas as narrativas para as quais se utilizou a ciência existente até ao tempo em que elas eram narradas, para justificar a escravatura, a supremacia dos

homens sobre as mulheres, a abominação do amor entre pessoas do mesmo género, a interpretação social da teoria da evolução biológica, a falsificação da expressão "*survival of the fittest*". Foram, para mim, as mais perigosas, as verdadeiras arrogantes. Utilizavam o pensamento cientifico de uma época para ganhar crédito. Podia todo o *Zeitgeist*, pobremente traduzido por espírito do tempo, ser um pensamento à margem, ser uma gigantesca teoria de conspiração contra a própria humanidade como um todo.»
Olhei para o meu pai e disse: «Talvez podemos pensar no livro à margem dos livros? E convidar tio Leon para o organizar? *Kamasutra do pensamento divergente*, o que achas do título, Maria?»
«Penso que estás pronto para ires para cama, tu», sussurrou Maria ao meu ouvido, «para dormires, bem entendido.» Pouco depois despedimo-nos dos outros e regressamos para casa.

Espero que me poderão desculpar por me ter alongado tanto com esta única história de Sedmomehns. A conversa que se centrou sobre o que se deixa nas margens de um livro agradou-me imenso. Foi fácil de ver por quem aguentou ler estas páginas até aqui. Existe algo de discreto, de íntimo na anotação na margem de um livro. Só quem escreveu e quem leu aquele exemplar específico do livro, consegue ter acesso à anotação. O que está na margem fala com o que está no texto principal do livro. Neste sentido leva tanto quem escreveu como quem leu a uma reconstrução de raciocínio.
É isso que dá à margem o seu charme.
Muito do que aparece ao longo de todos os volumes da nossa

saga baseia-se em achados de notas de margem.
Espero que, na versão impressa da saga, a margem seja suficientemente larga para que leitores e leitoras a consigam utilizar convenientemente. Discretamente.

Ektowomehns

Como amansar o deus da guerra?

Já vos contei que Wolfgang e Liberty tinham integrado um grupo para uma viagem de contato com a comunidade de Marte. A comunidade consiste sobretudo de descendentes de Elysianos que decidiram afastar-se da terra. Depois de regressar da sua viagem de Elysiodomus, uma das quatro cidades-domo de Marte, escreveram histórias e relatos. Guardei, nos diários dos anos anteriores, notas acerca daquilo que Liberty na altura me mandava por onda portadora e de que Wolfgang e ela nos contaram depois de regressar. Mencionei em *A arte de comunicar com Marte* como, desde a sua chegada, os habitantes humanos aumentaram naturalmente em número. Havia agora quatro pólos, quatro cidades-domo. Para a sua instalação, os colonos de Marte utilizaram técnicas de criação de habitação de superfície e de subsolo. Repetiram o que os engenheiros lunares aprenderam a fazer desde os finais do hectano 120. Lembro que a primeira geração de colonos foi assistida por equipas da Terra. Queria-se agora relançar o programa automático de terraformação que se iniciou em Marte, Ganymedes e Europa, em meados do hectano 120, mas que ficou parado com a desorganização que se instalou na Terra, na última década do hectano 120. A supervisão deste processo automático já tinha reiniciado em Ganymedes e Europa, mas não em Marte.

Discutiu-se muito, tanto em Marte, em grupos de trabalho na Terra, como nas luas Ganymedes e Europa, a especificidade de Marte. Não vou falar disso aqui. Damos, de certa forma, a

nossa leitura sobre essa parte da história recente em *O regresso do papel*. Só o mencionei, para situar as conversas que seguem.

O que conto aqui, começa no primeiro dia deste mehns Ektowo, quando Catherine me veio procurar e me perguntou: «Tens tempo para conversar um pouco comigo acerca de Marte, Europa e Ganymedes? Já só faltam dois meses antes da equipa, na qual Wolfgang se integra, iniciar a sua viagem para as duas luas de Júpiter. Estamos a fazer preparativos finais. Quero rever contigo o 'livro de encargos' na parte que toca as abordagens formativas.»
«Claro», respondi, pondo de lado os documentos que estava a consultar acerca dos nossos antepassados Teacher e o movimento Esperanto. «Lembra-me só em grandes linhas do que estamos a falar.»
«O primeiro aspecto tem a ver com as observações de Wolfgang. Lembras-te que, no seu regresso, ele contou à comissão que encontraram uma comunidade vivendo em quatro cidades-domo. Existem nítidas diferenças entre a vida em Elysiodomus, e as três outras cidades-domo. Existe no desenho inicial uma horizontalidade de ligações entre as quatro cidades-domo, tal como foram projetadas há perto de setenta anos. Entretanto instalou-se claramente uma hierarquização. Falam de Elysiodomus como da capital, do centro, e os três outros pólos correspondem a subúrbios pré-Refundição. No início os colonos eram todos provenientes das famílias mais arrogantes e ricas de Elysium. Porém, nem todos os descendentes continuaram equivalentemente ricos. Com a ajuda de entendidos da antiga economia baseada no dogma do

dinheiro, percebemos que, naquela comunidade, a primazia de egoísmo sobre altruísmo continuou, a solidariedade é fraca e a concorrência provocou novamente uma organização em classes ou castas na pequena sociedade de perto de 40.000 pessoas.»

«Lembro-me ter percebido que o grupo de perto de 10.000 primeiros emigrantes em Marte era homogéneo num aspecto. Eram todos inflexíveis quanto à fé na interação comercial e monetária. Ainda antes de pensar no conforto que poderiam introduzir nas cidades-domo a construir, estavam a pensar na instituição da crypto-moeda local e a sua regulação. Não houve um famoso sequestro de informáticos na altura da primeira chegada em Marte?»

«Isso leva ao segundo aspecto, que Liberty abordou nas conversas de preparação desta nova viagem. O sequestro propriamente dito teve contornos bizarros e um desfecho estranho. Mas essa não é a razão para o mencionar. O mais que provável efeito secundário, foi a criação de um mito de que os primeiros humanos permanentes em Marte foram os aristocratas do dinheiro, para sempre banidos da Terra pelo novo poder. Quase que recriaram uma história de Povo Eleito, sofrido, devido a incompreensão dos outros. Cultiva-se a desconfiança em relação a todos que não vivem em Marte. No entanto, quem não é de Marte poderia ser mão de obra a fazer render.

Entretanto existe uma estranha dicotomia entre o discurso público com o qual quase se apela às armas contra visitantes vindo de fora de Marte e o modo como a classe dirigente

‘namorou' a comissão na qual Wolfgang e Liberty estavam.»
Pensei um pouco.
«A equipa chegou a fazer o perfil dos representantes Marcianos com quem se negociou, não foi? De certa forma, a comunidade societal marciana é uma boa ilustração daquilo a que chamei uma sociedade de organização totalitária e colonizadora. Não significa que a comunidade Marciana aspira colonizar outros, pelo menos, para já. Nem conseguiria, é demasiado pequena. É mais provável que se quererá lançar na colonização, na tomada de posse dos terrenos, do próprio planeta, à medida que a terraformação avança. Aí vão surgir conflitos mais sérios. Desde já, haverá conflitos internos. Eventualmente conflitos entre famílias. Se mantiverem a sua organização societal baseada no comércio e na prestação de serviços pagos com crypto-moeda ou qualquer outro *standard* adoptado, vão-se manter na lógica de concorrência a custo da entre-ajuda. É muito provável que, caso a entre-ajuda apareça, ela será fruto de uma misericórdia imposta ou negociada, e não da vontade pela convivência cooperada. Diria que os representantes com quem falaram têm um perfil de quem é de mais arrogante e menos ignorante. Encontram-se no rectângulo superior esquerdo da matriz ignarométrica, mais precisamente, no grupo com diagonal A5 I-5 até A3 I-3[1]. Já agora, os elementos da comissão vindos da Terra que se encontraram com estes representantes, perfilam-se no retângulo esquerdo inferior da matriz, menos arrogante e menos ignorante. Não devo estar muito equivocado quando os situo no rectângulo com diagonal

[1] A ver a matriz no estudo de Babitha Chakma e Idrissa Zoungrana, na página 16

A-4 I-2 até A-5 I-5.
Não sei quanto avançaram com o perfil da restante população de Marte que vive no que identificaram como subúrbio. Poderá haver aqui haver uma situação diferente daquela que nós encontrámos, quando começamos a trabalhar com a população ignorante. Pelo que me foi contado, os subúrbios marcianos não são habitado por perfis de A1 até A-5 e, visto a sua descendência, deverá haver relativamente pouco I's positivos, ou seja pessoas mais ignorantes. A minha leitura é que, basicamente tens uma classe superior, o tal A5 I-5 até A3 I-3 concentrada em Elysiodomus e uma ou duas classes inferiores, concentradas nos 'subúrbios'. Encontram-se certamente pessoas com perfis dentro do rectângulo com diagonal A4 I-2 até A2 I0. Provavelmente existem perfis de A2 I-5 até A0 I-3. O que me parece, é que isto tudo faz uma sociedade muito instável. Para falar em língua de Lobo», disse, sorrindo, «na alcateia, tens demasiados *alfas* e potenciais *alfas*, e uma falta de *ómegas* que se mantêm no papel de colaborador dos *alfas*.
Agora, dizem-me que a principal razão pela qual se quer visitar Europa e Ganymedes se deve à semelhança entre a população inicial das luas e a população inicial de Marte. Contudo, das luas de Júpiter, chega-nos por onda portadora uma constante e consistente descrição do que me parecem ser *democracias em início de ciclo*, como Sérgio Mestre as definiu. Elas são sustentadas por líderes com perfis na diagonal A3 I-5 até A-3 I-3. Repare, não discuto a utilidade de visitar as comunidades distantes, mas não me parece que o que mais se aprenderá em relação à sua organização ajudará muito para trabalhar com a

comunidade de Marte. Além do mais parecer-me-ia uma ideia bastante paternalista de visitar Ganymedes ou Europa, no intuito de ajudar Marte, sem levar Marte para lá … Melhor formulado, seria uma ideia de um pluralista paternalista, que, mesmo que bem intencionado, receio conter uma série de armadilhas.»

«Mas estás a dizer que não vale a pena visitar as luas de Júpiter e que mais vale voltar diretamente para Marte?"

«Não estou a dizer isso. Vale sempre a pena manter o contato com comunidades mais afastadas, tanto na Terra como no Espaço. Mas sugiro que se vá falar com as comunidades de Ganymedes e Europa, no sentido de lhes falar de uma preocupação nossa e lhes perguntar se também se querem debruçar sobre ela. Agora, não se trata de trabalhar ***com*** Ganymedes e Europa ***para*** Marte. Qualquer antropogogo vos dava como certo que isso, sim, seria um erro crasso. E penso que se deva evitar a todo custo que tanto o grupo de trabalho da Terra, como os grupos de trabalho de Ganymedes e Europa possam fazer este erro de pensamento. Qualquer trabalho com a comunidade ou as comunidades de Marte deverá ter como ponto de partida uma vontade da comunidade local e das comunidades convidadas - nós, se for caso disso - para definir *em conjunto* o que se pretende fazer. E isto significa que nem nós nos pomos ao serviço deles para que possam alcançar o objetivo deles, nem eles se colocam ao nosso dispor, para alcançar o que nós, do alto do nosso saber, definimos como objetivo porque o consideramos melhor para eles e para nós. Os objetivos deles podem ser objetivos que

não queremos para nós, como os nossos podem ser objetivos que eles não querem para eles. Mas o trabalho em conjunto deverá permitir que, com modelos divergentes de organização, as comunidades envolvidas não se ameaçam umas às outras. Penso que para já, o desafio com Marte é de discutir a coexistência de uma sociedade baseada em prestação de serviços pagos e bens comprados, com uma sociedade baseada na convivência cooperada.»
Catherine olhou para mim em silêncio. A sua expressão facial revelava que já estava a esboçar na cabeça o que considerava que havia para fazer. Levantou-se. «Obrigado pai, fizeste-me ver claramente algumas coisas que tenho que discutir com eles. Voltaremos ainda a falar.» Abraçou-me ternamente e saiu.

Dez dias mais tarde, Wolfgang, Catherine, o meu pai e eu, íamos no "spider", direção *Gwendolyn Brooks*. Tínhamos combinado, com o mestre de um dos espaços de almoço perto do lago, a confecção e degustação do nosso almoço. Levamos das nossas respetivas hortas os legumes que queríamos usar e o chefe tinha a massa e os bivalves de água doce para nos acompanhar na elaboração de uma refeição nova para nós. A primeira parte da nossa conversa tinha a ver com comida e a história do lago. Soubemos como a engenharia ambiental, associada aos efeitos corolários do Inverno Vulcânico, ainda que mais sentido acima do trópico do Câncer, tiveram um efeito positivo na biodiversidade do lago e em redor dele. O mestre de culinária Eriya Wambuzi contou-nos algumas histórias do 119.º hectano, quando a arrogância de líderes da zona 2, mais tarde em sintonia com a arrogância de líderes

locais, tinham quase conseguido extinguir a vida aquática do lago. Desde a Refundição, a pressão demográfica sobre o lago diminuiu um pouco. Mas o mais importante foi o desaparecimento de todo o frenesim da sobre-pesca, logo que terminou a pressão global do consumo comprado e vendido. De resto, as ligações entre as margens do lago eram agora todas feitas com embarcações movidas pelo vento e pela energia solar.

Depois da refeição, Wolfgang e Catherine queriam sobretudo saber da experiência de Lev, no trabalho com comunidades isoladas. Este começou por dizer: «Não sei se vos posso ser muito útil. Trabalhei muito com os antropogogos e as comunidades mais isoladas, maioritariamente constituídas por descendentes de ignorantes. Com descendentes de Elysium estive apenas algumas vezes. É verdade que acompanhei as comissões que discutiram com a população de Elysium como se ia proceder a evacuação daquela cidade espacial. E discutimos a interação com quem não queria voltar para a Terra.»

Wolfgang perguntou: «Mas porque é que havia quem não queria voltar para a terra? Depois do Inverno Vulcânico, a sobre-população já não existia. Havia menos terra habitável, mas a densidade populacional desceu imenso, mesmo nas zonas habitáveis.»

«A dificuldade não residia na densidade populacional», respondeu Lev. «Em termos gerais, havia na população Elysiana uma espécie de bloqueio mental, logo que se abordava o conceito de uma sociedade sem dinheiro. A

maioria não conseguia entender que havia agora, na Terra, uma recusa generalizada de encarar os recursos do planeta como bens transaccionáveis por leis de mercado e de consumo inventados por seres humanos e que tinham vigoradas, digamos até o fim da primeira década do 121.º hectano. Esta maioria da população Elysiana preferia levar a sua concepção de leis de transação de bens e capital para outros lugares. Diga-se de passagem que houve famílias de ignorantes mais arrogantes que os quiseram acompanhar.»

«Portanto, mesmo nas comunidades Terráqueas, houve quem preferiu seguir a reconstrução da sociedade de mercado», perguntou Catherine.

«Sim. E é por isso que me parece que o trabalho antropogógico nas comunidades mais isoladas foi um desafio menos complexo do que o que penso que se avizinha com a comunidade ou as comunidades de Marte. Os projetos de aprendizagem e de organização das comunidades em Terra diferiam muito de um local para outro, mas em comum tinham a procura de modos de entendimento que não passavam pela compra e venda, nem pela valorização hierarquizada de bens.»

Wolfgang perguntou se Lev podia dar exemplos.

«Claro. A preocupação geral era de conseguir uma vida sustentável, de preferência sem sofrimento. Agora, nem em todas as comunidades havia quem tivesse vontade de se ocupar de uma ou outra tarefa necessária pelo bem-estar da comunidade. Numa comunidade muito heterogénea é bastante mais fácil encontrar o leque de pessoas que querem contribuir

cooperativamente para o bem-estar da comunidade. Pensem em médicos generalistas por exemplo, mas também em engenheiros e técnicos interessados em vigiar os processos automatizados de distribuição de energia ou de montagem de dispositivos inteligentes, para recolha e procedimento de lixo, para os sistemas de transporte público automatizado, …

Ignorantes e Fugitivos tiveram que se libertar de preconceitos, para encontrar soluções à medida. Por exemplo, foi uma constatação interessante de ver quantas pessoas quiseram voluntariamente iniciar estudos complexos de enfermeiro e médico, e se tornaram muito competentes, assim que desapareceu da formação, o aspecto concorrencial, fruto da luta pela conquista dos lugares mais bem pagos. Mas jogou nalguns casos também a experiência acumulada de quem tinha vivido durante pelo menos duas gerações em condições de sobrevivência mais severas. Para comunidades que nunca tinham tido grandes posses, a descoberta que cada um estava completamente livre e encorajado para desenvolver a atividade que bem entendesse, foi uma revelação. Ao mesmo tempo tínhamos o legado acumulado do saber-fazer, resultado de muitos anos de investigação de ponto antes da Refundição, mesmo se movido por interesses económicos de alguns. O saber e o saber-fazer existia. Foi liberto da associação a uma imagem de hierarquia justificável e a uma ideia de que recursos podiam ser cativados por quem tinha um número de valor mais elevado.

O que funcionou bem foi o princípio de que qualquer pessoa ou grupo de pessoas podia explicar à comunidade o que

pretendia e de que recursos precisava para desenvolver a sua ideia ou a sua atividade. A apresentação e eventual reformulação tinha, e continua a ter, quase sempre uma saída satisfatória para quem teve a ideia bem como para a restante comunidade. As coisas não eram, como agora também não o são, colocadas em termos negativos. O ponto de partida foi sempre de encontrar como fazer, eventualmente com um compromisso, que não deixava ninguém ficar mal. Em situações mais complexas, como recorrer a minerais ou material reciclado, o Conselho Interpolis foi sempre importante, como ainda o é, para acompanhar questões como '*Onde vou encontrar o ouro, o lítio, o tungsténio, … necessário?*'»

«Fala do princípio da refeição», sugeri ao meu pai.

«Sim, é verdade. Como vocês sabem, mesmo havendo um grande número de variantes locais dentro das comunidades e entre comunidades, há algo de comum, seja lá para onde se vai. Cada um prepara as suas refeições, individualmente ou em grupo. Não é por acaso. Foi um elemento embutido em todos os projetos de aprendizagem. Logo que desapareceu o mercado de compra e venda, também de bens alimentares, foi importante encontrar formas de distribuição de alimentos que são de difícil produção caseira, por exemplo cereais. E foi o que se fez. Entretanto, como ninguém mais precisou ganhar dinheiro para se alimentar, toda a noção do tempo mudou. Cada espaço de habitação tem uma horta associada. E a refeição preparada por outros, com o objetivo de 'perder' pouco tempo para comer ficou para trás. Os projetos de aprendizagem previam sempre momentos para confeccionar e

degustar a refeição em grupo, em vez de se limitar a juntar o grupo para comer algo preparado por terceiros. Só este princípio teve imensas consequências na própria forma como se vive a partilha de recursos. Não há troca, mas há partilha. Coopera-se para confeccionar uma refeição com todos os presentes, a partir daquilo que todos os presentes trouxeram, entre produção própria e produtos previamente distribuídos. Vocês sabem-no, como todas as pessoas que atualmente vivem no planeta o sabem. Já não se imagina espaços de venda de refeição, requintados para uns e rascas para outros, como nos é mostrado em filmes antigos. O requinte de uma refeição é exatamente aquilo que cada um, ou cada grupo, quer entender e para o qual contribui. Mas existem os espaços como este onde estamos, no qual aprendemos com artistas, como nós hoje, com Eriya. Existem porque há quem quer cooperar com outros e partilhar uma refeição criativa, utilizando para tal a sua arte e capacidade. Como dizia, no caso da Terra, o princípio da refeição teve muitas consequências. Ele foi muito importante para outras desconstruções, sobretudo com descendentes de Ignorantes que tinham estado ligados à atividade de compra e venda, num mundo encarado como um enorme mercado.»

De repente, voltaram à minha memória as conversas da avó Emmy com parceiros de grupos de trabalho, quando falavam em como repensar o ato da interação, e da des- construção associada, quando se retira dessa interação o conceito de produto possuído, sujeito a compra e venda. Mas foi a reflexão associada que fez com que esses grupos de trabalho

explicaram a sociedade de mercado, de compra e venda de bens, como uma fase necessária na transição da sociedade de recolectores-caçadores para a sociedade de convivência cooperada terráquea. Esta sociedade de mercado foi levado até ao seu limite. De passagem deu um empurrão enorme para a construção de máquinas extremamente complexas, fruto da ânsia pelo poder, pelo controle, pela posse. E no fim, revelou-se incapaz de ser sustentável. Para avó Emmy, ela não se destruiu a si mesma, como aqui às vezes foi dito. Para avó Emmy, esta organização societal encontrou o seu limite e originou algo de novo. Na altura da sua morte, avó Emmy considerava que havia condições para a sustentabilidade de duas variantes: uma era a sociedade de convivência cooperada sem recurso a moeda e a outra era a que designava como sociedade Bregmania.

Disse ao meu pai: «Talvez Marte pode evoluir para uma sociedade Bregmania, que avó Emmy considerava outra evolução societal, diferente da nossa?»

Lev respondeu: «Será certamente interessante de perceber *se* e *como* se trabalha esta proposta com os mercenários e os "*casseurs*" que vejo descrito nalguns testemunhos de quem esteve em Marte», disse Lev. «A vontade de destruir, de fazer mal, de se apropriar de recursos pela força, decorre do dogma do dinheiro. Falamos muito disso, quando vemos aqueles filmes e séries de antes da Refundição. Grande parte das interações violentas, que identificavam como crime, tinham a ver com a apropriação de bens em modos que eram considerados incorretos por quem detinha os bens, e por isso

criava contextos de proteção. Elysium foi disso a expressão máxima, como tu costumas dizer. O que Bregman mostrou, em pleno modelo de sociedade de mercado capitalista, foi que a distribuição de dinheiro, levando ao rendimento garantido para todos, diminuía logo à partida drasticamente este tipo de crimes, exceção feita para os contextos mais arrogantes. Na altura havia nas ciências sociais, embutida na economia, um ramo de investigação que estudava os mecanismos de circulação do dinheiro para a concretização de objetivos. O que no micro-crédito parecia funcionar bem, falhava regularmente no grande capital. Os arrogantes menos ignorantes, bem como os arrogantes ignorantes situavam-se sobretudo ao nível do grande capital e não ao nível do micro-crédito. Por isso, penso que não será possível transpor diretamente para Marte o que funcionou em Terra, em locais mais relutantes quanto ao desaparecimento do dinheiro. Aí as estratégias Bregmanias funcionaram, devido ao caráter local e comunitário da partilha que se continua a conceptualizar como sendo troca. De resto, das comunidades terráqueas, já tinham sido exfiltrados, por assim dizer, os mercenários e "*casseurs*" mais arrogantes.»

Olhei para Catherine. «Como te disse o outro dia, não me parece que vamos encontrar nas luas de Júpiter como interagir com a população de Marte. Contudo, pode ser interessante aprender com as comunidades de lá. Pelo que nos chega regularmente através das ondas portadoras, terão desenvolvido abordagens Bregmanias. Uma hipótese que se coloca é que as comunidades que foram para mais longe tinham mais pessoas com vontade

pela aventura, e por isso dispostos a repensar limites e modos de organizar. Mesmo havendo já na altura um conhecimento técnico razoável para viagens interplanetárias dentro do nosso sistema solar, o risco de se isolar em luas de Júpiter e, quem sabe, de Saturno, era sempre maior do que se estabelecer em Marte, para já pelo maior tempo de resposta a emergências.»

Wolfgang sorriu. «Sim, isso é sabido. Um vaivém de sinal à velocidade da luz para Jupiter leva entre 70 a 104 minutos, enquanto o mesmo vaivém para Marte leva entre 8 a 28 minutos. Claro que para ocorrências extremas e rápidas, é igual o risco de não conseguir fazer nada para corrigir sistemas automatizados, quando só têm duplicação de comando instalado nas bases da Lua, com acesso apoiado em satélite artificial. Mas, como costumamos dizer entre operadores de naves, em situações críticas e não fatais, a diferença entre enviar correções para Marte ou para as luas de Jupiter é um pouco como entre se deslocar de aqui para a Biblioteca por *Spider* ou de aqui por veículos semi-automatizados para as zonas não habitáveis.»

Retomei: «Os colonos de Ganymedes e Europa não se terão limitado a investir na habitabilidade das cidades domo. E, pelo menos no que se refere a Ganymedes, a terraformação estava mais avançada, graças à prolongada estadia de seres humanos integrados nas equipas dirigidas por Vitor Hunt e Chris Danchecker, na segunda metade do 120.º hectano. Talvez os pioneiros de Ganymedes e Europa tiveram mais tempo para se construir a sua versão da cooperação necessária à sobrevivência coletiva. E aí também, grande parte da

população descende de Elysianos. Um indicador interessante é que um em quatro dos voluntários da Terra que acompanhou os pioneiros na fase de instalação ficaram lá, enquanto de Marte, todos os voluntários acabaram por voltar para a Terra.»
Catherine interveio agora: «Tudo que mencionaram aqui é bastante coerente com as restantes informações que chegam ao Conselho Interpolis e que podem ser consultadas em qualquer consola digital da Biblioteca Central. Regra geral, as comunidades instaladas fora da Terra encontraram formas de se organizar diferentes das nossas. Basicamente temos três modelos de sociedades: uma como a nossa, de convivência cooperada, sem interferência de moeda ou mercado; uma de convivência cooperada Bregmania e uma outra de modelo capitalista adaptado com democracias emergentes. Por norma, a interação entre as comunidades destas diferentes sociedades assenta no diálogo em base pluralista. Uma das leituras que fazemos das dificuldades em Marte, é que não são fonte de preocupação as comunidades de Marte *per se*. Em Marte existe claramente uma sociedade hierarquizada, e quem detém o poder, também dispõe do poder de se dar privilégio de interação connosco. Simultaneamente é quem detém o poder que aparentemente está em apuros com uma ou várias das comunidades que pensa dirigir. Sem nos dizer isso com todas as letras, é a mensagem que nós entendemos captar.»
«Posso concordar com a tua observação», disse e continuei: «Leva-me a pensar que uma parte da proposta de estratégia de trabalho está no passado. Se o objetivo é aliviar ou fazer desaparecer a tensão entre grupos, será necessário acordar

com a estrutura dirigente que eles são parte do problema. Parece-me que se as coisas evoluem no sentido de haver voluntários da Terra a integrar comunidades de aprendizagem em Marte, estes voluntários deveriam fazer ver às comunidades de aprendizagem que, na sua instituição e gestão procurassem isomorfismo, não com a sociedade que têm, mas com a sociedade que pretendem. E para saber que sociedade pretendem, será necessário pôr todos a traçar o cenário, não somente os dirigentes, nem somente as comunidades consideradas desordeiras. Estou muito curioso em aprender o que vão trazer de Júpiter, mas sobretudo o que vão trazer das próximas interações com as comunidades marcianas. Entretanto, entre nós, que não tenhamos dúvidas. Para amansar o deus da guerra, temos procurar minimizar aquilo que o alimenta: a posse, simbolizada pelo dinheiro.»

Nota na edição de 122.25
Alberto faleceu em 122.22 com 69 anos, quando o trabalho conjunto com as comunidades de Marte ía no seu terceiro ano de execução. Atualizamos o volume 13 da nossa saga com as informações que nos foram chegando pelas comissões voluntárias, algumas nas quais Liberty e Catherine continuam a participar.

Newnomehns

Anthropos, da co-gestão para a co-autoria

Havia outra celebração de envelhecimento… Dulan contava com mais um ano. Estávamos a caminho para nos encontrar com o aniversariante e os amigos, na casa que Dulan partilha com Liberty. Íamos na linha Norte-Sul cor-de-rosa, para o *hub Michel Foucault*. No *hub Marta Nussbaum*, várias caras conhecidas aguardavam a abertura das portas da carruagem. Halona entrou, seguida de Catherine com a barriga de sete meses de gravidez acentuada pela saia larga que tinha vestida. Estavam acompanhadas de Pablo e Sayen de mão dadas, a rir. Viram-nos e sentaram-se ao nosso lado.

Maria aproveitou logo para perguntar pela nova casa de Pablo e Sayen. «Conseguimos ficar com uma das três casas que tínhamos selecionado. O quintal é um pouco mais pequeno do que o das duas outras casas. Talvez foi por isso que não havia outras manifestações de interesse», disse Sayen. «Mas a casa tem um grande coletor de chuva e a horta está muito bem tratada. Legumes ainda há muitos, quase prontos para a colheita. A casa foi desocupada há dois meses por um casal que se mudou para Arqueopolis, mas os vizinhos mantiveram a horta em boas condições. Percebemos que ultimamente a casa serviu sobretudo pessoas que não tinham planos de ficar toda a sua vida em Bibliopolis.» «Também estão a pensar de nos deixar?» perguntei. «Ainda não sabemos por certo», disse Pablo, «eu não tomei nenhuma

decisão definitiva se quero ficar aqui ou se quero voltar para a *Zona 3*. Falamos muito, Sayen e eu. O que sabemos é que queremos estar juntos.» Sayen riu e disse: «De qualquer modo, Alberto, não vos iremos abandonar, antes que toda a saga esteja publicada. Gostava de convencer Pablo para depois seguir para a *Zona 3*. Gostava de ver os locais onde ele cresceu mas também de encontrar pessoalmente aquele grupo de antropogogos que trabalham com os descendentes dos lavradores e criadores de gado. Sabes, aqueles que tinham, antes da Refundição, criado a *escola de trabalho* para os seus filhos, baseada nas ideias de Pistrak.»

Entretanto chegamos ao *hub Michel Foucault,* no final da linha. Caminhámos a curta distância até a casa de Dulan e Liberty a pé. Catherine pendurou-se no meu braço. «Já pensaste no discurso de boas vindas para a tua neta ou o teu neto?» perguntou, sorrindo. Olhei para a barriga dela. «Pois, não consigo saber exatamente o que tu sentes na barriga, mas eu já sinto borboletas, confesso. Já estive a pensar que melhor será os nossos co-Bibliotantes começar a procurar outro curador do espaço, logo que o vosso bebé começa a conviver com os avós. Imagina, já estou a vislumbrar as aventuras que podemos viver juntos, no Parque Central. Agora, discurso de boas vindas…» Halona veio agarrar o meu braço esquerdo e disse: «Então quase-avô. Estás a ter uma revelação do futuro próximo? Contamos contigo, não só para o desenvolvimento intelectual da nossa prol, mas também para tratar dos cocós.» Ri. «Limpar rabos de bebés não se desaprende. Mas não escondo que me sinto mais entusiasmado com a ideia de

identificar livros infantis na Biblioteca Central. E também já pedi sugestões à Paula, a avó de Wolfgang e David.»

Chegámos ao destino mesmo antes da chuva nos cair em cima. «Estava aqui sossegado com Liberty, e de repente tenho seis co-autores da saga Magister-Auctor à minha volta. Já sei onde isto vai parar», brincava Dulan, depois de nos abrir a porta. «Halona, estamos em minoria.»
«Se utilizares este critério, aqui e agora, sim, estamos», disse Halona «Mas se o critério for *ter 40 anos ou menos*, já são Alberto e Maria que estão em minoria. Se utilizares o local de nascimento como critério, Pablo e Sayen estão em minoria.» Catherine observou: «Pressuponho que queres dizer com isso que minoria-maioria é uma dicotomia extremamente supérflua. E que uma maioria só se manifesta depois de alguém ou alguns definir a linha divisória que serve de critério.» «Sim», respondeu Halona, «minoria e maioria não passa de uma classificação grosseira, de um agrupamento, em dois conjuntos separados, de pessoas que, de resto, diferem igualmente entre elas, independentemente de as incluir na minoria ou na maioria, em função da divisão que definimos arbitrariamente.» Dulan concordava: «E para o fazer utilizamos palavras, raramente sem segundas intenções. Contudo, mesmo quando não há segundas intenções declaradas outras pessoas encontram-nas, sobretudo quem pertence à minoria. Penso que não nos devemos martirizar excessivamente com isso, como parece ter acontecido ao longo do hectano 120. Temos transcrições de debates, das quais aprendemos que era na altura frequente discutir mais se uma palavra era politicamente correcta ou não, do que

simplesmente iniciar um diálogo, sabendo que as diferenças de opinião e visão iriam surgir, para as debater. Pergunto-me se, nalgumas situações, este procedimento não acabava por ser mais ofensivo. Aqui, Halona explicitou logo a linha de separação, depois da minha primeira observação. O critério é o critério. É uma afirmação que pode servir de tomada de posição. A dificuldade surge quando não sabemos bem o que se pretende com a afirmação. Ou quando sabemos que a afirmação foi feita não só para classificar mas também para hierarquizar. Ou, simplesmente, para conseguir uma posição de força. No modelo de governo definido como democracia representativa em muitos Estados-Nação antes da Refundição, uma típica frase era "*A maioria decide*". A meu ver era uma atitude que não deixava de ser agressiva. Porquê? Porque na prática a maioria era representada por um conjunto de líderes de um partido político que recebeu mais votos do que os outros. Estas lideranças partidárias, por sua vez, eram constituídas por uma mão cheia de pessoas que diferiam entre elas em quase tudo, menos num aspecto: serem membro da estrutura dirigente do mesmo partido. Se lhes era perguntado o porquê da sua afiliação, estas pessoas divergiam frequentemente bastante quanto ao tópico programático partidário que realçavam.

Quanto a mim, "*a maioria decide*" é uma frase oca quando o que nos move é o desenvolvimento de uma ética e atitude pluralista.»

Entretanto chegaram os pais de Dulan. Este parou o discurso para os cumprimentar. Liberty retomou a conversa para interpelar o companheiro. «Sem saber se faço parte da maioria

ou não, proponho que interrompes um momento a tua reflexão e ajudas as pessoas que querem fazer algo para beber ou para comer. Não consideram uma boa proposta?» Eu ri. «No hectano 120 do politicamente correto, terias logo sido referida como manipuladora. Mas é significante como mesmo nas coisas simples, como num convívio, mudámos coletivamente as regras de atuação, na altura da Refundição. O colapso da globalização da indústria alimentar, associado ao desaparecimento do dinheiro, e ainda em combinação com o fim da comercialização do uso do tempo, levou a novos hábitos. Estes hábitos enraizaram-se rapidamente. Uma refeição de grupo inicia com o que cada elemento do grupo colhe da sua horta e escolhe da sua reserva-base pessoal. Todos trazem algo. A imprevisibilidade dos ingredientes disponíveis estimularam a criatividade e fizeram da planificação de uma refeição uma atividade de curto prazo. Uma refeição de grupo tornou-se uma atividade de verdadeira co-autoria.»

Inês, a mãe de Dulan, observou: «Existe algo de intrigante na co-autoria e a oposição à sua concretização. E vejo variantes dessa oposição, ao longo dos últimos hectanos antes da Refundição. Havia quem se recusava simplesmente de admitir que uma obra é um trabalho conjunto. A preparação e comercialização de refeições é um bom exemplo. Mesmo o chefe culinário criativo dependia de horticultores, fruticultores, elevadores competentes e dedicados para conseguir o prato apresentado. A produção de objetos e a investigação científica são claros exemplos de co-autoria. Os indivíduos, e mesmo os próprios coletivos de criadores, tinham dificuldades ou

opunham-se para assumir a obra conjunta, até por razões concetuais. Penso que muito se jogava em volta do conceito de autoridade. Confundia-se autoritarismo com autoridade. A co-autoria podia então até mesmo ser atribuída a uma figura externa aos autores.»

Concordei e disse: «O mundo da posse e do poder originou uma variante perversa e recorrente que consistia em que só assinava o líder de uma equipa. Quanto muito, os co-autores do trabalho eram referidos numa nota de agradecimento ou de introdução. Esta prática alterou-se no hectano 120. A partir de certa altura a co-autoria foi mais assumida, mas não por razões éticas, ao meu ver. A complexidade dos assuntos investigados, ou a polémica que podiam gerar, levaram à necessidade de publicar em conjunto. Passou a ser uma forma de co-gerir a confirmação ou infirmação de uma tese, enquanto era criado um escudo coletivo contra quem atacava, às vezes violentamente, o que se escreveu, sobretudo quando ocasionalmente, se apresentava a tese como um novo paradigma.»

Enquanto franziu as sobrancelhas, Dulan disse: «Ao longo da história encontramos muitos investigadores e sábios que assumiam sozinho a autoria das suas publicações, eventualmente depois da sua morte. Altruísmo ou egoísmo? Em raras situações, a decisão de publicar sozinho pode ter sido um ato de proteção de outros, evitando assim o seu envolvimento em polémicas potencialmente perigosas. Contudo, era mais frequente ver disputas de reivindicação da autoria, na luta para ficar com os louros de um feito ou para se lançar como

autoridade num determinado assunto. Numa economia de mercado, ganhar autoridade era essencial para subir na hierarquia e, com isso, ganhar mais valor o que frequentemente significava ter uma remuneração mais elevada.»

Dulan calou-se e Inês acrescentou: «A autoria remunerada faz me lembrar outro aspecto. Todos conhecemos a profissão que existia antes da Refundição, designada como escritor-fantasma. Havia autores que escreviam em serviço e em nome de outras pessoa. Quem encomendava ficava com os créditos, e, frequentemente, com os direitos de autor. Tratava-se de um serviço pago, de uma venda de uma capacidade ou de uma arte, como queiram. As encomendas vinham de quem não tinha tempo ou prática de escrita, mas queria publicar ficção ou divulgação científica. A prática era recorrente na escrita de 'auto'-biografias.

O uso do pseudónimo era algo bem diferente. Recorria ao nome falso, quem era ou se sentia ameaçado, ou simplesmente, quem queria optar por um nome mais "comercial". Havia, e ainda há, sobretudo entre autores de ficção e de poesia, quem escolhe outro nome em homenagem a uma figura que admira.»

Pablo acenava com a cabeça e lembrou: «Foi o caso de Pablo Neruda. Mas penso que também vale a pena referir duas outras situações de autoria, que são do mesmo grupo. Uma delas é o que chamaria a 'verdadeira' co-autoria e outra é a prática de autoria coletiva, recorrendo a um nome agregador habitualmente fictício.

Começando pela segunda. Houve grupos de co-autores, publicando sob nome alheio, por várias razões. Um exemplo clássico é Bourbaki. Era um nome muito conhecido na França da *zona 2*. Tratava-se de um matemático fictício. Foi-lhe dado vida por um grupo de jovens matemáticos franceses que queriam provocar a esclerosada matemática francesa, baseando-se na obra de grandes matemáticos alemães. O grupo iniciou o seu trabalho entre as duas guerras da primeira metade do hectano 119, que puseram franceses e alemães em campos inimigos. Tinham a escrita de uma nova abordagem axiomática da matemática como objectivo, baseado na teoria dos conjuntos. O matemático iniciou a sua 'carreira', assinando com N. Bourbaki (N. sendo *Nemo* ou *Ninguém*). Mais tarde foi adoptado o nome próprio de Nicolas. Para publicar em revistas da especialidade era preciso uma nota biográfica mais pormenorizada. Assim, Nicolas Bourbaki passou a ter o perfil de professor universitário de um Estado inventado, situado algures na Europa Central da atual *zona 2*.

Uma outra situação é aquela que designo como 'verdadeira' co-autoria. A prática já existia antes da Refundição, sobretudo na publicação científica ou de divulgação científica, pelas razões que… é Inês, não é?, já evocou.» Pablo olhava em direção da mãe de Dulan que acenava a cabeça, e continuava: «na publicação de relatos, de descrições de eventos históricos e de ou-tras publicações entre o trabalho científico e a narração, também encontramos a co-autoria com alguma frequência. Nas obras de pura ficção era mais raro escritores juntarem-se para uma verdadeira co-autoria. Pensem em romances ou

novelas, por exemplo. Paulo, que aparentemente apreciava romances policiais, tinha na sua biblioteca um exemplar do pacote de dez socialmente críticos romances policiais de um casal de autores suecos, da *zona 2*, Maj Sjöwall & Per Walhöö. Entre parceiros ou casais, a co-autoria aparecia mais vezes. Frequentemente utilizavam um pseudónimo de um nome só. Elvis Peeters ou Nicci French são exemplos. Ficção assumida de grupo, como o livro *Caverns* era bastante raro.
Não estou a falar de livros com contributos de vários autores, como os livros de contos ou as antologias poéticas.»
Catherine disse: «Sempre gostei da história de Nicolas Bourbaki. Divirto-me com a minha pequena fantasia pessoal, que o grupo de matemáticos talvez se inspiraram dos co-autores da maior parte dos livros sagrados.»
Pablo e Sayen começaram a rir. Pablo perguntou: «Os matemáticos fizeram de Bourbaki a autoridade de referência, como os co-autores dos livros sagrados fizeram da figura Divina? E esta a tua ideia?»
Catherine respondeu: «Sim, mais ou menos. Claro que sei que é mais complexo. Mas reparem. Começando pelas religiões abraâmicas. Olhemos para a autoria do conjunto dos livros sagrados da religião judaica, frequentemente identificados com o nome de Torá. Estou a falar do Tanakh, do Mishná e do Talmude, ao qual ainda se juntou o Midrash. O Tanakh é composto por três partes provenientes da transcrição da transmissão oral dos mitos da origem do mundo e do ser humano ao longo de gerações. Corresponde em muito ao Antigo Testamento Cristão. O Talmude pelo contrário, foi

escrito já depois do nascimento de Jesus. Portanto, esse conjunto de textos foi escrito por um grupo de co-autores que diziam ter autoridade para falar em nome do Divino para revelar as regras de conduta que os crentes da religião judaica deveriam seguir. Os escritores estavam separados dos escritores do Tanakh, no tempo, e provavelmente também no espaço. Todos diziam ter autoridade para falar em nome do Divino e consideravam que faziam parte do grupo de co-autores, escribas de Deus. Tinham como tarefa fixar as mensagens que orientavam o povo escolhido.» Dulan interveio: «É uma versão muito resumida para relatar o que é, como dizes, uma história complexa, mas continua.» Catherine disse: «Passando para as outras religiões abraâmicas. A co-autoria do livro sagrado do Cristianismo já estava assumido para o Velho Testamento, proveniente de textos em aramaico, hebraico e grego. A este corpo juntou-se o Novo Testamento, consistindo em episódios da vida do Cristo e do relato dos seus ensinamentos. Existia no mundo cristão um consenso que o conjunto de textos que o compõe terá sido escrito sobretudo em Grego Koiné. O que é certo, é que houve, ao longo dos hectanos, acaloradas discussões acerca da autenticidade de muitos dos textos e das múltiplas traduções. Regularmente houve quem quisesse voltar à fonte. Do meu ponto de vista, '*voltar à fonte*' era só uma forma de dizer, porque a maioria das fontes não eram ***a*** fonte, mas transcrições de retransmissões orais. No caso do Novo Testamento, tratava-se na realidade de transcrições *sobreviventes,* frequentemente incompletas, desde o hectano 100. Para o Velho Testamento, a noção de texto

original é ainda mais ambígua. 'Fonte' é portanto um termo discutível. Logo, não é de admirar, que relativamente ao Antigo Testamento, o cânone difere para diferentes correntes dentro do cristianismo. Para a fixação do Novo Testamento avançou-se com a data de 103.67, com pequenas alterações posteriores. A adopção em Concílio foi feita em 103.93. Mais uma vez, os textos sagrados foram selecionados por quem considerava ter autoridade para o fazer. Aqui também, os co-autores e organizadores diziam trabalhar em representação do Divino. Portanto, para certos textos existem autores identificados, para outros não, mas todos foram organizados e selecionados por quem se considerava perito, guiado pelo Divino. Se houvesse uma referência bibliográfica normalizada, seria qualquer coisa como 'Deus (org.) (103.93), *Livros Sagrados*, Hipona: Concílio'.

A fixação da orientação Divina nas religiões abraâmicas foi sem dúvida algo de bastante difícil. Será que houve quem se sobrepôs ao significado original, dado pelos mensageiros reconhecidos? Será que muito se perdeu nas traduções e adaptações? Podem estes terem sido os aspectos que perturbaram outro profeta, que, após momentos de jejum e meditação, anunciou que recebeu a palavra de Deus. Assim nasceu, uns 250 anos depois da fixação do cânone cristão, uma nova religião. O Islão baseou-se no livro que ficou conhecido como Alcorão ou Corão. A sua comunidade religiosa assume a versão escrita em Árabe clássico como Livro Sagrado, o livro com a palavra atualizada de Deus. Ela terá sido transmitida nessa língua, em momentos sucessivos, pelo

seu mensageiro Djibriel e recebida pelo profeta Maomé. Após a morte do profeta, um grupo de sábios reuniu os fragmentos e as recitações decorados num só documento. Poderíamos falar de autores-fantasma "*avant la lettre*". O que me parece interessante é a afirmação de que as mensagens Divinas anteriores teriam sido corrompidas pelos humanos. Só mostra que se sabia que a desinformação e a manipulação humana existia. Explica também a longa resistência à tradução do texto como ele foi originalmente fixado pelos sábios. Tal como aconteceu com outros textos sagrados, a tradução implicava adaptação, reinterpretação, nem que fosse devido ao léxico e à estrutura gramatical da língua receptora da tradução.»

Pablo interveio novamente: «Delun poderia ajudar-nos aqui. De qualquer forma, penso que Catherine nos traçou uma boa imagem da dificuldade em relação às questões de autoria e co-autoria, mesmo para os Textos Sagrados. Delun falou-me de outros grupos de religiões. Se me lembro bem, o que me contou, relativo às religiões do Dharma, é que as Vedas eram sobretudo de transmissão oral. Brâmanes e Pandits não estavam com muita vontade de perder o poder que lhes dava o seu conhecimento, passado oralmente, de geração em geração… Daí a resistência à divulgação por escrito. Corolário, não se pode dizer que neste grupo de religiões exista uma palavra de Deus, no sentido de um ditado literal do transcendente a um interlocutor. No âmbito das religiões do Dharma, isso é talvez mais claro nas correntes budistas. Em algumas dessas correntes, Buda é ser humano e representa uma filosofia não teísta de transcendência espiritual. Aqui, a

plena vivência espiritual não requer mestres mas um trabalho pessoal de distanciamento do material.

As religiões do Tao têm, entre os vários textos, um que se considerou como sendo o mais influente. Com o nome de *Tao Te Ching* seria um texto da mão de um único autor, Laozi. Contudo, o mais provável é que se trate de textos de diferentes autores, todos atribuídos ao filósofo do hectano 94. Poder-se-ia dizer que se trata de uma espécie de guia de conduta filosófico-religioso. Literalmente, Tao significa caminho. Fez com que Delun se questionou se Escrivá, o fundador de uma prelatura pessoal, no seio da igreja católica, com o nome de Opus Dei, falava chinês. Isto porque uma das publicações mais conhecidas deste sacerdote era uma recolha de 999 reflexões, sob o título *Caminho*. Talvez encontrou no Tao uma atualização da palavra de Deus. Mais antigo do que o Novo Testamento, certo, mas bem mais recente do que o Antigo Testamento…»

Catherine riu. «Agora parece que estou a ler Paulo Demeester. Encontramos no meio dos livros dele uma coleção numa das línguas que ele falava, o neerlandês. Trata-se de uma série de histórias de ficção científica, nas quais a personagem principal procura quem no universo poderá ajudar para salvar a Terra descuidada, afetada por uma desastrosa poluição atmosférica. A obra foi escrita no ano 119.71 e seguintes. A linha de pensamento do autor consiste em assumir uma presença transcendente universal. Esta presença incorpórea cria as condições iniciais para que seres inteligentes humanóides se possam desenvolver. Depois de dar umas instruções iniciais,

afasta-se deixando a sua "marca" impregnada. Segundo o autor Thijssen, esta espécie de Plano Divinal anda tão ocupado no cosmo, que não tem tempo para voltar àquilo que já pôs em marcha. Paulo escreveu numa nota de margem "*revelei-vos o que tinham que saber, agora, bye-bye, vou para outras bandas. Dixit Ele, algures entre 500 e 300 AC. Sem olhar para trás*". Não é muito claro o que pensava o próprio Paulo, mas parece que considerou divertido a versão de Thijssen.»

Depois de um momento de silêncio, Halona perguntou: «Podemos afirmar que, ao longo da história do ser humano, à cooperação sucedeu a co-gestão e a colaboração e que isto foi apresentado como uma evolução positiva, em linha com a falácia do darwinismo social? Que havia, antes da Refundição, quem defendia que o desaparecimento da cooperação na elaboração do conhecimento faz parte da evolução humana? Que o surgimento de profetas que escrevem ou mandam escrever o que Deus lhes transmite foi uma melhoria civilizacional?»

Dulan respondeu: «Não o vejo tão linear. Depois de uma Era durante a qual a aprendizagem era coletiva e cooperada[1], passou a haver uma Era de rotinas instruídas. Nem na sociedade, nem no enquadramento institucional da aprendizagem havia espaço para a co-gestão. Ao longo desta Era da instrução, foi instalada uma classe de detentores do conhecimento, treinada para dar esta instrução. Os indivíduos desta classe evoluíram. Mas só entrando no período histórico, durante o qual houve formas de gestão democrática, pareciam

[1] Ver páginas 152, 160, 199, 242.

aparecer, em breves momentos da história, espaços para a co-gestão. Essa co-gestão podia também ser da aprendizagem, ainda que muitas vezes em função de quem detinha o poder, seja de que natureza for. A gestão democrática de um grupo, uma comunidade ou uma sociedade tinha sempre a representatividade como calcanhar de Aquiles. Para mim, a deliberada pouca clareza entre poder executivo e poder legislativo derivava não só da falta de cultura de co-autoria mas sobretudo da ritualização da gestão do poder.»

«A co-autoria parece ter sido o caminho para retomar a cooperação, mas num plano diferente da cooperação dos primórdios da humanidade», intervim. «Agora que no planeta Terra o dinheiro desapareceu e, como consequência, também o cultivo da relação entre ricos e pobres em termos de posse, tornámo-nos bem conscientes de que o estilo de vida das pessoas em geral, com muito tempo disponível para a cooperação intelectual e espiritual, é fruto da nossa capacidade coletiva de gerir processos automatizados com máquinas autónomas.»

Dulan virou-se para os pais e disse: «Sei que Alberto não fala muito dos seus próprios *Ditos e Escritos*. Ele costuma dizer que o que está escrito está escrito e que quem o quiser ler o encontrará. Penso que podemos concordar que em tudo que ele disse e escreveu sobressai a abordagem educativa da antropogogia institucional. Ele atualizou a matriz ignarométrica e procurou refinar a relação entre a análise societal e a aprendizagem dialogada. Poder-se-ia dizer que a aprendizagem dialogada, como Alberto a entende, apresenta elementos do

modelo de pesquisa etnográfica, na qual participam ativamente na investigação aqueles de quem os hábitos ou a cultura estão a ser estudados. Com o modelo de relacionamento entre aprendizagem e educação, interage o modelo simplificado de análise ignarométrica da sociedade.»

Liberty olhou para mim: «Gostei particularmente da tua reflexão que fizeste circular recentemente, acerca do modo como educadores e educandos encaram a relação entre *ego* e *altru*. Aí, escreveste que a co-autoria consiste no simples prazer de escrever em conjunto e que este prazer só se verifica quando não é necessário cuidar do posicionamento pessoal no mercado de valores. O que era excepção, antes da Refundição, passou a ser prática comum, depois da Refundição.»

Suspirei. «São demasiado generosos comigo. O que escrevo parece-me tão simples que quase tenho vergonha ter sentido a necessidade de o escrever. A aprendizagem organizada em projetos de aprendizagem coletivos e individuais, suportados por uma prática de co-autoria, é para mim o cerne da questão no que toca à antropogogia institucional. *Anthropos* revela-se pela diferenciação do trabalho, associado ao equilíbrio entre altruísmo e egoísmo. A co-autoria permanente é uma ferramenta complementar a outras, na abordagem de uma sociedade instituinte, baseada em conselhos de cooperantes que analisam em conjunto, a partir do princípio da não-hostilidade. Daí a importância dos projetos de aprendizagem coletivos ou individuais, acompanhados coletivamente em comunidades de aprendizagem.»

(Ju)piter and the wolf

A saída para Júpiter da equipa, que Wolfgang integra, estava para dias. Ele e o irmão tinham combinado uma refeição de despedida, no dia de anos deles. David explicou-me o porquê. Nos próximos 5 anos não ia ser possível juntar-se fisicamente. David contou-me que a viagem de Wolfgang previa uma estadia de aproximadamente 6 mehns nas luas Ganymedes e Europa. Mas entre ir e voltar tinha que se contar com aproximadamente 4 anos. E, dizia-me David, isto já era um grande avanço. De facto, os engenheiros com fascínio para a exploração do espaço tinham conseguido grandes avanços na propulsão de naves para o tráfego interplanetário. Parte do progresso tinha a ver com o que se aprendeu, no início do hectano passado, a partir dos legados da equipa de Vitor Hunt. Assim, será a primeira vez, desde que os emigrantes iniciais de Elysium foram para tão longe, que ia haver uma séria possibilidade para contato físico. Desde 121.65 só houve intercâmbio de voz e imagem gravadas. Uma conversa normal é impraticável. Mesmo quando estamos mais perto uns dos outros, ainda levamos pouco mais de uma hora para ouvir a resposta a uma pergunta feita. Quando perguntei como era para Marte, ele disse-me que, como para Júpiter, existem grandes variações, mas que o tempo de pergunta-resposta ronda em média 15 minutos.

Entretanto, é de conhecimento geral que a nave utilizada pela equipa de Wolfgang foi inteiramente construída em órbita lunar. A nave não se poisa em superfícies de planetas ou luas, o que aumentou em muito a liberdade de construção. Não

existem preocupações com entradas numa atmosfera nem com a gravidade, gerando um peso relativo, diferente de local para local. A nave conta com três vaivéns, adaptados a diferentes tipos de atmosferas. Não sou engenheiro, portanto sei o que qualquer leigo na matéria sabe, mesmo se Wolfgang e David continuam a fazer esforços para me explicar os conceitos por detrás da construção e da propulsão das modernas naves interplanetárias…

Estava a pensar nisso tudo enquanto nos deslocávamos na linha azul da rede CUA direção *Nicolas Tesla*, depois de termos mudado em *Al-Chwarizmi*. Wolfgang e a sua companheira Nádia vivem numa casa comunitária com um grupo de jovens, todos ligados à técnica e à robótica, perto daquele *hub*. Eles reservaram o jardim comum, para aquela manhã e início de tarde em que juntaram pais, avós e primos. Quando chegamos, acompanhados de David e Nídia, vi que entre os presentes estavam Erika, Ondjoy, Chaytan, Kate, Kendi e Paula. Mal tínhamos preparado um aperitivo, quando apareceram também as nossas filhas acompanhadas de Dulan e Halona.
A companheira de David é irmã gémea de Nádia. Estes quatro são de facto paradigmáticos para o que a sabedoria popular conta acerca de gémeos verdadeiros…
Foi a primeira vez que tive o prazer de encontrar as gémeas. Elas tinham aparentemente a mesma atitude em relação a comemorações de aniversários que eu. Raramente participavam nos encontros de família do lado de Wolfgang e David.

«Então, Wolfgang e Nádia vão para Júpiter, e David e tu ficam aqui na Terra. Ou também têm uma vontade irresistível de visitar planetas?» perguntei a Nídia. Ela riu-se. «Gostamos os quatro de aventuras e de exploração, mas David e eu preferimos a exploração em Terra. Em breve, devemos integrar uma equipa que vai fazer escavações por baixo do gelo, na zona da antiga cidade de Moscovo. Vamos acompanhar amantes de música, à procura de pautas originais em papel e gravações da obra de Prokofiev.»

David entrou na conversa: «Lembras-te Alberto, de termos falado do significado dos nomes? Não pudemos evitar de brincar com Jupiter e Wolfgang. Nídia e eu achamos que temos aqui uma nova interpretação de uma das obras mais conhecidas de Prokofiev, uma espécie de (ju)*piter and the Wolf*.»

Soltei uma gargalhada e chamei Halona e Catherine.

«Oiçam a verdadeira história de Wolfgang e Jupiter!»

Não só Halona e Catherine aproximaram-se. À volta de Nídia formou-se um círculo de ouvintes e ela começou:

«Esta é a história de um planeta visionário e de um rapaz sonhador. Vou dar o nome de Piter ao planeta e de Lobo ao rapaz. Piter gostava de fazer frente ao velho Sol que o tinha criado. Um dia, Piter recebeu uma notícia preocupante por ondas estridentes. O som das ondas parecia um passarinho a cantar-lhe ao ouvido. A notícia dizia que o grande caçador Marte estava a perturbar demais os animais da floresta galáctica. Piter abriu a cancela na cintura de asteróides para ouvir melhor o que o caçador pretendia. O télé-Pato

aproveitou a abertura da cancela para flutuar em direção à Terra, com os tera-bytes de informação sem fim à sua espera. Isto fez com que o rabugento velho Sol se irritasse tanto que produziu violentas tempestades electrónicas. Mas a cancela continuava aberta e Piter investigava o som que lembrava o passarinho, ao mesmo tempo das mensagens que o télé-Pato emitia e captava. Piter apercebeu-se de um perigo eminente. Ceres aproximava-se silenciosamente do fluxo de mensagens, podendo mesmo interrompê-las. Parecia um gato a escrutar a sua presa, para a isolar. Cuidado, gritou Piter. O télé-Pato ficou momentaneamente cego pela tempestade eletrónica provocada pelo velho Sol. Desviou-se e foi cativado, não por Ceres, mas por Lobo. Este queria espremer tudo do télé-Pato. Piter tinha receio que Lobo interferisse de tal forma com o télé-Pato que este perdesse a sua capacidade de mensageiro. Lançou uma atração gravitacional, que prendeu Lobo. Preso pela corda gravitacional, Lobo observou a terraformação em curso em dois companheiros de Piter, Europa e Ganymedes. Ficou tão absorvido pelo que via, que não se apercebeu de novo perigo eminente, agora para ele próprio. O caçador Marte apercebeu-se que Lobo estava preso por Piter e queria aproveitar para o matar. Mas Piter estava atento e equipou Lobo de tudo que precisava para convencer o caçador Marte que uma aliança era mais frutuosa do que uma guerra. Lobo foi levado ao quintal do caçador Marte e juntos começaram uma nova interação. Ao mesmo tempo construíram as memórias a transmitir às novas gerações. E assim, o caçador deixou de ser uma ameaça para o rapaz Lobo. Piter abre

regularmente a cancela para ter a certeza que nem Ceres, nem uma das suas irmãs voltam a ameaçar mensagens e mensageiros. Juntos procuram temperar o mau feitio do rabugento velho Sol. Fim»

Nídia foi brindada por um espontâneo aplauso, entre risos e sorrisos. Wolfgang olhou para David: «Prokofiev nunca terá pensado que o novo mundo e as novas relações que ele simbolizava com a sua história musical tomassem esta forma depois da Refundição. Ele próprio teria certamente apreciado esta versão, muito mais do que o arrogante líder totalitário conterrâneo que morreu no mesmo dia em que ele morreu. Entretanto espero que a equipa que tu e Nídia integram obtenha tanto sucesso com a vossa procura como eu espero que a nossa equipa terá com as nossas interações.»

«Gosto muito da ideia da construção de memórias», começou Kendi. «Saber onde uma coisa ocorreu e tentar relatar como ocorreu é a base da construção de memórias: as da realidade mas também as da futura realidade. O que contamos no Não-Lugar, na Utopia, quando falamos daquilo que ocorreu? Não falamos necessariamente do futuro, podemos estar a falar de agora, ou do passado, dando simplesmente uma outra leitura daquilo que ocorreu, imaginando a partir daí um novo rumo para os acontecimentos. Será a História a repetição das histórias porque é a repetição das histórias que constrói a memória? Será necessário o cataclismo destruir memórias para originar novos Não-Lugares, onde outras séries de histórias são contadas a partir de outras leituras do passado e do presente?

Numa história, como na História, três elementos jogam. Há

quem tem a autoria, há aquilo que foi escrito e há quem lê ou ouve o que foi escrito. Isto faz da História algo de muito dinâmico. Lembro-me ter lido, penso que de Ricœur, que o texto, seja qual for a intenção do autor quando o escreveu, tem uma característica específica de portabilidade que ultrapassa em muito as condições sociais da sua produção e primeira recepção. O texto está aberto a um sem-número de leituras socialmente situadas.»

«Não sei se entendi bem a tua reflexão, Kendi», disse Erika. «Mas queria pegar no modo como colocas a utopia. Aprecio essa constatação que as utopias são escritas partindo do momento em que os autores escrevem. Poderíamos voltar para trás na história do mundo ocidental pré-Refundição e pegar nas obras de Platão, de Zenão ou outros filósofos Gregos. Podemos daí dar um passo de quase 20 hectanos para frente e procurar entender a estreita relação entre a visão majoritária acerca da mulher nos hectanos 113 e 114 e *La Cité des Dames* de Christine de Pizan. Sabemos de textos acerca de Não-Lugares de escritores do Oriente. Al-Farabi terá de certa forma imaginado a sociedade ideal fazendo uma espécie de história paralela da cidade de Medina. Em *A fonte de flores de pessegueiro*, Tao Qian conta o encontro de um pescador com descendentes de quem fugiu da instabilidade política da sua região e criou uma comunidade numa caverna. Parece uma espécie de *Paraíso dos Livros* antes do tempo. Mas é claramente um Não-Lugar. O pescador é avisado que não vale a pena voltar a tentar de encontrar o lugar. E, de facto, mesmo deixando marcos, nem ele, nem

outros voltam a encontrá-lo.
Tudo indica ter sido Thomas More em 115.16 a cunhar o nome Utopia, Não-Lugar em Grego antigo, para identificar a ilha onde decorre a ação da sua sátira política. Em muitas das obras que integram a literatura utópica é fácil encontrar uma narração, evocando o presente do autor, que difere da narrativa oficial, validada pelo poder. Esta leitura diferente é-nos contada, desenhando o dia-a-dia num lugar criado pela mente do narrador, um Não-Lugar. O narrador situa aqui a sua interpretação dos problemas sociais ou societais do seu presente, sugerindo alterações.
Na obra de Thomas More desaparece a propriedade privada. Contudo, cada agregado tem dois escravos. Grupos de famílias asseguram rotativamente a confecção e o fornecimento de almoços. Existe um largo consentimento entre religiões. Crentes de religiões diferentes são tolerantes, uns em relação aos outros. O ateísmo é tolerado mas desencorajado. Na ilha Utopia acredita-se que os ateístas não acatam leis em Terra, porque não acreditam na recompensação após a morte. Isto faz com que podem ser considerados uma ameaça para a organização social da ilha. Não sei se interessa para a vossa saga, Alberto, mas a primeira edição de Utopia foi impressa em Latim, em Leuven.
Civitas Solis de Tommaso Campanella retrata uma sociedade teocrática na qual os homens são todos iguais, mas as mulheres e as crianças são propriedade comum dos homens.
Uma particularidade de *New Atlantis*, de Bacon é que noivos e noivas se podiam observar nus antes do casamento, para

certificar não haver mal-formações no corpo do outro. Sinais do (seu) tempo?

Influenciado pelas descobertas na astronomia e as guerras entre Reinos europeus, sobretudo devido às disputas religiosas, Godwin publica em 116.38 *The man in the moon*. Contemporâneo de Kepler e Galileu, Godwin explora a ideia da pluralidade de mundos, para dar a conhecer a sua leitura acerca de religião e organização da sociedade. Para o fazer, envia a sua personagem Domingos Gonsales para a lua. Alguns anos mais tarde, Cyrano de Bergerac publica *Histoire Comique Contenant les Etats et Empires de la Lune.* O narrador consegue viajar até a Lua, onde discute com Domingos Gonsales de Godwin, a inutilidade do conceito de Deus, bem como o facto de seres humanos não poderem ser imortais e não poderem ter alma.

Na literatura dos hectanos 116 e 117, o acento está no Não-Lugar. Este Não-Lugar permite o autor dar larga à sua interpretação de aspectos da sociedade na qual vive, sem necessariamente colocar em causa o princípio da organização vertical ou em classes, nem a sua própria vida. Limita-se a introduzir elementos diferentes. Frequentemente aparece, diria por extensão machista, a ideia que a partilha de bens inclui a partilha de mulheres. Não aparece a abolição da posse, do dinheiro e das hierarquias. Contudo Winstanley imagina uma sociedade cristã na qual propriedade e salários deixam de existir, no texto *The law of freedom in a platform*, publicado em 116.52. Mas temos de esperar pelos hectanos 118 e 119, para encontrar mais sistematicamente a abolição de dinheiro e

posse. Em 118.88, Bellamy imagina um Commonwealth cooperativo em *Looking backward*. A obra tem clara influência da análise marxista da economia e do trabalho. Dois anos mais tarde Williams Morris publica *News form Nowhere*. O livro pode ser lido como uma crítica mais alargada à sociedade na qual William Morris vive. Conta a história de William Guest, forasteiro no futuro do Reino Unido. O forasteiro relaciona-se com um casal, Dick e Clara que são a sua fonte de informação. Entretanto, outra personagem, Ellen, procura William Guest para saber mais sobre o seu contexto de vida, enquanto ele recebe informação de amigos mais velhos que se lembram de algumas transições do velho para o novo.

Morris fala a partir da sua realidade. Na Utopia que descreve, a escola foi identificada como uma instituição para controlar as crianças, pelo que o seu desaparecimento foi necessário. Um dos interlocutores, quando interrogado acerca da escola, responde: *"School? Yes, what do you mean by that word? I don't see how it can have anything to do with children. We talk, indeed, of a school of herring, and a school of painting, and in the former sense we might talk of a school of children — but otherwise," said he, laughing, "I must own myself beaten."* O visitante fica informado que existe alguma relutância em dar demasiado cedo os livros, suportes de informação, às crianças. Evoca-se a educação, da raíz *educere*, como sendo o ato de se superar, de se levar a si próprio para mais longe. Mais do que proceder a uma escolarização ou uma instrução, advoga-se que as crianças têm que brincar e conviver, com crianças e adultos.

A inexistência de dinheiro é muito focada. Contudo, não é claro como o seu desaparecimento influenciou o sistema de governo. *Nowhere* conhece uma democracia plena, com pouca necessidade de acordos globais. Mas a discussão acerca da governação de modelo democrático remete mais para a crítica do governo do Império Britânico no fim do hectano 118 do que para a explicação de como funciona.

Em pleno ascensão do capitalismo apoiado pela industrialização, William Howels publicou *A traveler form Altruria*, para contrapor altruísmo a individualismo egoísta. Foi no ano 118.94. Em *Altruria* o dinheiro não existe. O trabalho é melhor repartido entre toda a população e todas as necessidades básicas são universalmente asseguradas.

O dinheiro também desapareceu em *Men like Gods* que H.G. Wells publica em 119.23, e não existe propriedade privada em *The Dispossessed* de Ursula Le Guin, publicado em 119.74. Em 119.82 Hogan escreveu *Voyage From Yesteryear.* Inversamente ao que aconteceu nos últimos dois hectanos, poderíamos dizer que nesta história, a população equivalente aos Elysianos fica na Terra, mantendo o domínio sobre os Ignorantes, enquanto os embriões enviados para o espaço sob vigilância de robôs, poderiam ser os Fugitivos. Robots e embriões estabelecem-se no longínquo planeta *Chiron,* criando uma sociedade baseado no conhecimento, onde posse e dinheiro não têm sentido. O reencontro é feito cinco gerações depois, quando se tenta colocar a população de *Chiron* sob autoritário domínio Terráquea. Esta missão falha e a maioria dos novos colonos são integrados enquanto os atacantes mais arrogantes são mortos.»

«Deixa-me te interromper um momento», disse Catherine. «Estás a falar de James Hogan, pai espiritual de Victor Hunt? O cientista que terá encontrado a civilização Ganymediana, ou Minerviana, como outros indentificam esta civilização extra-terrestre? Estou a fazer a pergunta para verificar um pormenor da biografia de Fernanda Mestre, bisneta de Catherine Demeester.»

«Sim, estou a falar desse James Hogan. Não sabias que ele tinha uma produção ímpar de textos revelando utopias? E descansem, estou quase a acabar esta longa revisão.

Mas tenho que referir o livro *Bolo'Bolo* de Hans Widmer, do fim do hectano 119. Penso que é fácil de reconhecer o princípio do *Sila*, nas nossas comunidades e Polis.»

«Agora vou eu te interromper», disse Ondjoy. «Wolfgang, deverias tentar ler esta obra se ainda não a leste. Widmer evoca comunidades pequenas com cerca de 500 indivíduos, portanto bastante parecido com o que vais encontrar em Ganymedes e Europa, e que encontraram também nos bairros relativamente autónomos nas cidades-domo de Marte. Algumas ideias de Widmer podem ser interessantes. 'Sila' é descrito assim: "*Como o dinheiro já não existe, as pessoas podem ser acolhidas em qualquer coletivo (*bolo*), onde são nutridas, cuidadas e hospedadas. Este princípio de hospitalidade chama-se* sila*, na língua* asa'pili*. O respeito pelo princípio não é imposto por uma organização, mas deve-se a um equilíbrio global, no qual o bom acolhimento dos viajantes é necessário para os* bolo*, no que toca à circulação de notícias, do saber-fazer, das ideias, da participação e da sua reputação. Certifica a confiança que pode*

ser depositada neles e logo a capacidade que têm para estabelecer relações duráveis com outras comunidades". Talvez é uma ideia que pode ser introduzida de modo faseado, Bregmanio, como se fez algumas vezes entre nós, no planeta Terra. Deverias ainda tentar de falar com Leon Auctor, o tio de Alberto, que tem muita documentação dos processos utilizados pelas equipas nas quais participou Emmy Lehrman.»

«Já percebi que já falei demais», riu Erika. «Mas oiçam ainda isto. Muito antes de Elysium ter sido pensado pelo topo da hierarquia Bloomberg, Doris Lessing publicou *Shikasta*. Foi em 119.79. Ela constrói uma história de confronto entre o bem e o mal. Os nativos de um planeta alter-ego da Terra vivem sob impregnação inicial do Bem, durante muitos milénios, protegidos por um elo de ligação com os protagonistas do Bem. Quando, devido a uma falha cósmica, o elo é quebrado, o Mal consegue-se infiltrar e a auto-destruição é posta em marcha através de sucessivas guerras movidas pela ganância. Em desespero, o Bem isola um grupo reduzido de nativos do planeta que entra em guerra global. O resultado é que a guerra mata os seus activistas. Só um décimo de porcento da população, aquela que foi isolada pelo Bem, sobrevive. Na prática os destrutores auto-destruíram-se, deixando espaço para que os sobreviventes reconstroem um mundo pacificado. Parece uma espécie de "negativo" do isolamento forçado, com um resultado bem mais apocalíptico do que o resultado provocado pelo auto-afastamento Elysiano de quem concentrou poder e posse. Penso que foi importante o modo como os Fugitivos, guardiões dos livros e do conhecimento,

procuraram, nas modelações de sociedade nos Não-Lugares, o que podia servir de base para trabalhar em parceria com os Ignorantes em Terra, e com os descendentes de Elysium que quiseram regressar para a terra.

Rutger Bregman influenciou com *Gratis geld voor iedereen* (*Utopia para realistas,* em tradução) publicado em 120.14, um pensamento económico baseado na atenuação das diferenças de posse em oposição à concentração da riqueza que já no seu tempo se verificava. Refiro ainda *Herland*, de 119.15, escrito por Charlotte Perkins que promoveu reflexões interessantes acerca da natureza da arrogância, do poder e do género. O livro sugere que, sem a presença masculina, o mundo se torne harmonioso, livre de conflitos e guerras. Não tem muito em comum com outras histórias de sociedades femininas, das quais a sua população é retratada como de exímias guerreiras. Ondjoy falou de textos que poderiam ser útil para Marte. Eu não sei qual é o caminho que os colonizadores quererão levar depois de 122.15, quando será possível introduzir ideias entretanto recolhidas em Ganymedes e Europa. Talvez a leitura de Upton Sinclair pode já ser uma sugestão, se não for considerado uma provocação demasiado agressiva.

Sabemos que as comunidades de aprendizagem, surgidas do *Paraíso dos Livros* de *La Ultima Rosa en el Decierto* e de *Pérola Brilhante* para dar corpo a Refundição do Mundo, fizeram circular muitas obras e extratos de obras da literatura utópica que aqui referi, recorrendo inclusivamente a contadores de histórias para iniciar grupos de conversa com quem não lia ou não lia com facilidade. Deixo como sugestão.»

Olhei para Erika. «Não sabia que tinhas feito tão profunda leitura relacionado com os Não-Lugares. E aprecio que falas de *Não-Lugares* e não de *Sonhos-Não-Realizáveis*. Já digo porquê», acrescentei, quando Erika se riu e vi algumas caras com expressões de interrogação. «Mas apetecia-me fazer chilrar o pássaro e grasnar o pato do Piter da Nídia. Quando falamos de mal e bem, e foi a referência que fizeste a Doris Lessing que me provocou, Erika, penso no encontro do ocidente com os "novos territórios", e a discussão acerca de evangelização e educação. Concretamente refiro-me ao livro de Las Casas, *Brevísima relación de la destrucción de las Indias,* escrito em 115.42 e publicado em Sevilla em 115.52. Sabemos que Claudius Cardinalis leu este trabalho. Esta obra foi importante pelas decisões que de seguida tomou, relativos à sua posição perante a Igreja. No livro, Bartolomé de Las Casas exprime a sua preocupação com o modo como são tratados os nativos pelos colonos espanhóis. Las Casas estava sobretudo preocupado que Espanha poderia levar um castigo divino devido ao comportamento dos colonos. Mas o frade discutia também a interpretação da evangelização e expunha a sua preocupação com as almas dos nativos. No seu tempo, o livro foi sobretudo utilizado por razões políticas, para 'provar' a imoralidade dos católicos Espanhóis. Daí a popularidade das traduções em Flamengo, Inglês, Alemão e Francês, alimentando a guerra entre protestantes e católicos nos territórios onde estas línguas eram faladas. Não é de admirar que o livro tenha sido banido pela inquisição Aragonesa, 100 anos depois da sua primeira edição. Entretanto aventureiros e

homens de negócio que se diziam católicos e protestantes ou muçulmanos, continuaram a caçar e prender pessoas negras nas regiões de África para as escravizar e vender.

Deixo aberto a discussão acerca do mal absoluto e do bem absoluto. Mas continuo a defender que não existe algo como a evolução absoluta, que inevitavelmente leva de mal para melhor. Para um general do exército, as técnicas e as armas de combate podem ter evoluído de mal para melhor. Para um pacifista a evolução foi certamente de mal para pior. Em cada momento da história existem opções e escolhas. A escrita e a sua invenção, ligada à agricultura foi boa ou má? Permitiu, melhor do que a tradição oral, a fixação do espírito, ou do pensamento, se assim quiserem, de todos que utilizaram a ferramenta, ficando assim acessível para outros, mesmo depois do falecimento do pensador. Simultaneamente permitiu a fixação na história de condenações, mesmo se evidenciam a ignobilidade de quem condenou e o desastre para quem foi condenado.

Se a agricultura foi boa ou má também não é pergunta. A agricultura foi uma resposta a uma necessidade. Como o foi o dinheiro. Havia outras opções? Provavelmente. Era para sempre? Provavelmente não.

A invenção do motor a vapor e a combustão melhorou a vida dos trabalhadores e dos animais do campo e colocou novos problemas aos trabalhadores industriais. Para a ecologia a combustão foi uma desgraça, para o capitalista a energia elétrica não era opção antes do petróleo ficar mais caro do que a produção de painéis solares, turbinas e baterias. Como

muitas ideias, muitas organizações, muitos objetos, existe um início, uma evolução, um fim. O fim pode ser decadente, pode ser o início de outra coisa, ou pode simplesmente ser o fim. Mas nunca é o Fim Total. Podemos sempre imaginar o caminho para outro Não-Lugar.

Agora, isso sim, podemos talvez afirmar que, por norma, a arrogância evolui para, e acaba em, violência. O perigo reside na circularidade da violência. *An eye for an eye only ends up making the whole world blind,* dizia Mahatma Gandhi.

Na ciência, mesmo antes da Refundição, já parecia haver uma tendência para evoluir da arrogância do mestre para os escritos de mais de um autor. Com o crescimento do conhecimento, aceitou-se mais e mais a complexidade das coisas. Foi o que me parece ter sido a razão desta evolução. Desde meados do hectano 120 é mais credível e melhor aceite na comunidade científica o que foi escrito por vários pares de mãos. Será que nas artes iremos evoluir no mesmo sentido?

Enquanto este movimento estava em curso, assistiu-se ao mesmo tempo, ao longo do hectano 120 e 121, a atitudes cada vez mais anti-intelectuais no lugar, no espaço onde a reflexão deveria ser prezada acima de tudo: a academia entrou mais uma vez em degradação ou ficou mesmo decadente. Com a análise ignarométrica podemos facilmente mostrar que o dogma da posse e do crescimento contínuo foi o principal obreiro desta decadência.

E isso traz-me à ensaiada alteração de significado para o conceito utopia. Este também sofreu com a anti-intelectualidade. Utopia é basicamente *Não-Lugar*. Mas foi

rebaptizado para *Sonho-Não-Realizável*. Foi sobretudo quem estava em qualquer posição de poder quem alimentou esta formulação de *Sonho-Não-Realizável*. Isto ficou bem claro quando Ruth Levitas alertou para esta nova moda de desinformação, feita pela arrogância do poder. Criou-se ainda o conceito de distopia, literalmente *Mau-Lugar,* e induziu-se a defini-lo como antónimo do conceito de utopia. O raciocínio parecia ser que se a utopia era o *Bom-Lugar*, mas no sentido de local com coisas agradáveis irrealistas, a distopia era o *Mau-Lugar*, o local onde coisas más acontecem se não tivéssemos o cuidado de ouvir a hierarquia.

Contudo, Utopia não é o lugar de coisas boas ou irrealizáveis. É simplesmente um *Não-Lugar* no qual o seu inventor deixa acontecer as coisas de outra forma do que do modo como se passam no lugar e no tempo da sua realidade vivida. Distopia poderia ser eventualmente uma subdivisão de Utopia, uma especificação. Depende do ponto de vista de certos indivíduos que vivem no *Não-Lugar*. Para os escravos, a Utopia de More é provavelmente uma distopia.

Utilizando a lente da análise ignarométrica, diria que o arrogante objetivo para transformar o conceito utopia de *Não-Lugar* para *Sonho-Não-Realizável* era simples. Tinha que desacreditar quem sugeria indirectamente mudanças que afetavam a posição de privilegiado em termos de posse e poder. Associou-se ao *Sonho-Não-Realizável* uma figura de sonhador simples, ingénuo, vivendo fora do mundo. E esta figura ingénua, vivendo fora do mundo, desacreditando a hierarquia, podia até ser perigoso, quem sabe transformar

utopia em distopia e distopia em realidade. Então era melhor calar ou matar o sonhador, como o caçador Marte procura matar Lobo na versão de Nídia da história de Prokofiev. Contudo, a união das ideias trazidas do *Não-Lugar* com a frescura das ideias do jovem a desbravar o *Sim-Lugar* revelou-se boa para envolver os caçadores na procura de outros caminhos, inclusivamente em relação ao mensageiro das ideias vindo do *não-lugar*. Diria que a utopia simplesmente orienta um espaço cultural intermédio. Um espaço de experimentação de exercícios da mente, de muitas mentes, que se convidam umas às outras, em co-autoria», concluí.

«Onde (Ju)Piter e Wolfgang, também são autores», rematou Nídia.

«Obrigado por esta reflexão», disse Wolfgang. «Nádia, vamos ter como entreter os nossos colegas de equipa nos próximos dois anos de viagem. E, agora, quem quer chá?»

Dekmomehns

What's in a word…

Íamos mais uma vez a caminho da casa onde vivem Catherine e Halona. Tínhamos acabado de sair do *hub Marta Nussbaum*. O chão estava a secar rapidamente depois da chuva da tarde, as árvores contudo ainda convidavam ao uso do guarda-chuva. Andávamos de braço dado, Maria com o nosso chapéu protector na mão, eu baloiçando o cesto com o nosso contributo para a refeição. Baloiçava, porque tinha nele um alguidar mal tapado, cheio de água e pequenos bivalves vivos. Catherine que estava no oitava mehns da gravidez, parecia continuar a ter 'desejos'. Na véspera Halona avisou-nos que ela tinha manifestado uma vontade irresistível para comer estes pequenos moluscos do lago. No aquário que instalei em casa, com a ajuda de David e Wolfgang, faz agora um ano, já tinha uma produção que permitia uma colheita para um bom petisco, desde que o número de comensais não fosse demasiado grande. Catherine optou por um convívio de aniversário tranquilo, só com os pais de Halona, nós, Liberty e Dulan e Manuel, irmão de Halona. Momento ideal portanto para degustar a produção caseira, de modo a que não se ficava por um molusco e meio por pessoa… Dulan prometeu levar ervas aromáticos frescas, havia alho disponível e Halona confirmou que ainda tinha óleo vegetal dos bagos levados para a prensa comunitária uns mehns atrás.

Chegámos ao nosso destino e Halona abriu-nos a porta com o anúncio: «Estávamos agora mesmo a negociar se nos vamos

instalar no jardim ou dentro de casa. Mas proponho preparar a comida na varanda, por causa dos cheiros.»
«Catherine ainda tem reações adversas a cheiros no oitavo mês?», estranhou Maria. Liberty aproximou-se. «Bem», disse ela, «verdade seja dita, agora que minha irmã não tem problemas com cheiros… acontece que eu começo a tê-los», terminou com um sorriso rasgado. «Porquê?», perguntei. Maria olhou para mim. «Alberto, às vezes não percebes mesmo o óbvio. Vais precisar de libertar dois joelhos de avô em vez de só um…» Olhei para as duas filhas e para Maria, abri e fechei a boca, abri-a outra vez. «Espera, essas vontades, não eram da Catherine, pois não?» Liberty veio-se pendurar ao meu braço. Depositei o meu cesto e abracei-a. «Não, pai, sou eu que requisitei a tua produção. Só de pensar que vou petiscar aqueles pequenos bivalves, fez com que Dulan e eu andamos a colher durante toda a manhã as ervas com as quais os vais preparar.» «Com as quais ***eu*** os vou preparar? Hmm. E o que há mais para fazer?»
A excitação do anúncio da Liberty, seguida dos habituais comentários, transformou-se gradualmente no zunzum típico do pequeno grupo a juntar ingredientes e discutir as possibilidades de ementa. Organizamos-nos e nem uma hora mais tarde podíamos-nos servir de uma variedade de petiscos. Como estávamos à espera, Liberty visou sobretudo o 'seu' prato de bivalves, mas ninguém levou a mal.
«Então, a minha primeira neta tem o nome já escolhido.» Foi assim que quis confirmar o que Halona tinha deixado escapar no dia anterior, depois da hábil abordagem de Maria. «Será

Isabelle. Posso imaginar que passaram pelo sofrimento cultural pelo qual os futuros pais e as futuras mães sempre passam. Escolher o nome da criança é de certa forma também definila.» «Consideras mesmo que isto é verdade?» perguntou Liberty. Maria olhou para mim e depois para a filha. «Nem te vou contar os receios que tive quando o teu pai insistiu em te dar o nome de Liberty», riu. «Só depois de muitos anos tranquilizei.» Sorri. «Halona está muito bem colocada para o saber», disse. «Posso imaginar que, pelo modo como estudou a preferência para nomes em determinadas épocas e o significado que lhes era associado, a escolha do nome para a menina a quem Catherine está presta a dar luz e que vai ser acompanhada por ambas, deve ter sido particularmente empolgante.» Catherine olhou para Halona e disse: «Bem, não foi uma tão grande aventura. Foi mais uma questão de sonoridade. Ambas gostamos do nome Isabelle, e insistimos com a escrita com *-le* no fim, porque para nós, é essa a sílaba que dá a sonoridade extra que Isabel sem *-le* não tem. Depois de concordarmos acerca da sonoridade, fomos ver as possíveis origens do nome. Aí é que se torna divertido. O nome deriva possivelmente de Eliseva ou Elisabet, a "*escolhida de deus*". Poderá estar relacionada com a mãe de São João Batista, como é contado no evangelho de Lucas. Mas ao mesmo tempo existe a possibilidade que o nome seja uma alteração de Izebel ou Jesebel. Esta era seguidora do Senhor Ba'al, considerado um falso deus pelos hebreus. Tirando ódios e santificações, Isabelle afigura-se como um nome bastante pluralista, não concordas pai?» Ri. «Não sei se pluralista, mas pelo menos, noutros

tempos, Isabelle poderia despoletar uma interessante reflexão acerca de espiritualidade e religião e o diálogo entre seguidores de dogmas diferentes. Mas como falas de pluralismo, estava a pensar nas Isabelle's da História. Houve imensas em lugares de poder. Se incluirmos a variante inglesa Elisabeth, a lista cresce bastante. Encontramos também muitas mulheres com o nome de Isabelle no contra-poder. Vejam estes dois exemplos de âmbito diferente em relação à mesma instituição. Penso em Isabelle Gatti de Gamond, feminista, ativa na segunda metade do hectano 118. Pouco depois da criação do micro-estado Bélgica, governado por nobres e leigos, todos próximos do poder da igreja católica, ela criou escolas para meninas, com currículo laico e docentes laicos, fora da influência do poder da igreja católica. Iniciou assim uma rede de feministas bem formadas. Ela criticou severamente Napoleão e o Código Civil que o pequeno estado adoptou o qual remeteu a mulher legalmente para a submissão. Em vida, não ganhou a luta pelo voto da mulher, porque os seus colegas masculinos do partido socialista de então temiam que conceder o voto às mulheres era oferecer votos aos partidos controlados pela igreja… Uma outra Isabelle também lutou contra o poder da igreja, mas num sentido muito diferente. Ela queria forçar os inquisidores a admitir que se tinham enganados acerca da sua filha Jeanne d'Arc. Esta foi culpada de heresia e, por isso, enviada para a fogueira. Isabelle Romée, mãe de Jeanne portanto, lutou para a revisão da sentença. Assim, ela foi indiretamente obreira de uma situação *sui generis*, na qual Jeanne passou de herege a

santa.
Há muitas histórias de poder e contra-poder e, mais uma vez, parece-me que convém lê-las no tempo e no lugar em que ocorreram. E para falar de contra-poder no seu tempo e lugar, não me levarão a mal de tirar o *-le* só por um momento e lembrar Isabel Parra. Ela foi uma cantora chilena que dedicou parte da sua vida a lembrar os malefícios do poder totalitário, após um golpe de estado militar sangrento, no país dela. Foi um golpe movido por interesses económicos de grandes proprietários de capitais.
Espero que a vossa Isabelle tenha uma vida pacífica e que ela tenha a oportunidade de cooperar na permanente força instituinte do pensamento e da ação pluralista.»
«Depois de te ouvir mencionar Isabel Parra, sinto aqui a falta de Pablo», disse Dulan. «Ele é uma enciclopédia ambulante no que se refere a letras de artistas no contra-poder. Uma canção, no seu tempo identificada como de intervenção, uma canção, dizia eu, que pessoalmente me fez pensar, foi *'la muralla'*. No tempo dessa canção muros e fronteiras eram a primeira resposta a qualquer perigo ou ameaça. Mesmo por parte do contra-poder. E posso imaginar que o texto e a música cativavam quem se defendia da arrogância de nada ignorantes líderes beligerantes, autocratas e fascistas. Muros e contra-muros foram talvez as poucas opções que os seres humanos tinham, no mundo da posse e do poder, antes de fazer trilhos levando à ação pluralista sustentável. Posso partilhar convosco a letra da canção?»
Perante o nosso assentimento, Dulan citava:

«Para hacer esta muralla, tráiganme todas las manos
los negros, sus manos negras, los blancos, sus blancas manos.
Una muralla que vaya desde la playa hasta el monte
desde el monte hasta la playa, allá sobre el horizonte.
—¡Tun, tun! —¿Quién es?
—Una rosa y un clavel… —¡Abre la muralla!
—¡Tun, tun! —¿Quién es?
—El sable del coronel… —¡Cierra la muralla!
—¡Tun, tun! —¿Quién es?
—La paloma y el laurel… —¡Abre la muralla!
—¡Tun, tun! —¿Quién es?
—El gusano y el ciempiés… — ¡Cierra la muralla!
Al corazón del amigo: abre la muralla;
al veneno y al puñal: cierra la muralla;
al mirto y la yerbabuena: abre la muralla;
al diente de la serpiente: cierra la muralla…»

Catherine suspirou. «Penso na nossa conversa que tivemos à bordo do lago, pai. Será que as comunidades de Marte terão de passar por este longo caminho de muros e contra-muros? Será que, caso cheguem a formular projetos de aprendizagem coletiva, os seus objetivos irão neste sentido?» Respondi: «É difícil retomar essa conversa aqui e agora, porque só tu e eu, e talvez Liberty sabem ao que nos referimos. Mas, em poucas palavras, diria que Dulan aqui partilhou um pequeno episódio da sua aprendizagem pessoal, inserida na história dele, com o conhecimento dele, e fruto da interação com Pablo. Só nos será possível conhecer o que é a história das pessoas das comunidades de aprendizagem que se irão eventualmente

formar em Marte, se, prudentemente, interagirmos entre eles. Se haverá muros ou não nos objetivos deles, hoje não sabemos. E, se houver, qual será o significado que irão dar à palavra muro? Se houver entretanto voluntários da Terra a participar naquelas comunidades, a antropogogia aparecerá inevitavelmente. Mas como? Não sei …»

A conversa dispersou. Quando duas famílias que não se vêem com grande frequência se encontram, há muitas pequenas histórias para pôr em dia. Durante algum tempo, o nosso grupo parecia o ideal objeto de estudo para qualquer antropólogo ou sociólogo que elabora teorias sobre a importância da conversa casual e dos mexericos nas relações sociais.

Quando as vozes se tornaram apenas murmúrios, o pai de Halona dirigiu-se ao grupo todo com «Há notícias dos nossos viajantes a caminho de Ganymedes e Europa?»

«Partiram na altura prevista. Obviamente, têm um vasto programa de atividades, para preencher os dois anos que leva a viagem até Jupiter», disse Liberty. «Na próxima semana começamos as nossas reflexões semanais assíncronas. Iremos assim continuar a preparação relativamente a propostas de trabalho conjunto em comunidades de aprendizagem. Ao mesmo tempo, a equipa a bordo da nave está a aprofundar o seu conhecimento da obra de Bregman e dos neo-Bregmanios. Iremos contactar no próximo ano o EJCD para preparar algum trabalho de análise conjunto. Haverá certamente análise para fazer de aqui 3 anos, quando a nossa equipa estiver a trabalhar com os Ganymedianos e os Europianos.»

«Quando chegarem àquela fase, gostava muito de participar nas vossas reflexões.» Manuel entrou assim na conversa. Aproveitei logo para desejar-lhe as boas vindas ao EJCD, e perguntei: «Esperas encontrar um objeto de estudo interessante no trabalho instituinte, relativo à relacionação interplanetária? E fazer avançar a monitorização dos mecanismos de terraformação?»

Manuel mostrou alguma surpresa e sorriu. «Como sabes do meu campo de interesses?»

«Já ouvi muito ao teu respeito, Manuel», respondi. «Halona e Catherine falam frequentemente de ti. Penso que não estou a mentir quando digo que elas apreciam a tua capacidade de síntese nos grupos de trabalho e nas tertúlias nos quais vocês se encontram. Percebi que o teu campo de interesse se situa no ciclo de vida das instituições. Mas penso não estar equivocado quando digo que trabalhas com um grupo do qual Liberty faz parte, que aborda a comunicação e a instituição de rotinas com objetos automatizados, dotados da capacidade de processamento inteligente?»

«Sim. Fala-se facilmente de robôs, quando se trata de automatização inteligente, com monitorização à distância. Entendo que disso já falaste com Liberty, já que não utilizaste a palavra. De facto, preferimos falar de objetos automatizados inteligentes. Claro que o Santo Graal é o tal *cérebro positrónico* com o qual Isaac Asimov, já no hectano 119, deu corpo ao robô que imaginou para as suas histórias, equivalente ao ser humano em termos de autonomia. Mas estamos muito longe de o conceber na realidade. Contudo, a automatização

inteligente avançou muito em termos de capacidade aprendente para a tomada de decisões. Porém, ao conseguirmos este avanço, reduzimos também o tempo útil de monitorização exterior, quando uma máquina toma uma decisão provocando desenvolvimentos que não vão no sentido do esperado. A questão que se coloca é como é que podemos, *in loco*, inserir alterações de rotina, sem danificar os circuitos inteligentes quando não somos especialistas em programação ou etologia, ou quando não somos engenheiros de alta tecnologia.

Portanto, robótica sim, robô talvez não.

Depois existe para muitos entre nós um aspecto ético. Talvez saibam que a palavra *robô* foi inventada por Čapek. Deriva da palavra checa que evoca o conceito de servidão, indo até a escravatura. Diga-se de passagem que *trabalho* deriva do latim *tripalio*, que no significado evoluiu de 'imobilizador' de cavalos para instrumento de tortura e depois para tortura. Ou seja, conceitos como *robô* ou *trabalhador* não são talvez os mais simpáticos para identificar seres pensantes e inteligentes numa sociedade convivêncial, mesmo se algum dia o cérebro positrónico se construa. Os termos 'trabalho automatizado' e 'robótica' por outro lado remetem para uma ação, não para um objeto com o qual entramos em comunicação no sentido de diálogo. Não vemos a relação entre um ser humano e um veículo da rede de Viaturas de Transporte Elétricas como uma de senhor e servo ou dono e escravo. Trata-se de um utilitário, complexo e dotado da inteligência necessária para traçar caminhos, evitar obstáculos e deslocar-se de forma

segura, isto sim. Mas não se trata de um ser auto-consciente.» Dulan mostrou-se muito interessado no ponto de vista desenvolvido por Manuel e interveio: «Sobre isso quero discutir contigo, mas não hoje. Tenho outra pergunta para ti. Imagina por um momento que deverias explicar aos contemporâneos de Asimov o atual significado do conceito convivencialidade. Como sintetizavas o que caracteriza a nossa sociedade pós-Refundição?»

Manuel respondeu prontamente: «Destacava, entre os princípios com os quais lidamos e que orientam a nossa relacionação ecossistémica e convivêncial, os que ao meu ver são os cinco cruciais. Explicava o princípio da refeição, o da partilha, o da antropogogia, o da cooperação e o da heterogeneidade.»

«Uma escolha muito interessante», concordei. É capaz de retratar a essência da Refundição.» Catherine disse: «Oh! Que bonito. O meu avô Lev, ainda há pouco tempo, falava do princípio da refeição que, segundo ele, ficou embutido em todos os projetos de aprendizagem e por isso se tornou elemento chave da convivencialidade.»

«Sim», retomou Manuel. «A refeição é um ancestral momento de convívio. É notável como foi incorporado no modo como adultos trabalham com comunidades de aprendizagem de crianças. Aí é que está o seu grande alcance. As crianças gostam de imitar os adultos. Tornar a confecção das refeições uma atividade real, e fazer desse momento, bem como do momento a seguir, o de consumir a refeição, momentos de prazer, foi um golpe de mestre.

O princípio da refeição encaminha-nos naturalmente para o princípio da partilha. Para cada refeição de grupo, a rotina é sempre a mesma. As pessoas do grupo trazem, previamente combinados ou não, os ingredientes que têm disponíveis e que querem introduzir para uso comum. Partilhamos, não trocamos. Não venho ter contigo com legumes para tu me dares ovos em troca, para eu levar os ovos para casa e tu os legumes. Não, trazemos, partilhamos o que trouxemos, e consumimos em conjunto a refeição que preparamos. Isto é de extrema importância. A troca facilmente evolui para a valorização, para fazer trocas 'justas'. O que, por sua vez, leva à introdução da unidade de referência, a moeda. E temos toda a história entre Babilónia e a Refundição que nos testemunha o que daí evoluiu. Numa partilha, não há valorização no sentido da comparação de bens. Introduz-se para o bem comum aquilo que se tem para introduzir. Ponto. Penso que é só porque este princípio foi tão interiorizado a partir do princípio da refeição, que se tornou possível criar os espaços de refeição como os que existem na Biblioteca Central. Aí o princípio da partilha ultrapassa a relação direta entre quem partilha e quem confeciona e consome. Tornou-se uma partilha assíncrona. Vejo esta relação entre o princípio da refeição e o princípio da partilha como estruturante. Ela permitiu que, no âmbito da Refundição, o conceito de partilha se tornasse claro para todas as nossas atividades. Recorremos à partilha para nos apetrechar daquilo que precisamos para concretizar os nossos projetos e não vemos interesse em nos apetrechar de algo que não precisamos para os projetos que queremos

concretizar. A posse não tem sentido, logo não tem sentido a troca, simplesmente para dispor de algo que não tínhamos, mas de que também não precisamos para os projetos que queremos concretizar, incluindo o nosso projeto de vida.»

Liberty disse: «Portanto, aqui temos dois princípios que definem a nossa relação com as coisas, com os objetos, na sociedade convivêncial. Os outros três dos cinco que destacaste têm a ver com a nossa interação e relação entre seres auto-conscientes.»

«Posso concordar com isso», continuou Manuel. «E o princípio da antropogogia é certamente o mais difícil de explicar aos nossos antepassados, não só do hectano 119, mas também do hectano a seguir.»

«Desculpas-me por te interromper», disse a Maria, «Mas também dos hectanos anteriores. Muitos textos que encontramos para orientar a escrita da nossa saga, mostram-no claramente.»

«Estou mesmo com grande expectativa por ler esta história. E sim, claro, o princípio da antropogogia foi sempre muito difícil de explicar em qualquer sociedade hierarquizada. Porque o próprio conceito de hierarquia é contrário ao princípio da antropogogia. Com a antropogogia, o mestre não tem a instrução dos outros como tarefa, a transmissão do saber que detém, mas tem a função de colocar o seu saber ao serviço das interrogações que outros se fazem e lhe fazem. E tem como função interrogar o outro acerca das interrogações com as quais se debate. Com o princípio da antropogogia, aprendizagem e autoria fundem-se. É a razão, Alberto, pela

qual penso que falar de antropogogia *institucional* é uma redundância. Para mim, o trabalho antropogógico é sempre instituinte. Diria que deixa de ser antropogógico quando a ação no seio de qualquer grupo de trabalho deixa de se reinventar. Esta reinvenção é constante devido à aprendizagem dialogada. A plena interiorização do princípio da antropogogia proporcionou equilíbrio e equidade entre as comunidades e as Polis. Tentem fazer o exercício de pensamento ao contrário. Imaginem comunidades como Bibliopolis, Culturopolis, Pérolapolis ou Arqueopolis sem este princípio. Tal como acontece com Elysiodomus em Marte, se-riam logo hierarquizadas como os centros, as metrópoles, 'servidos' por um sem número de comunidades subordinadas e instruídas. Ao princípio da antropogogia está associado o altruísmo, equilibrado pela consciência de si. E, até ver, considero que só numa sociedade convivêncial sem dinheiro esta consciência de si não se transforma em egoísmo.

O princípio da antropogogia está a meu ver intimamente ligado ao princípio da cooperação. A cooperação é um conceito complexo. Cooperamos em diferentes planos, conforme a extensão do grupo envolvido. Como espécie no planeta Terra, temos uma obra coletiva em construção permanente. Esta obra coletiva é a sociedade convivêncial sustentável e ecossistémica de indivíduos auto-conscientes. Trata-se de uma obra coletiva de todos e para todos. Mas isto não significa que todos estejamos metidos em tudo. Ela consiste num sem-número de atividades e de projetos elaborados e conduzidos entre os seus portadores, em cooperação. O que significa, por sua vez, que

qualquer nova iniciativa ou qualquer alteração a uma iniciativa existente é debatida numa base de confiança que ganhámos em todo lado, no planeta inteiro, fruto da aprendizagem dialogada e do princípio da partilha. A consciência coletiva que esta base de confiança gera, faz com que as potenciais armadilhas, que sempre foram e são, tanto o consensus como as tomadas de decisão por maioria, deixaram de se manifestar. Em qualquer projeto, em qualquer reformulação, a dúvida que pode surgir desencadeia o rápido e eficaz envolvimento de quem coopera para que a decisão possa ser tomada em função da obra coletiva em construção permanente.
O que me leva ao quinto princípio, o da heterogeneidade. Desde a Refundição, novas comunidades têm-se constituído. Outras comunidades têm-se reequilibrado. Em todas elas, sempre nos apercebemos que, mais heterogéneo fica uma comunidade, ou um 'cluster' de comunidades, em todos os aspectos que a diversidade genética da nossa espécie nos permite, mais facilmente se consegue a plenitude na cooperação e na partilha, o que torna a vida das comunidades logo mais agradável.»
Manuel acabou assim e a conversa dispersou-se novamente.

Desliguei e comecei a pensar nas palavras de Manuel. Eu nasci e cresci em Bibliopolis. Nunca senti o desejo de me instalar em outro sítio, mas também não me senti deslocado, nos momentos em que estávamos a trabalhar nas zonas não habitáveis ou todas aquelas vezes que integrei grupos de trabalho com polissiguais de outras comunidades. Bibliopolis tem um espólio histórico grande. A rede de que cuidamos é

mesmo uma rede de cooperantes. Havia muito tempo que não tinha pensado como são traiçoeiras aquelas observações para agradar, como "*estou ao teu serviço*" ou "*posso ajudar-te no que queres*".

Depois da Refundição estamos constantemente a instituir cooperação. Hoje cooperamos uns com os outros, em co-autoria, a qualquer momento. Quando nos é feito um pedido, sentimo-nos à vontade para dizer sim ou não. Libertos de posse, estamos libertos da frustração de não ter o que outros têm. Libertos do poder associado à posse, estamos também libertos da tentação de instalar uma cultura de dominação e servidão. À medida que a história pré-Refundição já não se baseia em relatos diretos, mas em documentos, mais abundantes agora, com a gradual descoberta de espólios escondidos e conservados nas zonas não habitáveis, torna-se mais claro que a espécie humana tinha entrado num género de depressão colectiva, originando não só comportamentos suicidas, mas também o alastramento de grupos de suporte ao ódio fomentado pelo discurso fascista de líderes arrogantes. Se Elysium não tivesse provocado a auto-destruição do modelo de sociedade baseada no dogma do dinheiro, talvez estaríamos hoje ainda em lutas mais ou menos apocalípticos como aquelas que tão fertilmente brotavam da imaginação de autores e escritores de cenários nos três hectanos que antecederam a Refundição.

Ainda é cedo também para perceber se existe alguma relação entre o que a sobre-população estava a provocar ao clima do planeta e a invulgar atividade vulcânica de 121.39. A hipótese

que geólogos hoje colocam sugere uma confluência de situações independentes que culminaram no Inverno Vulcânico. Com o que sabemos hoje, é difícil de ver como as alterações climáticas poderiam provocar um aumento da atividade tectónica. Por outro lado, muitos modelos matemáticos mostram a recorrência da existência de picos de atividade, como também continuam a mostrar a quase impossibilidade de os prever. Portanto, o que podemos dizer para já, é que o Inverno Vulcânico apanhou de surpresa o programa de gradual evacuação provisória para a Lua, Marte, Ganymedes e Europa, iniciado em Megapple e para o qual Fernanda Mestre deu um contributo, como pudemos contar em *A arrogância da ignorância* e *O Paraíso dos Livros*. A história da Terra e da viagem para outros corpos celestes do nosso sistema planetário teria sido bastante diferente sem o Inverno Vulcânico e sem Elysium. O que sabemos, isto sim, é que a atividade tectónica de 121.39 provocou o grande terramoto no território conhecido sob o nome *Federação Europeia-Ibérica*. Desde 117.55 é que se sabia que naquela zona, o sismo não só era provável, como podia ser extremamente devastador à medida que a tensão no subsolo aumentasse. Contudo, Megalissipo, uma das mega-cidades da Federação, tinha zonas bastante seguras e podemos agradecer Greta Campos e Alexandre N'Kondo, não só de ter mantido a biblioteca de Paulo De Meester na casa dele, situada em zona segura, como aí ter integrado grande parte do espólio das respetivas mães, Catherine e Joana. É impossível de prever durante quanto tempo Bibliopolis terá esta espécie de função de disponibilizar

o conteúdo de espólios provenientes das *zonas 1 e 2*. Mas estou confiante que, baseado em princípios firmes e sustentáveis, como aqueles que Manuel acabou de sintetizar, poderemos dispor da herança cultural da nossa espécie em modos e locais que se irão instituindo e re-instituindo. Olha, cultura… tenho que pensar um pouco no significado de culto e cultura…

«Oh! Alberto. Ouve a tua filha», riu-se Maria. «Há mais mulheres com o nome de Isabelle, na dinastia?»
«Desculpem, estava a pensar na síntese de Manuel e a nossa história recente como espécie. Mmm… não. Não temos ainda encontrado os nomes de todos as mulheres, sobretudo irmãs, dos nossos antepassados da 1.ª dinastia, mas até agora temos poucos nomes repetidos. O próprio nome Catherine aparece duas vezes, como aparecem as variantes Joana e Johanna em duas ocasiões. É quase inevitável haver mais do que uma vez o nome de Maria, tão popular nas zonas de influência das religiões abraâmicas.
E já agora, Liberty, se a pequena criatura, que me fez levar o conteúdo do meu tanque de criação hoje para este repasto, for masculino…, na dinastia, nos nomes de rapazes só vejo repetição nas variantes de John, Jan, Jean.»

Phrydekmomehns

Culto ou cultura e outras imagens invertidas

Pediram-me uma introdução à saga dos Magister-Auctor. Penso que, tudo somado, nas páginas anteriores foram mais os co-autores e a família que falaram do que eu. Mas foi assim que imaginei um livro que introduz e situa os outros. Espero ter conseguido… porque este livro está quase no fim.

Os meus apontamentos de diário no mehns Phrydekmo de 122.08 foram mais reflexivos. Nada de repastos coletivos, de discussões em grupo, acerca das pessoas que aparecem na saga. Devia já estar a fazer o balanço do ciclo de 365 dias. Aproveito as notas que encontrei para evocar um pouco os últimos 5 hectanos e como vejo a dinastia e seus conterrâneos contemporâneos embutidos na cultura de então.
Em termos muito genéricos, diria que um padrão cultural se desenha e se constrói resultante da interação entre pessoas e grupos de pessoas. Poderia falar de ética, ou moral, de conjunto de valores, de uma filosofia comum, pela qual este grupo de pessoas se organiza ou é organizado. Cultura não é algo de intrinsecamente bom ou de intrinsecamente mau. O modo como a intolerância, a ignorância e o preconceito ciclicamente interferem com o pensamento que resulta da reflexão e do diálogo, cria e destrói padrões culturais mais ou menos aglutinadores. Existe uma tensão constante entre o imediatismo da observação pouca refletida e a lentidão da contemplação, resultado de uma aprendizagem dialogada.

Tentei mostrar a relação dos livros da saga com o EJCD. Este espaço começou por ser um lugar de encontro sem nome, espaço para um grupo interessado em escrever a história da analise ignarométrica. A posterior escolha do nome seguiu a lógica da escolha dos nomes para os *hub* da rede de CUA. Ficou conhecido como *Espaço Joana e Catherine Demeester* ou EJCD. A proposta surgiu quando reencontrámos a biblioteca do pai delas, Paulo. Reencontrar não é talvez o verbo correto, porque, na verdade, não tínhamos ideia que a biblioteca existia e tinha sido conservada por Greta Campos. Como também não sabíamos que Greta, filha de Catherine e Alexandre, filho de Joana, organizaram e selaram o espólio das respetivas mães, quando uma cultura da ignorância se instalou nas Mega-cidades, ameaçando destruir a totalidade dos suportes físicos do conhecimento e da arte.

Não tudo foi destruído. Muitos documentos chegaram ao EJCD ao longo dos 16 anos que separam 121.92, ano da descoberta da biblioteca Paulo Demeester, de 122.08, ano em que o EJCD passou a ser o lugar de encontro de todos que querem usufruir dele. Um espaço cultural, um espaço intermédio.

Entretanto, o grupo de co-autores da saga apercebeu-se gradualmente como, ao longo de pelo menos cinco hectanos, o nascimento da análise ignarométrica, a concetualização da antropologia institucional e a história da dinastia Magister-Auctor estavam profundamente interligados.

Agora que escrevemos o ano de 122.15, a primeira edição da saga está terminada com o último volume disponível. Espero que o conjunto de pequenas histórias que aqui vos trouxe de

uma altura em que ainda estávamos a juntar esboços, abriram o apetite para ler os livros da saga.

Não existem dúvidas para mim, que os cinco hectanos, que evocámos, foram tudo menos uma pacífica e gradual evolução de pensamento e modos de agir. Houve momentos de rotura, de paradigmas a surgir e interferir bruscamente com os costumes e as rotinas, com a cultura da época.

No decorrer dos cinco hectanos da saga, a rotura com maior consequência foi, ao meu ver, o momento da Refundição. A este respeito não tenho dúvidas. É cedo para saber se foi uma daquelas revoluções profundas, como as de que Harari falava, quando há 2 hectanos, escreveu a sua breve história de *Homo Sapiens*. Penso que os princípios que Manuel Takis tão bem nos sintetizou, quando estávamos em casa da minha filha, são sólidos princípios para a sustentabilidade da sociedade convivêncial. Estes princípios levam para a ação a ética, a cultura que atravessa esta sociedade convivêncial.

Contudo…; penso que, como seres humanos, aprendemos ao longo da nossa longa história, como os princípios da ação de indivíduos auto-conscientes e que definam a nossa cultura, têm uma base biológica. E entretanto aprendemos, penso que também, como determinados princípios podem ser interferidos por outros, mas que *todos eles* têm a tal base biológica.

Deixo aqui só um pensamento entre os muitos que me ocorrem a este respeito: a reprodução sexuada originou a diversidade genética para que uma espécie se possa manter num determinado ecossistema. Quando a espécie conta com suficientes indivíduos saudáveis e diferentes uns dos outros,

ela também mantém a saúde da espécie como tal.

Liberty explicou-me o avanço que houve na percepção humana em relação à interação entre animais com cérebros desenvolvidos, consumidores finais na cadeia alimentar de um determinado ecossistema. Em todas essas espécies surgem grupos locais, dotados de um modo local de fazer. É a antevisão daquilo que podemos identificar como uma cultura localizada.

Falando em traços muito largos, existem duas formas como estes espécies se organizam em grupo.

Uma consiste na consolidação de aprendizagens, em todo o grupo: quando vivem o tempo suficiente, os animais conseguem aprender novas formas de organização, de caça, de interação, no contexto dinâmico do ecossistema. Estes animais vivem em grupos familiares. A reprodução é fruto da atração entre uma fêmea e um macho. Podem recorrem ao intercâmbio de informação, que chega a ser bastante complexo. A informação não tem só a ver com a aproximação e o reconhecimento para o coito de dois indivíduos. A linguagem codificada serve para passar informação acerca de estratégias de caça, por exemplo. Os agrupamentos familiares fazem com que *todos* os menos experientes possam aprender com os mais experientes. Funcionam em grupo. A morte de um indivíduo específico não coloca necessariamente o resto do grupo em risco, mesmo se a morte em si possa significar perca temporária ou definitiva de informação ou de experiência. Os grandes mamíferos do oceano são disso um exemplo. Inclusivamente, tem se observado, nomeadamente entre orcas,

como o indivíduo que, em primeira instância, ensinou aos outros membros do grupo a aplicação de uma nova técnica de caça, depois de ter êxito, entregar a caça à outro membro do grupo, momentaneamente enfraquecido. Faz-me pensar que esta forma de atuar antevê altruísmo na estrutura social de uma espécie de indivíduos auto-conscientes.

Por outro lado, em outras espécies, o grupo organiza-se em torno de uma liderança precisa. Os seres humanos identificam os animais dominantes desses grupos de macho e fêmea *alfa*. Os *alfas* dominam os outros, também em termos de reprodução. Faz sentido que, neste tipo de organização, a boa saúde e a aprendizagem dos atuais e futuros *alfas* são importantes para a sobrevivência coletiva, de todo o grupo. A aprendizagem faz-se por imitação mas também por confronto de futuros *alfa's* com os *alfa's* ativos. Por norma, são os animais *alfa* que lideram, enquanto os outros indivíduos do grupo colaboram. Os *alfa's* mantêm-se no topo da hierarquia, recorrendo a atitudes agressivas e que chegam a ser violentas com outros indivíduos, mesmo da sua própria espécie. A agressividade costuma ser proporcional à posição que o desafiador ocupa ou manifesta querer ocupar na hierarquia. Em algumas espécies de canídeos organizadas desta forma tem-se registado uma espécie de consulta do grupo, relativo a uma estratégia de caça, por exemplo, depois da hierarquia estar estabelecida. Em todo caso, costumam ser os animais *alfa* que se alimentam em primeiro lugar. Faz-me pensar que esta forma de atuar antevê como, numa espécie de indivíduos auto-conscientes, o egoísmo da hierarquia irá sustentar o conceito

de obediência ao líder, capaz de proteger do grupo. Antevê também a possibilidade que o líder promova a colaboração e, talvez, tolere alguma co-gestão do resto do grupo.

Em criança, Olívia e eu passámos muito do nosso tempo em comunidades de aprendizagem de crianças com a avó Emmy e com muitos dos seus amigos e das suas amigas de Bibliopolis. Os adultos daquela altura tinham ainda bem presente os relatos dos seus pais e avós que viveram o perturbado período prévio à Refundição. Avó Emmy contava histórias acerca da violência contra quem se dedicava ao saber, sobretudo quando este saber não era colocado ao serviço exclusivo da visão do topo da hierarquia Bloomberg. O que aprendemos agora, entre co-autores a redigir a história dos meus antepassados, é que, ao longo destes cinco hectanos antes da Refundição, a violência não era só dirigida a quem se dedicava ao saber ou à arte. Ao longo daqueles 500 anos, guerreava-se quase constantemente por causa de quase tudo: o uso de uma língua, a posse de bens, a imposição de um mito ou um dogma, a definição de uma linha imaginária com o nome de fronteira, traçada numa representação em papel do globo; era tudo pretexto para desencadear episódios violentos sangrentos.

Já evoquei como os nomes próprios da minha geração lembram frequentemente figuras da história humana a quem se reconheceu, na sua forma de pensar, contributos para a concetualização da sociedade convivêncial. Avó Emmy sugeriu o nome de Albert para mim, em homenagem a um importante cientista do 119.º hectano. Diga-se de passagem

que os nossos avós utilizaram o mesmo critério para escolha do nome da minha irmã. Ele evoca a poetisa e escritora Olívia Ward da *zona 3* do fim do 118.º hectano. Esta escritora ocupou-se do desenvolvimento e reconhecimento da arte de nativos e negros descendentes de escravos, na *zona 3*. Era por isso alvo da arrogância da hierarquia branca, no espaço então conhecido como Estados Unidos da América.

Os nomes dos *hub,* e as evocações feitas através de muitos nomes dadas às pessoas da minha geração, levantam-me uma pergunta acerca do conceito de cultura. E permitem-me primeiro de introduzir mais um elemento: ao longo da história da nossa dinastia de educadores ou antropogogos, era perceptível, pelo menos até a Refundição, a tensão entre o que se identificava de cultura e de contra-cultura.
Muitos escritos e muitas observações na margem dos livros apresentam-nos pessoas que praticavam e encorajavam atitudes pluralistas. Era como se fosse uma oposição permanente, uma espécie de contra-cultura, perante a surda e cega corrente majoritária. Quem, por outro lado, tendo poder, posses ou ambos, fazia ouvir a sua voz no mesmo sentido, apresentava frequentemente modos de atuar ambíguos, no que diz respeito ao pluralismo ou a uma ética absolutamente aberta à heterogeneidade e à diversidade. Havia inclusivamente contra-contra-culturas, elas próprias pouco tolerantes em relação às outras. Após a Refundição, pelo menos no planeta Terra, parece ter desaparecido a dicotomia cultura *versus* contra-cultura. Conseguimos um substrato genérico, uma cultura universal de comunidades de aprendizagem e de abordagem convivêncial

nas relações entre as pessoas, e entre pessoas e todo o ecossistema. Sobre este substrato, grupos e indivíduos constroem-se a cultura local que lhes agrada mais.
Dá para pensar qual foi o papel empenhado pelo dogma do dinheiro para chegar a este ponto. Terá sido necessário passar pela experiência de sociedade revestida de uma cultura que incluía a dominação e a escravatura, para reconhecer quão problemático é a instauração de um hierarquia e quão necessárias são as máquinas inteligentes? Será que só a sociedade convivêncial sem dinheiro oferece padrões de vida confortáveis para todos?

A primeira resposta à pergunta em como definir cultura, será sempre que a *palavra* se tornou rapidamente polissémica. Antes da Refundição, esta polissemia, associada ao modo hierarquizado da organização das relações entre as pessoas, pode ter originado confusão quanto à definição de cultura como *conceito*. Em dicionários anteriores à Refundição encontramos facilmente uma dezena de descrições para a palavra cultura. Entre elas, existem três que, quando combinadas, me parecem elucidativas para atitudes pré-Refundição observadas. Numa definição, descreve-se cultura como *um conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social*. Frequentemente aparece outra definição que diz que se trata de *uma forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico)*. Esta descrição faz a palavra *civilização* sinónimo de *cultura*. Uma terceira descrição restringe-se mais às pessoas,

quando se afirma tratar de um *conjunto de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social.*

Obviamente existem sempre as referências para o cultivo da terra e a criação de animais, com um outro conjunto de definições. Não nos esqueçamos que muito provavelmente foi Cícero, orador e escritor da Roma antiga, quem falou da *cultura da mente*, fazendo uma espécie de analogia metafórica com a *cultura da terra*. Ou seja, a palavra cultura só terá existência com as definições acima, depois de existir a *cultura da terra*.

Antes da Refundição, mais do que agora, associava-se frequentemente a palavra cultura com a palavra culto, também polissémica. Mais uma vez, em dicionários da época, encontramos três grupos de definições. Um primeiro grupo tem a ver com a vivência de uma religião. Um segundo grupo tem a ver com a adoração de pessoas ou objetos, sem ser de carater religioso. E existe ainda outro grupo de definições que claramente introduzem a ideia de hierarquia. Fala-se de uma pessoa ou um país *que alcançou um estágio superior de civilização,* relacionando com o adjetivo *civilizado.* Culto é *quem tem cultura, instrução, erudição*; culto é quem, na utilização da língua *segue o padrão formal, erudito.*

Historiadores que falam da história antiga, utilizam às vezes palavras como civilizações ou cultura, quando descrevem povos que não recorriam à agricultura, ou de quem podemos duvidar que conheciam a obra de Cícero. Não consigo deixar de me interrogar se estes povos terão concetualizado os seus padrões de comportamento, e, se o fizeram, a que metáforas e

a que vocabulário recorreram. Falava o povo que construiu Göbekli Tepe dos seus rituais? Concetualizava-os? Ou só os praticaram? O que terá significado para *Homo Neanderthalis* o que se começou a identificar como a cultura Neanderthal, no hectano 119? Os seres humanos que passaram a ter consciência da utilização deliberada do fogo estavam também conscientes de terem alcançado um estágio superior de civilização? Ou será que nem falavam disso quando punham o pau a rodar, recorrendo a cordas feitas de tendões, por estarem demasiado concentrados a ver se o musgo pegava fogo?

É melhor deixar-me de brincadeiras e voltar para o tempo depois de Cícero, tempo que, em termos de cultura, para muitos não era de brincadeiras. Porque não combinar a definição da cultura como *forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais,* e a definição de *culto* como estado superior, a uma outra definição pré-Refundição da palavra cultura? Cultura também é "*complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins, como as privilegiados por um governo que privilegiou*".

Podemos abordar a decisão pós-Refundição de generalizar o calendário holoceno como uma etapa evolutiva em relação ao calendário 'universal' que tomava o nascimento de Jesus como ponto de referência? No calendário holoceno existe um verdadeiro ponto 0. Contudo, este situa-se algures no meio da fase de transição de uma vida globalmente nómada para uma vida globalmente sedentária. É assumida como novo marco cultural? É a afirmação que não queremos ser mais

nómadas, mas sim agricultores? Ou foi só por razões de universalização, que se recuou o ponto a partir do qual é útil para o ser humano fazer a contagem do tempo? Escolheu-se um ponto de transição muito anterior a qualquer registo escrito dos mitos da criação do mundo. Um gesto de pluralismo. Mas também podemos dizer que o ponto 0 corresponde a uma rutura que se revelou desastrosa para o desenvolvimento do pensamento pluralista. Ele situa-se na passagem do conceito de utilização dos recursos do ecossistema para o conceito de tomada de posse do ecossistema, a partir do qual se desenvolve a posse, a hierarquia, o poder e a sociedade de classes.

Quando vejo aspectos da nossa organização social, para os quais a Refundição não foi ponto de rutura, penso que pode ser perigoso de continuar a associar *cultura* a *culto*. Esta associação era feita antes da Refundição, sobretudo por quem hectanos seguidos se arrogou o poder quase ao nível planetário. Falo de arrogantes homens, brancos, ocidentais, aristocratas. Repito, penso que o conceito cultura *em si* não contem uma conotação de 'bom' ou 'mau'. Mas a auto-denominada hierarquia introduziu esta conotação positiva e negativa, permitindo assim justificar qualquer ação de levar quem estava com 'má cultura' para a 'boa cultura', como se fosse um dever moral. Entretanto, quem tinha uma cultura diferente de quem definia a própria como sendo 'a boa', tinha necessariamente uma cultura menor, logo não era culto, logo podia, até ver, ser mantido na escravatura.
Falámos em Penktomehns e Newnomehns do olhar moral

sobre a escravatura ao longo da história humana. Tentei reunir informações acerca da posição tomadas por diferentes correntes religiosas e filosóficas em relação à escravatura, ou seja em relação ao conceito extremo de posse: a posse de um ser humano por outra ser humano.

Hoje, parece-me claro que, na altura da fixação dos respetivos cânones, o politicomorfismo de deus, isto é a divinização da política terrena, de que falava Aslan, era uma importante característica de quase todos os sistemas religiosos em todos os tempos. A cultura, os tais *valores intelectuais, morais, espirituais,* estava ligada ao pensamento de quem na altura detinha o poder e o procurava generalizar, mantendo qualquer outra cultura na margem.

Visto desta forma, é fácil perceber porque é que as religiões definem a escravatura em função da prática civil da época em que elas surgem. Mesmo na segunda guerra do hectano 119, quem era feito prisioneiro ainda era morto ou feito escravo. Na altura da fixação do respetivo cânone, nenhum mensageiro, em nenhuma religião dizia que havia por parte de Deus uma clara e inequívoca condenação da escravatura. Nem a crescente condenação social da escravatura em tempo de paz provocou revisões do cânone, mantendo-se assim, em várias religiões uma zona cinzenta, aberta a muitas interpretações. Quem tinha posses podia continuar a exercer poder coercivo, alegando por exemplo supremacia de intelecto, de cultura e de culto, e se necessário, com recurso a uma justificação divina.

Não houve religião abraâmica a condenar inequivocamente a escravatura. O Judaísmo regulamentava-a, não existia

nenhuma clara condenação. No Cristianismo, a escravatura não era condenável no início. Passou até a ser promovida por certos Papas, em determinados momentos da história, em nome da religião, enquanto outros a condenavam. Como o Judaísmo, o Islão regulamentava a escravatura, não a condenava.
Bahá'u'lláh, fundador da fé Baha'i, proibiu a prática de escravatura, embora ele próprio tenha tido escravos, antes de proferir a condenação.
O Hinduísmo clássico foi crítico em relação à escravatura, mas não a condenava, antes a categorizava. Na letra, os Sikh condenavam a escravatura, bem como o sistema de castas. Contudo, o sistema de castas continuou a existir até a Refundição.
O Buda tinha pouca simpatia para o uso de escravos. Ensinava as pessoas o caminho para a libertação de si próprio, o que se revelava complicado se *o próprio* continuava a ser prisioneiro de *outro próprio*. Contudo o Buda falava pouco de problemas societais, convencido que eles se iriam dissipar, à medida que mais pessoas chegariam ao nirwana. Entretanto, será que vislumbramos uma espécie de contra-cultura, na crítica do Buda ao sistema de castas e aos rituais dos Brahmanas que achava desmesurados?

Os valores morais, a ética, o pensamento filosófico, tudo isso é cultura. E surge-me uma interrogação perturbadora, porque prende com o nosso modo de nos definir em grupo. O pensamento filosófico e a ética resultam do espírito do tempo, definido por quem tem poder, ou são ferramentas para

construir o espírito do tempo em devir? Parece-me que, como qualquer pensamento, o pensamento filosófico se constrói na oposição entre margem e corrente central. Tinham, antes da Refundição, a filosofia e a ética um impacto real sobre quem detinha o poder e alegava possuir a terra, os minerais, o dinheiro, os servos, e tudo mais? Ou, ao contrário, tinha a lógica de quem dominava e possuía um impacto real sobre a filosofia e a ética?

A minha perplexidade tem a ver com muito do que pudemos ler enquanto nos estávamos a documentar para a saga. Deixo aqui só um exemplo, entre os muitos que aparecem ao longo da história da dinastia Magister-Auctor. No mundo branco ocidental, os 'jardins' zoológicos humanos eram populares nos hectanos 118 e 119. Hoje é-nos difícil perceber qual era a ética de indivíduos intelectuais, estudiosos, que não só visitavam, mas promoviam e organizavam os tais espaços de exibição de outros seres humanos, raptados em vários partes do mundo. Só se entende, quando nos lembramos que, na sociedade hierarquizada, a classificação se associava inevitavelmente à seriação. E nesta sociedade de posse, de dominador e dominado, a cultura dos habitantes dos vários locais do planeta era seriada numa escala, indo de primitivo para evoluído. Quem fez a escala foi o etnocêntrico dominador do topo da hierarquia da população branca, ocidental, colocando-se a si como mais evoluído. Mais do que a ignorância, é a aceitação consciente ou inconsciente daquela catalogação evolutiva das culturas por parte de antropólogos, filósofos, teólogos, psicólogos, pedagogos brancos que me deixou perplexo. Podia esta aceitação 'só' ter a

ver com o pensamento enviesado, provocado pelo seu próprio etnocentrismo? Incapazes de perceber o outro, consideravam estes intelectuais e estudiosos, a ação, a arte, a locução, o modo de se relacionar no seio seu próprio grupo de pertença, como superior a todos os outros? Foi por isso que, se alguma vez intervinham, era só para mostrar alguma compaixão, como aquela que se mostra para um animal enjaulado? Para evidenciar os aspectos pre-conceituosos, racistas, contrários a dignidade do próprio e do outro, uma contra-cultura no seio do etnocentrismo branco ocidental precisava-se. E ela existia. Encontrámos traços dela da mão de antropólogos, filósofos, teólogos, psicólogos, pedagogos, mais tarde antropogogos, em documentos que sobreviveram aos *Qli-Cu-Clãs*. Manifestaram-se nos hectanos 118 até 121, na margem da corrente central. E, por se manifestar, estes 'marginais' eram perseguidos, às vezes de modo inquisitório e violentamente atacados, chegando a serem mortos.

Penso que o contributo de alguns antropólogos foi bom para o ECJD. Falo de quem se documentou acerca do relativismo cultural, baseado nas ideia de Franz Boas. Recentemente alguns entre eles integraram uns projetos de trabalho no Espaço. Aprendi com eles que Franz Boas desenvolveu o relativismo cultural em 118.87, em plena 'moda' do *zoo humano*. Enquanto arrogantes líderes brancos ocidentais organizavam esta 'atração' nas exposições internacionais mundiais no que eles designavam como *1.º mundo*, Boas escrevia que a civilização não é absoluta, mas algo de relativo, e que as nossas ideias e conceções são verdadeiras apenas até

o limite da nossa própria civilização.
Percebi que, para vários domínios das ciências sociais, o mais frutífero das ideias de Boas foram as consequências metodológicas e epistemológicas. Para o processo de definição de projetos, nas comunidades de trabalho e nas nossas atuais comissões, por exemplo. Este tem em comum com a investigação baseada no princípio do relativismo cultural, o envolvimento de todas as pessoas do processo. Também nos projetos de aprendizagem, os aprendentes são protagonistas quando definem o conhecimento que têm, inclusive o conhecimento de si próprio.
Relativismo cultural. A nossa proposta de sociedade convivêncial tem uma cultura e um posicionamento ético que privilegia o pluralismo, que evita a hierarquização, que utiliza os princípios aqui já evocados. É isso que dá solidez para que a heterogeneidade seja valorizada sem que a atuação e o pensamento de um prejudique a atuação e o pensamento de outro.
E o que significa prejudicar quando se trata da espiritualidade? Como se vêem as questões ligadas ao início e o fim da vida humana, incluindo o sofrimento associado, do próprio e dos outros. Quando ex-filtramos as tomadas de posição de força, as de imposição, evocando o Divino ou o pensamento de quem tem mais posses, como fio condutor, como ficamos? Vale a pena introduzir estes temas nos congressos e encontros dos antropogogos, mas provavelmente também dos sociologos, como de todas as pessoas interessadas em geral. Para já tenho que falar mais com Sayen.

E depois… Naquele mehns de 122.08 nasceu a minha primeira neta. Na altura comecei a escrever histórias para a Isabelle. Hoje ela tem 7 anos e já as lemos juntos. Inspirei-me do livro *As rosas do paraíso*, do qual Paula Pax ofereceu um exemplar à Isabelle.

Paula e Kendi tornaram-se visitantes frequentes da nossa casa, até Paula falecer em 122.11. Kendi continuou a conviver connosco e com os meus pais. Mantivemos as nossas conversas sobre 'tudo que naquele momento lhe interessava', como ele próprio sempre disse. Recebi a triste notícia da sua morte enquanto estávamos a fazer a revisão do último livro da primeira edição da saga. Com ele, vi partir uma pessoa que conheci tarde na minha vida, mas que se tinha tornado um grande amigo. Fico feliz de saber que em *O regresso do papel* tenhamos incluído algumas conversas com Kendi e Paula.

Catharine e Halona iniciaram portanto uma nova etapa, naquele ano de 122.08. E foi no dia do nascimento de Isabelle, que Liberty e Dulan nos anunciaram que o bebé deles irá ser um Manuel. Hoje sou feliz avô de quatro crianças. Se Maria e Catherine entretanto não censuraram as minhas intervenções de avô em *O regresso do papel*, encontrará um pouco mais da comunidade infantil de aprendizagem delas, em que sou regularmente adulto convidado.

Aqui só inclui a observação que deixei no meu diário de 122.08, no dia do nascimento de Isabelle. Escrevi então: *"Continuamos ao nível planetário a manter o número de nascimentos em linha com o número de óbitos. E felizmente, a regulação biológica e cultural completam-se. Estamos, desde o*

Inverno Vulcânico, com um ratio de nascimento de 2,1 por mulher, ou seja, a população mantém-se estável. Mas não existe nenhuma homogeneização. Os projetos pessoais, associados a antropogogia e a aprendizagem dialogada tornou a educação de crianças um ato desejado e partilhado numa comunidade. O rácio de nascimento é um elemento de interpretação, não um elemento de organização. Existe informação mundial acerca do fluxo de nascimentos e mortos, a partir da monitorização que regula a produção automatizada de bens essenciais, como energia, alimentos de produção a larga escala. Alguma informação temos também das raras solicitações para trabalho voluntário comunitário.

Fico muito feliz de saber que, na nossa sociedade convivêncial e pluralista, os muitos pares de parceiros que não tem filhos e os muitos outros que têm mais de dois filhos se constituem frequentemente entre si micro-comunidade de aprendizagem para ouvir e acompanhar crianças de modo estruturado.

Sinto um ponto de orgulho no que construímos colectivamente. Sinto muito orgulho no modo como incluímos tão cedo quanto possível as crianças na força instituinte que orienta cada dia de novo, a nossa ação para a sociedade convivêncial. Sinto me feliz que Isabelle, como todas as outras crianças, nos faz e fará todas aquelas perguntas, que nos mostram os outros ângulos de visão sobre ações e objetos e com isso nos fazem refletir sobre o nosso próprio ângulo de visão.

Posso talvez dizer que, hoje, o olhar multi-facetado e a inversão das imagens, faz parte da nossa cultura."

Dwiterodekmomehns

Neste mehns encontrei poucas notas, e as que encontrei falam da neta Isabelle. Passamos uma parte do dia do equinócio semestral em família, acompanhados de Halona, Duran e Isabelle. Penso que a admiração dos avós pelos seus netos não mudou antes e depois da Refundição. A Isabelle recém-nascida era para mim o bebé mais bonito que podia haver. Quando dizia que tinha a certeza que ela interagia connosco, via os olhares cheios de ternura dos meus pais e aquele ligeiro abanar da cabeço. Era fácil imaginar o *tss-tss-tss* a acompanhar. Não deixa de ser verdade que, logo a seguir, os bisavós observavam feitos ainda mais extraordinários para uma recém-nascida.

Entretanto Isabelle tem 7 anos. Agora já temos longas conversas. Somos peritos em inventar e continuar os diálogos das personagens dos livros infantis, além da última página do livro. Manuel, de 6 anos, acompanha bem. A irmã de Isabelle, Iona parece uma cópia em ponto pequeno de Halona. Tem agora 4 anos e é perita em desestabilizar o jogo do primo Upul, um pouco mais novo.

Mas voltemos ao ano de 122.08. De Dwiterodekmomehns ficaram duas conversas. A segunda é entre amigos do grupo de co-autoria, alguns dias depois do equinócio semestral. Ambas refletem de certa maneira sobre o desaparecimento do dinheiro.

Renascido das cinzas?

Aqueles que não se lembram do passado, irão repeti-lo.
Georges Santayana.

21 de Dwiterodekmomehns. Um dos dois equinócios semestrais. As famílias juntam-se para um convívio de celebração simbólico. O ano de 122.08 estava a chegar ao seu fim. Iria começar o ano 122.09 e iria fazer os meus votos habituais de ser mais rigoroso na escrita do meu diário, na segunda metade do ano… como todos os anos…

A discussão acerca das propostas para fazer coincidir o início do novo ano de calendário com o equinócio de Dwiterodekmomehns continua a ser complexo. Aliás, a discussão acerca da numeração dos mehns também não está fechada. Não é possível negar que os números dos meses acompanham o ciclo do nascimento e morte da natureza, assunto frequente nos antigos mitos. E, desde a Refundição até hoje, na série de 1 até 12, Phro é dado ao mehns durante o qual a natureza '*nasce*' no hemisfério norte. Não testemunha de grande pluralismo, dizem os puristas. Deixem-se de mitos, dizem outros puristas. Por outro lado, há quem argumente que seria complicado haver duas contagens, a iniciar em cada um dos equinócios semestrais. Seria contar em cânone, em vez de cantar em cânone. E, já agora, para celebrar a alteração entre época de chuvas e época seca, quem vive entre os paralelos trópicos, poderia ser convidado a contar a quatro vozes… A contagem cíclica num calendário universal baseado na iluminação de uma esfera que se movimenta de várias

maneiras levantará sempre discussão onde colocar o 1 do ciclo. O que não queremos, é voltar para *Flatland*.
Estaremos num impasse? Penso que não. Seremos criativos. Para já temos o cuidado de sermos ponderados. A identificação dos continentes foi mais fácil. Atribuímos números às zonas, conforme o que sabemos hoje acerca da gradual caminhada de Sapiens pela Terra.

O nosso curto encontro em família reduzida, na manhã do equinócio, antes da juventude ir para os outros compromissos do dia, serviu em primeiro lugar para prezar todas as qualidades da pequena Isabelle. Catherine piscou o olho para os outros e dizia: «Pai, não achas que está na altura para iniciar a aprendizagem da leitura?» Ri. «Para a escrita, talvez ainda é um pouco cedo, mas estranha-me a pergunta de uma filha que já lia livros infantis em voz alta, antes de Isabelle nascer. De certa forma, a Isabelle já iniciou a leitura, ou seja, o contato com a linguagem escrita. Quando lemos uma história, a entoação da nossa voz é diferente do que quando contamos uma história. Esta subtil diferença, junto com o ritual de olhar para as páginas de um livro, de virar a folha, quando se trata de um livro em papel, é o início de um processo. Como tu próprio argumentaste em *O regresso do papel*, depois da Refundição, percebemos felizmente muito depressa que de todos os livros impressos, os que eram absolutamente necessários, eram os livros infantis. A sua posterior introdução nas comunidades de aprendizagem de jovens pais e mães foi um passo significativo para que finalmente houvesse um processo em que ninguém ficasse excluído da leitura. O

incentivo para que pais e mães escrevessem o mais cedo que possível aquilo que as crianças dizem, quando começam a falar foi determinante para que as crianças vissem a leitura como ela realmente é: uma descodificação. E só se descodifica o que primeiro foi codificado. Penso que já uma vez te disse como por norma se dava mais ênfase à descodificação da história de outros, do que à codificação da sua própria história, no ensino antes da Refundição. Daí a importância da antropogogia e da posição ocupada por todas as pessoas aprendentes em diálogo com todas as outras pessoas de uma comunidade de aprendizagem. Sem esta abordagem, o binómio dominador-dominado sempre espreita.»

«O que nos leva outra vez ao perigo da dominação invocando um Ser Supremo», disse Dulan. «Estou muito curioso como vai evoluir o trabalho de diálogo constante entorno da vivência da espiritualidade. Existe uma reflexão continuada acerca do modo como nos auto-regulamos em relação aos impulsos para introduzir alterações no código ético que, justificando os nossos atos, podem abrir portas para *cuidar* do outro e com isso o abafar. Lembram-se dos apontamentos de quem conviveu com Vitor Hunt e com as pessoas que dizem terem estado em contato com os Ganymedianos, para desenvolver uma teoria que todo o mundo deveria obrigatoriamente optar pela dieta vegetariana como controlo da agressividade.»

«Por enquanto ainda é simples, e espero que continua simples», disse Liberty. «Basta retirar o paternalismo das nossas ações. Mas sabemos como pode ser reconfortante cuidar e ser cuidado pela figura paterna ou materna. Biologia, Inteligência,

Cultura…»
Maria diz: «Depois de ouvir Catherine há uns meses acerca de Thijsen, fui à procura dos exemplares dos livros no espólio Paulo Demeester. Fiquei com a ideia que Thijsen se criou um Não-Lugar com figura paterna presente, talvez de um modo um pouco forçado. Ele trabalha sempre com um esquema de segundas oportunidades, ou seja, quando o plano divino é perturbado numa parte do universo, cria-se um universo paralelo. Não se trata de evolução mas de histórias divergentes a partir de pontos nevrálgicos. Um verdadeiro *Deus Ex Maquina*, ou antes um *Deus pouco atente à Maquina* intervém então de modo drástico. No caso da acelerada degradação da atmosfera da Terra, trata-se dum misterioso rebentamento de um engenho ao nível planetário. Este mata toda a vida humana que estava a superfície da Terra e destrói todo o metal usado em motores de combustão.»
«Claro», disse eu, «que poderíamos imaginar "*Elysium não é construído*" ou "*Travou-se as mega-cidades*" ou criar ainda outros cenários diferentes da concentração da simbolização de posse e riqueza em Elysium. E depois fazer a pergunta "*Sem Elysium, terá o sistema financeiro entrado em colapso total?*" O meu optimismo faz-me imaginar que a arrogância de líderes endinheirados e empossados terá sempre levado ao colapso dum sistema financeiro deste tipo, simplesmente pela insustentabilidade dos imaginários cenários de crescimento permanente sustentáveis. Tenho dificuldades em conceber uma sociedade convivêncial que combina a liberdade quase total de ocupação do tempo com a gestão de um estandarte de

valorização, como foi o dinheiro. Mas talvez isto resulta da minha limitada capacidade para pensar fora do meu tempo e do meu espaço.»

Halona tinha um ar pensativo e disse: «E se esteve na natureza do capitalismo de se regenerar? Haverá uma reconstrução em que o dinheiro voltará a aparecer, quando as memórias coletivas terão dificuldades de se lembrar de como era o edifício construído em pilares como a posse, a hierarquia, o poder e as castas?»

«Talvez», disse Liberty. «Mesmo assim, continuo a pensar que a concentração da riqueza destrói a própria sociedade baseada em poder, como aconteceu depois da crise Elysium em 121.54.»

«Penso que muito tem a ver com a memória que se tem das coisas», disse eu. «Falei algumas vezes de Ruth Levitas. Um dos escritos que dela recuperamos, inclui uma passagem na qual ela retoma uma reflexão de David Harvey, escrito em 120.02. Segundo ele, estaria na natureza do capitalismo de constantemente destruir e reconstruir a infraestrutura física das nossas vidas. Sismos e Tsunami's, disse ele, podem ter o mesmo efeito. Contudo, enquanto catástrofes ecológicas são reconhecidas como traumáticas, isto não é o caso para o deliberado arrasar e reconstruir do ambiente físico. De qualquer forma, disse David Harvey, quando um edifício é demolido e o local é redesenhado, é impressionante, como rapidamente temos dificuldades de lembrar o que havia antes. Pode ser que o edifício societal baseado no dogma do dinheiro fique esquecido agora que temos o edifício da sociedade

convivêncial. Mas, pensando naquela máxima de Santayana, acho mais prudente não nos esquecer de como era o edifício anterior.»
E com isso Isabelle acordou e as atenções viraram-se para ela, para a muda de fraldas para o amamentar do bebé, para o chá com bolinhos,…

Alguns dias depois, organizámos o nosso convívio de equinócio, entre co-autores da saga. Catherine tinha prometido que ia tentar passar se Isabelle e Halona a deixarem sair de casa. O ano de 122.08 teve a particularidade de ser o ano da conclusão dos esboços da nossa saga e da oferta pública do EJCD. Eu estava a relatar a nossa conversa em família de há dias, quando Umut nos sugeriu um pequeno passatempo. Propos que cada um de nós escrevesse, numa folha de papel, um efeito colateral do desaparecimento do dinheiro. No verso da mesma folha dávamos um exemplo de melhor desenvolvimento sustentável originado pelo desaparecimento do dinheiro.
Talvez não passe de uma confissão coletiva que qualquer grupo, ou pelo menos o nosso, só tem uma limitada capacidade para pensar fora do próprio tempo e espaço. Talvez um dia, podemos refletir a partir da nossa lista juntando-a às listas imaginadas por grupos de Marcianos, Ganymedianos, Europeianos e Terráqueos de outras comunidades. Entretanto sugiro que a transcrição da nossa lista deste equinócio semestral de 122.08 seja o modo para terminar este prólogo para a nossa saga. *Nihil Obstat*?

O nosso grupo apontou estes efeitos colaterais devido ao desaparecimento do dinheiro:

- O fim do roubo e da violência associado a atos de roubo;
- O fim dos esquemas tendo o roubo como objetivo final, como a extorsão, a chantagem, o rapto, … e a violência e mortes associadas a estes esquemas e às contra-medidas;
- O fim da destruição do planeta, devido à desenfreada procura de minerais para serem trocados por dinheiro. Estes danos não foram só provocados pelas minas clandestinas, mas também pelas explorações ditas legais;
- O fim da necessidade de todo um conjunto de serviços, que por si só originaram acumulação de riqueza. Pensamos aqui em bancos, bolsas de valores, analistas financeiros, sistemas de proteção de objetos que simbolizavam a riqueza, … ;
- O fim da lógica de férias pagas de uma classe média massacrada que precisava de escapar do seu quotidiano porque ocupava o grosso do seu tempo para juntar o dinheiro necessário à sua sobrevivência;
- Como disse Binh Pham, foi o fim da Era do caçador-coletor de meios de subsistência, dominando o seu ecossistema, que tinha há muito terminado a Era do caçador-coletor de alimentação, interagindo com o seu ecossistema;
- O fim da exploração de consumidores através de campanhas de aliciamento feitas por detentores de riqueza, com o objetivo de aumentar a sua própria riqueza;
- O fim do conceito de posse de terra e terreno. Está associado o fim do conceito de posse de habitação, substituído pelo conceito de uso de habitação;

- O fim da construção em altura que deriva do fim da concentração de indivíduos em mega-cidades devido à busca do trabalho remunerado. O regresso a Polis e comunidades que raramente ultrapassam os 80.000 indivíduos e o fim da valorização de terrenos, derivado do conceito de posse, libertou imensa energia e materiais. O que até à Refundição estava ao serviço da construção de altíssimas torres de habitação e escritórios passou para projetos de engenharia ao serviço de todos, como as redes de transporte público automatizado;
- Com o princípio da partilha, os centros comerciais desapareceram. É raro haver produção em excesso e existem locais públicos para partilha assíncrona, quando ela não é presencial;
- Tornou-se impossível elaborar hierarquias baseadas em representação de poder e posse.

  Pablo achou que isto não era um efeito corolário mas uma evidência. Levou a uma discussão entre ele, Delun, Maria, Babitha e Umut, se era possível elaborar hierarquias, e de que tipo, quando não havia nem posse nem poder coercivo ou dominador. Falou-se, entre outros, da heterogeneidade existente entre as próprias comunidades e polis, e como trabalhar para que não surgisse uma espécie de seriação das Polis. Decidiu-se logo sugerir a discussão no seio do Conselho Interpolis. Ainda bem que assim foi. Outras comunidades de aprendizagem ou de trabalho conjunto já alertaram para este potencial perigo para a sociedade convivêncial.

- Desapareceu o conceito de mercado de trabalho e com isso as "lutas" entre senhores e servos, empregadores e empregados, donos e escravos, dominadores e dominados;
- Com o desaparecimento da posse, desapareceram também as estruturas de controlo e da criação da ilusão da equidade. Não só desaparecerem as burocracias coletivas relativo a impostos, contribuições, gestão de recursos, mas desapareceu também o sentido da proteção de fronteiras, e com isso, o sentimento de Nação com uma cultura específica que tinha que ser protegida, eventualmente violentamente;
- O fim de nascimento de muitos filhos por casal unicamente como estratégia individual de sobrevivência económica e social.

Depois deste primeiro levantamento, ainda partilhamos o que nos parecia terem sido contributos para o desenvolvimento sustentável colectivo, provocado pelo fim do dinheiro:

- A população na comunidade e no planeta mantém-se estável e a migração pessoal é sempre bem acolhida;
- A cooperação está presente em tudo e os projetos cooperados interligam-se de modo harmonioso, sempre na baseado diálogo;
- O desaparecimento da hierarquia baseada em sinais de posse e de autoridade dominante facilitou a elaboração de projetos de todo tipo, de organização pluralista em co-autoria. Existem sinais que o diálogo marcado pela atitude pluralista possa dar sustentabilidade aos conselhos locais e órgãos internacionais consultivos, tendo entrado em desuso a democracia representativa que obriga a decisões por maioria;

- Todas as deslocações são feitas através de um serviço público semi-automático. A ausência do factor 'tempo contabilizado' terminou o transporte aéreo no planeta Terra com enormes benefícios para a natureza. A industria aeronáutica virou-se inteiramente para projetos de deslocação no espaço interplanetário;
- Desde que a investigação é feita por prazer, os projetos de grupos de co-autores aumentaram rapidamente, criando comunidades com fortes laços ao nível planetário;
- A atividade artesã voltou a ser uma atividade que combina imaginação e saber-fazer pelo simples prazer de criar. Desde a Refundição, o número de pessoas a dedicar-se a projetos de grupo ou individuais, de artes manuais de todo tipo, não parou de aumentar;
- Cada comunidade ou Polis conta com projetos automáticos locais de produção de alimentos base. A distribuição destes alimentos base faz-se de modo automático, a partir das quintas autónomas. A cada casa habitada, chega cada semana pela rede CUA-EVT um cabaz equilibrado de alimentos vegetais de difícil produção caseira. Este cabaz pode também incluir carne (vermelha, branca ou ambas, conforme o desejo pessoal) cultivado em laboratório, a partir de células animais selecionadas; A caça e a pesca sem armas de fogo é livre. Os conselhos locais acompanham a atividade para evitar desequilíbrios ecossistémicos;
- O serviço público em comissões de voluntários, baseia-se no altruísmo. Desde a Refundição até a data não temos conhecimento de situações que ficaram por resolver.

Zainabu observou aqui que acreditamos que seja assim, porque o Conselho Interpolis não tem registo de ocorrências neste sentido. Contudo, os elementos do nosso grupo que passaram por diferentes Polis ou comunidades contam-nos que não têm registado situações em que um problema ficou por resolver por falta de quem, por prazer ou por altruísmo, pegou nele;

- A partilha de bens é quase sempre possível em base local. A ausência de posse privada associada à lógica de uma economia de mercado, faz com que são muito pouco os bens que não são partilhados;
- Todos os bens duradouros, como as casas, são de uso provisório. Pessoas permutam entre si de casa, se assim desejarem. Cada Polis ou comunidade dispõe de casas de hospedes e organiza-se para ter um pequeno número de casas não utilizadas em reserva;
- Os locais de experimentação e de exibição (artes, comida, lazer em grupo) são iniciativas que surgem de projetos de grupo ou pessoais. A regulamentação de uso faz parte do projeto e é sempre publicamente discutida;
- A energia provém exclusivamente da produção local de electricidade por painéis fotovoltaicos e força eólica, em unidades autónomos. Os barcos de longo curso são autónomos, recorrendo a electricidade e vento. A alimentação da rede de comboios de longo curso é assegurada por parques próprios de produção elétrica.

Não somos ingénuos. Coletivamente sabemos muito bem que todo o desenvolvimento convivêncial que já percorremos se

deve em grande parte à automatização de toda uma série de serviços. Sabemo-lo tão bem que procuramos a maior heterogeneidade possível em cada comunidade, para que possamos contar com uma grande variedade de interesses de atividade pessoal. Esta variedade assegura os projetos de aprendizagem e de atividade que, com todo o cuidado ético e ecossistémico, garantem o funcionamento e propulsionam a inovação nos processos de automatização. Mais heterogéneo fica uma comunidade, menos o Conselho Local, eventualmente assistido pelo Conselho Interpolis, precisa-se debruçar sobre a necessidade de determinados serviços comunitários.

Podemo-nos interrogar acerca desta automatização, elemento de sustentação da nossa sociedade convivêncial. Teria sido iniciada, se nunca tivéssemos tido uma cultura orientada pelo dogma do dinheiro? Este dogma impulsionou o mundo do capital privado, estatal ou misto. Em qualquer uma das formas de gestão do capital, o exercício do poder e a posse desigual causaram sofrimento em muitos seres vivos, humanos ou de outras espécies. Não deixa de ser um pensamento cínico, quem sabe, perigoso, que o sofrimento de muitos no relativo curto período dos últimos 100 hectanos da história de Homo Sapiens foi quase inevitável para que possamos constituir a sociedade pós-Refundição. E não deixa de ser perturbador que na história de Homo Sapiens o sentimento de sofrimento deve ter acompanhado a consciência de si.
Mas qual terá sido o sofrimento de indivíduos na altura das grandes migrações de *Homo*?
E qual terá sido o sofrimento de indivíduos na altura em que

Sapiens e *Neanderthalis* se misturaram?
Qual foi o sofrimento de indivíduos na altura da passagem de coletor para agricultor?
Sabemos um pouco qual foi o sofrimento de indivíduos nos cinco hectanos que evocamos ao escrever a saga Magister-Auctor.
Sabemos também um pouco do sofrimento humano durante o Inverno Vulcânico.

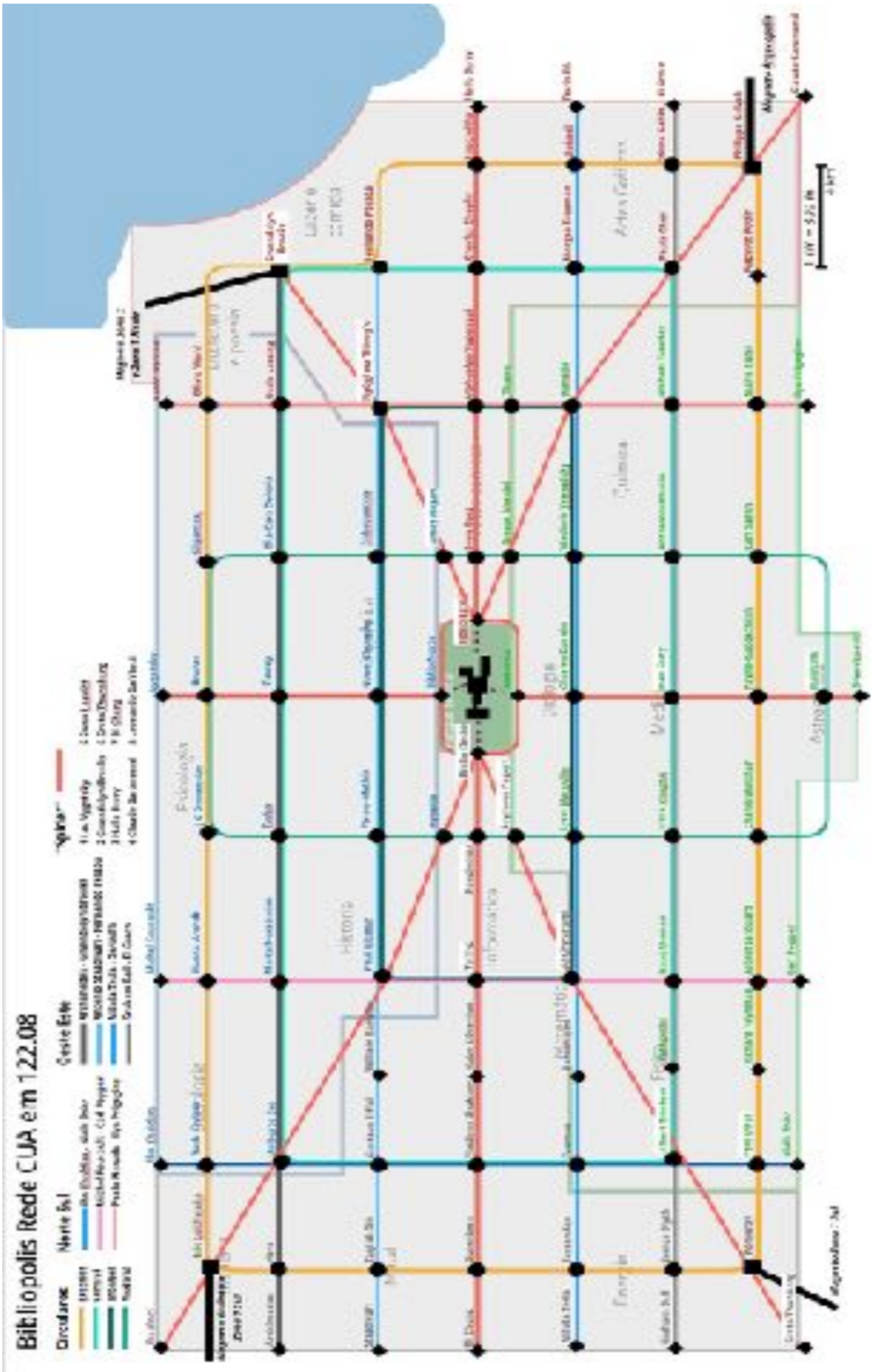
Gostamos de imaginar a nossa sociedade convivêncial que elaboramos a partir da Refundição, como uma na qual indivíduos deixaram de sofrer a dominação de outros. É mesmo assim? Iremos encontrar sofrimento entre os descendentes dos Elysianos que foram para Marte, Ganymedes e Europa? É certamente uma pergunta para antropogogos institucionais e para quem recorre a análise ignarométrica.

Terminei esta introdução à saga em 122.15. Conversas parecidas às do nosso grupo de escrita, que aqui evoquei, foram feitas em muitos sítios, obviamente.
Nos sete anos que entretanto passaram, a equipa que Wolfgang e Nádia integraram voltou à Terra. Trouxeram consigo muito para pensar e trabalhar. Catherine, Liberty e Maria fazem o ponto da situação na parte II de "*o regresso do papel*". Claro que todos os leitores da saga têm o mesmo acesso a toda a informação recente, como o nosso grupo de escrita tem. Por isso apresentamos a nossa análise, no espírito de pensamento de toda a dinastia de quem evocamos a sua história.

Sem deixar de convidar de ler aquele último volume da saga, queria mesmo assim sugerir a leitura dos livros que contam a história da dinastia antes da Refundição. Regularmente se trata de um vislumbrar de contra-cultura e escrita na margem da História.

O convite está feito. Despeço-me com um desejo de boas leituras, boas reflexões, bons convívios e muita criatividade na elaboração das vossas refeições.

Fim do Volume 01


Bibliopolis Rede CUA em 122.08

Uma estranha carta

Querido Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222 no vosso calendário.

Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.

Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

"Olá. Dão me licença para vos contar uma história? Porque eu conto histórias, não sei escrever poemas. E, verdade seja dita, também não sei se sei contar histórias. Os meus amigos dizem que sim. Mas eu próprio considero-as mais como relatos, não sendo propriamente histórias"

É com estas palavras que Alberto Auctor nos convida a ler *Imprimatur*, o primeiro dos treze livros que narra a vida da Dinastia Magister-Auctor.

O livro foi concebido como um prólogo, no qual Alberto apresenta a dinastia e os co-autores que escreveram a sua saga. Fá-lo sob forma de uma ano de conversas e reflexões conjuntas, reunidas a partir das notas do diário de bordo do ano 122.08 do calendário holoceno.

Alberto Auctor descende de uma linha de antropogogos. Nasceu e cresceu em Bibliopolis, onde acompanhou durante muitos anos comunidades de aprendizagem de crianças. Com o pai Lev, sugeriu a criação do Espaço Joana e Catherine Demeester de que é curador desde 122.06. Desde então o espaço tornou-se ponto de encontro relativo à analyse ignarométrica e à antropogogia institucional.